



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

CURSO DE DOUTORAMENTO EM TEOLOGIA (2.º grau canónico)

Especialidade: Teologia Pastoral

**MATIAS TCHIMUCO MUACHIA**

**A NOVA EVANGELIZAÇÃO NO CENTRO – SUL DE ANGOLA**

**- UMA REALIDADE OU UM SONHO?**

Dissertação Final

Sob orientação de:

Professor Doutor José Paulo Leite de Abreu

**Braga**

**2015**



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

CURSO DE DOUTORAMENTO EM TEOLOGIA (2.º grau canónico)

Especialidade: Teologia Pastoral

**MATIAS TCHIMUCO MUACHIA**

**A NOVA EVANGELIZAÇÃO NO CENTRO – SUL DE ANGOLA**

**- UMA REALIDADE OU UM SONHO?**

Dissertação Final

Sob orientação de:

Professor Doutor José Paulo Leite de Abreu

**Braga**

**2015**

## AGRADECIMENTOS

- ❖ Agradeço a Deus pelo dom da vida e da vocação; agradeço aos meus pais **Paulo Muachia** e **Rosália Tchateia** que aceitaram colaborar na “Obra” da criação; aos meus irmãos e irmãs (**Agostinho Tomás** que já partiu para a casa do Pai - rogai por nós);
- ❖ Agradeço a Arquidiocese de Braga na pessoa de **D. Jorge Ferreira da Costa Ortiga** que me acolheu para dar continuidade aos meus estudos;
- ❖ Agradeço aos meus professores da Universidade Católica (UCP) Faculdade de Teologia – Braga;
- ❖ Agradeço ao **Pe. Dr. Joaquim Félix**, que aceitou e ajudou-me a construir este projeto;
- ❖ Ao pessoal da Secretaria e Biblioteca – a minha eterna gratidão; Agradeço também a todos os meus amigos e amigas;
- ❖ Aos padres: **João Fernando Peixoto de Araújo; Pedro Daniel Faria Marques; Francisco Marcelino Monteiro Esteves e Manuel Baptista Rodrigues Quinta** – o meu obrigado;
- ❖ Agradeço ao meu codiocesano, **Pe. Angelino Tchindombe Kamati** - que juntos partilhamos os momentos alegres e sombrios da caminhada.
- ❖ Finalmente agradeço ao incansável, meu orientador - Cónego Dr. José Paulo Leite de Abreu - a minha eterna gratidão.

## DEDICATÓRIA

- ❖ Dedico este trabalho aos meus pais que mesmo na idade avançada aceitaram que eu partisse para outra margem do mar, buscando e construindo sabedoria no contacto com os outros povos (europeus);
  
- ❖ À minha querida Arquidiocese de Lubango na pessoa de D. Gabriel Mbilingi, que aposta na formação do seu Clero;
  
- ❖ E aos cristãos e cristãs do Centro-Sul de Angola que direta ou indiretamente sofreram os horrores da guerra fratricida.

## SIGLAS E ABREVIATURAS

### I. SAGRADA ESCRITURA

#### Antigo Testamento:

Gn.-----Génesis;

Sam.-----Samuel;

Jer.-----Jeremias;

Êx. -----Êxodo;

Ez.-----Ezequiel;

#### Novo Testamento:

Act. -----Actos dos Apóstolos;

1Cor. -----Primeira Coríntios;

Jo.-----João;

1 Jo.-----Primeira Carta de João;

1 Tes.-----Primeira Carta aos Tessalonicenses;

Ef.-----Efésios;

Rom.-----Romanos;

Tit.-----Tito;

Tim. -----Timóteo;

Col.-----Colocenses;

1 Ped.-----Primeira Carta de São Pedro;

Ap.-----Apocalipse de São João;

Filip.-----Filipenses.

## II. MAGISTÉRIO DA IGREJA E DOCUMENTOS PONTIFÍCIOS

EA-----Ecclesia in Africa (1995);

OT-----Optatam Totius;

PO-----Presbiterorum Ordinis;

AAS-----Acta Apostolicae Sedis;

## III. E Outras

CEAST-----Conferência Episcopal de Angola e São Tomé;

PAM-----Programa Alimentar Mundial;

FAO-----Expressão inglesa: Food And Agriculture Organization: que se traduz por Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura;

ONGs-----Organizações não Governamentais sem fins lucrativos;

OGE-----Orçamento Geral do Estado;

UAMA-----União Apostólica dos Movimentos de Apostolado;

PROMAICA -----Promoção da Mulher Angolana na Igreja Católica;

TPA-----Televisão Pública de Angola;

TV ZIMBO -----Televisão comercial Privada;

MPLA-----Movimento Popular de Libertação de Angola;

FNLA -----Frente Nacional de Libertação de Angola;

UNITA-----União Nacional da Independência Total de Angola;

“ABC”-----Expressão para designar os primeiros passos;

## ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO -----	9
<b>CAPÍTULO I: ENQUADRAMENTO TEMÁTICO -----</b>	<b>13</b>
DEFINIÇÃO DOS TERMOS -----	13
PASTORAL-----	13
PASTORAL CASTRENSE OU DAS FORÇAS ARMADAS-----	14
PASTORAL DE CONJUNTO -----	15
PASTORAL DA EMIGRAÇÃO -----	16
PASTORAL DA CADEIA OU PRISIONAL-----	20
EVANGELIZAÇÃO-----	21
CATEQUESE-----	24
NATUREZA DA CATEQUESE -----	26
MISSÃO -----	27
MINISTÉRIOS -----	30
LEIGO -----	36
INCULTURAÇÃO -----	40
<b>CAPÍTULO II: 524 ANOS DE EVANGELIZAÇÃO EM ANGOLA -----</b>	<b>49</b>
BREVE HISTÓRIA – CHEGADA E INSTALAÇÃO DOS PRIMEIROS	
MISSIONÁRIOS -----	52
CACONDA-A-VELHA, NA HANHA -----	55
CACONDA - A- NOVA -----	56
ETAPAS DA EVANGELIZAÇÃO DE ANGOLA -----	59
FUNDAÇÃO DAS PRIMEIRAS COMUNIDADES: MISSÕES ANTIGAS -----	71
TEMPLOS CONSTRUÍDOS NO REINO DE NDONGO E MATAMBA -----	74
MISSÕES FUNDADAS A PARTIR DE 1866 - ENTRADA DOS ESPIRITANOS -----	
-----	76

VIDA SOCIAL: PASTORAL DA EDUCAÇÃO E DA SAÚDE-----	88
EVANGELIZAÇÃO LIGADA AO PODER COLONIAL (O PADROADO) -----	98
UM OLHAR HISTÓRICO-CRÍTICO (LUZES E SOMBRAS) -----	99
<b>CAPÍTULO III: SITUAÇÃO ATUAL DA IGREJA NO CENTRO-SUL -----</b>	<b>102</b>
MAPA CULTURAL DOS HABITANTES DO CENTRO – SUL DE ANGOLA--	102
BARREIRAS NA NOVA EVANGELIZAÇÃO: A AQUESTÃO TRIBAL E REGIONAL -- -----	113
NOVOS DESAFIOS PASTORAIS -----	126
UMA PASTORAL SECTORIAL -----	136
SURGIMENTO DO MOVIMENTO"UAMA" – UNIÃO DAS ASSOCIAÇÕES E MOVIMENTOS APOSTÓLICOS -----	139
ESTATÍSTICA DO CLERO LOCAL -----	140
RELAÇÃO DO MINISTRO ORDENADO COM OS LEIGOS E COM O MUNDO ----- -----	144
MINISTÉRIOS LAICAIS À LUZ DO CONCÍLIO VATICANO II -----	148
<b>CAPÍTULO IV: PERSPETIVAS PARA A NOVA EVANGELIZAÇÃO -----</b>	<b>155</b>
O QUE MUDA COM/NA NOVA EVANGELIZAÇÃO -----	155
CENTRALIDADE DA NOVA EVANGELIZAÇÃO -----	172
A QUESTÃO DO ÊXODO RURAL (OS JOVENS) -----	177
CASAMENTO POR RAPTO -----	180
RELANÇAR A PASTORAL DE PROXIMIDADE - PASTORAL INCLUSIVA (DE CONJUNTO) -----	184
ROSTOS DA INCULTURAÇÃO -----	192
VIVÊNCIA DA PALAVRA DE DEUS -----	198
CONCLUSÃO-----	204
BIBLIOGRAFIA-----	211

## INTRODUÇÃO

«Filho, lembra-te dia e noite daquele que te anuncia a Palavra de Deus»<sup>1</sup>; «procura estar todos os dias na companhia dos fiéis, para encontrares forças nas suas palavras»<sup>2</sup>; e «não provoques divisão»<sup>3</sup>. São frases curtas encontradas no ***Catecismo dos primeiros cristãos - Didaqué***, IV capítulo - mas inspiradoras.

O mundo atual está marcado por vários acontecimentos que os mais “atentos” advogam ser crise de identidades e por galopantes transformações que ocorrem no interior das sociedades, “ditas modernas” e não só. A África não foge à regra. Mia Couto fala da África como continente que procura a sua própria imagem. No seu texto fala dos fotógrafos que fazem as suas excursões para África para capturar “exotismos”, como de seres humanos se tratassem. O africano não cabe numa representação fotográfica. Mas depois descobriu-se que os alvos ainda podiam ser outros<sup>4</sup>. Os atalhos usados por estes fotógrafos são bem diferentes – eles surpreenderam os “conflitos” e “ilusões” de um tempo que assiste a grandes mudanças. A Igreja como a grande “companheira” do ser humano e da sua cultura, também regista e com muita apreensão – para alguns casos, estas mudanças. A África parece um “Continente estagnado”. Mas olhando para a génese da sua história, a África sempre sofreu por dentro e por fora grandes mudanças. Ao procurar a sua identidade obriga-nos a “revolver conceitos”, a interrogar os “dogmas” que pesam sobre a África. «Os africanos estão nessa situação de fronteira: ao aceitarem a sua identidade como sendo múltipla, mestiça e dinâmica eles têm a possibilidade de se reivintarem e não se perderem em ilusórias viagens às “essências” da sua identidade»<sup>5</sup>.

---

<sup>1</sup> DIDAQUÉ, O CATECISMO DOS PRIMEIROS CRISTÃOS, Nº 1.

<sup>2</sup> *Idem*, Nº 2.

<sup>3</sup> *Idem*, Nº3.

<sup>4</sup> Cfr. Mia COUTO, *Pensatempos*, Editora Caminho, P. 77.

<sup>5</sup> *Idem*, P. 80.

No desenvolvimento deste tema veremos que ao longo do processo complexo da “Evangelização” ocorrido em Angola, a pastoral foi ganhando rostos diferentes, mas sem perder a dimensão identitária da missão da Igreja: hoje para além da imagem vinda da Europa (donde vieram os primeiros missionários), temos missionários vindos da América, sobretudo da América Latina e um pouco da Ásia. Estamos perante uma Igreja que “quer ser missionária”, que quer sair das “quatro paredes”, rompendo fronteiras para atingir com a Mensagem da Ressurreição o coração humano dilacerado pela história. A Nova Evangelização assim compreendida, realiza-se de maneira diversificada, atendendo à especificidade de cada país ou região<sup>6</sup>. É o que vamos procurar abordar neste trabalho.

Esta justificação metodológica procura encontrar um método viável que oriente o nosso trabalho. De referir que existe uma estreita relação entre a reflexão epistemológica e a metodologia em Teologia pastoral. Pretendemos fazer com que o itinerário metodológico corresponda fielmente ao epistemológico. Trata-se de dimensões constitutivas e peculiares do *modus procedendi* da reflexão teológica prática em todas as fases sucessivas: porque a sua presença ou ausência decide a natureza teológico-prática do assunto tratado. Neste itinerário teológico-pastoral, Sergio Lanza encara o método como algo decisivo, passando pelo método dedutivo que adota como exclusivo, tornando desta feita o campo de aplicação restrito. Este método é importante, mas não suficiente para exprimir a vitalidade pastoral<sup>7</sup>. Sergio Lanza, faz aqui um aplicativo de três verbos utilizados pelas ciências humanas e teológicas: **Ver** (= está ligado à Sociologia); **Julgar** (ligado à Teologia dogmática) e **Agir** a partir da realidade conhecida (um agir que parte do discurso crente)<sup>8</sup>.

O mesmo autor, propõe como método: **o de Discernimento Teológico-Pastoral** - que é uma reflexão prática por introduzir o pensamento na praxis e dela começa ou parte. E aponta para três caracteres distintivos - a projeção intensa no senso estrito como momento específico da elaboração do projeto é uma sequência metodologicamente completa e correta:

---

<sup>6</sup> BENTO XVI, *Africae Munus*, Nº160.

<sup>7</sup> Cfr Sergio LANZA, *Convertir Giona, Pastorale come progetto*, P.110.

<sup>8</sup> Cfr. *Idem*, P. 111.

- a) **Análise e avaliação;**
- b) **Decisão e projeção;**
- c) **Atuação e verificação**<sup>9</sup>.

As três fases apresentadas, correspondem numericamente ao clássico trinómio: **Ver, Julgar e Agir**, mas que se apresenta limitado e defeituoso. Esta maneira de encarar as coisas individualiza não a trajetória sequencial do itinerário metodológico, mas a constituição extensa do pensar pastoral. A reflexão teológico-pastoral se apresenta de facto como caminho kairológico, prático, criteriológicamente adequado.

Depois desta caminhada e estudos feitos, chegamos a uma conclusão na descoberta do método, que vai conduzir toda esta nossa pesquisa científica: “método descritivo”. Entendemos por método, a maneira de **conceber, organizar e realizar** toda ação pastoral<sup>10</sup>. São esses três verbos que guiam a atividade pastoral. Diz Manuel Freixo, que «quando um investigador inicia o estudo de uma nova área ou domínio do saber é provável que recorra ao método descritivo para identificar os principais fatores ou variáveis que existem numa dada situação ou comportamento»<sup>11</sup>.

A principal finalidade do método descritivo é fornecer uma caracterização precisa das variáveis envolvidas num fenómeno ou acontecimento e não cabe a este método determinar a natureza da relação das mesmas (variáveis). Por conseguinte, os métodos descritivos não são isolados, incluem vários tipos de procedimentos para obtenção de dados: **a enumeração; a observação naturalista, o estudo de caso e as investigações de campo**<sup>12</sup>.

No entanto, o método em teologia prática ou pastoral, vai consistir na **relação existente entre a palavra de Deus anunciada e a experiência humana**. É preciso manter e preservar esta relação que é o fundamento na educação da fé<sup>13</sup>. Portanto, «a fé educa-se conforme se vai aprendendo a ler a revelação de Deus como resposta às nossas interrogações ou como proposta às nossas

---

<sup>9</sup> Cfr. Sergio LANZA, *Convertir Giona, Pastorale come progetto*, P. 116.

<sup>10</sup> Cfr. Francisco A. C. CORREIA, *O Método Missionário dos Jesuítas em Moçambique 1881- 1910*, P.333.

<sup>11</sup> Manuel J.V. FREIXO, *Metodologia Científica, Fundamentos e Métodos e Técnicas*, P.106.

<sup>12</sup> Cfr. *Idem*, P.107.

<sup>13</sup> Cfr. Gil P. M. LARRAÑAGA, «Método», in *Dicionário de Pastoral*, P.335.

necessidades»<sup>14</sup>. Deste modo, a manifestação de Deus é entendida como o diálogo entre duas fidelidades: a do próprio Deus que se cumpre na totalidade e a do ser humano que é intermitente, face à sua contingência. Esta dimensão supõe o amadurecimento ou crescimento na fé. Mas sem a pretensão de um certo reducionismo onde procurar simplificar a experiência humano- cristã.

Esta investigação vai fundamentalmente, basear-se na observação da realidade angolana, especificamente nas **Arquidioceses do Lubango, Huambo e nas dioceses de Menongue, Ondjiva, Namibe, Benguela e Kuito-Bié**.

A nossa pesquisa vai focar-se na zona Centro - Sul de Angola: onde faremos uma caracterização geral das Arquidioceses e Dioceses já mencionadas. Este trabalho estará dividido em quatro capítulos: o I capítulo aborda a questão ligada com a **definição de alguns termos** que muitas vezes serão referenciados no corpo do trabalho; no II capítulo faremos uma **resenha histórica da Evangelização de Angola**; no III capítulo reportaremos não só a Igreja no passado, mas **o hoje da Igreja angolana no Centro – Sul** com realce dos povos que habitam nesta zona em estudo. Por último (IV Capítulo) faremos uma **abordagem sobre a “Nova Evangelização”**: ponto fulcral da nossa pesquisa, face aos grandes desafios que as sociedades modernas enfrentam, de modo específico no Centro – Sul de Angola. Entretanto, faço recurso ao pensamento do padre e sociólogo africano Jean-Marc Ela, que ao falar de África, apropria-se das célebres frases do francês Jean-Jaques Rousseau: «há trezentos ou quatrocentos anos que os habitantes da Europa inundam o resto do mundo e publicam sem cessar livros de viagens e de relações. Mas estou convencido que os únicos homens que conhecem são os europeus; e parece, pelos preconceitos ridículos que ainda subsistem, mesmo entre os letrados, que cada um não faz mais, sob o nome de estudo do homem, que o estudo dos homens do seu país»<sup>15</sup>. Neste sentido chegou a hora de não esperarmos mais que os outros falem por “nós”, é tempo de contribuirmos não só para a Igreja local, mas também para a Igreja universal, partindo das experiências vividas por outros países, desde a Europa, América, Ásia e a própria África que muito ainda nos tem a dizer. Feita a apresentação, podemos dar sequência a esta temática desafiante e atual.

---

<sup>14</sup> Gil P. M. LARRAÑAGA, «Método», in *Dicionário de Pastoral*, P.335.

<sup>15</sup> Jean-Marc ELA, *Restituir a História às sociedades africanas*, P. 49.

## CAPÍTULO I: ENQUADRAMENTO TEMÁTICO

### 1.1. DEFINIÇÃO DOS TERMOS

No capítulo introdutório desta pesquisa, vamos procurar definir/apresentar certos termos que de diversos modos, vão aparecer no corpo do trabalho. Eles estão de tal forma interligados, que não se pode entender um sem o outro. Formam uma cadeia unitária em que toda ação eclesial se desenvolve a partir deles.

### 1.2. PASTORAL

A palavra pastoral remete-nos à Sagrada Escritura, à imagem que a Bíblia nos apresenta sobre o pastor - o “Bom Pastor”, expressão usada no Antigo Testamento e assumida por Cristo. Aquele que conhece as ovelhas. Aquele que une, que carrega o rebanho às costas. No contexto eclesial, o termo passa a ser usado pela primeira vez pelo Papa S. Gregório Magno (590-604), para indicar a atividade dos que presidem à comunidade cristã, neste caso, dirigindo-se aos bispos e presbíteros<sup>16</sup>. O Concílio de Trento, contribuiu largamente para o desenvolvimento do termo. Com ele, surgiram manuais para a instrução e uso dos párocos; para lecionação nas universidades na área de teologia pastoral. Com o Concílio Vaticano II, deu-se a maior amplitude à pastoral, alargando o seu significado para toda ação da Igreja. Implicando desta forma todos os sujeitos da ação eclesial, incluindo a própria comunidade. O termo deixou de se restringir aos bispos e párocos. Dada a sua natureza, a ação da Igreja no seu percurso histórico foi passando do simples para uma dimensão mais complexa ao tentar incorporar ou abarcar tudo. Neste contexto a pastoral passa a ser o que **“a Igreja faz para a salvação da humanidade”**.

---

<sup>16</sup> Cfr. Sergio LANZA, «Pastoral», in *Christos, Enciclopédia do Cristianismo*, P. 692.

A pastoral vai aproximar-se a determinados conceitos, como por exemplo: **proclamação do Evangelho, da Boa Nova de Cristo; anúncio do kérigma**, com fatos, isto é, testemunhando, o amor de Deus-Pai presente na humanidade por Cristo. E com palavras, celebrando a vida que passa pelos sacramentos, a realização da comunhão entre os seres humanos, a orientação da vida para Deus, numa atitude ascética. Na proclamação estão presentes as missões ad intra (cuidados espirituais dos cristãos) e ad extra (empenho da evangelização e promoção humana, missão virada para os não batizados)<sup>17</sup>.

A pastoral no sentido lato, apresenta vários rostos que passaremos a enunciar: **Pastoral de Conjunto; pastoral Castrense ou das forças armadas; Pastoral escolar; Pastoral prisional; Pastoral Rural; Pastoral urbana; Pastoral da Saúde e Pastoral de Turismo, etc...** Dentre estes rostos, vamos procurar desenvolver alguns, dada a sua pertinência:

### 1.2.1. PASTORAL CASTRENSE OU DAS FORÇAS ARMADAS

A expressão “castrense”, historicamente, surge antes do Concílio Vaticano II (estamos no ano de 1944) e reporta a ação pastoral da Igreja exercida entre os militares ou profissionais das forças armadas. Daí a existência de capelães militares nas forças armadas. Importa referir que em qualquer parte do mundo, ou país, a corporação militar é sempre formada por indivíduos, por pessoas humanas com sensibilidades, por um grupo social que é chamado e muitas vezes a se relacionar com a paz, o bem-estar das nações, com a guerra que tira o sossego à humanidade, com a segurança e integração internacional<sup>18</sup>. Nas sociedades democráticas é quase impossível, senão inaceitável, a intervenção dos militares na vida política. Esta realidade não se observa em determinados países, onde os militares assumiram o poder político-económico (o caso de África). Em Angola observamos esta preocupante realidade. Pode existir uma razão intencional na integração dos militares no campo político. Mesmo sem preparação académico-política alguns chefes militares são-lhes outorgados cargos civis nos diversos ministérios públicos.

---

<sup>17</sup> Cfr. Sergio LANZA, «Pastoral», in *Christos, Enciclopédia do Cristianismo*, P. 692.

<sup>18</sup> Cfr. C. FLORISTÁN, «Pastoral Castrense», in *Dicionário de Pastoral*, P. 404.

Digo de forma intencional, talvez olhando para um passado não muito longínquo em que o país esteve mergulhado na guerra colonial, precedida por uma brutal desvalorização do tecido humano-africano: “o peso da escravatura”; a guerra fratricida, depois da independência nacional que, em certa medida ceifou “vidas” e adiou por longos anos o desenvolvimento do país e conseqüentemente do povo. Terminadas estas vicissitudes todas, observa-se uma certa transferência de funções e poderes (militares a ocuparem cargos públicos); - o próprio presidente da República que se auto proclamou: “ Comandante em chefe”. Entre esta e outras ambigüidades que se verificam no exercício político, torna-se difícil a ação da Igreja angolana no seio da corporação militar. Apesar destas dificuldades, acredito ser um desafio para a Igreja angolana e ela está convocada para redobrar esforços para uma pastoral sectorial que permite entrar em todas as franjas da sociedade. No tempo atual é imperioso que a Conferência Episcopal de Angola e S. Tomé (CEAST), relance a sua ação pastoral para a salvação e o desenvolvimento dos povos. É importante levar Cristo em todos os sectores, onde a vida humana existe e para onde que seja possível.

### **1.2.2. PASTORAL DE CONJUNTO**

Queremos sublinhar aqui o acontecimento que marcou a história da pastoral e que procurou reunir certos pensadores, estudiosos da Igreja, mesmo às portas do Concílio Vaticano II - em 1961. Realizou-se em Friburgo: o **I Congresso Internacional na área de Pastoral**”. Neste congresso, F. Boulard, ao tomar da palavra, rompeu com o “silêncio preocupante” e procurou em linhas mestras definir a pastoral de conjunto<sup>19</sup>. A pastoral de conjunto, foi entendida como **«um esforço paciente para pormos em marcha livremente, voltados para o mundo que devemos salvar, todos os filhos da Igreja com todas as suas instituições e recursos, sob a autoridade do bispo, que tem a missão de os coordenar e dirigir, para assim poder exercer com plenitude o seu múnus pastoral»**<sup>20</sup>. Antes do Concílio Vaticano II, ela (Pastoral de Conjunto) foi apresentada em três itens: **Rotura entre a vida e a religião; Interioridade da pastoral de conjunto e a**

---

<sup>19</sup> Cfr.C. FLORISTÁN, «Pastoral Castrense», in *Dicionário de Pastoral*, P.405.

<sup>20</sup> *Ibidem*.

**Dimensão episcopal da pastoral que assenta na diocese.** A diocese é o reflexo da Igreja universal que se concretiza nas comunidades paroquiais. A **XVIII semana de Teologia pastoral** que foi organizada pelo Instituto Superior de Pastoral da Universidade Pontifícia de Salamanca, tinha por lema: “às voltas com a paróquia”. Ficou bem claro que a paróquia é um espaço diversificado, onde Deus se faz presente no meio do Seu povo; espaço de partilha, de comunhão de pessoas com identidade e rosto próprio<sup>21</sup>. Poderíamos comparar a pastoral de conjunto a uma máquina, ou ao corpo humano num estudo de anatomia, em que todas as peças são úteis e funcionam para o mesmo fim. Ainda pode ser comparada a uma equipe (de futebol, de basquete ou uma outra modalidade desportiva) bem treinada e que demonstra na prática uma certa coesão, mas com objetivos e metas a alcançar diferentes! A pastoral de conjunto é muito exigente, requer disponibilidade e espírito de trabalho abnegado em equipa, quando conseguida, traz paz, sossego e alegria e mais motivações na ação pastoral. Para isto, deve apelar-se aos párocos para uma pastoral mais abrangente. Não se deve portanto, confinar a ação pastoral paroquial a um determinado “marco” territorial (espaço físico). É necessário sair e romper as fronteiras, partilhando as boas iniciativas com os outros párocos do mesmo arceprelado e depois poder passar essa experiência ao nível mais elevado: a Diocese. Precisamos de ter a consciência bem apurada de que somos parte desta Igreja diocesana e universal. Numa reflexão mais aprofundada, teologicamente, vê-se que o sentido da pastoral de conjunto identifica-se com o da pastoral e numa análise sociológica se identifica com o de programação ou planificação. Os primeiros programadores e planificadores foram peritos em sociologia (sociólogos) e avaliavam a realidade com os métodos desta ciência, carecendo às vezes e em certa medida de verdadeiros conceitos de teologia pastoral de conjunto.

### **1.2.3. PASTORAL DA EMIGRAÇÃO**

A pastoral da emigração entra no pensamento das Bem-Aventuranças, onde se destaca o cuidado com os mais frágeis desde os pobres, famintos, doentes (doenças como o paludismo e a Sida que afligem o continente berço), o estrangeiro (não é só o de fora, mas também o de dentro, o estranho à minha realidade, à minha

---

<sup>21</sup> Cfr. Georgino ROCHA, *Paróquia e unidades pastorais*, P. 11.

cultura e tradição), os oprimidos pelas políticas esmagadoras e desastrosas, o prisioneiro que em muitos casos aguarda pelo julgamento (prisão preventiva excessiva), até ao emigrante (que quando bom aproveitamento tiver, é uma outra valência para o país que o recebe - evitando todo o tipo de escravatura)<sup>22</sup>. Estamos diante dum fenómeno real que não deve deixar-nos indiferentes e até despreocupados. A emigração é um fenómeno tão antigo quanto o próprio ser humano. Recordemos historicamente as sociedades nómadas, o próprio êxodo rural ligado ao complexo papel da migração. Vários fatores estão na base deste complexo fenómeno, como por exemplo: **calamidades, guerras (procura de segurança nas zonas urbanas – no caso de Angola e outros países africanos), problemas políticos e culturais (por ex: genocídio do Ruanda em 1994); e até problemas religiosos; e procura de melhores condições de vida e não só, etc...).**

A própria crise económico-financeira mundial, é um exemplo vivo do porquê da saída em “massa” de jovens que procuram novas e outras oportunidades de vida. A imigração e a emigração, referem-se à transferência física de indivíduos ou grupos sociais de um lugar para outro. Geralmente, emigram os indivíduos dos países pobres, quer dizer, sem recursos, com salários baixos, elevado índice de desemprego. Noutros casos, emigram também técnicos solicitados para determinadas áreas do saber em determinados países. Estas deslocações têm também seus riscos, pois as pessoas se distanciam das suas famílias, das suas culturas, enfim, do seu meio e partem para realidades totalmente diferentes, desconhecidas e muitas vezes hostis. Não nos esqueçamos nesta pequena reflexão daqueles que livremente emigram. A partir duma constatação da sociedade atual, as emigrações e migrações quase só acontecem com classes sociais desfavorecidas, gente humilde, do campo, sem qualificação às vezes alguma, desempregados, que procuram a todo o custo dar outro sentido à vida. Queremos focalizar a nossa atenção ao que pode ser considerado fulcral do fenómeno da migração: os que migram, muitas vezes são integrados numa «nova realidade cultural, linguística e religiosa, com a conseqüente desintegração dos valores próprios do emigrado»<sup>23</sup>. Estes conflitos em muitos casos, geram o derramamento de sangue, mortes. Infelizmente, também não se tem verificado com frequência os apoios dos governos, nem dos países de origem, nem onde “estes seres humanos” perdem a vida! Às

---

<sup>22</sup> Cfr. BENTO XVI, *Exortação Apostólica - Africae Munus*, Nº27.

<sup>23</sup> C. FLORISTÁN, «Pastoral da emigração», in *Dicionário de Pastoral*, P. 407.

vezes, a Igreja africana, também cai na “onda” do silêncio, para estes casos que deveriam merecer maior atenção.

No contexto angolano, esta pastoral ainda está na fase embrionária. É necessário trabalhar bastante, criando estruturas próprias de acompanhamento, dialogando abertamente com o governo (criar um protocolo/acordo entre a Igreja e o Estado), expondo com urgência a gravidade do assunto, no sentido de possibilitar esta ação pastoral que, em muitos casos ultrapassa as fronteiras territoriais e culturais. A título de exemplo, aquilo que se propõe mas com pouco cumprimento é: **«A pastoral dos emigrantes é feita por agentes de pastoral próprios do povo que emigra, uma vez que se faz na sua língua materna»**<sup>24</sup>. Este é o ideal. Desta feita, as Igrejas de onde os emigrantes são oriundos, são chamadas a colaborar de maneira a proporcionar “missões católicas”, ou uma estrutura de apoio pastoral aos emigrantes. E também, queremos destacar os destinatários primários desta ação pastoral: **primeiramente são os adultos** que acabam de chegar. Esta prática religiosa liga-os não só à sua própria cultura religiosa como também, a uma integração à Igreja local. O emigrante neste contexto, faz uma renovação litúrgico-catequética adaptando-se à nova situação ou realidade<sup>25</sup>.

Neste sentido há três aspetos a frisar:

❖ **Recurso ao passado:** o fenómeno migratório em muitos países provocou nas Igrejas de origem um novo reajuste, face à realidade presente. Uma nova maneira no agir eclesial diante do fenómeno emigração. Nos séculos XIX e XX, temos grandes exemplos de homens e mulheres (sacerdotes e religiosas) que emigraram para dar um apoio pastoral aos emigrantes de seus países: a **santa Francesca Cabrini** e o **Beato Scalabrini**. Portugal e Itália, são um exemplo no mundo atual em que, pela generosidade, vários sacerdotes, deixaram suas terras, casas para irem atrás dos emigrantes, por meio de países europeus. Aí desenvolvem a sua missão à luz da Nova Evangelização<sup>26</sup>.

❖ **Emigração de cristãos nos últimos decénios:** nesta etapa se tem observado, principalmente, na Europa, nos Estados Unidos da América, Canadá e na Austrália, uma presença de emigrantes vindos do leste europeu, da América Latina e Filipinas, sendo na sua maioria católicos. Se os estados que os acolhem,

---

<sup>24</sup> C. FLORISTÁN, «Pastoral da emigração», in *Dicionário de Pastoral*, P. 407.

<sup>25</sup> Cfr. *Ibidem*.

<sup>26</sup> Cfr. Rino FISICHELA, *A Nova Evangelização, um desafio para sair da indiferença*, P.87.

reconhecem nesses grupos sociais uma valência para o crescimento económico, porque não a Igreja, numa outra dimensão! São uma ótima riqueza para a Igreja no âmbito da Nova Evangelização<sup>27</sup>. Que cresça neles a consciência não só da procura do material, mas também do fundamental: dimensão humano-espiritual. Angola nas últimas duas décadas tem sido solicitada para a entrada de muitos estrangeiros: asiáticos, americanos, europeus e maioritariamente de países africanos. Dos quais, muitos entram ilegalmente, quer dizer, sem vistos que os autorizem a entrar ou a permanecer. Isto acontece com maior incidência nas zonas fronteiriças do norte e leste de Angola. E em muitos casos são convidados pelas autoridades angolanas a abandonarem o país. Às vezes o processo ocorre de forma pacífica e noutros casos com uma certa violência. O que me parece caricato e preocupante, é que da parte dos países de origem desses irmãos não tem havido quaisquer pronunciamentos; a partir das Igrejas de origem pouco de substancial se tem feito e da parte da Igreja local, quase que se assiste à mesma situação. Não foram criadas estruturas próprias para acudir a esta realidade. Se tem verificado, embora timidamente, algumas ações do “**Secretariado de Justiça e Paz**” (é um Secretariado da Conferência episcopal de Angola e São Tomé – CEAST, que funciona nas respetivas dioceses e paróquias, dinamiza a pastoral da justiça e paz e tem trabalhado com os migrantes). Vivemos num mundo em que o “próximo bíblico” do episódio do bom samaritano, não entra na nova mentalidade, altamente exclusivista, indiferentista e impiedosa; os emigrantes são “engolidos” e impedidos de manterem a sua fé e as suas tradições<sup>28</sup>. **O Conselho Pontifício para a Nova Evangelização**, acrescenta dizendo: «as nossas comunidades devem ser abertas e acolhedoras porque as suas tradições ainda vivas podem representar uma riqueza capaz de provocar a nossa indiferença»<sup>29</sup>.

❖ **Emigrantes que pertencem a outras religiões:** apesar de não manifestarem a mesma fé, apresentam sempre aquele desejo humano de querer buscar o sentido do existir, relacionando-se com o Absoluto. Esta ânsia e seriedade, retidão de coração na busca de Deus podem conduzir ao encontro com Cristo. E a Igreja ao longo da história, registou vários testemunhos de pessoas que chegaram a Jesus Cristo por esses caminhos<sup>30</sup>. O Concílio Vaticano II reconhece e valoriza aqueles que não têm a mesma fé que os cristãos, quando diz: «o desígnio da

---

<sup>27</sup> Cfr. Rino FISICHELTA, *A Nova Evangelização, um desafio para sair da indiferença*, P.87.

<sup>28</sup> Cfr. *Ibidem*.

<sup>29</sup> *Ibidem*.

<sup>30</sup> Cfr. *Idem*, P.88.

salvação estende-se também àqueles que reconhecem o Criador, entre os quais vêm em primeiro lugar os muçulmanos, que professam seguir a fé de Abraão, e conosco adoram o Deus único e misericordioso, que há-de julgar os homens no último dia»<sup>31</sup>.

#### 1.2.4. PASTORAL DA CADEIA OU PRISIONAL

A cadeia deve merecer atenção na ação pastoral da Igreja. Tal como temos capelães nos hospitais, nas forças armadas, no ensino público e não só, deve providenciar-se meios pastorais para a assistência prisional. Na instituição prisional, existem grupos sociais para a guarda, porque acusados ou culpados, por terem violado um determinado código legal. Mas não devem ser abandonados, são seres humanos que por uma situação concreta, foram levados para a cadeia. «O preso que perde a sua liberdade, temporariamente, vive separado do trabalho, da família e da diversão»<sup>32</sup>.

No discurso programático do Mestre da vida (Jesus Cristo), há um espaço que se abre ao prisioneiro (Cfr. Lc. 4, 18-20). E a Igreja, sendo perpetuadora das ações de Cristo, não deve estar alheia a esta dimensão pastoral delicada, mas necessária. É tempo de colocar de parte a ideia tradicional que se tem da cadeia: **“lugar para a reeducação dos reclusos”**. O que se observa nas cadeias de Angola, principalmente em Luanda (cadeia de Viana, por exemplo) deixa muito a desejar (violências, as vezes acontecem torturas). Numa única palavra, diria mesmo que é uma falta de humanismo. E a Igreja neste caso, é chamada e desafiada pela realidade crua e nua. A Igreja no seu agir deve ser mais interventiva para recuperar a dignidade perdida daqueles irmãos que se encontram nas cadeias. O excesso de prisão preventiva, é um dos maiores problemas que se vive em Angola. E esta acumulação de seres humanos nas cadeias dá impressão, em muitos casos, que as cadeias são armazéns de seres despersonalizados<sup>33</sup>.

---

<sup>31</sup> CONCÍLIO VATICANO II - *Lumen gentium* nº 16.

<sup>32</sup> C. FLORISTÁN, «Pastoral prisional», in *Dicionário de Pastoral*, P. 409.

<sup>33</sup> Cfr. *Idem*, P. 410.

Há exemplos dignos de realce que acontecem na Europa sobre o voluntariado. As sociedades africanas também são chamadas a este dever que não é só cívico-humanístico, mas cristão, voltado para as prisões ou cadeias, vulgarmente assim chamadas. O trabalho a exercer nesta área de pastoral deve ser bem programado, com objetivos e metas claros. Existem Congregações religiosas masculinas e femininas que se dedicam a este tipo de pastoral, cada uma segundo o seu carisma. Mas é preciso fazer mais, ter o ser humano que aí se encontra de “passagem” para a liberdade, terreno fértil para evangelizar. Na programação e no tipo de pastoral a exercer, seria bom nunca deixar de vista a família deste homem ou desta mulher que circunstancialmente perdeu a sua liberdade. Para dizer que a nossa ação como Igreja deve ser envolvente ou englobante. O mundo atual desafia-nos de diversas formas. Se estávamos habituados a ver gente adulta na cadeia, hoje vemos até crianças; já se fala do “julgado ou Tribunal de menores”. É uma nova situação que faz pensar e agir pastoralmente. Precisamos ter em conta esta nova população prisional, desenvolvendo métodos que atinjam as diversas idades; organizar ações catequéticas que visem à transformação profunda do indivíduo e a sua reintegração na sociedade.

## 2. EVANGELIZAÇÃO

Na parte introdutória/ prefácio do livro “**A Porta da Fé**”, encontramos aquilo que considero substancial na/para a Evangelização numa dimensão mais global: «a evangelização tem por finalidade a transmissão da fé cristã»<sup>34</sup>. A evangelização dentro da sua polissemia, pode parecer uma palavra ambígua. Neste sentido com a palavra Evangelização se pode indicar: a ação, a forma/ maneira de anunciar o Evangelho que é “Boa Nova” de Nosso Senhor Jesus Cristo que parte da Igreja para os irmãos. O termo Evangelizar tem fundamentos bíblicos e “extra - bíblicos”<sup>35</sup>. No Antigo Testamento encontram-se suas equivalências nas seguintes expressões: «**proclamar boas notícias**”, “**anúncio de acontecimentos salvadores**”<sup>36</sup>. Por ex: o anúncio da vitória numa dura batalha, ou então, a morte dum inimigo temível e

---

<sup>34</sup> Nikola ETEROVIĆ, «A Nova Evangelização para a Transmissão da Fé Cristã», in *A Porta da Fé*, P. 46.

<sup>35</sup> Extra – bíblico: esta expressão equivale: fora do ambiente bíblico, surge na convivência humana.

<sup>36</sup> C. FLORISTÁN, «Evangelização», in *Dicionário de Pastoral*, P. 216.

terrível ao mesmo tempo. Isto, leva-nos a concluir que estes anúncios podem significar a salvação que Deus vai operar em favor da humanidade<sup>37</sup>. Com o livro de Isaías, o termo começa a ganhar uma certa notoriedade e valor religioso. Temos uma expressão que faz a síntese disto tudo: «como são belos sobre os montes os pés do mensageiro que anuncia a paz, que traz a Boa Notícia» (Cfr. Is. 52,7). Liturgia natalícia.

Sem querermos forçar a dimensão evangelizadora na ação eclesial, podemos dizer que a “Nova Evangelização” tem as suas raízes nos tempos longínquos, sem uma expressão muito viva e concreta nos profetas. Os profetas historicamente, viveram determinados contextos mutantes e face a estas mutações de povos e culturas, tiveram que anunciar a mensagem de Deus, com linguagens até as vezes adaptadas ao meio e circunstâncias. Eles (os profetas) são no mundo atual o suporte da Nova Evangelização.

No Novo Testamento abundam expressões reveladoras da ação de Nosso Senhor Jesus Cristo, tais como: “**Proclamar, Ensinar**” e **transversalmente corre a expressão “Evangelizar”** e sempre com uma ligação com o Antigo Testamento<sup>38</sup>. O que vai implicar descobrir e divulgar a alegria salvífica constante no projeto de vida de Deus, manifestado plenamente em Cristo. Jesus Cristo apresenta-se como primeiro anunciador, evangelizador, o Profeta poderoso em obras e palavras, não só falou, mas com a vida deu exemplo ao mundo; Se revela a caminho de Emaús (Lc. 24, 19; Mc. 1,15; Heb. 3,1); Ele é O enviado por excelência da parte de Deus Pai. Desta feita, evangelizar designa a atividade do batizado que deve ser orientada para suscitar e alimentar a fé dos irmãos. Mas a partir do Sínodo dos bispos de 1974 sobre a “Evangelização do mundo contemporâneo”, o termo evangelização alarga-se e abre novos desafios e horizontes. Passa a ser: «toda a atividade por meio da qual o povo de Deus suscita e nutre a fé viva (**Instrumentum laboris, II, 26**)»<sup>39</sup>.

O papa Paulo VI, nesta larga visão e complexa, considera a Evangelização como o anúncio de Cristo àqueles que O desconhecem, através da **pregação** (ministério da Palavra), da **catequese** (instrução), do **Batismo** (porta de entrada pela fé), e de **outros Sacramentos** que a Igreja confere aos cristãos. Esta visão

---

<sup>37</sup> Cfr. José Morais PALOS, «Os profetas, criadores de novas formas de Evangelização», in *Desafios da nova Evangelização*, P.41.

<sup>38</sup> Cfr. Rino FISICHELIA, *A Nova Evangelização, um desafio para sair da indiferença*, P. 21.

<sup>39</sup> Sergio LANZA, «Evangelização», in *Christos, Enciclopédia do Cristianismo*, P.341.

mais ampla da palavra, não cabe numa definição parcial e fragmentária, tendo em conta a sua riqueza e complexidade concomitantemente<sup>40</sup>. Evangelizar é, de fato, uma graça e, portanto, vocação própria da Igreja, sua identidade mais profunda, é o ser da Igreja<sup>41</sup>. Desta feita, a Igreja aparece como o prolongamento (isto é, continuadora) evangelizador da missão de Cristo no mundo, fazendo participar a condição divina, animada e enviada pela força do Espírito Santo, tornando assim, Cristo presente no mundo em comunhão com Deus-Pai<sup>42</sup>.

Em sentido lato, evangelizar implica uma constante renovação da humanidade, testemunho e anúncio explícito, adesão do coração movido pela novidade do Ressuscitado, que pelos sacramentos os cristãos são convidados a entrar na comunidade, livremente aceitando os sinais e iniciativas do apostolado eclesial<sup>43</sup>. Continua o Papa Paulo VI a insistir na resposta crente que damos perante o mundo: o evangelizado, por sua vez, também evangeliza. E aponta para aquilo que vamos denominar por: “alavanca” da evangelização; - «não se pode conceber uma pessoa que tenha acolhido a Palavra e se tenha entregado ao Reino sem se tornar alguém que testemunha e, por seu turno, anuncia essa Palavra<sup>44</sup>». A centralidade da ação de Jesus é a extensão do Reino de Deus, em atenção à nossa salvação. Portanto, a Evangelização tanto se pode dirigir aos pagãos (Missão Ad Gentes), como também aos batizados que ao longo da sua caminhada histórico-cristã e por diversas vicissitudes e circunstâncias tenham desanimado na fé em Cristo Jesus (**o que vamos denominar por Nova Evangelização**)<sup>45</sup>. Como se pode ver, a Evangelização para além da sua pertinência e complexidade, é um processo vasto e longo caminho que requer maior atenção de todos os agentes de pastoral. A Igreja no seu diálogo/confronto constante com o mundo/sociedade tem sabido receber da história a evolução do género humano nas suas diversas vertentes (psicossomáticas, culturais, históricas, espirituais, etc, ...). Ela (a Igreja) procura adaptar<sup>46</sup> o evangelho à cultura do homem e mulher do nosso tempo. Todos sem exceção de ninguém e sobretudo, os pastores e teólogos, com o auxílio do Espírito Santo, na linguagem do concílio Vaticano II, devem «saber ouvir, discernir e

---

<sup>40</sup> Cfr. PAULO VI, *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi*, N.º17.

<sup>41</sup> Cfr. BENTO XVI, *A Porta da Fé*, N.º 27.

<sup>42</sup> Cfr. *Ibidem*.

<sup>43</sup> Cfr. Sergio LANZA, «Evangelização», in *Christos, Enciclopédia do Cristianismo*, P.341.

<sup>44</sup> PAULO VI, *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi*, N.º 24.

<sup>45</sup> Cfr. Manuel Franco FALCÃO, «Evangelização», in *Enciclopédia Católica Popular*, P.197.

<sup>46</sup> Adaptar o Evangelho no mundo atual é urgente. Algo que num passado muito recente não se fez na África atualmente cristã.

interpretar as várias linguagens do nosso tempo, e julgá-las à luz da palavra de Deus, de modo que a verdade revelada possa ser cada vez mais intimamente percebida, melhor compreendida e apresentada de um modo conveniente»<sup>47</sup>. Assim sendo, evangelizar no mundo atual inundado de vários desafios, como a indiferença religiosa, a mentalidade do homem e mulher modernos que se afasta cada vez mais de Deus, o descrédito que a própria Igreja tem caído nestes últimos anos com os pecados da pedofilia, homossexualidade e escândalos financeiros, implica revestir-se de Cristo, colocando sobre os ombros a capa ou o manto de S. Paulo, “o missionário de todos os tempos” e considerado o modelo dos evangelizadores dos novos tempos<sup>48</sup>.

A ação evangelizadora da Igreja nos tempos que correm deve centrar-se na caridade, destacada e privilegiada pela “Nova Evangelização”. Mas convém não confundir a Evangelização com a Caridade. Assim sendo, a Caridade é “um serviço ao próximo, que nasce da fé”. Ao passo que a “evangelização serve a fé diretamente”<sup>49</sup>. É preciso ler no mundo atual a atividade exercida, de forma incansável, por homens e mulheres dentro e fora da Igreja, como verdadeiros sinais concretos da presença da Igreja no mundo<sup>50</sup>. Por conseguinte, evangelizar é anunciar o kérigma (proclamar); este termo é usado pelos estudiosos para designar o fundamento da fé que é, o anúncio<sup>51</sup>. É quase norma hoje, ao falarmos da evangelização, temos que ver o conteúdo da Evangelização que é o Filho de Deus e o destinatário desse mesmo Conteúdo: a pessoa humana na sua integridade. Evangelizar é pôr-se em marcha, ir ao encontro do irmão, da irmã e propor-lhe a Boa Nova<sup>52</sup>.

### 3. CATEQUESE

Desde os primórdios da igreja, a catequese foi sempre tida em conta, partindo do mandato/ordem do Mestre (Jesus, o Cristo): fazer discípulos em todas as

---

<sup>47</sup> CONCÍLIO VATICANO II - *Gaudium et Spes*, Nº 44.

<sup>48</sup> Cfr. António COUTO, «Evangelização dos pagãos à Luz de S. Paulo», in *Bíblica, Desafios da Nova Evangelização*, P. 83.

<sup>49</sup> Cfr. Cfr. Ivon PINSON, *Evangelizar, guia prático e espiritual*, P.17.

<sup>50</sup> Cfr. Rino FISICHELIA, *A Nova Evangelização, um desafio para sair da indiferença*, P. 79.

<sup>51</sup> Cfr. Ivon PINSON, *Evangelizar, guia prático e espiritual*, P.14.

<sup>52</sup> Cfr. *Idem*, P.15.

nações, povos e raças (Cfr. Mt. 28,19s). Cristo, deixara esta incumbência aos apóstolos. O próprio Filho de Deus ao designar os discípulos, os envia para uma missão e confere-lhes o poder de anunciar com autoridade a Boa nova. Animados pelo Espírito Santo, partem para ensinar e testemunhar aquilo que ouviram do Mestre da Vida<sup>53</sup>.

A par da pregação (ministério da Palavra), **Batismo** (porta de entrada ao cristianismo), e de **outros Sacramentos** ministrados pela Igreja, a **catequese** (instrução), aparece como uma das vias da Evangelização. O substantivo catequese não se encontra na Sagrada Escritura, especificamente no Novo Testamento. É um termo posterior, provavelmente, surgiu a partir do século II. O que se pode constatar no Novo Testamento é a existência do verbo grego **κατήχηση**, que significa: informar ou instruir, como se pode ler (At.21, 21. 24;18,15; e 1Cor. 14, 19). Derivadamente surgem os outros verbos, como por exemplo: ensinar - **διδάσκω**, transmitir - **διαβιβάζουν** e conversar - **ομιλία**. Desta simbiose do verbo **κατήχηση** com os verbos já referenciados surge no contexto cristão o aplicativo: catequese<sup>54</sup>.

A partir da “V Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos”, se pode ler a preocupação da Igreja de tornar ou colocar no centro da catequese não uma ideia ou ideologia, mas sim, uma Pessoa: Jesus Cristo. Aliás, toda a ação catequética, deve centrar-se na pessoa de Cristo. Como o atesta João o Evangelista no seu prólogo: a Palavra que toma a “nossa carne”, fazendo-Se Homem; Que veio construir a Sua tenda entre “nós”; e “nós” contemplamos a Sua glória; glória do Filho único do Pai, cheio de amor e de Fidelidade (Cfr. Jo. 1,14)<sup>55</sup>. A catequese sendo ensino - instrução, vai significar, levar o coração crente a perscrutar o Ministério divino em todas as suas variantes dimensões. Em suma, conhecer a caridade de Cristo que vai para além do simples conhecimento. É levar a alguém a entrar no mistério plenificante de Deus; é penetrar nas palavras e gestos de Jesus. No entanto, a catequese deve dispor o coração humano, ou melhor, do cristão não só ao contacto permanente com Cristo, mas a uma profunda intimidade e comunhão com Ele<sup>56</sup>.

---

<sup>53</sup> Cfr. JOÃO PAULO II, *Exortação Apostólica Catechesi Tradendae*, Nº1.

<sup>54</sup> Cfr. E. MALVIDO, «Catequese», in *Dicionário de Pastoral*, P. 79.

<sup>55</sup> Cfr. JOÃO PAULO II, *Exortação Apostólica Catechesi Tradendae*, Nº5.

<sup>56</sup> Cfr. *Ibidem*.

Na ação missionária da Igreja não se deve prescindir do dado: ensino ou ação catequética. Esta, reservada à Igreja no seu modo de ser e de se relacionar com o mundo, instruir religiosamente as crianças e adolescentes que se encontram em constantes mudanças, tendo em conta o seu processo de crescimento, transmitindo-lhes sistematicamente os conteúdos fundamentais da verdade do Deus vivo, de maneira cada vez mais rica no decurso do seu evoluir psíquico-somático e histórico<sup>57</sup>. Inicialmente esses derivantes de “κατήχηση” estavam relacionados com aquelas pessoas que tinham aderido à fé cristã e não necessariamente, com as que entravam pela primeira vez em contacto com a Palavra encarnada do Deus vivo revelado por Jesus Cristo.

No processo da fé a catequese aparece na primeira fase da evangelização. Seguidamente vem a metanoia – conversão, transformação profunda, mudança radical que vai consistir na adesão à pessoa de Nosso Senhor Jesus Cristo e aos seus desígnios salvíficos. Ela acontece nas crianças adolescentes, jovens e adultos, num ambiente cada vez mais familiar e cristão. É aqui, nestas franjas da vida, que o evangelho anunciado ganha raízes no coração destas pessoas, apontando necessariamente para o aspeto sacramental: sacramentos da Iniciação Cristã (Batismo, Confirmação e Eucaristia)<sup>58</sup>.

### 3.1. NATUREZA DA CATEQUESE

O Concílio Vaticano II procurou dar maior ênfase à catequese, incumbindo desta forma a responsabilidade aos Bispos no sentido de velarem pela instrução catequética. Nesta sequência, no Decreto **Christus Dominus (CD)**, lê-se a preocupação da Igreja em fazer com que a instrução catequética seja cada vez mais abrangente e que atinja todas as idades: crianças, adolescentes, jovens e adultos<sup>59</sup>. E na realidade angolana inclui também os “velhos”- gente de idade adulta. Para dizer que, a catequese na realidade africana, olhando para os variados contextos, circunstâncias de cada país e organização de cada Diocese, não deve limitar-se a uma determinada idade, que seja uma catequese inclusiva. A catequese

---

<sup>57</sup> Cfr. PAULO VI, *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi*, Nº 44.

<sup>58</sup> Cfr. Manuel Franco FALCÃO, «Catequese», in *Enciclopédia Católica Popular*, P.78

<sup>59</sup> Cfr. CONCÍLIO VATICANO II - *Decreto Christus Dominus*, Nº 14.

na idade adulta deve obedecer à dinamicidade do dado “conversão” do coração crente.

Dada a importância e complexidade da catequese, a Constituição Pastoral “**a Igreja no mundo atual**”, demonstra a sua preocupação face aos desafios, pedindo a Igreja utilizar «todos os meios aptos, sobretudo com aqueles que lhe pertencem, o primeiro dos quais é a **instrução catequética**, que ilumina e fortalece a fé, alimenta a vida segundo o espírito de Cristo, leva a uma participação consciente e ativa no mistério de Cristo e impele à ação apostólica»<sup>60</sup>. A catequese nas suas variantes, assume também uma dimensão litúrgico-pastoral, onde se privilegia o ministério da palavra – pregação que se fundamenta na Sagrada Escritura e na Liturgia que ilustram a ação de Deus no desenrolar da história da salvação, tornando Cristo sempre presente e operante<sup>61</sup>. O papa Paulo VI, continua a insistir na boa preparação que se deve dar aos catequistas nas paróquias como «mestres e pais - que se demonstrem cuidadosos em se aperfeiçoar constantemente nesta arte superior, indispensável e exigente do ensino religioso»<sup>62</sup>.

#### 4. MISSÃO

O termo “missão” na sua ambivalência e polissemia ganha dimensões não só eclesiais como também extra-eclesiais<sup>63</sup>. E a nossa abordagem parte dos textos da Sagrada Escritura que se referem a missão ligada ao envio. Deve entender-se como missão o esforço dinâmico dos batizados em levar os pagãos ou não-cristãos à fé no Deus revelado<sup>64</sup>.

Jesus reconhece aquilo que se pode chamar de “eleição histórico-salvífica” do povo judeu. Pois, os judeus têm uma particularidade por serem os portadores da promessa (Mt.8,12) “o ser portador não significa guardar para si, mas preservar e dar a conhecer a promessa”. Aponta para a origem da salvação – os judeus (Jo. 4. 22). Mas eles (judeus) procuraram auto excluir-se, não se admirem quando virem os

<sup>60</sup> CONCÍLIO VATICANO II - *Gaudium et Spes*, Nº 4.

<sup>61</sup> Cfr. CONCÍLIO VATICANO II - *Sacrosanctum Concilium*, Nº35 § 2-3.

<sup>62</sup> PAULO VI, *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi*, Nº 44.

<sup>63\*</sup> Missões extra-eclesiais ou fora do ambiente eclesial/religioso. Temos como exemplo a missão das Nações Unidas em Angola (1992).

<sup>64</sup> Cfr. F. KAMPHAUS, «Missão», in *Dicionário de Teologia*, P. 297.

pagãos convertidos a sentarem-se à mesa no alegre banquete escatológico, prometido aos que se mantiverem firmes na sua fé (Mt.8,11). A missão tem o seu enraizamento fundante na Paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo (o Filho do Homem, sofre carregando a dor, o sofrimento e o peso da nossa humanidade desfigurada pelo pecado). O mandato do Senhor expresso no Evangelho segundo S. Mateus, é a mola impulsionadora da missão ligada ao envio. Este mandato tem uma dimensão universal (Jo. 20, 21-23; At. 10, 11.47; 11,18; 1, 8).

Quanto aos pagãos, a S. Paulo é-lhe reservado o privilégio de ser “ o missionário”.Depois da experiência de Damasco que marcou o encontro com o Senhor Glorificado, Paulo sente-se possuído, apanhado e enviado para anunciar a mensagem da salvação. Estamos diante daquilo que podemos chamar de “universalidade” da Palavra anunciada. Abrir-se também ao mundo não judeu (Gál.1,16). E não nos esqueçamos que o Espírito Santo está no centro da missão e assiste os enviados.

O termo missão tem vários sentidos e aplicativos, consoante o interesse que temos na sua utilização e os objetivos que pretendemos alcançar. Desta forma, pode dizer-se que dentro da “**missão**” existem outras “**missões**”:

**a) Missões divinas:** estas missões estão fundamentalmente centradas na Comunhão trinitária do Pai e com o Filho e com o Espírito Santo. Tudo acontece no âmbito da missão, que parte do envio do Filho pelo Pai e do Espírito Santo pelo Filho. Cada “UM” com a sua missão específica, mas numa total união. Partimos do seguinte dado: Um só Deus em três pessoas divinas, uma comunhão de vida que quebra o isolamento. Comentando este dado, D. Manuel Franco Falcão (Bispo emérito de Beja), diz que dentro das operações ou atividades, mas fora da vida íntima, Deus na qualidade de Pai, envia o Filho – Jesus e com o Filho envia o Espírito Santo. Estas operações acontecem em três momentos: \* Na obra da criação; \* depois da queda do “Primeiro Ser” (homem) – Adão e Eva, surge a redenção\* e por fim, temos a presença do Espírito Santo na vida da Igreja e em nós<sup>65</sup>.

**b) Missão Ad Gentes:** ela parte do legado deixado por Nosso Senhor Jesus Cristo «Ide por todo o mundo anunciai o Evangelho a todas as nações, batizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo» (Cfr. Mt. 28, 19; Mc.

---

<sup>65</sup> Cfr. Manuel Franco FALCÃO, *O Leigo, identidade e missão*, P. 94.

16, 15-16; Lc. 24, 47-48). A Igreja ao realizar este legado, cumpre entre sacrifícios e esperanças a missão redentora que visa o homem todo (ser humano) alcançado pela fé em Cristo Jesus e pela sua graça. Desta feita, o apostolado eclesial e de todos os que dela fazem parte (os batizados) no mundo, deve manifestar-se em gestos muito concretos que passam pela Palavra e pelo Testemunho de vida (obras), difundindo a mensagem do Cordeiro Pascal<sup>66</sup>. No ano de 1513, altura em que se registava o domínio ibérico do assim chamado “**Novo Mundo**”<sup>67</sup> a ideia de cruzada é posta de lado, passando para o termo “missão”, embora de forma excessiva e unido à ideologia vigente da conquista. Foi exatamente nesse período que, surgiram as missões modernas sob a égide e proteção dos reis de Espanha e Portugal. Nascia assim o “padroado real” derivado da concessão do direito de conquista (1452)<sup>68</sup>. A Missão “Ad Gentes” é a particularidade que a Igreja tem de se abrir aos povos e grupos que eram denominados pagãos ou gentios que, ainda não conheciam a Cristo Jesus. Fazendo recurso ao Concílio Vaticano II, o objetivo dessas missões era a implantação da Igreja local e assegurar o crescimento progressivo das jovens Igrejas, cumprindo assim com o sentido real de Igreja: Sacramento Universal de Salvação que começa com o envio dos apóstolos<sup>69</sup>. Em 1839 foi condenado o jugo da escravatura que desumanamente pesava sobre os povos de “África”. Ficou incrementada a criação do clero indígena<sup>70</sup> ou nativo e favorecida a implantação da Igreja local. Por longos anos foi-se esquecendo a missão global da Igreja ao fazer-se pensar que nos países da antiga cristandade não fosse necessária a missão, bastava a pastoral sacramental ou de manutenção. Mas o tempo ajudou a corrigir esta maneira de pensar. Pois no final da segunda guerra mundial, apareceram nas grandes cidades e até em extensas zonas rurais, diversas “manchas”/nódoas populacionais a evangelizar. Esta necessidade urgente foi descoberta antes da realização do Concílio Vaticano II. E seguidamente os esforços foram compreendidos no sentido de se marcar uma viragem no pensar e no agir pastoral da antiga cristandade. O Senhor Jesus na sua curta passagem sobre a terra, fez-se rodear de alguns apóstolos que Ele mesmo escolheu e quis que andassem lado a lado com Ele e os delegou a pregar a Boa Nova do Reino. (Cfr. Mc. 3,13ss). Os escolhidos e enviados são o “novo Israel” e concomitantemente, a

<sup>66</sup> Cfr. CONCÍLIO VATICANO II - *Decreto Ad Gentes*, Nº 6.

<sup>67</sup> Novo Mundo: o mundo conhecido a partir das conquistas ou da expansão europeia.

<sup>68</sup> Cfr. C. FLORISTÁN, «Missão do Cristão», in *Dicionário de Pastoral*, P. 343.

<sup>69</sup> Cfr. CONCÍLIO VATICANO II - *Decreto Ad Gentes*, Nº 5.

<sup>70</sup> **Indígena**: atualmente em África esta expressão não é bem vista por estar associada a um passado infeliz (colonialismo – escravatura), prefere usar-se o termo “Nativo” ou “autóctone”. O sentido continua o mesmo.

mente da sucessão apostólica. A missão da Igreja consiste na realização da sua atividade pela qual obedece ao mandamento do Senhor Jesus e assistida pela graça e caridade do Espírito Santo. Nesse sentido Ela torna-se atual e plenamente presente a toda humanidade ou povos de todas as terras para os levar à fé, liberdade e à paz do Ressuscitado<sup>71</sup>. A Igreja ao longo dos tempos foi percebendo da sua real missão e foi marcando diferenças relativamente a Israel e ganhando consciência dos imperativos do seu ser missionário: fez-se uma grande trajetória na passagem para os pagãos e rutura com o judaísmo. Este foi um momento decisivo na vida eclesial. Portanto a Igreja ao assumir a nova missão virada para o mundo pagão, não se esquece da missão entre os judeus.

**c) Missões populares:** por último, temos as missões populares, que também eram conhecidas por “**missões ad intra**” para se diferenciar da missão “**Ad Gentes**” que se dirigia aos não batizados. Especificamente era uma nova forma de pregar o evangelho para reativar/reavivar a fé cristã dos já batizados. Esta pregação «Consistia na renovação radical e total de toda a vida religiosa e moral do povo católico pela conversão dos pecadores, a excitação do fervor dos tíbios e negligentes e a afirmação dos bons cristãos»<sup>72</sup>. E tinham por finalidade a renovação das comunidades paroquiais. É uma pastoral extraordinária que vem como que complementar a pastoral ordinária. Tornou-se mais evidente a partir do Concílio de Trento para defender as comunidades católicas das heresias do tempo, sobretudo “as protestantes” e de as fazer sair duma letargia espiritual que se registava no seio da Igreja.

## 5. MINISTÉRIOS

Os diversos serviços na Igreja existem desde os tempos remotos, são funções e tarefas que recebem o nome de ministérios. Este termo, tem sua origem na palavra latina: “*ministerium*” que se traduz por serviço<sup>73</sup>. No sentido amplo, os ministérios englobam ou constituem a missão própria da Igreja<sup>74</sup>. Olhando para a grandeza e misteriosidade eclesial, não se pode entendê-la sem a partilha dos

---

<sup>71</sup> Cfr. CONCÍLIO VATICANO II - *Decreto Ad Gente*, Nº 5.

<sup>72</sup> C. FLORISTÁN, «Missões populares», in *Dicionário de Pastoral*, P. 348.

<sup>73</sup> Cfr. J. M. CASTILLO, «Ministério», in *Dicionário de Pastoral*, P. 340.

<sup>74</sup> Cfr. Dionisio BOROBIO, *Los ministerios en la comunidad*, P.14.

serviços. No Evangelho segundo S. Mateus, lê-se a preocupação de Jesus no que toca ao serviço: **«A seara é grande, mas os trabalhadores são poucos! Por isso, pedi ao dono da seara para que mande trabalhadores para a seara» (Mt. 9, 37-38)**. O dono da messe (Jesus Cristo) convida-nos a trabalhar na Sua vinha, cada um segundo a sua condição. Pelo batismo somos introduzidos na vida da missão evangelizadora.

Estes serviços dentro da Igreja correspondem à palavra grega: *διακονία*. As atividades que a Igreja realiza, têm seu fundamento na tríplice missão do Filho de Deus, que é: **Profeta, Sacerdote e Rei/Pastor**. O seu exercício requer uma competência específica, por meio de carismas próprios, isto é, graças concedidas não para o benefício próprio, mas para o serviço dos irmãos na comunidade. O mesmo (exercício), pressupõe três áreas funcionais e interativas umas às outras:

- a) **Ministério da Palavra ou pregação, anúncio do evangelho da vida;**
- b) **Santificação do povo de Deus;**
- c) **Governo da Igreja: nesta área entra toda a ação sócio-caritativa da Igreja<sup>75</sup>.**

Este triplo múnus é conferido aos Bispos e partilham-no com os sacerdotes, seus colaboradores. «Dada a mentalidade teocrática vetero-testamentária, resulta pois difícil distinguir entre ministérios sagrados e os profanos no sentido moderno»<sup>76</sup>. Nesta ordem de ideias, importa fazer a distinção entre os ministérios institucionais e os carismáticos: os ministérios institucionais são direitos e deveres bem precisos e estão fundamentados a partir do sentido de pertença a uma tribo, sobre a herança ou sobre a instituição humana. Ao passo que, os ministérios carismáticos estão diretamente ligados a uma eleição que Deus confere a determinadas pessoas. Para uma maior funcionalidade, os dois ministérios encontram-se interligados<sup>77</sup>.

A identidade da missão da Igreja verifica-se no serviço prestado, em prol da pessoa humana. Do “único serviço” brotam/nascem “outros serviços” como encargo a desempenhar ou a realizar por todos os cristãos, tornando-se verdadeiros fiéis ao Evangelho do Senhor e arautos da Sua “Boa Nova”, na construção de comunidades de vida, cheias de entusiasmo inicial de fé, criando estruturas que façam

---

<sup>75</sup> Cfr. Manuel Franco FALCÃO, «Missões Populares», in *Enciclopédia Católica Popular*, P. 327.

<sup>76</sup> J. GEWIESS, «Ministério», in *Dicionário de Teologia*, P. 276.

<sup>77</sup> Cfr. *Ibidem*.

amadurecer a fé para Cristo. Há vários serviços que podemos destacar ou identificar e que os mesmos fazem parte da vida da Igreja: **o serviço da Palavra; da Comunhão; da Liturgia e da Caridade**<sup>78</sup>. Estes serviços devem ser partilhados entre ministros Ordenados e os não ordenados ou simplesmente os leigos. Dentro da comunidade que celebra o acontecimento pascal, encontramos os ministros ordenados, tais como: Diácono, Presbítero e Bispo. O sacramento da Ordem recebido no dia da ordenação, os configura a Cristo, Pastor e Mestre Eterno<sup>79</sup>. A seguir, temos os ministros não ordenados, propriamente, os leigos. Estes, segundo o Papa Paulo VI, pertencem ao povo fiel na qualidade de leigos<sup>80</sup>. Em conformidade com os vários serviços a serem realizados pelos ministros ordenados e instituídos - terminologia muito antiga da Igreja que parte da Tradição apostólica do século II, a leigos que não foram impostas as mãos como aos ordenados, mas foram instituídos<sup>81</sup>. O importante é cada um conhecer e assumir o seu verdadeiro papel numa atitude de humildade e desempenhá-lo de forma afincada em vista à extensão do Reino de Deus.

Na Sagrada Escritura encontramos textos que evidenciam a existência dos ministérios ligados a um determinado envio, que de certo modo, indicam serviço prestado às vezes de forma implícita a alguém ou em favor da comunidade: o chamamento do jovem Samuel que prestava serviço a Eli – sacerdote do templo (1Sam. 3,1ss); a vocação de Jeremias também, é prova disso (Jer. 1, 4 ss); no Novo Testamento, encontramos a expressão que S. Paulo usa «aqueles que trabalham entre vós, que vos dirigem no Senhor e vos admoestam» (1 Tes. 5, 12). S. Paulo fala de diversos dons e atividades (Rom. 12, 6-8; 1 Cor. 12, 4-11; 28-31; 14,6; Ef. 4, 11-12).

A reflexão teológica sobre os ministérios na vida da Igreja, abre-nos a oito vetores essenciais do próprio ser ou vocação da Igreja:

❖ **Iniciativa de Cristo:** os ministérios na/da Igreja nascem de Cristo. Pois, neles, Cristo atua pelo Espírito Santo, dando carismas específicos que os originam (Heb. 2,4; Ef. 4; 1Cor. 12,11). Jesus, o Cristo do Pai, chama e confere

---

<sup>78</sup> Cfr. Dionisio BOROBIO, *Los ministérios en la comunidade*, P.14.

<sup>79</sup> Cfr. José ALDAZÁBAL, *Ministérios ao serviço da comunidade celebrante*, P. 14.

<sup>80</sup> Cfr. *Idem*, P.15

<sup>81</sup> Cfr. *Idem*, P. 14.

autoridade ao chamado e posteriormente o envia em “Missão” (Cfr. Lc. 9; Gl. 2,2)<sup>82</sup>. No entanto, não se trata de representação ou de qualquer delegação da comunidade, embora esta, por sua vez, tenha ou se lhe reconheça o privilégio na escolha dos seus ministros. Vejamos a frase de S. Policarpo de Esmirna quando escreve para a comunidade cristã de Filipos: «os diáconos sejam irrepreensíveis na santidade, como ministros de Deus e de Cristo e não dos homens»<sup>83</sup>.

❖ **A comunidade** – consciente da sua missão: neste âmbito, toda a comunidade cristã é convocada para a corresponsabilidade e pelo desempenho da sua missão. Como já ficou claro no ponto anterior, a comunidade cristã intervém na seleção e escolha dos seus ministros e na resolução dos problemas e conflitos entre os seus irmãos (Cfr. Act. 6, 1-6; 15,22)<sup>84</sup>.

❖ **Acolhimento do dom do Espírito Santo:** as comunidades cristãs devem ter plena consciência de que na base da sua ação está o Consolador, o Paráclito. Animadas por este mesmo Espírito, devem responder às necessidades do tempo, criando desta feita, ministérios muito diversificados, sabendo que agindo assim, agem segundo a vontade de Deus Pai (Act. 6, 1-6; 1 Cor. 12; Ef. 4, 1-8; Tt. 1,5)<sup>85</sup>.

❖ **Novo estilo de vida:** tendo em conta a autoridade de que estarão revestidos, queremos apresentar o que chamaremos de dinamismo intuitivo. Que consistirá no «efeito multiplicador, quer dentro de cada um, quer na sua relação com os outros»<sup>86</sup>. Insiste-se aqui, no modelo deixado por Jesus Cristo, na sua passagem entre os homens, contrapondo à forma como os judeus e políticos exerciam o seu poder e governo. Ele próprio, referindo-se a si mesmo, dizia: «o Filho do Homem veio para servir e não para ser servido» (Cfr. Mc.10, 45; Mt. 20,20-28)<sup>87</sup>. É uma grande revolução que Jesus Cristo opera no ser e no agir da sociedade de seu tempo. O ministério no Novo Testamento, deve ser entendido como diaconia, serviço aos irmãos e está fundamentado na ação misericordiosa para com o rebanho, a quem se deve dar maior atenção (Mt. 9,36)<sup>88</sup>.

❖ **Único sacerdócio de Cristo:** No Novo Testamento Cristo é apresentado como o único Sacerdote. Do sacerdócio de Cristo, participa toda a

---

<sup>82</sup> Cfr. José LUZIA, *Uma Igreja de todos e de Alguém*, P. 73.

<sup>83</sup> *Ibidem*.

<sup>84</sup> Cfr. *Ibidem*.

<sup>85</sup> Cfr. *Idem*, P. 74.

<sup>86</sup> António Pinto LEITE, *O amor como critério de gestão*, P.31.

<sup>87</sup> *Ibidem*.

<sup>88</sup> Cfr. José LUZIA, *Uma Igreja de todos e de Alguém*, P. 74.

comunidade, eleita e escolhida como o “novo povo” de Deus. Para marcar uma certa diferenciação, os ministros – leigos, não são tratados por sacerdotes, evitando desta feita, um clima menos agradável com o judaísmo e as religiões pagãs circundantes. Portanto, podemos destacar alguns ministérios que estavam ligados ou asseguravam de certo modo, a direção ou governo das comunidades: juntamente com a função sacerdotal (liturgia, especificamente na celebração da Eucaristia), temos **a função profética** – ligada diretamente à proclamação da Palavra, que tem no centro, o anúncio do Reino de Deus ou Evangelização; **Função pastoral ou do governo das comunidades**: esta função, está ligada à atenção que se deve dar aos pobres que, preferencialmente, estão no coração e programa de Jesus (Cfr. Lc. 4,18-20).

❖ **Visão do Novo Testamento**: carismas e ministérios não se opõem. O que se pode notar são certas tensões que em alguns casos acontecem (Cfr. 1Tes. 5,12). No dizer de S. Paulo, os ministérios são parte dos carismas e provêm do Espírito Santo, dispensados para os membros da comunidade consoante as necessidades reais.

❖ **Exercício dos ministérios no Novo Testamento**: neste âmbito salienta-se o carácter colegial. Ninguém deve agir por si próprio, mas sempre em função dum determinado grupo: Priscila e Áquila, são um exemplo que depois de ouvirem a pregação dispõem seus corações para servir a Deus nos irmãos (Act. 6,5; 13,1; 1Ped. 5, 1-5; 1Tm 5,17)<sup>89</sup>.

❖ **A presença ou existência de mulheres nos ministérios**: o Novo Testamento assinala a presença de mulheres no exercício ministerial – chefe de comunidades, isto constata-se com mais evidência em África – Igreja que partilha funções ministeriais. Esta atitude encontrada no Novo Testamento é uma grande inovação, face à cultura judaica, como nas religiões pagãs, onde a mulher não podia exercer nenhum trabalho na comunidade (Cfr. Act. 18,26; 1 Cor. 11, 5; Rm. 16,1; Col. 4,15)<sup>90</sup>. Portanto, mais do que nunca, estas referências que fizemos ao Novo Testamento, são incontornáveis na compreensão e abordagem teológica dos ministérios na vida da Igreja na atualidade. No contexto africano, (em Angola) a partilha dos variados ministérios, está sempre na agenda dos bispos. Esta preocupação, regista-se sobretudo, quando um Bispo efetua visita pastoral às

---

<sup>89</sup> Cfr. José LUZIA, *Uma Igreja de todos e de Alguém*, P. 75.

<sup>90</sup> Cfr. *Idem*, P. 76.

paróquias, reunindo desta forma, todas as «forças vivas»<sup>91</sup> da Igreja. E uma das coisas que temos a salientar é a preocupação para com a família dos catequistas – no interior (quando se vai a uma catequese, existe a preocupação de levar gente preparada em diversas áreas para instruir as esposas dos catequistas; enquanto o padre reúne com os catequistas, uma senhora com um certo domínio em diversas áreas dá formação às esposas dos respetivos catequistas). Para dizer o Evangelho é anunciado em todas dimensões humanas em vista à salvação.

Numa abordagem teológica, pode dizer-se que o Concílio Vaticano II, foi basilar e bastante relevante na reposição da identidade dos fiéis comuns na Igreja e na sociedade. «Desde então, só no contexto da condição ministerial da Igreja no seu todo se pode ter uma reta compreensão dos ministérios eclesiais – ordenados ou não ordenados»<sup>92</sup>. José Luzia destaca aqui três características que marcam a doutrina apresentada pelo concílio Vaticano II, sobre a vocação do fiel leigo:

a) **O Batismo**: confere ao fiel leigo uma identidade própria; configura-o a Cristo e o torna membro do corpo eclesial; ele participa da tríplice função ou dimensão: sacerdotal, profética e real (assim o lembra a liturgia batismal).

b) **Secularidade**: aparece aqui como condição própria de presença da Igreja no mundo atual.

c) **Participação**: a participação dos leigos na missão eclesial nos seus diversos ministérios, surge como resposta aos carismas recebidos e que pela ação do Espírito Santo dão vigor à Igreja<sup>93</sup>.

As duas notas apresentadas pelo Concílio (o Batismo e a secularidade), foram amplamente abordadas e até com uma certa novidade. Quanto à terceira, o Concílio Vaticano II, numa forma «discreta entreabre a porta ao reconhecimento dos ministérios dos leigos numa dupla direção: seja na “cooperação” habitual com o apostolado hierárquico, seja como uma ajuda de suplência em caso de penúria de ministros ordenados»<sup>94</sup>. Mas olhando para a realidade africana, na qual abordo este tema, não vejo os ministérios laicais como se fossem “pneus suplentes, ou bombeiros”<sup>95</sup>. Até porque, e como ficou apresentado no Decreto conciliar, «a fonte e

---

<sup>91</sup> Forças vivas = grupos e movimentos de apostolado empenhados na missão.

<sup>92</sup> José LUZIA, *Uma Igreja de todos e de Alguém*, P. 67.

<sup>93</sup> Cfr. *Idem*, P. 68.

<sup>94</sup> *Ibidem*.

<sup>95</sup> Pneus suplentes ou bombeiros: que só servem na ausência do principal (neste caso, do sacerdote).

origem de todo apostolado da Igreja é Cristo, enviado pelo Pai»<sup>96</sup>. Não se deve tapar caminho ao fiel leigo, precisa, sim, de ser acompanhado no exercício do seu ministério, dando-lhe formação, de modo que ele saiba posicionar-se dentro da cooperação e missão que lhe é incumbida.

## 6. LEIGO

Este tema está estreitamente ligado ao tema anterior que aborda os ministérios dentro da Igreja. A Igreja sendo instituição humano-divina, é organizada e governada com uma variedade admirável. Citando o apóstolo dos gentios, podemos comparar a Igreja a um corpo, que tendo muitos membros, cada um procura desempenhar a sua função, em vista a uma meta comum, no caso, Jesus Cristo (Cfr. Rom. 12, 4-5)<sup>97</sup>. A presença do laicado na Igreja fundamenta-se a partir duma trilogia sacramental, habitualmente chamada: sacramentos da iniciação cristã: Batismo, Confirmação e Eucaristia. Estes sacramentos dispõem e destinam o cristão para a missão<sup>98</sup>.

A diferenciação dos ministérios não deve significar exaltar uns e esquecer outros. Aliás, embora nem todos sigam os mesmos caminhos, todos são chamados à santidade, porque todos têm a mesma fé na justiça de Deus que se revelou em Cristo (Cfr. 2 Ped.1,1). Os leigos ao exercerem a sua missão, exercem-na em nome de Cristo, de modo que o mandamento novo do amor seja por todos observado. Numa bela frase, diz o santo africano, Agostinho de Hipona: «aterra-me o ser para vós, mas consola-me estar convosco. Sou para vós, como Bispo; estou convosco, como cristão. Nome de ofício, o primeiro; de graça, o segundo; aquele, de risco; este, de salvação»<sup>99</sup>.

O termo leigo, apesar de ter seu fundamento na Sagrada Escritura, não aparece descrito como tal na literatura neotestamentária. Temos expressões equivalentes: povo de Deus, comunidade, «membros do corpo de Cristo – a Igreja.

---

<sup>96</sup> CONCÍLIO VATICANO II - *Apostolado dos Leigos*, Nº 4.

<sup>97</sup> Cfr. CONCÍLIO VATICANO II - *Lumen Gentium*, Nº 32.

<sup>98</sup> Cfr. Bernard SESBOÛÉ, *! No tengáis miedo! Los ministérios en la Iglesia hoy*, P. 117.

<sup>99</sup> CONCÍLIO VATICANO II - *Lumen Gentium*, Nº 32,S3.

Estas expressões derivam da relação íntima de Deus com seu Filho, Jesus Cristo<sup>100</sup>. Aqueles que positivamente respondem ao chamamento, são integrados ou melhor, formam o povo de Deus e entram em comunhão com Cristo. E já, cá na terra, participam da vida celeste (1 Jo. 1,13). E como consequência dessa nova vida, entram em comunhão com os outros irmãos.

O Concílio Vaticano II veio como que recordar a tríplice função (Sacerdotal, Profética e Régia) que parte de Cristo, o Eterno sacerdote. É da vontade de Cristo que os leigos participem ativamente na missão da Igreja, dando testemunho com a vida e continuando sem cessar ao seu serviço para toda obra boa e perfeita<sup>101</sup>. Jesus Cristo, é o verdadeiro profeta. Enviado pelo Pai proclamou o reino de Deus e realizou a sua missão profética. Ensina com autoridade. E continua a ensinar por meio dos leigos, neste caso, constituiu-os testemunhas e lhes deu o sentido da fé e o dom da Palavra (Cfr. Act. 2, 17-18; Ap. 19,10). Com a finalidade de fazer com que o Evangelho se difunda nas famílias e na sociedade<sup>102</sup>.

Os leigos conscientes da sua premente missão na Igreja e na sociedade, participam na missão e na vida interna da Igreja. Todos são os destinados pelo Senhor, autor da missão, através dos sacramentos do Batismo e da Confirmação<sup>103</sup>. Neste âmbito, pode-se falar em fugir ou evitar uma certa “laicização” da existência. A «laicização, pode entender-se como a doutrina que pretende evitar toda a influência religiosa e do poder temporal de qualquer Igreja na vida política e pública da nação»<sup>104</sup>.

Para fazer justiça à história, não quereria terminar esta temática, sem refletir em poucas linhas, sobre a época contemporânea. Fazendo recurso à história, o estudo das etapas históricas não deve ser feito de forma isolada, há uma certa complementaridade. Neste sentido, os problemas graves, surgidos noutros séculos e épocas já abordados, eclodiram com maior incidência e profundidade na época contemporânea. Com tudo isto, apareceram na vida pastoral termos como: **repensar a fé**, o **Evangelho**, a **Liturgia** e também, a **própria experiência católica**, ligada a realidades humanas e que pareciam estranhas à Igreja. No período contemporâneo, os clérigos refletindo seriamente sobre a sua vocação, abandonam as atitudes que

---

<sup>100</sup> Cfr. Yves CONGAR, «Leigo», in *Dicionário de Teologia*, P. 127.

<sup>101</sup> Cfr. CONCÍLIO VATICANO II - *Lumen Gentium*, N° 34.

<sup>102</sup> Cfr. *Idem*, N°35.

<sup>103</sup> Cfr. *Idem*, N° 33.

<sup>104</sup> J. Martínez CORTÉS, «Laicização», in *Dicionário de Pastoral*, P. 298.

reivindicam os privilégios e prestígios que outrora foram concedidos pelo imperador Constantino, reassumindo, assim, a sua função de humildes servos dos homens e mulheres em nome de Cristo Jesus<sup>105</sup>. O laicado atualmente, (hoje) procura constituir-se à volta do evangelho e da atitude missionária, cada vez mais desejoso de uma espiritualidade própria, face aos desafios do nosso tempo. Quando se fala da necessidade de uma espiritualidade de vida, não deve isso significar rebuscar ou copiar aquele estilo de espiritualidade da vida monástica, nem tão pouco, buscar uma fórmula genérica de vida cristã. Mas é sobretudo um sentimento de vida em plenitude, fundamentada na fé que concorre para o amor, expresso no mundo e que está ao serviço dos homens e mulheres seus irmãos<sup>106</sup>.

Esta espiritualidade encontra-se radicada na união com Cristo, que é fonte vital: «aquele que permanece em Mim e em quem Eu permaneço, esse produz muito fruto; pois sem Mim, nada podeis fazer» (Cfr. Jo. 15,5)<sup>107</sup>. Jesus Cristo, empreendeu uma obra restauradora da humanidade perdida e fechada no seu orgulho, que é, a obra da nossa redenção. Nesse plano salvífico, quis que a salvação chegasse a toda a criatura, começando por restaurar a ordem temporal<sup>108</sup>. Onde o fiel leigo, é chamado a exercer a sua missão. Desta feita, pode concluir-se que «a missão da Igreja consiste não só em levar aos homens a mensagem e a graça de Cristo, mas também em penetrar e atuar com o espírito do evangelho as realidades temporais»<sup>109</sup>.

O “agora” proclamado pela Igreja, Santo João Paulo II, na Carta Encíclica *Redemptoris Missio*, fala da «cooperação»<sup>110</sup> na ação missionária da Igreja. Esta cooperação nos é outorgada pelo sacramento do Batismo, sendo primeira conversão para fé. Todo o batizado é corresponsável pela atividade missionária<sup>111</sup>. Nesta ótica, a missão da Igreja incorporada na intervenção ativa dos leigos, não consistirá em fazer atos esporádicos ou ações isoladas (acumular de atividades – puro ativismo), mas é, na realidade o «sinal de maturidade de fé e de uma vida cristã que dá

---

<sup>105</sup> Cfr. Yves CONGAR, «Leigo», in *Dicionário de Teologia*, P. 135.

<sup>106</sup> Cfr. *Ibidem*.

<sup>107</sup> CONCÍLIO VATICANO II - *Apostolado dos Leigos*, Nº 4.

<sup>108</sup> Cfr. *Idem*, Nº 5.

<sup>109</sup> *Ibidem*.

<sup>110</sup> **Cooperação:** esta expressão em África devido aos problemas conjunturais (guerras, deslocações, pobreza, lutas tribais ou regionais ..., etc.,) quando se faz soar pelos nossos ouvidos, esta palavra, vem-nos em mente as ajudas humanitárias em determinados setores da sociedade (usava-se bastante, por exemplo, em Angola a expressão: O cooperante – este podia ser médico, professor, etc.).

<sup>111</sup> Cfr. JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica Redemptoris Missio*, Nº 77.

fruto»<sup>112</sup>. A cooperação do batizado nesta árdua missão da Igreja, pode ser feita direta ou indiretamente. Indiretamente no sentido em que através de orações em comunidade ou em privado/particular, rezamos pelos missionários, fazendo campanhas para os ajudar e acolhendo-os com alegria quando regressam, imitando a comunidade primitiva dos apóstolos (Cfr. Act. 14,27)<sup>113</sup>.

Por conseguinte, numa forma sistemática, o conceito de leigo é cristão, embora, com estas nuances ou raízes pagãs, como assim o demonstrou a filologia. Dando-nos uma analogia parcial no âmbito sociológico<sup>114</sup>. O conceito de leigo, ganha na Igreja um sentido pleno e positivo, na medida que, a Igreja é uma organização - instituição positiva humano-divina no mundo, da qual fazem parte tanto o ministro ordenado como o leigo. Se quiséssemos aprofundar a dimensão sócio-caritativa do laicado, diríamos mesmo, que ele só tem sentido quando aponta para uma eclesiologia mais abrangente. E só compreenderíamos a doutrina real do laicado, com um estatuto próprio, voltando a expressar o “mistério da Igreja”<sup>115</sup>. Sendo assim, a Igreja vem a ser, esta Instituição constituída de homens e mulheres «que Deus chama do mundo para os reunir com o vínculo da fé, de modo a fazer deles o Seu povo, o corpo do Seu filho e herdeiro natural, templo do Espírito Santo» (Cfr. Ex. 29, 45, Ez. 37, 26-28; Ap. 21, 3.7)<sup>116</sup>.

- Na Exortação Apostólica, Pós-Sinodal *Ecclesia in Africa*, ficou claro que, cada família cristã, deve tornar-se «um lugar privilegiado de testemunho evangélico», uma verdadeira «Igreja doméstica», «uma comunidade que acredita e evangeliza, uma comunidade em diálogo com Deus e generosamente aberta ao serviço do homem»<sup>117</sup>.

- Os leigos exercem um papel insubstituível na ação evangelizadora da Igreja e exercem-na de diversos modos: os pais têm uma autoridade própria e específica na sua relação com os filhos. Esta autoridade natural, é-lhes conferida pelo sacramento do matrimónio, tornando-se numa espécie de “**episcopado familiar**” (citando S. Agostinho)<sup>118</sup>. Pelo exemplo e pela palavra, os pais, mais uma

---

<sup>112</sup> JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica Redemptoris Missio*, Nº 77.

<sup>113</sup> Cfr. *Ibidem*.

<sup>114</sup> Cfr. Yves CONGAR, «Leigo», in *Dicionário de Teologia*, P. 135.

<sup>115</sup> Cfr. *Idem*, P. 136.

<sup>116</sup> *Ibidem*.

<sup>117</sup> JOÃO PAULO II, *EA*, Nº 92.

<sup>118</sup> Cfr. *Ibidem*.

vez, são chamados a serem arautos da fé na família. A família como instituição humano-divina, é o campo de ação, onde se deve exercitar o sacerdócio batismal do pai, da mãe e do filho ou filha, enfim, de todos os membros da família. Em África, precisamos rebuscar os valores da escola tradicional. Na concepção africana, o lar surge como a primeira escola do indivíduo, onde recebe o “ABC” da vida, a primeira instrução de vida cristã, uma escola de enriquecimento humano<sup>119</sup>.

No contexto atual, mais do que, disputas entre o sacerdócio ministerial e os vários ministérios que os leigos devem exercer na Igreja e na sociedade, deve-se procurar ajudar, a que eles (leigos) tomem consciência do seu posicionamento na Igreja, honrando assim, a missão que lhes é peculiar enquanto batizados<sup>120</sup>. Em Cristo Jesus, todos os batizados devem e gozam da mesma dignidade e igualdade no tratamento, todos são parte integrante de membros do povo de Deus, pelo fato de sua regeneração em Cristo, comum agraga da adoção filial (irmãos uns dos outros), comum a vocação à perfeição<sup>121</sup>. O teólogo Bernard Sesboüé, depois de ter transversalmente passado pelos textos conciliares (Vaticano II) e pelo direito canónico de 1983, ajuda-nos com uma definição sobre o leigo. Ele diz que o leigo é um fiel incorporado a Cristo pelo Santo Batismo e integrado no povo de Deus e desta forma, participa da função ou dimensão sacerdotal, profética e régia de Cristo. Cada um segundo a sua própria condição para o desempenho da missão eclesial no mundo<sup>122</sup>. Portanto, os sacramentos da iniciação cristã, abrem-nos as portas para a missão evangelizadora, que deve ser compartilhada.

## 7. INCULTURAÇÃO

Para maior compreensão do vasto e complexo campo da inculturação, é preciso relacionar os dados fé e cultura<sup>123</sup>. A fé no contacto com o ser humano entrelaça-se na cultura dos povos e herda historicamente aquele valor simbólico de capital importância. Os documentos conciliares perentoriamente afirmam a unidade

---

<sup>119</sup> Cfr. JOÃO PAULO II, *EA*, Nº 90.

<sup>120</sup> Cfr. Yves CONGAR, «Leigo», in *Dicionário de Teologia*, PP.143-144.

<sup>121</sup> Cfr. JOÃO PAULO II, *Exortação Apostólica Pós – Sinodal: Christifideles Laici*, Nº15

<sup>122</sup> Cfr. Bernard SESBOÜÉ, *!No Tengáis miedo! Los ministérios en la Iglesia hoy*, PP.119-120.

<sup>123</sup> Cfr. Mário de França MIRANDA, «A Igreja entre a inculturação e a Globalização», in *Revista Igreja e Missão*, P. 279.

que existia entre a Igreja oriental e ocidental até porque os Concílios ecuménicos celebrados no Oriente procuravam preservar aquilo que é fundamental: o cuidado de conservar na comunhão de fé e caridade aquelas relações fraternas que devem vigorar no seio das Igrejas locais e dos irmãos entre si<sup>124</sup>.

No contexto africano, apesar de não encontrarmos uma data fixa que ligue a aculturação à inculturação e outros temas relacionados, podemos com algumas reservas, fixar como marco histórico o ano de 1930 - quando se começa a falar da aculturação como fenómeno produzido pelo choque entre duas culturas diferentes<sup>125</sup>. Houve uma preocupação e esforço para atribuir nome à realidade em que se vivia no contacto do Cristianismo com as “nossas” culturas (culturas humanas), chamado ou comparado - muitas vezes como cultura ocidental com a cultura dos povos de África – também chamada cultura dos nativos. Nessa tentativa, surgiram outros termos como: contextualização da fé e transculturação, mas não tiveram sucesso. Apareceram mais tarde outras como: implantação, encarnação, indigenização... que razoavelmente, expressam a dinâmica da evangelização: movimento que vai da fé até à cultura e simultaneamente, o processo de impregnação que a fé sofre nesse contacto com a cultura humana<sup>126</sup>.

O Papa emérito Bento XVI na sua exortação apostólica *Africae Munus*, fala da necessidade de se aprofundar o estudo sobre as tradições e culturas africanas. Esta ideia já vinha desde a “primeira assembleia sinodal para África. Os padres sinodais, ao abordarem a questão africana no âmbito cristão, notaram uma certa dicotomia entre as tradições africanas e a “Novidade” do Evangelho. Ao penetrarmos nas culturas africanas, ricas por ainda conservarem aquilo que as identificam como tais, descobrimos elementos que se distanciam da proposta do evangelho<sup>127</sup>. Estes elementos não devem servir de barreira para se anunciar a Cristo, antes, devem constituir desafio para a Igreja. É preciso saber dialogar com as culturas africanas para seleccionar os contravalores que são opostos ao Evangelho e escolher os valores que promovem o mesmo, purificando e elevando-os à dimensão cristã. Diz Sua Santidade Bento XVI, recordando para os evangelizadores que há sempre um

---

<sup>124</sup> Cfr. CONCÍLIO VATICANO II- *Decreto Unitatis Redintegratio*, Nº14.

<sup>125</sup> Cfr. José NUNES, *Pequenas Comunidades Cristãs, o ondjango e a inculturação em África/Angola*, P. 67.

<sup>126</sup> Cfr. *Ibidem*.

<sup>127</sup> Cfr. BENTO XVI, *Exortação Apostólica Africae Munus - o Serviço da África*, Nº 36.

protagonista no diálogo Evangelho-Cultura. Este protagonista chama-se Espírito Santo, fonte da inculturação<sup>128</sup>.

No decreto *Ad Gentes*, pode ler-se esta preocupação da Igreja que de forma análoga, fala das Igrejas jovens, enraizadas em Cristo e construídas sobre o fundamento dos apóstolos. Do que se pode constatar, existe um certo intercâmbio das nações dadas a Cristo em herança. Desde os costumes, tradições diversas e ricas de cada povo, a própria sabedoria e da doutrina, das artes e disciplinas. Todos estes, são sinais da glória do Criador que demonstra inequivocamente a graça operada por Cristo, estabelecendo uma ordem e harmonia cósmicas e sobretudo, na vida cristã<sup>129</sup>. E para conseguir este desiderato, é necessário «que em cada grande espaço sociocultural, se estimule uma reflexão teológica tal que, à luz da tradição da Igreja universal, as ações e as palavras reveladas por Deus, consignadas na Sagrada Escritura, e explicadas pelos padres da Igreja e pelo magistério, sejam sempre de novo investigadas»<sup>130</sup>. Este é o momento privilegiado para a fé cristã dialogar abertamente com os usos e costumes dos povos do mundo inteiro, numa atitude de permuta de dons.

No mundo atual, conforme estão estruturadas as sociedades humanas em agrupamentos, desde aldeias, vilas e cidades e perante uma cultura hostilizante, baseada no medo, na indiferença religiosa e não só, no individualismo, no relativismo e no egocentrismo, não é fácil a Igreja hoje penetrar neste esquema estrutural e tão complexo para poder sentir «as alegrias, as tristezas e angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem»<sup>131</sup>. Que por sinal, são também de Cristo<sup>132</sup>. É nestas circunstâncias e contextos diversificados, que a Igreja é chamada a anunciar a mensagem de Cristo. Levar a Boa Nova nesta sociedade humana que cresce dia-após-dia, unida por laços estáveis de vida cultural e fazendo um ligame a partir das antigas tradições religiosas, por intermédio de vínculos de relações sociais. Algumas destas sociedades ou ainda não receberam a mensagem salvífica do evangelho, ou mal ouviram falar delas<sup>133</sup>.

---

<sup>128</sup> Cfr. BENTO XVI, *Exortação Apostólica Africae Munus - o Serviço da África*, Nº37.

<sup>129</sup> Cfr. CONCÍLIO VATICANO II - *Decreto Ad Gente*, Nº22.

<sup>130</sup> *Ibidem*.

<sup>131</sup> CONCÍLIO VATICANO II - *Lumen Gentium*, Nº 1.

<sup>132</sup> Cfr. *Ibidem*.

<sup>133</sup> Cfr. CONCÍLIO VATICANO II - *Ad Gentes*, Nº 10.

«A inculturação tem a sua fonte de inspiração no Mistério da Encarnação»<sup>134</sup>. Isto equivale a dizer que o primeiro a inculturar é o próprio Deus que incarnando num povo e numa cultura, assumiu a nossa natureza. Sendo assim, passamos para um percurso histórico do termo: «em 1953, o padre Charles emprega a palavra inculturação, mas num sentido sociológico – para significar enculturação»<sup>135</sup>. Segundo Paulino Mulamba na sua “*Tese de Mestrado*”, citando P. Charles, a enculturação é equivalente ao antropológico da “socialização” no âmbito da psicologia social. A enculturação surge como um processo através do qual a pessoa é entronizada na sua própria cultura. É um processo que inclui não só crianças como também adultos que passam a assimilar determinadas características da sua identidade cultural<sup>136</sup>. Azevedo citado pelo mesmo autor enfatiza a relação existente entre o indivíduo e a sua cultura. É uma reciprocidade cultural, isto é, aprendemos da cultura enquanto a desenvolvemos<sup>137</sup>. J. Masson, em 1962, usa a expressão: “Cristianismo inculturado”. Com isto procura dizer que o Cristianismo com o tempo se expandiu pelo mundo e foi tendo contactos com diversas culturas. Às portas do Concílio Vaticano II, em 1959, realizou-se em Louvaina a 29ª semana de missiologia, com o tema: “atualidade da inculturação no contexto tradicional e moderno”<sup>138</sup>.

As visitas efetuadas pelo Santo João Paulo II, no seu pontificado no âmbito pastoral, foram decisivamente uma transformação do ser e agir da Igreja no nosso tempo. Nas diversas viagens pelo mundo o Papa João Paulo II, nunca deixou de falar do respeito e apreço às culturas locais<sup>139</sup>. Deste modo, podemos apresentar o seu pensamento: **«uma fé que não se torna cultura é uma fé que não foi plenamente recebida, não inteiramente pensada, não fielmente vivida»**<sup>140</sup>.

A inculturação do evangelho ou da fé é o processo mediante o qual a Igreja se insere numa determinada cultura. Isto quer por metodologia missionária quer por um processo mais amplo que é o da evangelização. Esta expressão é encontrada pela primeira vez no magistério pontifício, a partir da “**Carta Encíclica Slavorum**”

---

<sup>134</sup> José NUNES, *Pequenas Comunidades Cristãs, o ondjango e a inculturação em África/Angola*, P. 68.

<sup>135</sup> *Ibidem*.

<sup>136</sup> Cfr. Paulino MULAMBA, *O itinerário da Inculturação no Pensamento Teológico Africano*, P.13.

<sup>137</sup> Cfr. *Ibidem*.

<sup>138</sup> Cfr. José NUNES, *Pequenas Comunidades Cristãs, o ondjango e a inculturação em África/Angola*, P. 68.

<sup>139</sup> Cfr. Mário de França MIRANDA, «A Igreja entre a inculturação e a Globalização», in *Revista Igreja e Missão*, P. 279.

<sup>140</sup> *Ibidem*.

**Apostoli**”, que foi tornada pública em 1985<sup>141</sup>. O texto diz claramente o seguinte: « Na obra de evangelização, que eles empreenderam como pioneiros em territórios habitados pelos povos eslavos, encontra-se também um modelo daquilo a que hoje se dá o nome de "inculturação": a encarnação do Evangelho nas culturas autótonas e, ao mesmo tempo, a introdução dessas culturas na vida da Igreja»<sup>142</sup>.

Neste sentido, a Igreja africana é convidada a fazer um esforço no âmbito da inculturação, fazer com que a fé cristã dialogue/penetre no âmago das culturas africanas. O anúncio de Cristo à cultura africana, deve levar à metanoia e koinonia e que seja apresentado ao homem e mulher africanos numa dimensão positiva e atrativa<sup>143</sup>. A África ao falar da inculturação não parte do zero ou do nada. A inculturação encontra seu argumento fundante na Encarnação do Verbo de Deus. Esta é a alma da inculturação da fé, de um Deus que se torna “nosso” Hóspede, entra em contacto com a cultura humana. Numa única palavra, equivale a dizer, a fé cristã entra nas “nossas” culturas e elas por sua vez, são convidadas a entrarem na Igreja. Para uma Igreja que procura ser “adulta” e sem a pretensão de se criar uma “outra Igreja Católica em África” e estando sempre ligada à Igreja Universal, torna-se urgente evangelizar as culturas africanas, purificando alguns elementos negativos<sup>144</sup>.

A inculturação, sendo processo, será uma caminhada longa a ser feita, pela jovem Igreja africana para Jerusalém ao lado do Cordeiro Imaculado que se concretizará no mistério pascal (cfr. Lc. 9, 50-51ss). As culturas africanas se estiverem dispostas para salvar os seus filhos e suas filhas, terão que derramar sangue, sacrificando-se em nome de Cristo e do seu Evangelho (cfr. Mc. 8, 34- 35). Não é que seja impossível ao africano fazer renúncias ou romper com os padrões anticristãos. Mas precisa-se tomar consciência da sua “nova identidade” (cristã) obtida através do Batismo e, seguir para e com Cristo.

Exaltando o espírito missionário e evangélico que norteou os santos Cirilo e Metódio, o Papa João Paulo II, escreveu: «na obra da evangelização que eles empreenderam, como pioneiros em territórios habitados pelos povos eslavos, encontra-se também um modelo daquilo a que hoje se dá o nome de “inculturação” – a encarnação do Evangelho nas culturas autóctones e, ao mesmo tempo, a

---

<sup>141</sup> Cfr. Guido FORMIGONI, «Inculturação», in *Christos, Enciclopédia do Cristianismo*, P.434.

<sup>142</sup> JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica Slavorum Apostoli*, Nº 21.

<sup>143</sup> Cfr. Emmanuel Kuvialeka PAULO, *Teologia da Inculturação*, P.132.

<sup>144</sup> Cfr. *Idem*, P. 133.

introdução dessas culturas na vida da Igreja»<sup>145</sup>. Mas antes, em 1977 através do jesuíta padre Pedro Arrupe, no sínodo dos bispos sobre a catequese se fez ouvir pela primeira vez na linguagem eclesial a expressão inculturação<sup>146</sup>. Na presença de bispos e cardeais, afirma: «a inculturação não é uma adaptação catequética, nem estratégia para mostrar um cristianismo mais atraente. Antes, significa a encarnação da vida e da mensagem cristã numa área cultural concreta de modo que esta experiência se converta num princípio inspirador, normativo e unificante que transforma e recria esta cultura»<sup>147</sup>. E o texto sinodal termina com um ensaio em jeito de definição: a inculturação é um “enraizamento do Evangelho nas culturas humanas”, seja quais forem<sup>148</sup>.

Dentro duma semântica própria, o termo inculturação vem ganhando espaço e até podemos arriscar em termos de ideias dizer que a inculturação pode ser considerada como uma encruzilhada de múltiplos temas e múltiplas reflexões teológicas e consiste na relação existente entre qualquer religião e cultura - no caso religião cristã (culturas tradicionais, primitivas ou modernas, conforme forem denominadas); ecumenismo (diálogo pacífico com outras religiões – diálogo religioso e Igrejas); teologia da missão, a relação da igreja universal com as Igrejas particulares (diocesanas)<sup>149</sup>. O termo cultura no processo humano-histórico foi ganhando vários rostos e sentidos, tais como: cultura moderna, ocidental, culturas antigas, asiáticas ou africanas<sup>150</sup>. Ainda podemos fazer um acréscimo: cultura da paz, cultura do bem-estar, cultura da violência, cultura do medo, enfim, com ou sem cuidado, o termo pode servir para tudo e mais e as vezes, usado abusivamente! Contudo, podemos ter em conta dois conceitos de cultura; basicamente, um mais humanista e o outro ligado às ciências como: a Sociologia, etnologia e antropologia cultural<sup>151</sup>.

a) No primeiro caso, partimos do seu étimo: é um vocábulo que vem do latim – “colere”, depois passa para “cultus”. Este vocábulo aponta para o exercício das capacidades humanas, que pode ser empregue nas letras, no espírito, nas belas

---

<sup>145</sup> Guido FORMIGONI, «Inculturação», in *Christos, Enciclopédia do Cristianismo*, P.434.

<sup>146</sup> Cfr. Tony NEVES, *Angola, Justiça e Paz nas intervenções da Igreja Católica-1989 2002*, PP. 182-183.

<sup>147</sup> *Idem*, P.183.

<sup>148</sup> Cfr. *Ibidem*.

<sup>149</sup> Cfr. José NUNES, *Pequenas Comunidades Cristãs, o ondjango e a inculturação em África/Angola*, P. 63.

<sup>150</sup> Cfr. *Idem*, P. 64.

<sup>151</sup> Cfr. *Ibidem*.

artes, na filosofia e nas ciências<sup>152</sup>. No contexto religioso em que queremos abordar o termo, cultura significa «honrar (culto) a Deus<sup>153</sup>». No entanto, esta noção vista deste prisma apresenta uma dimensão humanista e revela, deste modo, o desejo conquistador da humanidade no plano do conhecimento da natureza, do ser humano como indivíduo e como sociedade, feito na relação de si com o sagrado<sup>154</sup>.

b) Neste segundo enfoque, estamos diante duma cultura estritamente ligada às ciências, como: etnologia e antropologia cultural; ciências, estas que “estudam a diversidade de manifestações do homem nos inúmeros grupos ou comunidades dispersas pelo mundo”. Neste sentido, a cultura passaria a ser «arte de viver de um povo em concreto, nos seus múltiplos aspetos, e tal perspetiva obriga-nos a falar do vocábulo ‘culturas’ já no plural»<sup>155</sup>.

A consciência eclesial surgida do Concílio Vaticano II, reconhece esta dimensão e pluralidades, mas adverte para alguns cuidados a ter em conta: o cuidado com a implantação da vida religiosa nos povos e culturas que, por sua natureza, consagra-se mais intimamente a Deus na Igreja, ao serviço missionário<sup>156</sup>. A Igreja no exercício da sua missão entre os povos de várias culturas e origens, vê-se envolvida num processo de inculturação<sup>157</sup>. A inculturação sendo processo lento, requer muita atenção e tempo: «é que não se trata de mera adaptação exterior, por significar a íntima transformação dos valores culturais autênticos, pela sua integração no cristianismo, e o enraizamento do cristianismo nas várias culturas»<sup>158</sup>.

Com o termo inculturação da fé, queremos marcar as balizas do carácter estrutural que coabitam de modo relacional entre a fé e a cultura. Como ficou expresso nos parágrafos anteriores a este, a fé é algo típico dos seres humanos concretos que vivem num determinado espaço e numa determinada época histórica<sup>159</sup>. Apesar das ambiguidades de que se reveste o termo, é preferível mantê-lo por enquanto.

---

<sup>152</sup> Cfr. José NUNES, *Pequenas Comunidades Cristãs, o ondjango e a inculturação em África/Angola*, P. 65.

<sup>153</sup> *Ibidem*.

<sup>154</sup> Cfr. *Ibidem*.

<sup>155</sup> *Ibidem*.

<sup>156</sup> Cfr. CONCÍLIO VATICANO II - *Ad Gentes*, Nº18.

<sup>157</sup> Cfr. JOÃO PAULO II, *Redemptoris Missio*, Nº52.

<sup>158</sup> *Ibidem*.

<sup>159</sup> Cfr. J. Martínez CORTÉS, «Inculturação da fé», in *Dicionário de Pastoral*, P. 276.

A cultura tradicional africana tem os seus reflexos no elemento religioso e debate-se hoje com o fenómeno da “globalização”, algo intermitente e pouco consistente nas sociedades africanas. Isto porque, o fenómeno da globalização não só se constitui de componentes ou fatores económicos, mas que traz em manga, simultaneamente, elementos culturais positivos e negativos, que não é fácil discerní-los. E neste contexto crucial da vida da Igreja africana (ou melhor, da Igreja católica em África – Angola), marcada por vários desafios e também pela emergente esperança, somos obrigados como Igreja, a repensar a ação missionaria da Igreja, excluindo uma mediação de tipo – cultura globalizada e globalizante, mesmo que, caracterizada pela ambiguidade e constante dependência do poder económico<sup>160</sup>. No estudo do diálogo entre a fé e a cultura (Inculturação), é preciso ter em conta um elemento essencial: encarar a Igreja num determinado contexto, sem desligá-la da comunhão com as demais “Igrejas Locais” (carácter universal da Igreja Católica). Porque de contrário, estaríamos a tentar criar uma Igreja ou eclesiologia de tipo nacional, isolada e separada das outras. Isto na prática, teria repercussões negativas imediatas: rutura da unidade da Igreja católica<sup>161</sup>.

Quer dizer que no encontro salutar das culturas deve haver sempre o respeito de um para com o outro e reconhecimento - humildade de que o “outro” me inspira e enriquece. É a partir desse pensamento onde podemos demarcar a limitação e distinção entre aculturação e inculturação, socialização ou o que se pode chamar por condicionamento cultural. Esta realidade tão basilar, pressupõe uma preexistência de um indivíduo, já definido. Que, como membro da cultura, sente-se chamado a submeter-se às influências da mesma. Entra num insólito esquema pré-estabelecido, formado e até deformante.

Depois de mergulharmos nesta vasta floresta do ser humano, capaz de se abrir ao transcendente, eis-nos agora a terminar esse diálogo entre a fé e a cultura, numa tríplice dimensão:

a) **Enculturação:** é «processo pelo qual uma pessoa é introduzida à sua própria cultura»<sup>162</sup>. Cada ser humano nasce numa cultura e no crescimento vai tomando consciência de si mesmo e do que o envolve. É necessário culturalmente

---

<sup>160</sup> Cfr. Mário de França MIRANDA, «A Igreja entre a inculturação e a Globalização», in *Revista Igreja e Missão*, P. 280.

<sup>161</sup> Cfr. *Ibidem*.

<sup>162</sup> José NUNES, *Pequenas Comunidades Cristãs, o ondjango e a inculturação em África/Angola*, P. 68.

falando, que haja uma entronização do novo membro para melhor se relacionar com a cultura<sup>163</sup>. Em África este processo, rigorosamente é observado, até as vezes por pequenos ritos. Por ex: fazer sair para fora o bebé recém-nascido – “**okupita pondje**” entre os Vanyanekas e entre os ovimbundu: “**okutundisa omõlä possamwa**” – fazer sair a criança para fora e recebe o nome (há um rito próprio); o dar nome a alguém na cultura africana significa perpetuar a raiz genealógica da família; ritos de iniciação nalgumas “culturas e zonas ou regiões”: o **ekwendje (circuncisão para os rapazes) ou efuko/efeko** para as meninas dos 10 anos por diante - são os chamados ritos da iniciação.

b) **Aculturação** – conforme foi abordado anteriormente, a aculturação vem significar: «processo de transformações que se verificam numa pessoa ou grupo pelo contacto com uma cultura que não é a sua ou pela interação de duas ou mais culturas distintas»<sup>164</sup>. Neste contacto de culturas diferentes, podemos acolher pontos positivos que até em certa medida enriquecem-nos e os negativos destroem o tecido cultural recebido por herança dos “benditos” antepassados (entram vícios vindos de fora e provocam uma instabilidade cultural).Hoje mais do que nunca, a consciência africana está instruída de que a cultura que se fecha em si mesma, estará a cavar a sua própria sepultura. Estará condenada ao fracasso e até à morte. Daí, a sua abertura ao mundo para dialogar e caminhar com as demais culturas. Apesar dos riscos que esta interação possa acarretar.

c) **Inculturação:** «significa encarnação da vida e mensagem cristã numa área cultural concreta, de tal modo que esta experiência não só chegue a expressar-se com os elementos próprios da cultura em questão – o que seria só uma adaptação superficial, - mas que se converta num princípio inspirador, normativo e unificante, que transforma e recria esta cultura, dando origem a uma nova criação»<sup>165</sup>. Partindo desse dado, podemos concluir que a inculturação seja uma exigência da fé em Cristo Jesus, Verbo encarnado do Pai e conversão da cultura em Cristo. Como consequência lógica, temos: tudo isto está fundamentado na união entre Cristo – Palavra do Pai e o “humano” do homem, que nessa conexão, vai gerar a cultura<sup>166</sup>.

---

<sup>163</sup> José NUNES, *Pequenas Comunidades Cristãs, o ondjango e a inculturação em África/Angola*, P. 68.

<sup>164</sup> *Ibidem*.

<sup>165</sup> *Idem*, P. 69.

<sup>166</sup> *Cfr. Ibidem*.

## CAPÍTULO II: 524 ANOS DE EVANGELIZAÇÃO EM ANGOLA

A Igreja católica na África Austral, é uma Igreja jovem, volvida ou melhor, mergulhada numa floresta densa de avanços e recuos, certezas e incertezas, face aos novos tempos marcados por guerras, fruto de desentendimentos entre políticos - governantes e gestores da coisa pública; a procura desenfreada de riquezas (sem regras), votando o povo à miséria; ao tribalismo e regionalismo que geram desconfortos e desconfianças entre povos do mesmo país. Nos últimos anos, tem surgido a “corrente” ou “onda” de terrorismo – às vezes organizado dentro ou fora do próprio continente. E a constante e triste realidade da emigração – que às vezes, custa vidas humanas (caso recente: Lampedusa quase trezentas pessoas mortas quando procuravam entrar na Europa). Estamos perante uma Igreja que se constrói a partir de Cristo anunciado e vivido no mistério eucarístico; uma Igreja presente num continente preso na sua própria história de um passado menos colorido, golpeado por um duro processo de escravatura<sup>167</sup> e opressão que por longos séculos viu seus filhos partirem para paragens incertas, para a Europa e sobretudo, para América latina e não só, reduzidos a objetos, uns “vendidos” a preços que só interessavam a supostos “seus donos”! Perceber um povo, não basta viver com ele, mas “ser” com ele! E nisto, temos vários exemplos de missionários e outros europeus que se africanizaram (têm o seu coração na África).

É esta Igreja, a cicatrizar-se dos males do passado e do presente que vamos apresentar. O que tentaremos reportar neste capítulo, é o que a história um dia nos proporcionou que, nem o ser humano nem ela própria (história) conseguirão apagar. O contacto com os outros povos (europeus) e culturas, remete-nos a uma consciência aberta e livre de que o mundo não termina na “minha aldeia”. Foi neste longínquo percurso histórico e no cruzar de dois povos (europeu e africano) que sorriu para o solo africano a semente do Evangelho. Já passam 524 anos desde que Angola teve o primeiro contacto com o Cristianismo. Em 1991 celebrou-se o jubileu

---

<sup>167</sup> A escravatura como tal já existia entre os povos africanos, mas não com rótulo comercial. E até a escravatura poderia ser vista entre os povos africanos como: o poder que os tios (irmãos da mãe) tinham sobre os sobrinhos.

dos 500 anos da Evangelização. Mas antes houve uma preparação para melhor vivência do acontecimento tão importante na vida da Igreja em Angola.

Antes da celebração do **V Centenário da evangelização de Angola**, houve uma preparação de cinco anos, com temas de reflexão, distribuídos pela CEAST, para toda a Igreja angolana. Fazendo menção às palavras do profeta Isaías, que dizia: **“quão formosos são, sobre os montes, os pés do mensageiro que anuncia a paz, que traz a Boa Nova, que apregoa a salvação” (cfr. Is. 52,7)**. Estas palavras proféticas, ditas ontem e com atualidade no nosso hoje, deram início a uma intensa preparação espiritual de um quinquénio (5 anos) para a celebração do **V Centenário** da chegada da “Semente” do Evangelho em Angola<sup>168</sup>. Cumprindo desta feita, o mandato do Senhor, O Ressuscitado do Pai: “Ide pois, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (**Mt. 28,19**). A CEAST, para maior vivência, achou por bem, propor em cada quinquénio um tema que será objeto de estudo e de ação pastoral e que se difunda também, nas celebrações litúrgicas com dimensão comunitária. Assim, temos:

- a) **1987: Evangelização e Batismo;**
- b) **1988: Batismo e Consagração;**
- c) **1989: Batismo e Eucaristia;**
- d) **1990: Batismo e Confirmação;**
- e) **1991: Batismo e Igreja**<sup>169</sup>.

Esta programação mostrou a relevância da evangelização no solo pátrio. Queremos manifestar o espírito eclesiológico e soteriológico, presentes no Concílio Vaticano II. Uma Igreja que se torna sacramento de salvação da humanidade<sup>170</sup>. Uma Igreja que não existe para salvar, não encontrará razão fundamental da sua existência; tudo isto, acontece em atenção à dimensão libertadora do jubileu. Deste modo, não seria séria e verdadeira a nossa adesão ao Evangelho de Cristo Jesus, que por herança recebemos dos nossos irmãos europeus, se este mesmo Evangelho não nos implicasse e não nos tornássemos em verdadeiros arautos e mensageiros da Boa Nova (homens e mulheres com o coração disponível para a missão)<sup>171</sup>. Assim escrevem os Bispos da CEAST: «recordamos uma data tão

---

<sup>168</sup> Cfr. Manuel S. GONÇALVES, *A Igreja em Angola entre a paz e a guerra*, P. 143.

<sup>169</sup> Cfr. *Idem*, P. 145.

<sup>170</sup> Cfr. CONCÍLIO VATICANO II - *Ad Gentes*, Nº 1; *Lumen Gentium*, Nº48.

<sup>171</sup> Cfr. Manuel S. GONÇALVES, *A Igreja em Angola entre a paz e a guerra*, P. 145.

significativa e transcendente da nossa história, o início da **“Evangelização de Angola”**, deve fazer redobrar o nosso esforço em transmitir à geração presente e futura a herança que nos foi legada por tantos obreiros do Evangelho»<sup>172</sup>. A celebração do V Centenário da Evangelização da Angola, deve inspirar-nos para novos voos. É tempo de refletir seriamente sobre **“o Que recebemos”** (Evangelho); **“Como O recebemos”** e como **“O queremos transmitir”**! Reavaliar e projetar a nossa pastoral, face aos desafios de momento. Numa única palavra, queremos dizer que, este esforço abnegado de homens e mulheres – crianças, adolescentes, jovens, adultos e velhos, deve levar-nos a uma Nova Evangelização<sup>173</sup>.

O jubileu tem as suas raízes na Sagrada Escritura e na cultura de um povo concreto, o povo hebreu (Lev. 25,8ss). Devia ser celebrado de 50 a 50 anos. Assim, a 18 de Novembro de 1990, na Igreja de São Paulo, em Luanda, proclamou-se de forma solene o ano jubilar<sup>174</sup>. Tal como para o povo hebreu que celebrava o jubileu com dimensão libertadora, também o “nosso”, tinha esse carácter libertador. Até porque Angola vinha dum guerra atroz que teve fim no ano seguinte (1991). O objetivo era proclamar o «ano da libertação, por forma a realizar o programa de Cristo, que veio anunciar a Boa Nova aos pobres, proclamar a libertação aos cativos, o recobrar da vista aos cegos e mandar em liberdade aos oprimidos»<sup>175</sup> (cfr. Lc. 4,18). Eram tempos difíceis para Angola, porque ainda se faziam ouvir os rumores de canhões que para além de ceifar vidas humanas, também não poupavam o meio ambiente - uma ecologia pulverizada pela pólvora dizimadora. Foi uma data memorável, dada a sua importância. E contou com a presença do Delegado Apostólico de então, todos os Bispos da Conferência Episcopal de Angola e S. Tomé e Príncipe (CEAST), sacerdotes seculares e religiosos, irmãs consagradas de diversas congregações, membros do governo e número considerável de fiéis católicos. Presidiu a celebração Sua Eminência Cardeal D. Alexandre do Nascimento, e foi proclamado o ano jubilar pelo presidente da CEAST, D. Manuel Franklin da Costa, que veio a falecer à entrada para o terceiro milénio<sup>176</sup>.

---

<sup>172</sup> Manuel S.GONÇALVES, *A Igreja em Angola entre a paz e a guerra*, P. 145.

<sup>173</sup> Cfr. *Ibidem*.

<sup>174</sup> Cfr. *Idem*, P. 243.

<sup>175</sup> *Ibidem*.

<sup>176</sup> Cfr. *Ibidem*.

### 1.2.1. BREVE HISTÓRIA – CHEGADA E INSTALAÇÃO DOS PRIMEIROS MISSIONÁRIOS

Neste capítulo vamos procurar apresentar um pouco de história da evangelização de Angola. Foi a 23 de Abril de 1482, que na foz do rio zaire, desembarcara o português Diogo Cão. Que ergueu na foz deste mesmo rio (zaire) um padrão que dizia: **«na era da criação do mundo de 6681 anos, do nascimento de nosso Senhor 1482 anos o mui alto, mui excelente e mui poderoso Príncipe El-Rei D. João II de Portugal, mandou descobrir estas terras e pôr estes padrões por Diogo Cão, escudeiro da sua casa»**<sup>177</sup>. Angola, foi um caso à parte no que concerne à evangelização. Numa primeira fase, não houve imposição. Contrariamente do que aconteceu com os outros povos africanos “negros” ou com as demais Igrejas africanas, sem o conhecimento prévio das autoridades locais.

Em Angola foi por iniciativa do chefe local, Nzinga-a-Nkuvu. A exemplo do que aconteceu com Cornélio: «agora, manda alguns homens a Jope para que tragam um certo Simão, também chamado Pedro» (Act.10,5)<sup>178</sup>. Os primeiros portugueses a pisarem o solo pátrio, foram feitos reféns (marinheiros portugueses) pelo rei do Kongo. Diogo Cão sabendo que os seus compatriotas que enviara ao Rei que vivia na cidade de Mbanza, tinham sido feitos prisioneiros, “apoderou-se” de 4 jovens indígenas que os levou a Portugal para aí serem instruídos humana e cristãmente pelos padres lóios. Receberam o batismo em Lisboa no ano de 1483. A ideia de levar os quatro jovens “bakongos” tem uma consistência na medida que eles (os jovens) postos em Portugal, deviam aprender o português e de volta à Angola pudessem facilitar a comunicação, como tradutores e estabelecer boa relação entre o reino de Portugal e o do Congo<sup>179</sup>. No ano seguinte regressam, postos no Soyo manda um dos 4 jovens ao Rei de Mbanza com presentes em troca dos prisioneiros portugueses e o Rei não resistiu à oferta<sup>180</sup>. Estes quatro jovens angolanos são na história da evangelização de Angola os primeiros cristãos da terra mãe (catequistas). Em 1484, Diogo Cão regressa acompanhado dos quatro jovens

---

<sup>177</sup> Serafim LOURENÇO, *A Missão Espiritana no Sudoeste de Angola*, P.13.

<sup>178</sup> Cfr. Eduardo André MUACA, *Breve História da Evangelização de Angola*, P. 13.

<sup>179</sup> Cfr. Douglas WHEELER e René PÉLISSIER, *História de Angola*, P.59.

<sup>180</sup> Cfr. Eduardo André MUACA, *Breve História da Evangelização de Angola 1491-1991*, P. 13.

angolanos já cristãos. Depois deste regresso quase festivo dos filhos da terra, o Rei do Kongo na sua tradicional diplomacia, envia emissários ao Rei de Portugal, pedindo missionários e artífices. Para o efeito, o Rei de Portugal D. João II, aceita e estes chegam ao Soyo no dia 28 de Março de 1491. Depois de batizado, o príncipe do Kongo passou a chamar-se Manuel<sup>181</sup>.

Esta atitude do Rei Nzinga-a-Nkuvu, de pedir missionários foi seguida pelos seus sucessores: D. Afonso I – Nzinga-ia-Mbemba, que reinou entre os anos 1506 – 1543; Ngola Inene, que reinou em 1557; depois passou o reinado a D. Álvaro II, que reinou de 1587- 1614 e finalmente D. Henrique II falecido em 1580 – esta data apresentada por Eduardo André Muaca é um pouco confusa. Pois lendo a história de Portugal, percebe-se que se trata de D. Henrique I, que alguns autores como podemos observar vão chamar Henrique II<sup>182</sup>. Sendo assim temos: «**Henrique I de Portugal** (Lisboa, 31 de janeiro de 1512 — Almeirim, 31 de janeiro de 1580) foi o décimo-sétimo Rei de Portugal, tendo governado entre 1578 e a sua morte, 1580. Ocasionalmente é chamado de **Dom Henrique II** por alguns autores, em virtude de ser o segundo chefe de Estado de Portugal chamado Henrique, tendo-se em linha de conta o conde D. Henrique, por aqueles, chamado de D. Henrique I. É conhecido pelos cognomes de **o Casto** (devido à sua função eclesiástica, que o impediu de ter descendência legítima); **o Cardeal-Rei** (igualmente por ser eclesiástico) ou **o Eborense I**; **o de Évora** (por ter sido também arcebispo daquela cidade e aí ter passado muito tempo, e inclusivamente fundado a primeira Universidade de Évora, entregue à guarda dos Jesuítas), transformando Évora num pólo cultural importante, acolhendo alguns vultos da cultura de então: Nicolaus Clenardus, André de Resende, Pedro Nunes, António Barbosa, entre outros»<sup>183</sup>.

No tocante às datas, a história por nós estudada, não apresenta uma cronologia sequencial no reinado dos respetivos reis. Desde cedo, vemos a preocupação dos chefes locais. Deste “choque” cultural – isto é, cultura europeia com rótulo do Cristianismo e vice-versa e a africana, temos um dado a reter: **D. António Manuel Nvunda, foi o primeiro embaixador do reino do Congo junto da Santa Sé**, para pedir missionários, diretamente ao Papa<sup>184</sup>. Como se pode

---

<sup>181</sup> Cfr. Eduardo André MUACA, *Breve História da Evangelização de Angola*, P. 13;

<sup>182</sup> Cfr. *Ibidem*.

<sup>183</sup> [http://pt.wikipedia.org/wiki/Henrique\\_I\\_de\\_Portugal](http://pt.wikipedia.org/wiki/Henrique_I_de_Portugal)(8/12/2015: 10:28H)

<sup>184</sup> Cfr. Eduardo André MUACA, *Breve História da Evangelização de Angola*, P. 13;

imaginar as viagens naquele tempo, nada fáceis e dada a essas dificuldades e privações, apesar de ser Rei, mas na condição em que se encontrava de indígena, não tinha privilégios como os outros Reis. D. André Muaca, num tom poético, descreve o sucedido: «três dias depois de desembarcar, partiu da cidade eterna para a vida eterna»<sup>185</sup>. Pode ser considerado “o mártir da misericórdia”. Morre, por amar a Cristo e os seus irmãos destacados em África. A exemplo de Abraão, sentiu o chamamento do Senhor: «sai da tua terra, do meio dos teus parentes e da casa do teu pai, e vai para a terra que Eu te mostrar» (Gn. 12,1ss). Este africano, também partiu, deixando a sua terra e família, sem saber onde ia, porque confiou em Deus que o chamava para libertar os seus irmãos que viviam no paganismo. «Os restos mortais de D. António Manuel Nvunda, cognominado o “Negrita” pelos romanos, sepultado honrosamente na Basílica de Santa Maria Maior, são um hino à fé dos nossos maiores»<sup>186</sup>.

O Reino Ngola, donde deriva o nome “Angola”, antes do contacto com os portugueses nunca teve as dimensões geográficas que hoje tem. Ngola esteve circunscrita geograficamente, a quatro províncias: **Luanda, Bengo, Kuanza – Norte e Malanje**. Os outros espaços foram acrescidos e anexados à medida que os portugueses iam para o interior, conquistando novas terras<sup>187</sup>. Eram terras pouco habitadas, com matas fechadas nalgumas localidades. Para além de ser uma aventura, foi um “atrevimento” muito arriscado, pois alguns europeus perderam a vida no contacto com o “clima e a selva” – atacados por animais ferozes, pouco habituais ou comuns nos seus respetivos países de origem!

A África já foi considerada, num passado tão recente, uma propriedade das potências europeias, sendo que em 1885, na “famosa” conferência de Berlim, os países europeus procuraram fazer a “partilha” ou divisão de África entre si (como se de herança se tratasse), por ter recursos naturais que muito sustentariam as suas indústrias em expansão pelo mundo<sup>188</sup>. Neste sentido a divisão da África foi feita do seguinte modo: Portugal ficou com Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Guiné-Bissau, incluindo Cabo - Verde (dada à sua condição geográfica e não só, tem um estatuto próprio) e no sul estavam destacados os holandeses,

---

<sup>185</sup> Eduardo André MUACA, *Breve História da Evangelização de Angola*, P. 14.

<sup>186</sup> *Ibidem*.

<sup>187</sup> *Cfr. Idem*, P. 22.

<sup>188</sup> *Cfr. Ibidem*.

cognominados Boers (camponeses) e os angolanos de origem holandesa - karkamanos que deriva de kirk Man: homens da Igreja. Os ingleses ocuparam maior parte do solo africano, desde a cidade do Cabo (África do Sul) até ao Egito (Cairo). A seguir, temos a França que anexou ao seu território várias regiões de África. A Bélgica em África ficou só com um território, o Congo belga ou estado livre do Congo, atualmente, República Democrática do Congo. Curiosamente, a Alemanha tinha ocupado várias regiões no sudoeste africano, nomeadamente: a Namíbia, o Togo, o Ruanda, o Burundi e outros territórios que veio a perder no final da primeira guerra mundial: estamos nos anos 1914 -1918<sup>189</sup>. Nesta conferência internacional de Berlim, ficou determinado que cada país ocupante, pudesse garantir a posse das respetivas zonas ocupadas em África segundo a atribuição que lhe foi feita, por meio de indivíduos do país do ocupante – de sua nacionalidade ou escolha<sup>190</sup>.

Reza a história que «em Angola, o sertanejo Silva Porto, assegurou a presença de Portugal do mar até Kuito Bié, onde se suicidou»<sup>191</sup>. Uma longa extensão. Como se pode ver, conhecendo a extensão geográfica deste pedaço de terra, pode dizer-se mesmo que “este europeu” tinha grandes ambições no âmbito da expansão do Reino de Portugal. É uma zona rica, com muitos recursos, desde hídricos, minerais e um solo que permite uma agricultura invejável por qualquer povo trabalhador!

### 1.2.2. CACONDA - A -VELHA, NA HANHA

Este espaço geofísico, foi fundado por João Brás Góis, em 1685. Não há concordância quanto às datas. Existem autores que marcam a data de 1682<sup>192</sup>. A data mais próxima, pode ser a de 1685, por esta, estar dentro do quadro governativo de **João da Silva e Sousa** entre os anos de 1684-1686 como governador- geral<sup>193</sup>. Esta zona foi descoberta pelos comerciantes (chamados pumbeiros) que exploravam o sertão e desembarcaram no local para fazerem a troca de seus

---

<sup>189</sup> Cfr. Eduardo André MUACA, *Breve História da Evangelização de Angola*, P.22

<sup>190</sup> Cfr. *Ibidem*.

<sup>191</sup> *Ibidem*.

<sup>192</sup> Cfr. Manuel Nunes GABRIEL, *Caconda, Berço da Evangelização no Planalto Central de Angola*, P. 9.

<sup>193</sup> Cfr. *Idem*, P. 10.

produtos com os habitantes desta área<sup>194</sup>. Este local distava cerca de 100 km da cidade de Benguela, indo para o interior, nas proximidades com o Bengo, nas cabeceiras do rio Lutila, afluente do rio Cuporolo<sup>195</sup>.

Para quem conhece a atual configuração geográfica de Angola, esta explicação pode parecer confusa e desprovida de verdade. Pois, hoje entre Benguela e Bengo, existe uma vasta extensão territorial, temos uma província ao meio, a do Kuanza-Sul. A explicação tem sentido na medida que, a província em referência, não se punha em causa, por esta, não ter sido fundada na altura que ocorreu a descoberta de Caconda -a- Velha. Este nome **Caconda - a – Velha**, não lhe foi atribuída por ser velha, mas para não confundir com outra terra que tinha o mesmo nome na Província da Huíla. No entanto, esta parcela não teve muita importância; era uma povoação muito apagada e sua gente dispersa. Pelo nome “Hanha”, pode compreender-se que a vida aí não era fácil. Na língua local Hanha, equivale a terra inóspita, insalubre e seca<sup>196</sup>.

### 1.2.3. **CACONDA -A- NOVA**

**O município de Caconda**, pertencente à Província da Huíla, fica no corredor que liga a Huíla à província do Huambo, antiga “Nova Lisboa”. A presença de portugueses nesta zona já se fazia sentir – até porque, havia um presídio e uma paróquia desde o século XVII. Neste sentido, o município em referência, assegurou a presença de Portugal, desde a costa marítima de Benguela até ao centro – sul do País<sup>197</sup>. Serviu de trampolim para se atingir o interior de Angola. Depois deste período de descoberta das terras africanas, sucedeu a ocupação<sup>198</sup>. O mesmo aconteceu com este município de Caconda juntamente com outras parcelas territoriais. A descoberta deste Município foi precedida pela fundação da cidade das “Acácias rubras”- Benguela, por Manuel Cerveira Pereira em 1617. Esta fundação deu grande impulso e motivação aos seus moradores de conhecerem o interior de Angola. Compreenderam que era preciso alargar os horizontes para o interior,

---

<sup>194</sup> Cfr. Manuel Nunes GABRIEL, *Caconda, Berço da Evangelização no Planalto Central de Angola*, P.10.

<sup>195</sup> Cfr. *Ibidem*.

<sup>196</sup> Cfr. *Ibidem*.

<sup>197</sup> Cfr. Eduardo André MUACA, *Breve História da Evangelização de Angola*, P. 22.

<sup>198</sup> Cfr. Manuel Nunes GABRIEL, *Caconda, Berço da Evangelização no Planalto Central de Angola*, P. 9.

estabelecendo novas povoações e pontos de referência estratégicos para as descobertas posteriores (refúgios, defesas contra as possíveis guerras)<sup>199</sup>.

Para compreendermos o contexto da evangelização no planalto sul de Angola, vamos fazer uma referência, mais uma vez, a este “presídio” de Caconda, assim designado na era colonial e contava nesta altura com uma Paróquia, situada no centro do município atualmente<sup>200</sup>. Este presídio, distava da antiga ou da Velha (Caconda) 150 quilómetros e 250 a 300 quilómetros da cidade de Benguela<sup>201</sup>. Neste texto se pode depreender a atitude humanista do governador-geral. Precisamente, quando dava instruções e recomendações a Sousa Coutinho, primeiro capitão-mor, que se havia estabelecido na localidade de Catala: «tratar os indígenas com justiça e benignidade e o cuidado a dispensar à agricultura, que era necessário desenvolver»<sup>202</sup>.

Caconda começa a ganhar vida nos limiares de 1769. A partir desta data, foi tendo diversos nomes como: **Linhares** e mais tarde, **Contins**. Estes nomes com o tempo foram caindo, subsistindo o de Caconda, do antigo presídio de Hanha. O povo é acolhedor e tem uma expressão típica: «**não temais desvios nem rodeios, vós, gentes que me demandais, que eu aqui estou para vos acolher**»<sup>203</sup>. Este presídio, geograficamente, está situado num planalto, com uma altitude de 1.600 metros de altura. Caconda provém de “ekonda” a picadela que se aplica a uma árvore, a perfuração que se faz criando pequenas ou longas cavidades e podem ser usadas para trepar uma árvore; “rodeios”, “golpes”, para assinalar degraus<sup>204</sup>.

O tráfico negreiro de escravos era um negócio praticado não só por brancos europeus como também por mestiços e negros que tinham já uma certa evolução. Só para dar um exemplo quanto à esta afirmação, temos Mons. Keiling que faz um relato sobre a derrota das coligações que eram feitas pelos sobas (chefes ou autoridades tradicionais) contra o presídio de Caconda -a- Velha. Destas lutas sucedeu a rendição do soba de Galangui, declarando-se vassalo de Portugal<sup>205</sup>. Depois da rendição deste, a sua filha de nome **Tchilombo**, foi para a região de Benguela e ali, tinha sido educada. Tempos depois, casou-se ou se “juntou” a um

---

<sup>199</sup> Cfr. Manuel Nunes GABRIEL, *Caconda, Berço da Evangelização no Planalto Central de Angola*, P. 9.

<sup>200</sup> Cfr. Eduardo André MUACA, *Breve História da Evangelização de Angola*, P. 22.

<sup>201</sup> Cfr. Manuel Nunes GABRIEL, *Caconda, Berço da Evangelização no Planalto Central de Angola*, P. 10.

<sup>202</sup> *Idem*. PP. 10-11.

<sup>203</sup> *Idem*, P. 11.

<sup>204</sup> Cfr. *Ibidem*.

<sup>205</sup> Cfr. *Idem*, P. 12.

comerciante abastado. E desta convivência ou relação surgiu uma vida que lhe deu o nome de **Maria Caconda** (homenagem às suas origens). Com o tempo, ela entende voltar à sua terra, juntamente com a filha, na caravana seguiram vários brancos, mestiços e pretos ou nativos, que se espalharam pelas terras de Caconda. A atividade dos novos habitantes, era o tráfico e comércio de escravos<sup>206</sup>. Curiosamente, Tchilombo foi instalar-se na povoação de Catala e aí, o capitão-mor, Sousa Coutinho, mandou erguer a nova povoação e o presídio de Caconda. Administrativamente, Tchilombo, mulher nativa, o seu nome aparece associado à fundação da nova povoação – Caconda por delegação de Sousa Coutinho. Era uma surpresa a presença feminina nas lides governamentais do tempo. Os outros recém-chegados, movidos pelo lucro da venda de “seres humanos”, espalharam-se para outras áreas e fizeram com que surgisse as povoações de: **Vissapa, Chimundo e Bandeira**. As fundadoras destas povoações também foram mulheres, as duas primas: Antónia de Sousa Menezes Cadaval e Florência Cadaval<sup>207</sup>

A pesquisa minuciosa que foi feita, não associa diretamente o nome de “Tchilombo” ao tráfico negreiro, mas detendo-se no parágrafo anterior a este, podemos associar “este nome” à venda ou facilitadora da venda de escravos. Pelo aparente poder que lhe fora dada a nível administrativa. Aliás, era a prática comum do tempo. E como filha da terra, os estudos realizados nos tempos que correm, ela perde o prestígio, a exemplo da dona Joaquina de Luanda, que deu nome ao palácio da Assembleia nacional, que tem merecido muitas críticas e corre-se o risco de se retirar o nome a esta “casa das leis”. Sem desprezar a história, em Angola começa-se, a se refletir sobre um patriotismo nacional que, procura colocar de lado todas as atitudes negativas do passado, procurando projetar e libertar o homem e a mulher dos nossos tempos. Contudo, a primeira evangelização aparece com os missionários **Dominicanos e Franciscanos em 1491**<sup>208</sup>. Sem esquecer a obra dos jesuítas (na educação - formação do homem) e os Carmelitas descalços, que também escreveram seus nomes nos anais da história da Igreja Católica em Angola.

---

<sup>206</sup> Cfr. Manuel Nunes GABRIEL, *Caconda, Berço da Evangelização no Planalto Central de Angola*, P. 12.

<sup>207</sup> Cfr. *Ibidem*.

<sup>208</sup> Cfr. Serafim LOURENÇO, *A Missão Espiritana no Sudoeste de Angola*, P. 13.

#### 1.2.4. ETAPAS DA EVANGELIZAÇÃO DE ANGOLA

Vamos desenvolver os três momentos importantíssimos no processo complexo da Evangelização de Angola. Nem tudo foi um “mar de rosas”, houve sempre avanços e recuos. Hoje, fazendo uma análise mais profunda da realidade, os obstáculos encontrados e surgidos, parecem não serem muito encorajadores. Passamos a citar alguns: restrições e pressões a que o missionário estava submetido, fruto da mentalidade do tempo – conceção antropológica do “humano negro”; a diferenciação cultural; a adaptação ao clima; o aparecimento de doenças que se desconheciam na Europa; a falta quase do essencial para vida (sem meios de subsistência); comunicação inexistente, a questão da língua como veículo para a aproximação de culturas e povos distintos<sup>209</sup>. Também, não devemos perder de vista a reação dos encontrados que, às vezes era de forma pacífica – que se transformava numa subjugação incalculável. E às vezes, de forma violenta. O próprio excesso de zelo missionário - mal esclarecido, e até uma certa impreparação, transparecendo certo simplismo teológico. Tudo isto, esteve na base das dificuldades.

O primeiro momento do encontro entre os dois povos com culturas diferentes, apesar da estranheza missão, foi positivo, havia vontade das duas partes, a que anuncia Cristo e a que recebe. Com isto, queremos destacar os momentos fortes que marcaram o anúncio do kériqma ao povo angolano, mormente, entre os “bakongos” – **os primeiros cristãos de Angola**, que numa primeira fase não foram forçados para aderir a Cristo, pois a partir da convivência com os portugueses, tinham percebido o mistério insondável do Deus do amor que, fez do madeiro da Cruz, o sinal da conversão e transformação profunda da humanidade crente. Passamos a citar as etapas ou períodos correspondentes à Evangelização de Angola:

---

<sup>209</sup> Jerónimo KAHINGA, «A dificuldade do missionário frente a uma cultura estranha», in *V Centenário da Evangelização de Angola*, P. 25.

### a) Primeira etapa: 1491- 1834

Nesta fase não queremos deixar para o esquecimento eterno, o que alguns historiadores, chamariam de pré evangelização de Angola<sup>210</sup>. Foi quase uma década (9 anos) enterrada ingloriamente. O primeiro grupo de missionários partiu de Lisboa a 19 de Dezembro de 1490. Na ordem de chegada não se sabe ao certo qual foi a primeira Congregação ou Ordem religiosa a escalar Angola (entre Dominicanos, Franciscanos e Jesuítas).<sup>211</sup> Este foi o primeiro contacto com os portugueses que, a 23 de Abril de 1482, desembarcaram na foz rio do zaire<sup>212</sup>. Chefiados por Gançalo de Sousa. Esta comitiva integrava também os 4 jovens bakongos, mandatados pelo Rei Nzinga-a-Nkuvu, e era dirigida por Caçuta que após o Batismo, recebeu o nome de D. João da Silva.<sup>213</sup> Curiosamente, o grande rio que hoje chamamos Zaire e que também dá nome à província do Zaire, antigamente era chamado “rio Nzadi” que o navegador português, Diogo Cão, natural de Trás-os Montes, escalou para atingir o Reino do Ngola e batizou-o pelo nome de Zaire<sup>214</sup>. Apesar de não ser considerada como uma evangelização sistematizada, podemos compreender que os europeus que ali desembarcaram, para além da sua cultura, traziam consigo uma outra “cultura, a cristã”. Aliás, os estudiosos apresentam três motivos que moveram os portugueses a escalar a costa africana<sup>215</sup>:

- ❖ **Motivos Económicos:** exploração das riquezas encontradas em territórios ora, descobertos;
- ❖ **Motivos Políticos:** extensão do Império português ou dilatação do Reino;
- ❖ **Motivos Religiosos:** dilatação da fé cristã entre os povos africanos.

Altereí a ordem sugerida pelo nosso autor, D. Eduardo André Muaca, pelo simples facto: D. Eduardo André Muaca no seu livro “*Breve História da Evangelização de Angola*” na página 34, dá a entender o que motivou Portugal a chegar à África: «desde que os portugueses começaram a sulcar “mares nunca dantes navegados” dando “novos mundos ao mundo” a sua principal preocupação

<sup>210</sup> Cfr. Eduardo André MUACA, *Breve História da Evangelização de Angola*, P. 27.

<sup>211</sup> Cfr. *Idem*, P. 39.

<sup>212</sup> Cfr. Serafim LOURENÇO, *A Missão Espiritana no Sudoeste de Angola*, P.13.

<sup>213</sup> Cfr. Eduardo André MUACA, *Breve História da Evangelização de Angola*, P. 39.

<sup>214</sup> Cfr. *Idem*, P. 27.

<sup>215</sup> Cfr. *Idem*, P. 30.

era descobrir o caminho marítimo para a Índia a fim de desviar de Veneza – Itália para Lisboa os **produtos comerciáveis** que iam do Oriente para a Europa»<sup>216</sup>. Neste sentido, a África aparece no caminho de Portugal, como um “acidente” de percurso. E se me perguntam se esse famoso acidente de percurso, valeu a pena ou não, eu remeteria à consideração dos mais críticos da história humana e àqueles que ao longo dos 5 séculos tiveram proveito direto (dos dois povos).

Na colocação atual da problemática sobre a primazia entre os três motivos, os historiadores não encontram consenso. E preferimos ficar com o equilíbrio marcado pelo historiador, padre Miguel de Oliveira, quando diz: «é certo, no entanto, que o eclesiástico e o político estiveram inseparavelmente unidos e a Igreja e o Estado se prestaram mútuo auxílio»<sup>217</sup>.

Os primeiros missionários vindos das “terras de Camões”, pisaram pela primeira vez a terra africana, a 29 de Março de 1491, na véspera da Páscoa<sup>218</sup>. Foi um momento ímpar na história dos dois povos. E este processo de instalar – se evangelizando, desencadeou-se até ao ano 1834<sup>219</sup>. Período considerado como o do florescimento missionário, pelas seguintes notas: «zelo da parte do missionário; entusiasmo da parte do rei do Congo e dos súbitos em abraçar a fé; cristianização dos reinos do Congo e de Angola»<sup>220</sup>.

Apesar da incerteza histórica, na primeira Evangelização de Angola, destacamos a obra dos missionários **Dominicanos; os Cónegos seculares de S. João Evangelista ou simplesmente os padres Lóios – assim conhecidos e chamados; Franciscanos Terciários; Carmelitas e Jesuítas**. Mais tarde seguiram os **Capuchinhos, os Sacerdotes diocesanos de Portugal e os do Congo**<sup>221</sup>. Para além das ordens religiosas já mencionadas (Dominicanas e Franciscanas em 1491), a seguir temos a Companhia de Jesus, que volvidos 8 anos, após a sua aprovação pelo Papa Paulo III, em 1540<sup>222</sup> chega a Angola em 1548. Que a pedido do rei do Congo D. Diogo I. Que por sinal era de linhagem do venerável Rei D. Afonso (neto do Rei D. Afonso), envia como seu embaixador em 1547, o padre Diogo Gomes, sacerdote de boa reputação, ao rei de Portugal a pedir missionários. Este, por sua

---

<sup>216</sup> Eduardo André MUACA, *Breve História da Evangelização de Angola*, P. 34.

<sup>217</sup> *Ibidem*.

<sup>218</sup> Cfr. *Ibidem*.

<sup>219</sup> Cfr. *Idem*, P. 27.

<sup>220</sup> *Ibidem*.

<sup>221</sup> Cfr. *Idem*, P.44.

<sup>222</sup> Cfr. Manuel Nunes GABRIEL, *Os Jesuítas, na Primeira Evangelização de Angola*, P. 5.

vez, convoca o superior Provincial da Companhia de Jesus, o padre Simão Rodrigues, e pede-lhe que envie missionários para Angola. Quando fez passar a notícia à comunidade, como rezam os escritos de D. Manuel Nunes Gabriel, muitos se ofereceram para esta nova missão e desafio ao mesmo tempo. Mas, só foram enviados quatro missionários que, viriam a embarcar em finais de Setembro de 1547. Aportaram a costa marítima do Pinda, a 18 de Março do ano seguinte (1548). Importa mencioná-los: **padres: Jorge Vaz; Cristóvão Ribeiro; Jácome Dias e o escolástico Diogo de Soveral**. Todos eles ainda com aquele ardor missionário, pois, tinham professado há pouco tempo<sup>223</sup>. «Ali ficaram alguns dias até partirem para Mbanza-Congo, “capital do País”, aonde chegaram na festa de Pentecostes»<sup>224</sup>. Assim que desembarcaram, foram recebidos como mandam as regras africanas (boa receção) entre aplausos e manifestações de regozijo. O povo africano reconhecia nos missionários, a presença de Deus no seu meio. O Rei cheio de alegria e de esperança os “esperava” às portas da cidade e diz a história que tinha a mão direita apoiada numa cruz<sup>225</sup>. É como se fosse um báculo nas mãos de um pastor!

Ser cristão, receber os sacramentos e escutar a Palavra de Deus sem nenhum compromisso, pessoal e comunitário, até “todos” podem sê-lo! Com estas palavras queremos sublinhar os pontos de confronto entre a Palavra de Deus e os usos e costumes do povo, não importa, qual seja o povo. Neste âmbito, para o povo africano, especificamente, o angolano, não era difícil levá-lo a acreditar na doutrina do Evangelho. O difícil vinha da confrontação do que é recebido com a realidade habitual. Pôr em prática o que se aprendeu<sup>226</sup>!

Neste mesmo período surgiu um constrangimento, o que D. Eduardo André Muaca, vai considerar por “agonia da atividade missionária”<sup>227</sup> (1834 - 1873). Não foi fácil superar este momento duro e também de prova em que a Igreja foi submetida. Por ordem do ministro português, Joaquim António de Aguiar, os religiosos que se encontravam no desempenho das suas atividades evangelizadoras, foram expulsos de Angola e houve como se podia esperar um verdadeiro abandono das missões ora fundadas. Com esta ordem, foram fechadas as Prefeituras Apostólicas da região do

---

<sup>223</sup> Cfr. Manuel Nunes GABRIEL, *Os Jesuítas, na Primeira Evangelização de Angola*, P. 9.

<sup>224</sup> *Idem*, P. 10.

<sup>225</sup> Cfr. *Ibidem*.

<sup>226</sup> Cfr. *Ibidem*.

<sup>227</sup> Cfr. Eduardo André MUACA, *Breve História da Evangelização de Angola*, P. 27.

Congo e de Matamba. Com efeito, a presença religiosa ficou reduzida simplesmente à Cúria Diocesana<sup>228</sup>. O motivo da expulsão dos monges e a suspensão da atividade missionária, é desconhecido e não vem exposto nos documentos consultados. A única fonte de que dispomos, relata em parte um mal-estar que se criou entre os missionários, o povo, o rei do Congo e o próprio governo português. Assim escrevia o padre Cristóvão Ribeiro: **«é tão mau o estado moral desta terra e tamanha a corrupção dos indígenas e estrangeiros que me enche de profunda compaixão este lastimoso espetáculo»**<sup>229</sup>.

Pode pensar-se que tenha havido “choques” entre os interesses religiosos e os políticos, estes últimos, interessados mais na expansão do reino de Portugal e no comércio de “escravos”, que na expansão do Evangelho! O clima ficou ainda mais tenso quando os padres diziam nos púlpitos os pecados públicos do povo. O povo reagiu com ofensas contra os missionários. Até que um dia o próprio rei repreendeu um sacerdote que o mandou descer do púlpito<sup>230</sup>. Neste processo de venda de seres humanos, tratados e comparados a objetos, também estavam metidos alguns sacerdotes uns por carência material e sem apoio para a sobrevivência e outros corromperam-se moralmente e aliaram-se aos “criminosos históricos” que, assim entravam em cena. Os dois padres da Companhia de Jesus depois de duramente repreendidos, foram afastados da mesma ordem. Quanto ao padre Jácome Dias, foi-lhe proibido severamente de dizer que fez parte dessa Companhia e devolvido à sua terra natal. O outro era o padre Cristóvão Ribeiro, que depois de sair de Angola foi para S. Tomé, e lá continuou com o “negócio desonesto”. Reza a história que o padre Diogo Gomes que se convertera na nova Ordem e passou a chamar-se Cornélio, encarregado pela mesma, foi até S. Tomé e mandou prender o padre Cristóvão Ribeiro, confiscando-lhe seus bens, que os doou à Misericórdia de S. Tomé. Este por sua vez, mostrou-se arrependido e foi reencaminhado para Portugal sob prisão, mas com recomendação dura: a de não perdão! Atestam os documentos que este sacerdote jesuíta, foi recebido cordialmente pelos irmãos da sua ordem e um tempo depois mandado para a sua terra e afastado da Companhia de Jesus<sup>231</sup>. Estes foram alguns dos maus exemplos de um Cristianismo que por algum tempo se abeirou ao poder colonial com pendor escravagista.

---

<sup>228</sup> Cfr. Eduardo André MUACA, *Breve História da Evangelização de Angola*, P. 27.

<sup>229</sup> Manuel Nunes GABRIEL, *Os Jesuítas, na Primeira Evangelização de Angola*, P.10.

<sup>230</sup> Cfr. *Ibidem*.

<sup>231</sup> Cfr. *Idem*, P.11.

## b) Segunda etapa da evangelização de Angola (1865-1975)

Na segunda fase ou etapa, começamos por citar uma frase reflexiva de um angolano – José de Fontes Pereira (1882), nascido em Luanda, mas de pais portugueses: «**O que é que Angola ganhou com o domínio português? Uma escravatura sinistra, desprezo e a mais completa ignorância! E até o governo fez tudo o que pôde para humilhar e aviltar os filhos desta terra que possuem as qualificações necessárias ao desenvolvimento... Que civilizador, e quão português<sup>232</sup>!**» Este bombástico editorial, foi recolhido a partir do jornal português publicado em Luanda a 8 de Abril de 1882. Sem a censura que deveria merecer da parte do governo (que era uma monarquia constitucional liberal) parecia desmentir a atitude e resposta dada por portugueses acríticos internos e externos, que tivessem sido eles, a trazer a civilização e o progresso à “terra negra” - África<sup>233</sup>. Como se pode ver, já houve nesta época um clima não muito favorável e aumentava a tensão entre Portugal e Angola.

A situação político-religiosa começa a degradar-se com maior notoriedade, a partir dos meados do século XIX. Isto teve grandes repercussões na vida religiosa, pois, durante cerca **de 26 anos a Sé ficou vacante**, num período que se compreende entre 1826-1852. Era uma vida difícil não de descrever, mas também para se viver, face a várias dificuldades. Faltava quase tudo, desde o pessoal missionário até os meios de subsistência. O recém-chegado, **Bispo D. Joaquim de Moreira Reis**, sente-se desanimado e desafiado pelo mau estado da Diocese. Demorou apenas três anos<sup>234</sup>. Apesar de seu curto espaço do governo episcopal, reconhecemos-lhe o esforço e vontade de expansão do Reino de Deus, que passava pela formação de ministros locais. Procurar valorizar os indígenas (africanos ou nativos), dando-lhes formação. Foi exatamente, nesta curta passagem que o governo português criou o Seminário de Luanda, que veio ser oficializado e abrir, dez anos mais tarde<sup>235</sup>.

---

<sup>232</sup> Douglas WHEELER e René PÉLISSIER, *História de Angola*, P.135.

<sup>233</sup> Cfr. *Ibidem*.

<sup>234</sup> Cfr. Eduardo André MUACA, *Breve História da Evangelização de Angola 1491-1991*, P. 45.

<sup>235</sup> Cfr. *Ibidem*.

Os missionários das duas primeiras fases da Evangelização de Angola, podem ser considerados “**Mártires**” ou simplesmente: os “**Heróis da fé**”<sup>236</sup>. Podemos sublinhar a relação da Diocese portuguesa de Santarém com a do Congo/Angola: «D. Manuel de Santa Rita Barros, novo Bispo, trouxe consigo de Portugal alguns sacerdotes para o seminário e 12 seminaristas já adiantados do seminário de Santarém»<sup>237</sup>. A doença não poupou estes “Heróis da fé” que quatro meses depois da sua chegada, foram atingidos mortalmente pela **febre-amarela** – doença que predominava a região (morreram o Bispo, alguns sacerdotes e 4 seminaristas)<sup>238</sup>.

A vida missionária começa a recompor-se com a chegada dos missionários do Espírito Santo, no episcopado de D. José Lino de Oliveira. A localidade de Ambriz, foi a terra angolana a acolher os primeiros missionários **franceses da Congregação do Espírito Santo**. Que na altura, já tinham conhecido a África, tinham missões no Gabão. Depois de quase fracassada a missão dos capuchinhos italianos que no século anterior ao da chegada dos Espiritanos em Angola, que tinham missionado o Congo; chegou a vez dos missionários franceses a estender a sua missão em terras do Congo/Angola. Desta forma, imploraram à Congregação da Propaganda da fé que lhes concedesse a missão do Congo nas mesmas condições que os missionários Capuchinhos haviam trabalhado. A Congregação da propaganda da fé, para evitar choques com os Capuchinhos, procurou dialogar com o superior destes que, por sua vez, prontamente respondeu que tinha pouco pessoal para manter a antiga missão do Congo e atendendo ao pedido do Superior Geral dos Espiritanos, passou a então “Missão dos Capuchinhos” a Espiritanos<sup>239</sup>. O mês de Março tem uma importância muito singular no processo da Evangelização de Angola, talvez por ser o mês que transporta a esperança com o céu azul e a natureza verdejante, respirando vida. Foi no terceiro mês do calendário gregoriano, que chegou a “Evangelização”. Assim a 28 de Janeiro de 1866, saía de Paris, o primeiro grupo, que discretamente passou por Lisboa e chegou a Ambriz a 14 de Março de 1866<sup>240</sup>.

---

<sup>236</sup> **Mártires ou Heróis da fé**, não pela vida exemplar ou santidade de vida, porque muitos não a tiveram, porque corrompidos e viciados pelo negócio fácil de tráfico de escravos, mas por responderem ao mandato missionário de evangelizar, batizando Aqueles que aderiam à fé (Mt.28,19).

<sup>237</sup> Eduardo André MUACA, *Breve História da Evangelização de Angola 1491-1991*, p. 45.

<sup>238</sup> Cfr. *Ibidem*.

<sup>239</sup> Cfr. *Idem*, pp. 45-46.

<sup>240</sup> Cfr. *Idem*, p. 47.

A considerada segunda Evangelização de Angola, passa a ser a fase mais decisiva e crucial na história deste povo. Pois, tinha desaparecido a prática da cristandade da primeira Evangelização. Não porque não fora relevante, mas porque o povo experimentava um novo momento, o da sua identidade cultural e procurava firmar-se como Estado autónomo e de direito. Houve alguns núcleos de cristãos portugueses e angolanos nas seguintes cidades: Luanda, Benguela, Ambriz e Huíla<sup>241</sup>.

Em finais 1975, Angola se viu livre da ocupação estrangeira de Portugal. Infelizmente, o mesmo povo que lutou, derramando seu sangue para se ver livre do poder colonial português, após 14 anos de luta e reconquista (1961-1975), de novo se vê mergulhado na nuvem obscura do desentendimento entre os próprios angolanos que chefiavam os partidos políticos que na altura lutavam pela independência nacional (MPLA, FNLA e UNITA), fruto de Portugal, juntamente com os três partidos africanos não ter criado condições consistentes para um verdadeiro governo de transição e entregar pacificamente o país que ocupara há mais de 5 séculos. O golpe militar ocorrido em Portugal a 25 de Abril de 1974, devido às complexas consequências que o mesmo acarretava (políticas e também económicas), teve um profundo impacto na antiga colónia (Angola). Há três aspetos importantes que a história angolana nunca deve prescindir:

1º Liderança portuguesa dividida quanto à situação real das ex-colónias. Emergia uma pergunta: que políticas a adotar? Falta de consenso político. O então indigitado presidente da República o General António de Spínola, defendia a continuidade de um governo/império federado. Mas, os oficiais mais jovens optavam pela independência de todas as colónias<sup>242</sup>. Mais um problema se levantava e achamos ser de capital importância: «a questão essencial era saber se haveria ou não lugar à realização de um referendo popular nas colónias para votar nos partidos aptos a assumir o poder, e qual o momento oportuno para a consumação da independência»<sup>243</sup>.

---

<sup>241</sup> Cfr. Eduardo André MUACA, *Breve História da Evangelização de Angola*, P.28.

<sup>242</sup> Cfr. Douglas WHEELER e René PÉLISSIER, *História de Angola*, P. 358.

<sup>243</sup> *Ibidem*.

2º Os militares que se encontravam em Angola estavam impacientes, face à situação de insegurança que se vivia. Esta atitude contribuiu fortemente para o processo complexo da descolonização.

3º Este terceiro aspeto, estava associado ao segundo, a diferença era mínima. Por este, incluir até os civis ou o resto de colonos que quase tinha as malas feitas para Portugal<sup>244</sup>. Aliou-se também o grupo de outros estrangeiros que, incluía «o pessoal especializado dos sectores da administração, dos serviços técnicos, da agricultura, da indústria e da exploração mineira»<sup>245</sup>. Como se pode ver, foi uma grande sangria que, com a retirada desses quadros todos, o “país quase parava”! Com demissão de António de Spínola no Outono de 1974, subiu para o cargo o general mais radical – Costa Gomes. Foi por intermédio dele que se assinou o acordo de cessar-fogo com o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) e criar mecanismos sérios para a independência de Angola. Depois de alguns meses de negociações, caracterizados por intermitência entre os três partidos com índole nacionalista (contando já com a Unita), chegou-se ao acordo de Alvor (sul de Portugal) de 15 de Janeiro de 1975. Este acordo previa/estabelecia um governo de transição e uma data para a independência: 11 de Novembro do mesmo ano. Este acordo ora assinado, trazia grandes esperanças para o povo angolano<sup>246</sup>.

Assim atestam os documentos consultados que o “**Acordo de Alvor**” «representava um conjunto de compromissos abertos ao debate e uma forte determinação em impor a paz durante o período de transição para a independência, que era mais longo do que no caso das outras ex-colónias. Ainda se pode ler no mesmo acordo que, o alto-comissário português permanecia dotado de plenos poderes em Angola até à independência»<sup>247</sup>. Parte crucial e que se pode compreender como lacuna do acordo: faltou estabelecer um Conselho de Defesa Nacional e um exército representativo de angolanos unificados. Uma leitura atenta aos acontecimentos sucedidos na altura, leva-nos a apontar para o “fracasso” do acordo de Alvor: «Impotência de Portugal para fazer cumprir o Acordo de Alvor, bem como à hostilidade mútua dos partidos nacionalistas africanos e à sua incapacidade de assumir a responsabilidade pela segurança em várias áreas em disputa, incluindo

---

<sup>244</sup> Cfr. Douglas WHEELER e René PÉLISSIER, *História de Angola*, P. 358.

<sup>245</sup> *Idem*, P. 359.

<sup>246</sup> Cfr. *Ibidem*.

<sup>247</sup> *Ibidem*.

Luanda»<sup>248</sup>. Lawrence Henderson, afirmou apontando para os três partidos (UNITA, MPLA e FNLA) que teriam faltado três tipos de responsabilidades: «fornecer pessoal para o Governo de Transição; Organizar campanhas políticas; e assumir funções administrativas, judiciais e policiais. Incapacidade das Forças Armadas portuguesas para manter a paz»<sup>249</sup>. Esta responsabilidade acarretava maiores riscos, pôr em funcionamento tudo que se viveu em Alvor.

Foi no dia 11 de Novembro de 1975 que o povo de forma eufórica sorriu, mas desta vez, em poucos segundos. A independência de qualquer povo é algo “sagrado”; aliás, a própria a morte e ressurreição de Jesus, O Cristo do Pai, é um gesto/sinal indelével impresso na consciência cristã da humanidade, enquanto libertação de tudo: da miséria, do pecado, do sofrimento, da dor, da corrupção da mente, da ignorância, da doença, enfim. Libertar o ser humano aqui equivale a salvá-lo. Desta feita, citamos o profeta Jeremias que dizia: **«se saio para o campo, lá estão os trespassados pela espada; se entro na cidade, lá está o horror da fome. Tanto o profeta como o sacerdote percorrem o país, e não sabem o que fazer. Senhor, será que rejeitaste completamente Judá? Será que sentes nojo de Sião? Porque nos feriste, sem que haja quem nos cure? Esperávamos a paz, e nada de bom acontece; esperávamos o tempo de salvação e só vemos angústia. Reconhecemos Senhor, a nossa culpa e a culpa dos nossos antepassados: nós pecámos contra Ti» (Jer.14,18-20).**

Por conseguinte, a segunda Etapa deste processo de evangelização começa em 1865, altura em que os missionários da Congregação do Espírito Santo, aceitam evangelizar ou reevangelizar o reino do Congo, coadjuvando os Capuchinhos que no momento contavam com pouco pessoal<sup>250</sup>. Com a presença espiritana em Angola, quebrou-se o quadro intermitente da evangelização e passou-se para uma evangelização mais ativa que não se circunscrevia só em tornar os africanos cristãos por meio do Batismo, mas procurou-se em **formar a consciência cristã do povo, formando o clero local, abrindo escolas para catequistas; magistérios primários, escolas de artes e ofícios, colégios e hospitais.** Era uma verdadeira intenção de devolver a dignidade ao africano que lhe foi negada ao longo da sua história.

---

<sup>248</sup> Douglas WHEELER e René PÉLISSIER, *História de Angola*, P. 359.

<sup>249</sup> *Idem*, PP. 359.510.

<sup>250</sup> Cfr. Eduardo André MUACA, *Breve História da Evangelização de Angola*, P.28.

A evangelização é obra do Espírito Santo e sendo um processo, deve contar com todos. Desta feita, apresentamos algumas fundações que se empenharam nesta árdua missão: Ordens femininas: **Irmãs de José de Cluny em Lândana, Irmãs Franciscanas Hospitaleiras – hoje chamadas Franciscanas de Nossa Senhora da Conceição. Em 1907 chegaram a S. Salvador (Mbanza Congo), as irmãs Franciscanas Missionárias de Maria; Irmãs do Santíssimo Salvador; Santa Doroteia; Companhia de Santa Teresa; Mercedárias da Caridade, Reparadoras do Sagrado Coração de Jesus**, etc. Ordens masculinas: **Ordem de S. Bento – Luena (1933); Ordem dos Frades Menores Capuchinhos (1948) e A Sociedade Missionária de Nossa Senhora de La Salette**<sup>251</sup>. Etc.

### c) **Terceira etapa da evangelização: de Fevereiro de 1975 até hoje**

A última Etapa da evangelização de Angola, foi marcada por uma guerra fratricida que para além de ceifar vidas humanas, não poupou as estruturas sociais e eclesiais (Igrejas, escolas, hospitais, vias de acesso, etc) minas colocadas ou semeadas em quase todo o território nacional, enfim, foi um período difícil. Esta Etapa começa com a criação da Delegação Apostólica pela santa Sé (o Papa Paulo VI em Fevereiro de 1975). Tinha-se começado uma nova era: uma Igreja com rosto próprio: aumento do número de Bispos angolanos; surgimento em massa de vocações consagradas e sacerdotais; uma população em número e qualidade consideráveis; Agentes ativos da Evangelização – sacerdotes, Religiosas, Religiosos e Catequistas autóctones<sup>252</sup>.

- Nesta breve pesquisa, olhando para os novos desafios que a Igreja Católica em Angola enfrenta e se confronta, pessoalmente acrescia, como proposta, a estas três Etapas da Evangelização de Angola – **“Uma Quarta Etapa”** que começaria em Fevereiro de 2002, até hoje. Porque desta data? Foi precisamente em Fevereiro de 2002 que Angola alcançou a paz através do “Memorandum de Entendimento”, assinado entre os beligerantes: MPLA e UNITA (Acordo militar de 4 de Abril de 2002) com a morte do Dr. Jonas Malheiro Savimbi, líder da Unita, morto em combate na zona leste do país, no dia 22 de Fevereiro do mesmo ano. Com o

---

<sup>251</sup> Cfr. Eduardo André MUACA, *Breve História da Evangelização de Angola*, P.28.

<sup>252</sup> Cfr. *Ibidem*.

calar das armas que não significa paz total, porque a paz tem a ver com outros pressupostos, Angola é relançada para uma “nova realidade”: abertura das vias de acesso e missões no interior; construção de infraestruturas, surgimento de novos bairros e construção de “Novas Centralidades”. A par destes “sinais e crescimento económico rumo ao desenvolvimento”, a Igreja deve sentir-se chamada a exercer a sua missão e não ser telespectadora dos acontecimentos. É aqui onde se deve refletir seriamente sobre a “Nova Evangelização”, despertando a dimensão profética da Igreja de Cristo, movida pela ação do Espírito Santo. Uma Igreja que rebusca sua identidade a partir da dimensão programática do Divino Mestre (Cfr. Lc. 4,18). Angola precisa duma Igreja mais interventiva que não olha só para si, mas para o povo, protegendo-o de falsas doutrinas das seitas e das envenenadas promessas dos políticos que sem escrúpulo exploram o povo, expondo-o a todas as misérias possíveis!

- Foram percorridos 12 anos de paz e novos desafios se abrem para a sociedade angolana e também para a Igreja. É preciso rever e redimensionar o método pastoral que se usou até então e, propor o Evangelho segundo o contexto e as circunstâncias de momento. Adequar **o ser e o fazer** da Igreja à nova realidade. E desta feita, iluminando o homem e a mulher angolanos para o “Rosto” misericordioso de Deus; dando esperanças de vida ao povo sofredor; cultivando nele o sentido de um humanismo que se funda na Pessoa de Cristo, O Mestre da Vida. Revitalizando as culturas tradicionais e desenvolvendo-as face aos novos tempos!

Depois da terrível guerra que o povo angolano enfrentou que quase se viu abandonado à sua sorte, abre-se-lhe uma “Primavera da Paz”, um dom de Deus. O mundo hoje, procura recolocar no seu “mapa o nome de Angola”. Isto deve servir de regozijo e estímulo para que a sociedade angolana trabalhe mais pela justiça, pelo bem comum e apresente ao mundo as esperanças e razões da sua própria existência como nação amada por Deus (Cfr. I Ped.3,15).

### 1.2.5. FUNDAÇÃO DAS PRIMEIRAS COMUNIDADES: MISSÕES ANTIGAS

Nesta temática vamos apresentar algumas Igrejas antigas que entram no processo ativo da evangelização e que, são consideradas como pontos de referência para relançar uma pastoral que corresponda ao tempo atual e às inspirações dos filhos de Deus. A ordem cronológica não será muita observada, tendo em conta a especificidade e orientação metodológica da nossa pesquisa. Usaremos termos “importados” ou empréstimos linguísticos que na cultura africana encontram seus equivalentes, como: Igreja e liturgia. Na consciência africana a Igreja como estrutura física, não tem a mesma carga com que os europeus a dão!

**O africano tem o “Etambo”:** o lugar sagrado, onde se pratica o culto tradicional, com um sacerdote ou sacerdotisa (ancião ou anciã) que preside o culto. Este culto não se dirige pura e simplesmente aos antepassados, mas a Deus, Autor da vida, que não acaba – vida eterna no cristianismo (Zambi, Kalunga Suku, Huku, Tata, Tate, etc, ...) - uma lista quase que infinita de nomes e atributos de Deus. Como constatação, muitos pesquisadores, quiseram rotular a religião africana como “animista”. Diz o teólogo africano Mpongo que «certos teólogos, como o Cardeal Joseph Ratzinger, experimentam algumas dificuldades para se pronunciarem acerca do culto dos antepassados, na liturgia, uma que vez que ele, não lhes parece compatível com a fé cristã»<sup>253</sup>. O antepassado é invocado no culto africano como um intercessor e nunca como um Deus! Existe a consciência de que o antepassado sendo homem ou mulher do “Bem”, merece ser dado o “nome” quando nasce um filho ou filha na linha da continuidade desse bem que se eterniza na cultura e passa a ser cultural.

E segundo a forma de pensar deste teólogo africano, é que por muito tempo o Cristianismo foi apresentado como a religião que está acima de todas as outras religiões. E como consequência, as religiões não cristãs foram sempre criticadas negativamente e desprezadas<sup>254</sup>. Como conclusão lógica, podemos dizer que: «o culto prestado aos antepassados em Igreja, é certamente um reconhecimento de

---

<sup>253</sup> Laurent MPONGO, «O culto dos antepassados, nas celebrações litúrgicas africanas», in *Teologia Africana no Século XXI, Algumas figuras*, P.145.

<sup>254</sup> Cfr. *Ibidem*.

que Jesus Cristo é a Palavra de Deus, que através do Espírito Santo, fala à consciência de todos os homens, através dos tempos»<sup>255</sup>. Aliás, nem todo antepassado é invocado na liturgia africana. São invocados homens e mulheres do “Bem”, não se deve invocar a um feiticeiro, a uma bruxa, a um malfeitor... o antepassado é comparado aos santos invocados no Cristianismo, aqueles homens e mulheres que tiveram neste mundo uma vida exemplar! Por razões metodológicas não vamos entrar em pormenores, reservando esta abordagem ao capítulo posterior.

Na primeira fase da evangelização do reino do Kongo em 1491 não se construiu nenhuma Igreja, adaptou-se uma parte da residência do rei (Mani-Sonho) como Capela, onde a 03 de Maio recebia o santo Batismo. Tendo mudado também o nome para João que era o nome do rei de Portugal. Sua esposa se tornou cristã a 14 de Junho do mesmo ano, com o nome de Leonor. E a família foi batizada; o filho do rei que se chamava Nvemba-Nzinga, tomou o nome de Afonso que mais tarde, veio tornar cristão o reino de seu pai<sup>256</sup>.

A construção da primeira Igreja começou a **6 de Maio de 1491 e terminou a 1 de Julho**, foi um trabalho enorme que contou com a participação massiva da população local. Só para dar exemplo, estimava-se cerca de mil homens que transportavam pedras e outros meios de construção, sem a utilização de tecnologia moderna<sup>257</sup>.

Sem datas precisas, afirma D. Manuel Nunes Gabriel, que anos mais tarde sucedeu a esta Igreja “**Pioneira da Evangelização da Angola**” a que veio a ser a Catedral do Congo, era uma Igreja bela e espaçosa com capela-mor e dois altares, tinha uma capela com o nome do Santíssimo Nome de Jesus, crucifixo bastante grande que atraía peregrinos e ganhou uma devoção popular. A nova Igreja foi construída no mesmo lugar da Igreja Primitiva e segundo Garcia de Resende e Rui de Pina, esta Igreja, era dedicada a Santa Maria, Nossa Senhora<sup>258</sup>.

Foi notável o entusiasmo e ardor missionário desta época. Face a este esforço coletivo dos missionários, o Papa Clemente VIII, a pedido do Rei de Espanha (Filipe II) e primeiro de Portugal simultaneamente, a 20 de Maio do

---

<sup>255</sup> Laurent MPONGO, «O culto dos antepassados, nas celebrações litúrgicas africanas», in *Teologia Africana no Século XXI, Algumas figuras*, P.145.

<sup>256</sup> Cfr. Manuel Nunes GABRIEL, *Padrões da fé, As Igrejas Antigas de Angola*, P.21.

<sup>257</sup> Cfr. *Idem*, P.22.

<sup>258</sup> Cfr. *Ibidem*.

longínquo ano 1596, por meio da “**Bula Super Specula Militantis Ecclesiae**”, cria a Diocese do Congo, desmembrada de S. Tomé, com limites por definir. Esta nova Diocese crescia à medida que se estendia a conquista portuguesa pelo território nacional<sup>259</sup>.

A criação da Diocese de S. Tomé, faz com que esta se desmembre da de Funchal, à qual a nova Diocese do Congo pertencia, em 1534; é de grande realce a presença dos missionários da Companhia de Jesus, homens de boa reputação, bem formados humana e cristãmente; ergueram algumas **Igrejas, um colégio e Associações pias**<sup>260</sup>. A recém-criada Diocese do Congo teve três prelados, os dois primeiros a sua ação apostólica é desconhecida, por não existir uma documentação que se debruce desta ação. Sendo assim temos:

- ❖ **D. Frei Miguel Rangel que pontificou entre os anos 1520-1596;**
- ❖ **D. António dos Santos Estêvão, entre 1604 – 1608;**
- ❖ **D. Frei Miguel Baptista.** Este último a sua relação com o rei do Congo, não era saudável, a ponto de se retirar para Luanda. Mais tarde resignou e voltou à terra de origem (Portugal). Na carta que dirige ao Rei de Portugal Filipe II, apresenta queixas sobre o estado em que se encontrava a religião no reino do Congo. Informa os vícios atávicos envelhecidos e a barbárie com que se tratava o negro e isto não fazia evoluir os costumes<sup>261</sup>. Ainda acrescenta que «o clero, tanto europeu como o africano, era fraco»<sup>262</sup>.

Neste sentido, propôs a criação de dois seminários: um seminário no Congo e o outro em Lisboa. Esta ideia não se efetivou. Dom Frei Miguel Batista, aponta alguns dos erros do tempo: a ganância dos portugueses que, estranhamente vieram a juntar-se a um grupo de invasores do Congo, os jagas, que procuravam acima de tudo aumentar a sua fortuna<sup>263</sup>. Pouco interesse havia sobre a expansão do Reino de Deus.

---

<sup>259</sup> Cfr. André MUACA, *Breve História da Evangelização de Angola*, P.44.

<sup>260</sup> Cfr. *Idem*, P. 18.

<sup>261</sup> Cfr. *Idem*, PP.18-19.

<sup>262</sup> *Ibidem*.

<sup>263</sup> Cfr. Eduardo André MUACA, *Breve História da Evangelização de Angola 1491-1991*, P.19.

### 1.2.5.1. TEMPLOS CONSTRUÍDOS NO REINO DE NDONGO E MATAMBA<sup>264</sup>

O quadro a seguir apresenta de forma geral as Igrejas construídas em meados e fins da primeira fase da evangelização de Angola – as primeiras Igrejas são na sua maioria do norte, onde começou a evangelização:

(QUADRO 1)

Nº	Igreja de Luanda e Ilhas Circunvizinhas	Data	Observação
1	Capela de São Sebastião		Capela primitiva no Morro de São Paulo <sup>265</sup> . Até aos fins do Séc. XVIII, havia vestígios <sup>266</sup>
2	Igreja de Nossa Senhora da Conceição		
3	Capela do Espírito Santo		
4	Igreja de São João dos europeus		
5	Igreja de Santo António		
6	Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos	1669-1676	Nas imediações do atual Quartel-general de Luanda
7	Igreja de São José		
8	Ermida de Santo Amaro		D. Francisco Soveral menciona esta Ermida no seu Relatório como Igreja privada; estava situada entre a Samba e a orla marítima. Sudoeste de Luanda <sup>267</sup>
9	Capela de Santa Efigénia e Santo Elesbão	Fins do Século XVII	Ficava na Baixa de Luanda; nela estavam as imagens de santos: cor Branca e Efigénia - cor preta – santos da antiga Igreja da Etiópia. Estas imagens eram muito estimadas pela devoção popular <sup>268</sup>
10	Igreja do Carmo		
11	Capela de São Miguel		
12	Igreja de Nossa Senhora do Cabo	1648	Surge no momento de construções religiosas, após a invasão e devastação holandesa <sup>269</sup>
13	Igreja da Nossa Senhora da Guia ou da Glória		
14	Ermida de Nossa Senhora do Desterro		
15	Igreja de Nossa Senhora da Esperança		
16	Igreja de Jesus		
17	Igreja de São João Baptista		

<sup>264</sup> Eduardo André MUACA, *Breve História da Evangelização de Angola 1491-1991*, P.38

<sup>265</sup> Cfr. Manuel Nunes GABRIEL, *Padrões da Fé, As Igrejas antigas de Angola*, P. 125.

<sup>266</sup> Cfr. *Idem*, P.126.

<sup>267</sup> Cfr. *Ibidem*.

<sup>268</sup> Cfr. *Idem*, P. 128.

<sup>269</sup> *Idem*, P. 130.

**(QUADRO 2)**

Nº	Igrejas do Interior	Obsevação
1	Igreja de São José de Calumbo	Provavelmente foi construída em 1648 por: Fr. Manuel da Paciência e Fr. Francisco de Santo Agostinho <sup>270</sup>
2	<i>Igreja de Nossa Senhora da Muxima</i>	Séc. XVII <sup>271</sup>
3	<i>Igreja de “Nossa Senhora das Vitórias”<sup>272</sup> (Maçangano)</i>	Séc. XVII <sup>273</sup>
4	Igreja de São Benedito (Luinha)	
5	Igreja de Santo António (Luinha)	
6	<i>Igreja de Nossa Senhora da Conceição (Conga Andala)</i>	
7	Igreja de Santo António (kibanzo)	
8	Igreja de Santa Ana (Ioabo)	
9	Igreja de São Bartolomeu (Tamba)	
10	<i>Igreja de Nossa Senhora do Desterro (Quixoto)</i>	
11	Igreja de São João (Cacuso)	
12	<i>Igreja de Nossa Senhora do Rosário (Cambambe)</i>	
13	Igreja de Santo Hilarião (Golungo Alto)	
14	<i>Igreja de Nossa Senhora da Assunção (Ambaca)</i>	
15	<i>Igreja de Nossa Senhora do Rosário (Pungo Andongo)</i>	
16	Igreja de São José de Encoje	
17	Igreja de Santa Ana (Caxito)	
18	Igreja de São José (Libongos)	
19	Igreja de São João (Talamatumbo)	
20	Igreja de São João Evangelista (Kilombo)	
21	<i>Igreja de Nossa Senhora do Desterro (Combe)</i>	
22	<i>Igreja de Nossa Senhora do Livramento (Chocolo)</i>	
23	<i>Igreja de Santa Ana (Quilengues)</i>	
24	<i>Igreja de São Joaquim</i>	
25	<i>Igreja de Nossa Senhora do Pópulo (Benguela)</i>	
26	<i>Igreja de Nossa Senhora da Conceição (Caconda)<sup>274</sup></i>	

Obs. Algumas destas Igrejas conservam o nome inicial e outras não. E até algumas já não existem. A nossa fonte não dispõe a data da fundação de algumas, nem do fundador, carecendo de uma investigação posterior mais aprofundada.

<sup>270</sup> Cfr. Manuel Nunes GABRIEL, *Padrões da Fé, As Igrejas antigas de Angola*, P. 150.

<sup>271</sup> *Idem*, P.128.

<sup>272</sup> Este nome (N<sup>ª</sup> Sr<sup>ª</sup> das Vitórias), surge depois de Paulo Dias de Novais ter tido uma retumbante vitória contra o Rei do Dongo (2 de Fevereiro de 1583); Maçangano passou a chamar-se: “Vila das Vitórias” - cfr. *Idem*, P. 151.

<sup>273</sup> *Idem*, P.128.

<sup>274</sup> Eduardo André MUACA, *Breve História da Evangelização de Angola 1491-1991*, PP.38-39.

## 1.2.5.2. MISSÕES FUNDADAS A PARTIR DE 1866 - ENTRADA DOS ESPIRITANOS

(QUADRO 3)

Nº	Missão de	Província/Cidade	Data da fundação	Observação / Fundador
1	Santiago Lândana <sup>275</sup>	Cabinda	25/07/ 1873	Superior Geral da Congregação
2	Sagrado Coração de Jesus	Comuna da Huíla – Lubango	7/11/1881	Padres Carlos Duparquet e José Maria Antunes <sup>*276</sup>
3	S. José	Luáli– Cabinda	06/01/ 1890	Fechou logo por inclemência do clima
4	Imaculada Conceição	Cabinda	8/12/1891	
5	Nª Srª das Vitórias	Lucula– Cabinda	17/06/ 1893	
<b>Prefeitura Apostólica de Kubango / Cimbebásia e Missão Autónoma do Cunene</b>				
01	S. Miguel	Cuanhama	1883	
02	Imaculado Coração de Maria	Caconda – Huíla	1890	
03	Nª Srª do Rosário	Caxingues	1892	
04	Nª Srª de Assunção	Bailundo	1895	
05	Kubango/Kuvango	Vila da Ponta –Kuvango		Fundada duas vezes <sup>*277</sup>
06	S. Miguel	Quihita- Chibia	1894	
07	Imaculado Coração de Maria	Munhino – Huíla	1898	
08	Nª Srª do Carmo	Mupa- Cunene		Mudou várias vezes de sítio <sup>*278</sup>
09	Missão do Espírito Santo	Chiulo – Cunene		Teve as mesmas peripécias que anterior <sup>*279</sup>
10	Nª Srª do Cuchi	KuandoKubango	1897	Padre Augusto Miller
11	Nª Srª da Assunção	Malanje	1890	Missionários da Prefeitura do Baixo Congo – sede da Missão autónoma de Lunda
12	Igreja de São Tiago	Lândana – Cabinda		Benzida em 1904 (dela nasceram várias Igrejas de Angola) <sup>280</sup>

**Obs. «Fundação da Missão de S. Salvador do Congo: no ano de 1881, oito sacerdotes vindos do seminário de Cernache do Bonjardim, liderados pelo padre António Barroso, que mais tarde seria sucessivamente prelado de Moçambique, Bispo de Meliapor e, finalmente, Bispo do Porto, fundaram a Missão de S. Salvador»<sup>281</sup>.**

<sup>275</sup> Primeira missão dos tempos modernos da região de Cabinda – sede da prefeitura do Congo; desta Missão, nasceu a Igreja de São Tiago de Lândana. Cfr. Manuel Nunes GABRIEL, *Padrões da Fé, As Igrejas antigas de Angola*, P. 41.

<sup>276</sup> \* **Padre José Maria Antunes:** Primeiro português espiritano em Angola.

<sup>277</sup> Fundada duas vezes: 1º - em Catoco (1888-1894); 2º - transferida para Capota (1897); 3º - Cascata (1910).

<sup>278</sup> \* Mudou várias vezes de sítio: 1883 em Cauva; 1900 em Matadiva; 1904 em Oupiacadi; 1912 em Nacaheque; 1913 Mupa-Morro; e atualmente na Mupa (desde 1923); Cfr. Eduardo André MUACA, *Breve História da Evangelização de Angola*, P.102.

<sup>279</sup> \* Teve as mesmas peripécias: Humbe em 1882; Chipelongue em 1901; e no Chiulo desde 1916.

<sup>280</sup> Cfr. Manuel Nunes GABRIEL, *Padrões da Fé, As Igrejas antigas de Angola*, P. 41.

<sup>281</sup> Eduardo André MUACA, *Breve História da Evangelização de Angola*, P.103.

De referir que os missionários Capuchinhos tiveram uma missão árdua e difícil no reino do Congo/Angola. Eles chegaram ao Pinda em 1645. Depois de bem recebidos pelo chefe da região, procuraram exercer a sua atividade missionária, alguns na primeira fase e durante a metade do século XVII. Esta foi uma das missões mais promissoras e brilhantes da história de evangelização e presença capuchinha em Angola<sup>282</sup>. Houve um interregno entre 1759 e 1774, conforme descreve, o Padre Querubim de Savona, sobre a situação religiosa do Congo: «foi a primeira missão aonde chegaram os missionários quando foram enviados pela primeira vez da Itália. Está abandonada há treze anos por falta de operários»<sup>283</sup>.

Na povoação do Pinda, estavam destacados os frades Capuchinhos; havia uma **Capela com duas imagens**, que eram muito estimadas e veneradas pelo povo; as imagens eram: uma de Nossa Senhora e a outra de Santo António<sup>284</sup>. Quase amigo de todos os povos. Aliás, é o santo do povo. Santo António é estimado e venerado em Angola, é padroeiro de Igrejas e bairros. Em toda cristandade, Santo António é lembrado e tratado pelo povo como pessoa do seu convívio, da sua família e amizade, sempre prestigiado<sup>285</sup>.

O padre Querubim de Savona, relata que em 1775, a terra do Sonho, hoje conhecida por Soyo tinha 11 Igrejas. Elas foram-se degradando com o tempo e só duas é que estavam em condições para a realização do culto divino: **a de S. Salvador e a dedicada a Santo António**. No hospício dos Capuchinhos havia uma Igreja e a de Nossa Senhora do Pinda, restauradas em 1761 pelo mesmo missionário. As demais estavam assinaladas por uma cruz<sup>286</sup>. Na localidade de Ponta Padrão, havia uma Igreja dedicada a **Santa Clara**. Na altura o Padrão estava em ruínas por sofrer com o bombardeio dos ingleses que disputavam a região. As demais Igrejas são: **Igreja de Nossa Senhora do Pinda; a de S. João Baptista; a de S. Francisco de Assis; outra dedicada a S. Lucas; Igreja de Nossa Senhora do Rosário; a da Misericórdia; a de S. António e a Igreja de nossa Senhora do Purgatório**<sup>287</sup>.

---

<sup>282</sup> Cfr. Manuel Nunes GABRIEL, *Padrões da Fé, As Igrejas antigas de Angola*, P. 36.

<sup>283</sup> *Ibidem*.

<sup>284</sup> Cfr. *Ibidem*.

<sup>285</sup> Fernando Félix LOPES (O.F.M), *Santo António, tempo – pensamento - Ação*, P. 15.

<sup>286</sup> Cfr. Manuel Nunes GABRIEL, *Padrões da Fé, As Igrejas antigas de Angola*, P. 37.

<sup>287</sup> *Ibidem*.

No dizer do Bispo D. Manuel Nunes Gabriel, algumas destas Igrejas eram feitas dum material precário e pouco consistente (feitas de madeira e cobertas a capim) e outras aparentemente, eram feitas de taipas. Tudo se justifica pelo que, o local não dispunha de pedras para a construção de grandes edifícios<sup>288</sup>. Pela primeira vez na história de Sonho (Soyo) a presença do Bispo de Angola para uma **visita pastoral em 1785 (foram 294 anos vividos, desde a primeira expedição missionária sem a presença de um Bispo)**: D. Fr. Alexandre da Sagrada Família, guiado pelo padre Boaventura de Ceriana, que já tinha trabalhado nesta zona. A presença dum Bispo recomfortava a fé dos crentes e muitos pelo santo Batismo aderiam à fé. Houve vários casamentos cristãos<sup>289</sup>. Não tardou, a missão no Congo começa a decair por falta de missionários nas áreas ou regiões a evangelizar. O povo volta aos seus costumes e hábitos. Já em 1830 a presença religiosa era rara e seguiram-se **cinquenta anos de ausência total de missionários**. Como diz o nosso autor: «perdeu-se a cristandade, mas mantiveram-se algumas recordações do passado que iriam despertar nos novos tempos da moderna ocupação missionária»<sup>290</sup>.

O Bispo de Angola e Congo, D. António Tomás da Silva Leitão e Castro, que pontificou entre 1884 e 1891, criou a **Missão da Santo António do Sonho/Soyo - Zaire**, no segundo ano de seu mandato (1885). Esta nova Missão, foi confiada ao clero diocesano<sup>291</sup>. Das ruínas do passado nasce uma bela Igreja, dedicada ao “venerado e amigo do povo” **Santo António do Zaire** (no Pinda). Esta Igreja construída com todo o rigor da modernidade, foi inaugurada a 17 de Outubro de 1943. Pode considerar-se a herdeira das Igrejas que existiram na região do Sonho/Soyo<sup>292</sup>.

A 11 de Fevereiro de 1575, escalava a Baía de Luanda, o navegador português Paulo Dias de Novais. Luanda, na altura pertencia ao Rei do Congo e havia nesta Baía de Luanda, já uma presença portuguesa, cerca de 40 portugueses<sup>293</sup>. Aqui, por razões metodológicas, não vamos apresentar as Igrejas que faziam parte da região de Luanda, para além das que já foram mencionadas no primeiro quadro.

---

<sup>288</sup> Cfr. Manuel Nunes GABRIEL, *Padrões da Fé, As Igrejas antigas de Angola*, P. 37.

<sup>289</sup> Cfr. *Ibidem*.

<sup>290</sup> *Ibidem*.

<sup>291</sup> Cfr. *Idem*, P. 39.

<sup>292</sup> Cfr. *Idem*, P. 40.

<sup>293</sup> Cfr. *Idem*, P. 45.

Em linhas gerais, ao apresentarmos estas **Igrejas, Capelas e Ermidas**, queremos mostrar **quão foi valiosa a presença da Igreja na nossa terra, desde a saúde, a escolarização dos nativos, e ao crescimento da agricultura como base fundamental para a subsistência do povo**. Já na Segunda fase da Evangelização de Angola, depois da Igreja passar por um período crítico, chega a presença espiritana como que a reconstruir e construir concomitantemente, aquilo que foi iniciado pelos missionários anteriores. Podemos observar uma certa diferença entre os primeiros e estes. Houve um período mau, (**de 200 anos**) quase de uma “**missão fracassada**”, os missionários “alguns” mandados embora pela política vigente e o povo recua no tempo e no espaço e volta-se para os costumes antigos menos bons. E os que permaneceram, ficam sem apoio de ninguém<sup>294</sup>.

Ficou provado no caso de Angola que antes do missionário, passava primeiro o comerciante. Este por sua vez, cria uma certa relação com o povo e depois seguiam as tropas, a administração civil e a criação duma paróquia. Nesta fase histórica, foram criadas as seguintes paróquias: **a de Caconda, Galangue, Quilengues, Huíla e Moçâmedes (atualmente Namibe)**. As mesmas, eram parte da Diocese do Congo e o seu Bispo residia em Luanda.

Segundo a organização própria do tempo, existiam três Vicariatos:

- a) **Vicariato do Congo;**
- b) **Vicariato de Luanda**
- c) **E o Vicariato de Benguela** (os três Vicariatos tinham os seus respectivos Vigários Gerais<sup>295</sup>).

A Paróquia do Pópulo (concluída em 1749) encontra-se na cidade das “Acácias Rubras” (Benguela) e banhada pela costa atlântica, era o ponto de partida e de chegada. Era a sede da Comarca para se atingir todo o interior e sobretudo, o sul de Angola<sup>296</sup>. Esta Igreja, é considerada como uma referência histórica na evolução da missão evangélica ou expansão do Reino de Deus. Houve várias tentativas para se atingir o sudoeste de Angola. Mas a tarefa fica realizada com a chegada dos missionários da Congregação do Espírito Santo, vindos de França em 1866. Na carteira, traziam a seguinte agenda: **fundar no interior entre o povo**

---

<sup>294</sup> Cfr. Serafim LOURENÇO, *A Missão Espiritana no Sudoeste de Angola*, P. 21.

<sup>295</sup> Cfr. *Ibidem*.

<sup>296</sup> Cfr. *Ibidem*.

**simples e muitas vezes até abandonado, comunidades que, com o tempo cresciam e evoluíram para Paróquias e Missões, bem conhecidas e patentes na memória do povo.**

Os missionários no desempenho da sua missão, para além do impulso do Espírito Santo, sentem-se encorajados pela frase memorável do seu cofundador (o Padre Libermann) quando falava sobre a África: **«o meu coração é dos Africanos, todo, dos Africanos, quero que toda a minha vida seja ocupada a fazer a felicidade dos homens da África, não somente a sua felicidade sobre a terra, mas sobretudo, no céu»**<sup>297</sup>. Libermann, tinha compreendido na íntegra a dimensão universal do reino dos céus. Pode ler-se nas entrelinhas que este missionário não se apegava na cor, mas sim, no ser humano, homens e mulheres, crianças jovens e velhos, enfim, todos estão no seu coração e no coração da Evangelização. Isto anima-nos a empreender esforços para uma pastoral inclusiva e sectorial.

Fazendo uma sinopse a este quadro histórico das missões antigas de Angola, vamos apresentar aquelas que serviram de base para a cristianização do sudoeste angolano. Com maior incidência nos quatro grandes grupos etnolinguísticos: a missão entre os **Ovakwanhama; Ovanyaneka; Ovanganguela e os Ovimbundu**. Este estudo será feito por dioceses e províncias, onde os respetivos grupos etnolinguísticos estão radicados.

---

<sup>297</sup> Serafim LOURENÇO, *A Missão Espiritana no Sudoeste de Angola*, P. 39.

(QUADRO 4)

Nº	Paróquia / Missão	Cidade	Data da fundação	Observação
01	S. Adrião*	Namibe <sup>298</sup>	04/08/ 1849	Primeira missa aí rezada <sup>299</sup>
02	Kapangombe	Namibe		
<b>MISSÃO ENTRE OS KWANHAMAS PRIMEIRA E SEGUNDA FASES</b>				
03	S. Pedro – Omaruru	Cunene	1879	Fundada pelo padre Duparquet <sup>300</sup> . Território antes evangelizado pelos luteranos (1842) <sup>301</sup>
04	Imaculado Coração de Maria (refúgio dos pecadores)	Humbe- Cunene	23/06/1882	Padres Duparquet, João Hogan, Linch, Irmão Onofre e cristãos refugiados da missão de Omaruru
05	Missão do Kuanhama – kaúva (S.Miguel)	Cunene	1883 <sup>302</sup>	Padre Duparquet (fundador); os primeiros missionários foram: padre Delpuech (Francês), Irmão Lúcio (alsaciano), Irmão Geraldo (Irlandês) <sup>303</sup>
06	Matadiva	Cunene	1900	Padre Duparquet (25km de Ondjiva - norte)
07	Missão de Oupiakadi	Cunene	1904-1912	Prefeitura dos Padres Lecomte e Keiling (fazia fronteira com o Evale) <sup>304</sup>
08	Missão em Nakaheke	Mupa – Cunene	1912	Fundador: Padre Géníé; Prefeitura do padre Keiling
09	Kutchi	Cunene	1916-1923	MonsKeiling
10	Nª Srª do Carmo (Mupa)	Cunene	1923-1928	Prefeitura do padre Keiling <sup>305</sup>
11	Missão do Evale	Cunene	1928	Sobressaem certos nomes: Mons. Keiling, Bispos, Daniel Junqueira, Altino Ribeiro de Santana e Eurico Dias Nogueira
12	Omupanda Nª Srª da Visitação	Cunene	30/07/1926 ou 1928 <sup>306</sup>	Fundador: padre Carlos Estermann. Começa a segunda fase entre os kwanhamas <sup>307</sup>
13	Kafima – S. Francisco Xavier	Cunene	15/08/1957	Autorizada por provisão de D. Altino Ribeiro de Santana <sup>308</sup>

<sup>298</sup> \* Namibe: aqui a missão seria entre os ovakuvale, mas não houve aderência e serviu de passagem para escalar a serra da Chela (Huíla).

<sup>299</sup> \*A Igreja de Santo Adrião no Namibe, foi construída pelos moradores que, mesmo sem terem um padre para administrar e cuidar daquele rebanho, os populares não cruzaram os braços, fizeram uma linda Igreja, toda ela virada para o mar e dedicaram-na ao Governador-geral (Adrião Acácio da Silveira Pinto). A construção ficou concluída em 1860. Cfr. Serafim LOURENÇO, *A Missão Espiritana no Sudoeste de Angola*, P. 35.

<sup>300</sup> Cfr. Cândido Ferreira da COSTA, *Cem anos dos Missionários do Espírito Santo em Angola (1866-1966)*, P. 355.

<sup>301</sup> Cfr. Serafim LOURENÇO, *A Missão Espiritana no Sudoeste de Angola*, P. 63.

<sup>302</sup> \* 1883 – É uma data provável, pois foi a da autorização do Soba Namadi que no intervalo entre os anos 1879-1883, tinha morrido o tio de Namadi (anterior soba) e o sobrinho tinha cedido ao pedido dos luteranos para a fundação duma missão; mas o padre Duparquet, fê-lo lembrar a promessa-acordo celebrado com o soba anterior (tio de Namadi).

<sup>303</sup> Cfr. Serafim LOURENÇO, *A Missão Espiritana no Sudoeste de Angola*, P.73.

<sup>304</sup> Cfr. *Idem*, P.79.

<sup>305</sup> Cfr. *Ibidem*.

<sup>306</sup> Cfr. Cfr. Cândido Ferreira da COSTA, *Cem anos dos Missionários do Espírito Santo em Angola (1866-1966)*, P. 398.

<sup>307</sup> Cfr. Serafim LOURENÇO, *A Missão Espiritana no Sudoeste de Angola*, P.89.

<sup>308</sup> Cfr. *Idem*, P.92.

14	Môngua – Santo António	Cunene	1963	Fundador padre António Reijnders; a pedido dos cristãos encabeçados pelos respectivos catequistas <sup>309</sup>
15	Kwamato (Okanautoni) Nª Srª da Paz	Cunene	1882 1940 (atual)	O padre Carlos Duparquet, envia o padre Hogan* <sup>310</sup> Fundada por iniciativa de Mons. Junqueira <sup>311</sup>
16	Paróquia de Xangongo	Ex-Roçadas (Cunene)	1973	Fundador - D. Altino Ribeiro de Santana <sup>312</sup>
17	Missão do Espírito Santo	Chiulo	1882 (Humbe) 1901 (Chipelengo) 1916 (Chiulo)	Como se pode ver, esta missão teve três momentos até à data presente; Destacamos os padres Ballet e Villain <sup>313</sup>

**(QUADRO 5)**

<b>MISSÃO ENTRE OS OVANGANGUELA (1883-1982) - ARQUIDIOCESE DE LUBANGO</b>				
<b>Nº</b>	<b>Missão/Paróquia</b>	<b>Cidade/Província</b>	<b>Data</b>	<b>Observação</b>
<b>01</b>	Missão dos Amboelas <sup>314</sup> Nª Srª das Vitórias	Cuvango (Kakele) <sup>315</sup>	1883	Padre Carlos Duparquet
<b>02</b>	Nª Srª das Vitórias	Kassinga	1887-1910	Padre Shaller; kakele foi transferido para Kassinga <sup>316</sup>
<b>03</b>	Missão do Kuvango ou Kassinga	Katoto-Utombe (Kuvango)	21 /01/1888 ou 1889 1894-1897*	Fundadores: padre Lecomte e os irmãos Narciso e Atanásio, mais 30 jovens escravos libertos (trabalhadores) <sup>317</sup>
<b>04</b>	Missão de Kapembe	Kuvango	1897-1908	A missão de Kavango transferida para Kapembe durante 13 anos <sup>318</sup>
<b>05</b>	Missão do Kuvango	Cascata (Kuvango)	1910-1982	A missão de Kapembe estava uma terra árida

<sup>309</sup> Cfr. Serafim LOURENÇO, *A Missão Espiritana no Sudoeste de Angola*, P.94.

<sup>310</sup> \*Esta missão teve pouca duração devido à falta do pessoal missionário e às sucessivas guerras; Cfr. *Idem*, PP. 96-97.

<sup>311</sup> Cfr. Cândido Ferreira da COSTA, *Cem anos dos Missionários do Espírito Santo em Angola (1866-1966)*, P. 404.

<sup>312</sup> Cfr. Serafim LOURENÇO, *A Missão Espiritana no Sudoeste de Angola*, P.98.

<sup>313</sup> Cfr. Cândido Ferreira da COSTA, *Cem anos dos Missionários do Espírito Santo em Angola (1866-1966)*, PP.363-364.

<sup>314</sup> Cfr. *Idem*, P. 365.

<sup>315</sup> Kakele fica há 15 quilómetros de Kassinga. Cfr. Serafim LOURENÇO, *A Missão Espiritana no Sudoeste de Angola*, P. 100.

<sup>316</sup> Cfr. *Idem*, PP. 104-105.

<sup>317</sup> \* A missão do Kuvango foi fundada duas vezes e a segunda entre os anos 1894-1897. Cfr. *Idem*, PP. 106.109.

<sup>318</sup> Cfr. *Idem*, PP. 110-111.

				e transferiram-na para Cascata <sup>319</sup>
06	Nª Srª das Dores	Massaka	1897-1908	Fundador: padre Ernesto Lecomte. Zona leste entre os povos Kivamba, Massaka e Menongue
07	Nª Srª do Rosário	Dongo	01/05/1959	Fundada pelo padre Martinho Thijssen <sup>320</sup> . E com a aprovação de D. Altino Ribeiro de Santana <sup>321</sup>

(QUADRO 6)

MISSÃO ENTRE OS OVIMBUNDO - ARQUIDIOCESE DO LUBANGO (27/07/1955)				
Nº	Missão/Paróquia	Cidade/Província	Data	Observação
1	Paróquia da Imaculada Conceição	Kakonda	1769	Data da transferência de Caconda-a-Velha para a Nova <sup>322</sup>
2	Missão de Kakonda	Kakonda* <sup>325</sup>	4/11/ 1889 ou 1890 <sup>327</sup>	Criada por D. António Tomás da Silva Leitão e Castro; com uma comunidade formada pelos padres: Ernesto Lecomte, Richard, Merlen e alguns irmãos <sup>323</sup>
3	Nª Srª de Lurdes	Galangue-Sangueve	1921	Fundador: Mons. Keiling. Mas a intenção vinha desde 1908 pelo padre Lecomte. A autorização canónica só foi possível a 30/10/1929 <sup>324</sup>
4	Santa Teresa do Menino Jesus	Tchikomba (Chicomba)	12/09/1961	Fundadores: padres André Krist, Pedro Pubben e o Irmão Cornélio Krist <sup>325</sup>

<sup>319</sup> Cfr. Serafim LOURENÇO, *A Missão Espiritana no Sudoeste de Angola*, P.113.

<sup>320</sup> Cfr. Cândido Ferreira da COSTA, *Cem anos dos Missionários do Espírito Santo em Angola (1866-1966)* P. 408.

<sup>321</sup> Cfr. Serafim LOURENÇO, *A Missão Espiritana no Sudoeste de Angola*, P.119.

<sup>322</sup> Manuel Nunes GABRIEL, *Caconda, Berço da Evangelização no Planalto Central de Angola*, P. 17.

<sup>323</sup> Cfr. Serafim LOURENÇO, *A Missão Espiritana no Sudoeste de Angola*, PP.124.

<sup>324</sup> Cfr. *Idem*, PP. 136-137.

<sup>325</sup> Cfr. *Idem*, P. 140.

<sup>326</sup> \* Kakonda = atualmente escreve-se Caconda (zona dos Ovimbundu). Cfr. Adriano PARREIRA, «kakonda», in *Dicionário de Etnologia Angolana*, P.290.

<sup>327</sup> Cfr. Cândido Ferreira da COSTA, *Cem anos dos Missionários do Espírito Santo em Angola (1866-1966)*, P.381.

**(QUADRO 7)**

<b>ARQUIDIOCESE DO HUAMBO (04/09/1940) MISSÕES, PARÓQUIAS E OUTRAS OBRAS</b>			
Nº	Nª Srª da Assunção	1895	Fundador: Ernesto Lecomte
1	Imaculado Coração de Maria (Refúgio dos pecadores)	1910	A iniciativa foi do padre Lecomte, que morre dois anos antes (1908) e seu sucessor (padre Luís Keiling) dá continuidade ao projeto, e funda com o pessoal vindo de Caconda <sup>328</sup>
2	Nª Srª Auxiliadora	11/01/1912	
3	Nª Srª da Anunciação	1929	
4	Nª Srª da Natividade	Junho de 1933	Fundador: Emílio Blanc; auxiliado pelo irmão Ricardo Pereira <sup>329</sup>
5	Seminário menor da Caala (NªSrª das Mercês)	1937	Fundador: padre José Feltrin <sup>330</sup> José Lienhart <sup>331</sup>
6	Santo António	13/06/1938	Os missionários do Espírito Santo perceberam desde cedo que a sua missão teria êxitos a partir da formação do clero local <sup>332</sup> .
7	Nª Srª da Conceição (Catedral do Huambo)	01/11/1940	
8	Santa Cruz	14/09/1942	Fundadores: padres Camilo Laagel e José Kernevez <sup>333</sup>
9	Seminário Maior do Huambo – Cristo Rei	Setembro de 1947	Depois de várias iniciativas veio benzer a Igreja o seu pároco: padre António Nunes Costa (foi seu fundador) <sup>334</sup>
10	Nª Srª Mãe de Deus	02/02/1948	
11	Nª Srª das Graças	28/05/Provavelmente <sup>345</sup> de 1948	Erecta por D. Daniel Gomes Junqueira <sup>335</sup>
12	Escola Teófilo Duarte (Dom Bosco)	1950	O primeiro diretor foi o padre José Maria Felgueiras <sup>336</sup>
13	Nª Srª do Perpétuo Socorro - Missão da Camunda	11/02/1951 (assinatura da acta da fundação)	Fundador: padre Alfredo Mendes <sup>337</sup>
14	Santo António (Paróquia)	1954	Fundador: padre Eugénio Hablitz
15	Obra da Rua (Casa dos Rapazes): Nª Srª Rainha do Mundo e S. João Bosco	15/08/1955	Era Diretor o padre Manuel António de Sousa (da Cogregação do Espírito Santo) <sup>338</sup>
16	Nª Srª do Rosário	1958	A pedido do povo e catequistas, os padres Henrique Van Roy e António Verheyen <sup>339</sup>
17	Santuário de Nª Srª de Fátima	1962	Padre Nunes Costa <sup>340</sup>
18	Seminário Menor do Espírito Santo	15 /10/1965	Bela ideia de um grupo de amigos, de salientar: o Professor Serafim Molar e o padre

<sup>328</sup> Cfr. Cândido Ferreira da COSTA, *Cem anos dos Missionários do Espírito Santo em Angola (1866-1966)*, PP. 227-228.

<sup>329</sup> Cfr. *Idem*, PP.231-232.

<sup>330</sup> Cfr. *Idem*, P. 236.

<sup>331</sup> Cfr. *Idem*, PP. 238-239.

<sup>332</sup> Cfr. *Idem*, P. 241.

<sup>333</sup> Cfr. *Idem*, P. 244.

<sup>334</sup> Cfr. *Idem*, PP.246.249.

<sup>335</sup> Cfr. *Idem*, PP. 250-251.

<sup>336</sup> Cfr. *Idem*, PP. 253.256.

<sup>337</sup> Cfr. *Idem*, P.257.

<sup>338</sup> Cfr. *Idem*, PP. 265.266.

<sup>339</sup> Cfr. *Idem*, P. 270.

<sup>340</sup> Cfr. *Idem*, P. 276.

			António Ferreira da Silva (espiritano) <sup>341</sup>
			Fundador: padre João Van Kemenade <sup>342</sup>
			Fundador: Manuel Soares Moutinho <sup>343</sup>
			Ideia de todos, a implementou o Superior Provincial: Armando Pinto; Intenção repetida por várias vezes pelo Superior Geral: Mons. Lefebvre <sup>344</sup>

(QUADRO 8)

BISPO: D. Eugénio Dal Corso				
DIOCESE DE BENGUELA (06/06/1970) - MISSÕES, PARÓQUIAS E OUTRAS OBRAS				
Nº	Nª Srª de Fátima	Missão da Ganda* <sup>346</sup>	1927	Esta missão foi fundada a pedido das autoridades civis (Ganda e Benguela); Prefeito Apostólico: Mons. Keiling <sup>347</sup>
1	Nª Srª do Loreto	Missão do Balombo	1933	
2	Nª Srª do Pópulo	Benguela	1940	Fundador: Padre LeGeennec
3	Nª Srª da Purificação	Missão da Chicuma	02/02/1952	Foi primeiro pároco o padre Avelino de Almeida Paiva <sup>348</sup>
4	Nª Sraª da Nazaré	Benguela	13/05/1953	
5	S. José	Missão do Lobito	23/06/1953	Padre Avantino de Sousa <sup>349</sup>
6	S. Francisco Xavier	Paróquia / Missão do Dombe Grande	08/09/1960	Fundador: Padre Horácio da Silva <sup>350</sup>
				Fundador: Bispo de Nova Lisboa (Huambo)
				Fundador: padre Cidalino Ferreira de Melo <sup>351</sup>

<sup>345</sup> Provavelmente por a data da instalação dos padres Eugénio Hablitz, António Verstegen e o Irmão Venceslau. Cfr. Cândido Ferreira da COSTA, *Cem anos dos Missionários do Espírito Santo em Angola (1866-1966)*, P. 261.

<sup>341</sup> Cfr. *Idem*, PP. 278-280

<sup>342</sup> Cfr. *Idem*, P. 281.

<sup>343</sup> Cfr. *Idem*, PP. 283-284.

<sup>344</sup> Cfr. *Idem*, PP. 286-287.

<sup>346</sup> \* Atualmente, a Missão da Ganda pertence aos missionários de Nª Srª de La Salette (desde Junho de 1946) - Cfr. *Idem*, P. 330.

<sup>347</sup> Cfr. *Idem*, P. 328.

<sup>348</sup> Cfr. *Idem*, P. 334.

<sup>349</sup> Cfr. *Idem*, P. 336.

<sup>350</sup> Cfr. *Idem*, P. 339.

<sup>351</sup> Cfr. *Idem*, PP. 341-342.

(QUADRO 9)

BISPO: D. José Nambi				
DIOCESE DE CUITO – BIÉ (1941) - MISSÕES, PARÓQUIAS E OUTRAS OBRAS				
Nº	Nª Srª do Rosário	Missão de Cachingues*	1892	Fundador: padre Ernesto Lecomte <sup>352</sup>
1	Nª Srª das Dores	Cuchi** <sup>353</sup>	1897	Fundador: padre Augusto Miller <sup>354</sup>
2	Nª Srª das Graças	Missão do Andulo	06/05/1933	Fundador: padre Carlos Frey <sup>355</sup>
3	Nª Srª de Fátima* <sup>356</sup>	Cuito- Bié	1936	Fundador: padre Álvaro Soares <sup>357</sup>
4	Nª Srª do Bom Conselho	Nova Sintra –Bié	1938	Mons. Luís Keiling <sup>358</sup>
5	Nª Srª Rainha dos Apóstolos	Missão de Entre Rios – Bié	19/05/1939	Estacamos o padre Emílio Blanc, Irmão Canísio e 5 jovens postulantes <sup>359</sup>
6	Seminário Sagrado Coração de Jesus	Galangue -Nambi - Cuito - Bié -	1922- 07/05/1940 - 25/09/1963	Mons. Keiling Mons. Daniel Junqueira D. Manuel Pires <sup>360</sup>
7	Santo Nome de Maria	Capico	1947	Superior da missão do Cuchi (1942) e o Irmão Luís <sup>361</sup>
8	Nª Srª da Assunção	Nhareia	25/12/1951	Destacamos os padres: Bubendorff e A. Van Eimerem <sup>362</sup>
9	Divino Espírito Santo e Imaculado Coração de Maria	Missão de Camacupa	1954	Fundador: Padre Álvaro Soares da Silva <sup>363</sup>
10	Santa Teresa do Menino Jesus	Missão da Gamba – (Catabola); Vouga		Continuadores da missão: padres José Stijnen e Alberto Eimeren <sup>364</sup>

<sup>352</sup> Cfr. Cândido Ferreira da COSTA, *Cem anos dos Missionários do Espírito Santo em Angola (1866-1966)*, PP. 295-296.

<sup>353</sup> \* Estas duas missões (Cachingues e Cuchi) estão nas zonas limítrofes entre os Ovanganguela e os Ovimbundu.

<sup>354</sup> Cfr. *Idem*, P. 298.

<sup>355</sup> Cfr. *Idem*, P.301.

<sup>356</sup> \* A partir de 1950, esta missão foi transferida para a região da Chanhora, por intermédio do padre superior Provincial: Albino Alves. Cfr. *Idem*, P. 304.

<sup>357</sup> Cfr. *Idem*, P. 304.

<sup>358</sup> Cfr. *Idem*, P. 306.

<sup>359</sup> Cfr. *Idem*, P. 308.

<sup>360</sup> Cfr. *Idem*, P. 310.

<sup>361</sup> Cfr. *Idem*, P.315.

<sup>362</sup> Cfr. *Idem*, P. 316.

<sup>363</sup> Cfr. *Idem*, P. 318.

<sup>364</sup> Cfr. *Idem*, P.320.

(QUADRO 10)

BISPO: D. Gabriel Mbilingi				
ARQUIDIOCESE DE LUBANGO - MISSÃO ENTRE OS OVANYANEKA – MISSÕES, PARÓQUIAS E OUTRAS OBRAS				
Nº	Missão – paróquia ou obra Missionária	Cidade, Vila, Município	Data	Observação
1	Seminário do Jau e Missão (Nª Srª das Vitórias)	Comuna do Jau	22 /6/ 1889	Fundador: padre Antunes; primeiros missionários: Padre Wieder e o Irmão José
2	Missão de S. Bento	Chivinguio	25/02/1892	Fundadores: padres Antunes e Bonnefoux <sup>365</sup>
3	S. Miguel Arcanjo	Missão da Quihita	Fevereiro de 1894	Padre José Maria Antunes <sup>366</sup>
4	Imaculado Coração de Maria	Munhino	1898	Terreno adquirido pelo padre Duparquet 1º Superior: padre Viseux <sup>367</sup>
5	Sagrado Coração de Jesus	Sendi	1927	Destacamos os padres: Bonnefoux, Steinmetz e Kauffer <sup>368</sup>
6	Nª Srª das Dores	Missão do Lubango; elevada à Paróquia em 1965 <sup>369</sup>	1935	1º Superior e pároco: padre Carlos Estermann <sup>370</sup>
7	Nª Srª dos Remédios	Quilengues	Agosto de 1938	Fundador: padre Francisco LeRoux. Em Junho de 1946 foi entregue aos missionários da Nª Srª de La Salette <sup>371</sup>
8	Sé Catedral- S. José	Lubango	188827/07/1955: Sobe à categoria de Sé Catedral da Arquidiocese de Lubango <sup>372</sup>	1º Pároco: padre Galéron <sup>373</sup>

**Obs. A Arquidiocese do Lubango apresenta um quadro interessante neste estudo, por estar constituída por três grupos etnolinguísticos. Em parte é positivo, porque facilita o intercâmbio cultural. Mas também, constata-se um ponto negativo por não se explorar esta riqueza intra ou intercultural. Fazendo emergir em certos momentos atitudes tribais e regionais. Esta temática será abordada no capítulo seguinte. Depois desta pequena incursão pelas “raízes da nossa evangelização” Igrejas e capelas - que foram as Igrejas primitivas, sob olhar acolhedor de Cristo, restaurador ou regenerador do género humano, o Revelador do Pai, eis-nos a colocar, um ponto e virgula (;) para melhor darmos sequência e corpo a esta temática.**

<sup>365</sup> Cfr. Cândido Ferreira da COSTA, *Cem anos dos Missionários do Espírito Santo em Angola (1866-1966)*, P. 385.

<sup>366</sup> Cfr. *Idem*, P.387.

<sup>367</sup> Cfr. *Idem*, P.390.

<sup>368</sup> Cfr. *Idem*, P.396.

<sup>369</sup> Cfr. *Idem*, P.401.

<sup>370</sup> Cfr. *Idem*, P.400.

<sup>371</sup> Cfr. *Idem*, P.402.

<sup>372</sup> Cfr. *Idem*, P. 374.

<sup>373</sup> Cfr. *Idem*, P. 373.

### 1.2.6. VIDA SOCIAL: PASTORAL DA EDUCAÇÃO E DA SAÚDE

Feito o levantamento das Igrejas Antigas em Angola, vamos entrar agora naquilo que considero essencial no processo de evangelização. Partimos do seguinte dado: o Evangelho tem um destinatário concreto: “a pessoa humana”, sem excluir ninguém. Importa o coração alegre que acolhe, mesmo sem clareza, nalguns casos, a semente lançada pelo mensageiro da paz e do bem. (cfr. Lc. 7, 36-50; 8,3). Evangelizar, aqui pressupõe, ir ao encontro duma pessoa concreta com o seu “modus vivendi” em circunstâncias reais e próprias num espaço de tempo real. Isto é, evangelizar a pessoa na sua totalidade, dentro da sua realidade cultural (inculturação). Apesar de certas debilidades, havidas no passado, os missionários tiveram em conta as seguintes áreas humanas: Espiritual, Intelectual e a saúde física, fazendo jus ao princípio latino: “**Mens sana in corpore sano**”.

As Missões, Paróquias, Capela e Ermidas abordadas no ponto anterior a este, tinham à sua volta um **Centro de saúde**, para acudir o povo de diversas doenças e enfermidades; **Centro escolar** para formar e humanizar as gentes da nossa terra; **Escolas de Artes e Ofícios**, melhorando a condição social do povo (agricultura e carpintaria ou marcenaria). Neste trabalho vamos desenvolver algumas ações missionárias, não na sua totalidade do universo das Igrejas apresentadas. Apresentaremos em parte o esforço missionário que herdamos dum passado não tão longínquo.

A exemplo do que aconteceu com o missionário de “coração africano” Daniel Comboni, no Sudão e no seu plano de “Regeneração de África”, os missionários que foram para o Centro-Sul de Angola e não só, tiveram um projeto quase idêntico: formar verdadeiros arautos da Boa Nova - “apóstolos”, padres, professores, artífices da própria terra, que não precisavam de se adaptar ao clima, pois estavam dentro seu próprio “habitat”<sup>374</sup>. Nesta atividade pode antever-se o projeto da fundação ou criação de “**escolas de Ministérios laicais**”. Os nativos eram acompanhados pelos missionários num período compreendido entre dois a três anos de formação. Depois eram enviados para o interior, para expandir a fé e a civilização cristã<sup>375</sup>.

---

<sup>374</sup> Cfr. John BAUR, *2000 Anos de Cristianismo em África, Uma história da Igreja Africana*, P. 172.

<sup>375</sup> Cfr. *Ibidem*.

A frase de Daniel Comboni, foi muito expressiva, quando se referia ao continente africano: «**A regeneração da África, por meio da própria África, parece-me a única maneira de cristianizar o continente**»<sup>376</sup>. E o papa Paulo VI, na visita ao continente “Berço” em Kamapala (Uganda 1969), apela aos africanos que tomassem na linha de frente as suas responsabilidades: “sede apóstolos de vós mesmos”. Este grito foi como que um despertar uma “Nova Evangelização”. Sem pretensão de querer excluir os métodos usados por outros missionários, podemos dizer que chegou a hora da África. O que queremos idealizar e projetar para a vida prática neste amplo processo da Evangelização, é “reconstruir” a mente do homem e mulher angolanos, dando-lhes a esperança de vida e a alegria como o anúncio da terra prometida, que brota da intervenção de Deus a favor dos seus filhos (Ex. 15,1-2ss). Esta, muitas vezes negada pelo curso triste da sua história. Que esta frase de Comboni, servisse de mola impulsadora, não só para a própria Igreja - que ao longo dos tempos, tem traçado novos rumos para a sua maturidade, mas também para os governos africanos. E fica o alerta: que, ao projetarem o crescimento e desenvolvimento para os seus povos, contassem com “**os mesmos povos**”, implementando políticas participativas. Hoje em dia, diante da preocupante mundividência do processo complexo da globalização na África e no mundo em geral, não devemos esconder-nos por detrás do “muro de salalé” (formigas). Cada povo é chamado a apresentar-se ao mundo tal como ele é e, deixar de ser apresentado por “outro”, que, pode ser estranho à “nossa” realidade (africana).

Vamos começar por caracterizar a vida social da Igreja, tendo por suporte ou fundamento o século XX. Este, foi um período de ascensão e de grande entrega missionária, pois a Igreja desde então nunca mais conheceu a interrupção completa da sua atividade. Sobretudo, com chegada dos **missionários da Congregação do Espírito Santo em Angola**, que se estabeleceram na grande missão do Congo. Isto é, de Cabinda a Huíla, ou seja, do Norte a Sul, em 1880. Inicialmente, podemos fazer referência a três povos: no norte temos os **Bacongos, os Ambundus ou Kimbundus**, à volta de Luanda até Malanje e os **Ovimbundu**, na parte Centro – Sul de Angola. Estes últimos, foram muito recetivos à evangelização, tanto operada pelos católicos como pelos protestantes ou evangélicos<sup>377</sup>.

---

<sup>376</sup> John BAUR, *2000 Anos de Cristianismo em África, Uma história da Igreja Africana*, P. 172.

<sup>377</sup> Cfr. *Idem*, P. 352.

- **CAMPO SOCIAL - ÁREAS DE AÇÃO – PRIORIDADES:** de forma geral, podemos constatar que a Igreja no passado teve uma grande intervenção pastoral nos setores que considero chaves para a promoção humana: **Saúde, Escola, Agricultura.** Estamos a abordar as duas províncias eclesiais – Huambo (Benguela, Kuito- Bié) e Lubango (Menongue, Ondjiva e Namibe). São realidades distintas, mas que, merecem atenção da parte dos investigadores. Hoje face a própria diversidade pastoral, podemos integrar uma quarta área: a **Pesca.**

A Igreja sendo o “sacramento” de salvação para a humanidade, joga um papel decisivo no desenvolvimento integral da pessoa humana: o padre Salvador Cabral na década 60, falava da preocupação dos missionários e do próprio Estado, que tinham para as três áreas de intervenção. O desenvolvimento integral tem a componente material e não matéria (espiritual), para ajudar as populações a darem positivamente resposta às grandes transformações do tempo. O objetivo era, atingir a população no seu próprio meio, contando com o agregado familiar, aproveitando desta forma a grande potencialidade que a franja juvenil carrega, enfim, uma atividade missionária que envolvia a população toda, de forma que ela própria sinta a necessidade de crescer, dentro do equilíbrio desejado. Numa única palavra é a ascensão do ser humano<sup>378</sup>.

a) **EDUCAÇÃO** - apresento algumas linhas que refletem a educação no passado:

- ❖ A escola é importante para o desenvolvimento humano e não só. Na era colonial, a educação não era para “todos” sobretudo, para negros. Alguns centros escolares foram construídos pelo governo português e entregues ou confiados administrativamente, a determinadas Congregações religiosas, sobretudo femininas. Os mesmos centros escolares, serviam para educar os filhos dos portugueses residentes em Angola. Para os nativos, só aqueles pais assimilados, com identidade portuguesa ou abastados podiam ter os filhos nestas Escolas. O ensino era até à 4ª Classe para os nacionais. Terminado este ciclo de formação, o candidato estava profissionalmente apto para ser enviado a uma aldeia como professor. Como se pode ver, não tinha hipótese de aumentar o seu nível

---

<sup>378</sup> Cfr. Salvador CABRAL, *A Missão... Nas Teias da Pide*, P. 143.

académico. Isto e outras realidades do tempo, fizeram com que se elevasse o índice de analfabetismo até ao tempo presente.

- ❖ Os missionários apercebendo-se da realidade, construíram escolas e internatos para formar a consciência do homem e mulher negros. Foi uma ação libertadora em todos os sentidos. A escola católica ao desempenhar a sua missão insubstituível, na sociedade, procura em todos os níveis, socializar, humanizar e educa para valores cristãos.
- ❖ Há um dado curioso a reter na escolarização dos povos de África: a consciência revolucionária, forjou-se decisivamente nas escolas públicas e privadas ou simplesmente missionárias. As grandes missões católicas ou evangélicas, geram através da escola, homens e mulheres que, com a caneta na mão abriam horizontes e novas perspetivas da vida a seus irmãos. Foi a partir “daqueles” que tinham passado pela escola, que nasceu a ideia ou sentimento de Independência “das África”<sup>379</sup>. Existe uma só África, mas cada realidade cultural é um “mundo” que possa ser tangível (cultura material) ou intangível (Cultura imaterial).
- ❖ O Concílio Vaticano II, abriu com clareza as portas da pastoral escolar, que não é só feita nas Universidades, mas começa na base. Dando uma identidade própria a Escola Católica. No entender no Concílio, a Escola é um Lugar, espaço para a Evangelização. Nela, se realiza uma autêntica ação pastoral. E chama a atenção que, esta prática não compreende apenas atividades meramente, complementares ou secundárias, mas sim, que sejam atividades orientadas para a formação da personalidade cristã<sup>380</sup>. A Igreja nesta sua ampla missão, apresenta-se ao mundo com um “projeto educativo” que de forma explícita e harmoniosa, une a Fé cristã à Cultura e à Vida<sup>381</sup>.
- ❖ Depois da ocupação colonial, veio uma nova fase para ação pastoral nas escolas: Angola alcançou a Independência no dia 11 de Novembro de 1975. A mudança acontece, mas não a desejada. Saiu-se dum sistema político, cognominado “salazarista” para um “marxismo” que absorve tudo para si e o que tiver rótulo cristão, deve ser deitado abaixo. Foi nesta fase

---

<sup>379</sup> Das Áfricas – esta expressão é frequentemente usada entre africanos para designar a pluralidade ou diversidade e semelhança culturais. No contexto africano, cada realidade africana é um mundo, dada a sua complexidade.

<sup>380</sup> Cfr. *Conferência Episcopal [Portuguesa] – secretariado nacional para a educação cristã*, Nº 33.

<sup>381</sup> Cfr. *Idem*, Nº 34.

histórica que as escolas missionárias católicas, foram invadidas e transformadas, algumas em quartéis militares e outras, como escolas de formação dos membros do partido MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola). A título de exemplo temos: ocupação do seminário menor do Jau em 1978 (Lubango), o caso “catambor”, atualmente lar da CEAST (Luanda), etc.

- ❖ Precedentes: com o 25 de Abril em Portugal, era necessário criar novas políticas nas colónias. Pois, já se podia pensar num movimento pró-sindical. Se verificava nas escolas, embora na fase embrionária duma certa democracia<sup>382</sup>. A descolonização da África portuguesa não foi pacífica, fruto dos últimos acontecimentos vividos por Portugal. Numa única palavra: tinha terminado a “caça” e instala-se um clima de total desconforto entre os caçadores. E quando as escolas em Luanda ficaram ocupadas pelos alunos dissidentes, proclamou o dia de luto académico. Nestes movimentos de revolta não estavam só os nativos ou negros, mas também brancos e mestiços que queria aprender na escola a sua própria realidade (por ex. Geografia de Angola e não de Portugal)<sup>383</sup>.
- ❖ A Escola católica em Angola hoje, enfrenta novos desafios: falta de estruturas para boas aprendizagens, sobretudo no meio rural, onde assistimos ainda crianças, adolescentes e jovens por baixo das árvores e sentados por cima das latas de “Nido” ou banquinhos caseiros, mas com vontade de Aprender. O professor mal remunerado. A própria Reforma Educativa e as suas debilidades. O protocolo/acordo celebrado entre a Igreja e o Estado já foi uma grande vitória. Pois, o Estado, já pode dar salários aos professores das escolas missionárias.
- ❖ Os municípios, comunas e aldeias, onde temos o pessoal missionário e não só, merecem maior atenção. Até porque, a escola como estrutura física, nalguns casos não existe (vemos palhotas e faz-se da capela, escola, durante a semana); o êxodo rural dos adolescentes e jovens que abandonam a escola e se dirigem às grandes cidades à procura de “nova vida” e ultimamente, também se observa, os adultos a saírem das aldeias, pondo em causa a segurança de seus lares (família) e essencialmente, o matrimónio que se quebra. Para as aldeias, seria bom pensar em projetos

---

<sup>382</sup> Cfr. Leonor FIGUEIREDO, *Luanda 1974/1975, o Movimento estudantil*, P. 27.

<sup>383</sup> Cfr. *Idem*, PP. 33.36.

como: Internatos e agrupamentos escolares, para atender àqueles que estão distanciados das escolas.

- ❖ O Papa emérito Bento XVI, apela sobre a importância da escola católica, onde a criança aprende desde tenra idade, a criar laços de paz, de socialização e sua integração saudável na comunidade, através da educação que incuti os valores africanos, assumidos pelos do Evangelho. Isto acontece no diálogo com as culturas tradicionais africanas<sup>384</sup>.
- ❖ De tudo que se pode constatar, a Comissão Episcopal para o Ensino, em colaboração com as Comissões diocesanas, deve trabalhar muito mais, mobilizando meios técnicos para levar avante esta árdua tarefa. Isto vai exigir trabalhar com outras Comissões afins (a família por exemplo), para responder aos anseios e inquietações dos tempos que correm.
- ❖ A presença feminina foi notória com a chegada das Congregações religiosas femininas, que se dedicavam na formação feminina da população nativa.
- ❖ Portanto, vamos destacar 6 pontos fundamentais para o desenvolvimento integral da pessoa humana:
  1. Os jovens maioritariamente, não tinham acesso ao ensino oficial. Aproveitava-se a alfabetização para a sua evolução. Aproveitavam-se as férias dos estudantes do ensino médio e superior para formar grupos de alfabetização, era uma entrega total ao próximo;
  2. O outro problema vinha das crianças que terminando o ensino primário, seus pais não tinham recursos financeiros para dar continuidade à formação dos filhos e nem sequer podia se profissionalizar em determinada área do saber;
  3. Dadas a estas dificuldades, para manter o ensino nas aldeias, procurava-se, construir residências para os professores e pedir ao governo uma pequena verba (simbólica);
  4. Prioridade: sector feminino para as áreas de: culinária, costura, puericultura, higiene familiar. Os cursos eram orientados por um agente familiar;
  5. Os nativos ou autóctones tinham uma arte própria e esta, merecia também maior atenção para se desenvolver a economia familiar;

---

<sup>384</sup> Cfr. BENTO XVI, *O Compromisso da África, Exortação Apostólica Pós-Sinodal*, Nº134.

6. Por último, para além da deficiência em número de escolas na aldeia ou região, verificava-se a falta de material escolar, tais como: carteiras, quadros, livros ou manuais, cadernos, giz, etc,<sup>385</sup>.

**b) SAÚDE** – a saúde continua ainda hoje uma preocupação, conhecendo a dimensão geográfica de Angola, podemos dizer que é preciso trabalhar muito e que os governos durante os seus mandatos procurem aproximar os centros de saúde às comunidades, coisas que não se registam:

- ❖ Entramos numa temática que requer entrega e amor ao próximo. E para isto, existem evidências da presença feminina na missão da Igreja. Determinadas freiras de diversos Institutos religiosos, compreendendo e cumprindo com seu carisma, deram suas vidas em favor dos doentes que cuidavam nos hospitais e outros centros de saúde (dispensário ou posto médico). Como se pode ver, à volta duma missão ou paróquia, estava sempre um posto médico para dar resposta à situações correntes.
- ❖ Para dizer que uma Missão cheia de vida, não se mede pelas instalações ou estruturas físicas que possui, mas pela dedicação, entrega e fé dos seus fiéis e missionários; é um esforço comum.
- ❖ Vamos procurar fazer a ponte entre a pobreza e conseqüentemente a saúde. Começamos por uma situação não só de ontem, como também se constata no tempo atual: até que ponto uma visita missionária a um pobre ou a um doente, pode ser benéfica...? Não é fácil responder, olhando pelas experiências ouvidas e já tidas como sacerdote. Já vivi momentos em que o doente se recusa a receber visitas, ou o sacramento da santa Unção. Até sacerdotes que à beira da morte, rejeitam o sacramento! E perguntamos: será por mera decisão ou existe um sentimento de frustração ou de revolta? As perguntas crescem, mas sucesso.
- ❖ Há sempre algo que deve animar a nossa ação para com o doente ou pessoas desfavorecida. Quando recebemos uma carta de agradecimentos. A visita missionária, pode ser também terapêutica, livrar alguém do suicídio, que pensara que a vida tivesse acabado a partir de um infortúnio que teve<sup>386</sup>!

---

<sup>385</sup> Cfr. Salvador CABRAL, *A Missão... Nas Teias da Pide*, P. 147.

<sup>386</sup> Cfr. João de OLIVEIRA, *Pobres e doentes, nossos irmãos*, P. 9.

- ❖ Hoje o mundo não quer muitas palavras, mas gestos cheios de vida, a exemplo do “Mestre” (Jesus), que não só falou, como também usou gestos salvíficos. O padre João Oliveira, olhando pela sua própria experiência de missionário no meio povo, diz que o visitador missionário, ao realizar a sua atividade, não só sensibiliza o visitado (seja ele doente ou pobre), como também comove e evangeliza, toca os vizinhos daquela pessoa e mais, se esta pessoa é hostil à Igreja<sup>387</sup>. Pessoalmente já me aconteceu que, ao sacramentar um doente no hospital Central Dr. Agostinho Neto, no Lubango, em 2009, os outros doentes que estavam no mesmo quarto, disseram: **“padre: também queremos participar na oração”** e assim aconteceu conforme o pedido. A visita a um doente ou a um indigente, passa a ser um momento de encontro com o Senhor Jesus, que se transforma em gestos que evangelizam e transformam.
- ❖ Podemos neste trabalho, frisar as diversas formas de evangelizar. Outras já a floradas anteriormente. Para além da Liturgia, da caridade ou ação sócio-caritativa da Igreja, temos que salientar a pastoral do/no hospital ou do doente: ao fazer a visita ao doente, temos que descobrir técnicas que não cansem a pessoa enferma, através duma curta passagem bíblica, fazer uma oração com ele, uma partilha clara da Palavra de Deus, cheia de fé e de esperança. Transformar “aquele quadro sombrio” do “doente desesperado”, num ambiente mais ameno, de paz interior, transformador e apontar para o “Rosto amável” de Cristo, O Redentor e médico das “Almas”. Hoje as paróquias, já oferecem outros meios visíveis para se aproximar às pessoas: o jornal paroquial ou folhetos, onde constam certas informações para a vida da comunidade e até uma síntese da homilia dominical. Estes folhetos essencialmente, espelham uma riqueza litúrgico-bíblica. Também é possível colocar neles, passagens bíblicas com forte sentido da dor e do sofrimento, fundamentados na cruz redentora<sup>388</sup>.
- ❖ Para organizar a pastoral hospitalar não basta a boa vontade do sacerdote, é preciso que seja uma atividade bem estruturada, envolvendo mais agentes de pastoral. Nisto, devemos contar com a colaboração ativa de leigos que trabalham diretamente com os doentes nos hospitais e nos

---

<sup>387</sup> Cfr. João de OLIVEIRA, *Pobres e doentes, nossos irmãos*, P. 13.

<sup>388</sup> Cfr. Anísio BALDESSIN, *Como organizar a Pastoral da Saúde*, P. 49.

domicílios<sup>389</sup>. Apesar de certas debilidades que as Dioceses angolanas atravessam neste tipo de trabalho, tem havido esforços para manter acesa a missão evangelizadora. É preciso reforçar e fundamentar as “Associações de Enfermeiros de Angola”, com uma dinâmica própria com/de cariz evangelizador. A pastoral do doente requer presença e carisma próprios, pois toca o lado mais sensível da pessoa. O dar banho ao doente, trocar-lhe a roupa, a própria sanidade da casa e do quarto. O padre Anísio, aconselha que se faça este trabalho conhecendo primeiro a família, evitando todo tipo de desconfiança e desconforto<sup>390</sup>.

- ❖ Existe um dado curioso, que aparece pouco ou não aparece nas reflexões pastorais. A pastoral do doente, nem sempre é feita no meio circunscrito ou afeto à Igreja católica. No nosso contexto (angolano), vamos notando que quando vamos a um hospital sacramentar ou acompanhar um doente, “cruzamos” com “outros” doentes; de outras Igrejas e até seitas. Para além de ser um desafio, dada a sua complexidade, é uma “oportunidade” de se fazer a pastoral ecuménica. Não vamos para exercer proselitismo religioso, mas acolhendo o doente nas suas dores, desesperos; é necessário que se lhe dê um apoio espiritual, confiança e esperança na intervenção pronta de Deus. O ecumenismo aqui, deve ser compreendido como uma aproximação, diálogo de irmãos para superar as divergências ou conflitos, divisões entre diferentes Igrejas<sup>391</sup>.
- ❖ No exercício da nossa atividade missionária ao lado, devemos dar a entender ao doente que naquele dado momento e circunstância, ele (o doente), faz um encontro com Jesus. Neste “encontro”, Jesus, em circunstâncias nenhuma, pede a resignação, que o doente confie totalmente a Deus. Porque pode não resultar. Aliás, Jesus sempre mostrou aos doentes a força, a firmeza, na luta contra o mal. Isto é, esforçar-se para “curar”. O resultado desta cura, pode suscitar fé, aceitar a intervenção e presença de Deus na vida humana (Cfr. Mc. 6, 5-6)<sup>392</sup>. Neste sentido, Jean-Claude Larchet, coloca-nos a experiência da dor de São Bersanúfio: «estava sem forças a um ponto tal que não o saberia

---

<sup>389</sup> Cfr. Anísio BALDESSIN, *Como organizar a Pastoral da Saúde*, P. 50.

<sup>390</sup> Cfr. *Ibidem*.

<sup>391</sup> Cfr. *Idem*, P.99.

<sup>392</sup> Cfr. Enzo BIANCHI e Luciano MANICARDI, *Ao lado do Doente*, P. 52.

dizer, e no entanto, não me abandonava a esse estado, e lutava até que o Senhor me fortificou»<sup>393</sup>.

Por conseguinte, não importa o lugar onde fazemos as orações com os enfermos. Importa sim, a casa ou “aquele lugar” onde se encontra o doente. “Aquele espaço geofísico”, deve ser considerado o “santuário” do doente. E merece respeito e atenção<sup>394</sup>.

**c) AGRICULTURA E PECUÁRIA** – Angola é um país em crescimento e deve contar com “todos” para um desenvolvimento sustentável. Combater à fome com uma agricultura, pecuária e pescas em moldes modernos. São sectores chaves, pois neles encontramos a maioria do povo, sobretudo no meio rural. Quanto às pescas criar condições humanas para que o mar deixe de ser um pesadelo para quem anda a procura de pão para os filhos: na vida social das comunidades de ontem e hoje, colocamos uma nota que serviria de apêndice: **a agricultura, a pecuária e a pesca**. Em Angola, com o decorrer dos anos, fomos notando que se tinha criado a “mentalidade do petróleo e do diamante”, recursos utilizados e até indiscriminadamente, contribuindo grandemente para o Orçamento Geral do Estado (OGE). Estes recursos são como que divinizados, porque tiram o povo do desemprego, mas também, diabolizados, porque a esperteza gananciosa dos governantes, vota o mesmo povo na miséria! Pode parecer contra senso, mas acontece em África e sobretudo, em Angola: A “abundância da riqueza (do campo ao mar) torna o povo cada vez mais miserável”. Poderíamos até questionar, fará sentido algum, ter este tema aqui? A resposta é certa: tal como ninguém prega a palavra de Deus com a “barriga vazia”, nenhuma “barriga vazia” está pronta para ouvir a Palavra de Deus! Parafrazeando, Leonardo Boff, podemos dizer: **«Fome de Deus: SIM! E Fome de pão: NÃO»**<sup>395</sup>. Não queremos ser fortemente excessivos na afirmação nem tão pouco, partir para uma “teologia de libertação”, a exemplo dos irmãos latino-americanos. Mas, olhando para os discursos papais, vemos a preocupação da Igreja sobre a África, apelando para a “boa governação”.

---

<sup>393</sup> Jean-Claude LARCHET, *A teologia da doença*, P.64

<sup>394</sup> Cfr. Enzo BIANCHI e Luciano MANICARDI, *Ao lado do Doente*, P. 53.

<sup>395</sup> Leonardo BOFF, *E a Igreja se fez povo*, P. 17.

Basicamente, o povo angolano vive do campo, lá onde temos as nossas missões. Que em muitos casos, a ação pastoral da Igreja procura adaptar-se ao ritmo dos “camponeses”. É uma agricultura tradicional que carece de novas tecnologias e ser melhorada para garantir a base de sustento do povo<sup>396</sup>. É necessário que se aposte numa agricultura modernizada e que os camponeses não vivam sob contingências das chuvas que caem intermitentemente. O desenvolvimento sadio e equilibrado, deve passar também pela criação de novas tecnologias para o campo. É assim que à volta das missões temos os campos (entre nós denominados: lavras), onde as famílias passam a vida. A vasta região do centro e Sul de Angola, é totalmente agrícola, excetuando as províncias costeiras.

### 1.2.7. EVANGELIZAÇÃO LIGADA AO PODER COLONIAL (O PADROADO)

Vamos procurar em linhas gerais analisar até que ponto a questão do padroado foi benéfica, ou não no processo da evangelização de Angola. Primeiramente, entendemos por padroado a certos direitos e deveres que a Santa Sé, reconhecia a um determinado país, por se notabilizar na expansão do Evangelho. No caso, Portugal e Espanha, que descobriram novos mundos e aí levaram a fé cristã<sup>397</sup>. O padroado para ter efeito jurídico se fundamentava nas **Bulas apostólicas**, que passo a citar: ***Dum Diversas – 1452***: do papa Nicolau V (concede ao Rei de Portugal o direito de conquista.

O Rei estava isento de qualquer restrição; direito de posse, de invasão, expugnar, subjugar e reduzir os habitantes das terras conquistadas à perpétua servidão); ***Romanus Pontifex – 1455***: do Papa Nicolau V (dá aos Reis de Portugal o direito de estabelecer, fundar, construir Igrejas e mosteiros); ***Inter Caetera – 1456***: do papa Calisto III (Esta Bula dava jurisdição espiritual ao Prior da Ordem de Cristo, nos territórios descobertos pelos portugueses); e por último temos: ***Dum Fidei Constantiam – 1514***: do Papa Leão X (pelo serviço prestado à Igreja, reconhecia-se

---

<sup>396</sup> Cfr. Salvador CABRAL, *Revolução para o terceiro mundo Angola*, P. 48.

<sup>397</sup> Cfr. Barnabé Lelo TUBI, «Padroado», in *V Centenário da Evangelização de Angola*, P. 53.

ao Rei o direito de apresentação para todos os benefícios nos territórios conquistados ou por conquistar<sup>398</sup>.

### 1.2.8. UM OLHAR HISTÓRICO-CRÍTICO (LUZES E SOMBRAS)

Neste ponto, procuraremos fazer uma síntese do que foi a evangelização nas diversas etapas ou fases históricas. A vida ensina-nos a nunca atirar pedras à história, nem removê-las do caminho, porque podem ser úteis para as gerações futuras na construção deste grande edifício: da História feita por homens e mulheres de fé. Nem tão pouco julgar o passado da “nossa” evangelização:

- ❖ Partindo duma constatação, podemos dizer que o processo de cristianização de Angola no centro-Sul e no geral, foi antagónico. A Igreja católica e outras Igrejas cristãs ou viviam abeiradas ao poder colonial, com tudo que isto possa acarretar, ou se desmarcavam dessa dura realidade escravagista, dando o rosto para a independência de Angola, que só foi possível em 1975 (11 de Novembro)<sup>399</sup>.
- ❖ Tony Neves na sua obra «**Angola Justiça e Paz**», fala da viragem histórica com a criação da república em 1910 (Portugal), que criou uma certa crise no seio da Igreja católica e mais liberdade para a Igreja Evangélica ou simplesmente protestante. O estado começou a fazer “marcação cerrada” às missões, fiscalizando o que nelas se ensinava e pregava<sup>400</sup>.
- ❖ Olhando para as bulas papais, já referidas, é fácil compreender o casamento que a Igreja tinha feito com o Estado e que, o “divórcio” veio a tornar-se numa moeda cara, paga pela Igreja depois da Independência nacional. Numa visão mais abrangente, a Igreja católica consegue um acordo e estatuto missionário com o Estado português. Como Instituição fica “colada ao governo recebendo responsabilidades e atribuições do mesmo Estado português. Obviamente, nestas circunstâncias, a sua missão foi identificada de ajudar a perpetuar o “regime colonial” de Portugal em Angola. Tony Neves parafraseando Fernando Rosas diz: «a Igreja católica nas colónias atua explicitamente ao

---

<sup>398</sup> Cfr. Eduardo André MUACA, *Breve História da Evangelização de Angola*, P.31.

<sup>399</sup> Cfr. Tony NEVES, *Angola Justiça e Paz, nas Intervenções da Igreja Católica 1989- 2002*, P. 190.

<sup>400</sup> Cfr. *Idem*, P.193.

serviço do projeto colonial do regime e é paga pelo Estado para o exercício de uma ação missionária orientada pelas propriedades da política colonial do governo»<sup>401</sup>.

- ❖ Ao passo que, as Igrejas protestantes, estavam mais distantes do governo português. Neste sentido, tinham mais liberdade na luta contra o colonialismo ou descolonização de Angola. Algumas arriscaram até a vida de seus membros, sofrendo perseguições, prisões sistemáticas e convites a abandonar (expulsos) o território angolano<sup>402</sup>.
- ❖ Portanto, Schubert, citado por Tony Neves, ajuda-nos a ter uma visão mais equilibrada deste estudo. Schubert, diz que não obstante, termos no seio católico, missionários que continuassem a apadrinhar e a abençoar o sistema colonial, também dentro do protestantismo ergueram-se vozes que considerassem o poder colonial português como autoridade legítima, porque fora instituído por Deus. Entre os católicos as opiniões divergiam, sendo que alguns missionários apoiaram a luta contra o colonialismo<sup>403</sup>.
- ❖ Outra questão não menos relevante no passado, foi a da relação do padre branco e do padre negro. O tratamento que o padre negro levava da parte do “outro”, deixava muito a desejar. Tenho aqui o “testemunho” – conversa tida com dois padres, um já falecido (Pe. Justino Casimiro, falecido em 2009) e o padre Norberto Vicente Mbula, em fase terminal. Os dois contam situações tristes, por exemplo: quando o “outro” padre saísse com o padre negro para uma catequese, o padre negro não podia andar na cabine com o “outro”; andava na carroçaria, apanhando frio e poeira, chegava a aldeia com a batina suja, toda ela à cor da terra; Outro dado curioso que contara o padre Casimiro e confirmado pelo padre Mbula, é que o “padre negro não podia comer no mesmo refeitório com os missionários brancos”. Era obrigado a juntar-se aos seus (no caso, seminaristas – no Jau). Isto fez com que se criasse a mentalidade do “padre superior” e do inferior (negro). Esta injustiça e submissão total dentro da própria Igreja, observadas sob o ponto de vista relacional, provocaram mau estar e revoltas dos nativos contra os europeus (os missionários europeus).

---

<sup>401</sup> Tony NEVES, *Angola Justiça e Paz, nas Intervenções da Igreja Católica 1989- 2002*, P. 201.

<sup>402</sup>Cfr. *Ibidem*.

<sup>403</sup>Cfr. *Ibidem*.

- ❖ Consequentemente, na véspera, durante e depois da independência de Angola alguns europeus, que no passado não muito longo, tiveram tais comportamentos e atitudes, foram “cordialmente” convidados a abandonar o país. A relação tensa que temos vindo a observar entre Angola e Portugal e vice-versa, que dura até aos nossos dias, teria as suas raízes num passado menos brioso, gerado pela história. Estamos entre dois polos diferentes e com interesses também diferentes. Por um lado temos o “colonizador” que pensa que ainda tem “poder” sobre o antigo colonizado e por outro, temos o que foi “colonizado” no passado e que se vê autónomo, procurando como Estado, equiparar-se ao antigo colonizador. Numa palavra estamos perante a “luta” entre o “antigo opressor” e o “oprimido”. Mais do que buscar a solução dos problemas que afligem os dois Estados nas relações e interesses “comerciais” e políticos, seria urgente cimentar esta relação numa base cultural entre os dois povos ligados pela história.

## CAPÍTULO III: SITUAÇÃO ATUAL DA IGREJA NO CENTRO – SUL

### 3.1. Mapa Cultural dos habitantes do Centro – Sul de Angola

(Figura 1)<sup>404</sup>.



❖ Benguela, Huambo, Bié e norte da Província da Huíla (grupo étnico Umbundu)
❖ Huíla (grupo étnico Nyaneka)
❖ Cunene (Ovambo ou Kwanhama)
❖ Namibe (Ovankuvale ou Mucubais- Herero)
❖ Cuando-Cubango (Ovanganguela)

Neste capítulo, vamos entrar naquilo que é essencial, o povo, onde o Evangelho encarnou, dialogando com as culturas africanas e apontando para o Pai (Deus). A língua é um veículo de comunicação. É a ponte que leva e traz a Boa Nova da salvação. Em Angola, as línguas faladas, como em qualquer país africano, são as dos povos africanos aí residentes. Angola, maioritariamente é povoada por

<sup>404</sup> Cfr. [https://www.google.pt/?gws\\_rd=ssl#q=mapa+etnico+de+angola](https://www.google.pt/?gws_rd=ssl#q=mapa+etnico+de+angola) (30/10/2014: 12:53H).

povos de origem Bantu. Percentualmente, esta população é de 90%. Dentre os grupos étnico-linguísticos, destacamos o dos Ovimbundu, por constituir a maioria da população e sua língua (umbundu) ser a segunda língua mais falada depois do português e a primeira entre as nativas. O principal grupo étnico **Bantu** é o dos **Ovimbundu**, concentra-se no centro-sul do país, ou seja, no Planalto Central e em algumas áreas adjacentes, especialmente na faixa litoral a Oeste do Planalto Central.

Os seguintes grupos: **Ovanganguela (Ganguela - Lwena, Luvale, Mbunda, Lwimbi etc.)** - não constituem uma etnia abrangente, e cada um destes subgrupos, fala a sua língua, embora estas sejam de certo modo aparentadas. Um outro conjunto de povos é, desde os tempos coloniais, classificado como **Nyaneka-Khumbi**, mas tão pouco constituem uma etnia abrangente, nem pela sua identidade social, nem por uma língua comum. Diferente é o caso dos **Ovambo** que são um grande grupo étnico existente principalmente na Namíbia, mas em parte significativa também na província do **Cunene**, no sul de Angola. A sua língua é o **Oshivambo**, a língua africana mais falada na Namíbia. Em Angola esta língua é geralmente falada na forma dos dialetos próprios dos diferentes subgrupos. O subgrupo de maior destaque é dos **Kwanyama** (cuanhama"), mas há ainda os **Kwamatu**, **os Kafima**, **os Evale e os Ndombondola**. No sudoeste de Angola existem pequenos povos aparentados aos **Herero**, principalmente os **Vankuval ("Mucubais")**, **os Himba e os Dimba**. Finalmente existem no sul de Angola grupos residuais de **khoisan**, descendentes de povos não **Bantu** que falam as suas línguas específicas<sup>405</sup>. Duma forma geral apresentamos os grupos etnicolinguísticos que passaremos a enunciar, procurando caracterizá-los. Estes são os povos/habitantes da região centro-sul de Angola, sobre os quais recaia nossa pesquisa pastoral:

- a) **POVO UMBUNDU**: pelo nome percebe-se claramente que são povos provenientes do nevoeiro (ombundu ou simplesmente, mbundu), residentes nas regiões planálticas de Angola<sup>406</sup>. Estes povos têm por língua o **Umbundu**. Pode designar o indivíduo na sua singularidade ou uma coletividade (no caso, ovimbundu) e a língua falada pelos mesmos povos. Apesar da guerra que se bateu duramente nestas regiões habitadas pelos ovimbundu (**Huambo**,

---

<sup>405</sup> Cfr. [www.pt.wikipedia.org/wiki/l%C3%BAnguas\\_de\\_Angola](http://www.pt.wikipedia.org/wiki/l%C3%BAnguas_de_Angola). (1 /10/ 2014: 21:18H)

<sup>406</sup> Cfr. Douglas WHEELER e René PÉLISSIER, *História de Angola*, p.34.

**Bié, interior de Benguela e da Província Huíla**), estes povos constituem o “grupo cultural” mais numeroso, calculando-se estimativamente em 1,7 milhões de pessoas, nos dizeres de Douglas W. e R. Pélissier<sup>407</sup>. À situação já referida de guerras, associa-se a procura de melhores terras para o cultivo e pastagens do seu gado e, sistematicamente, procuram desenvolver o comércio com outros povos, vizinhos ou os que se encontram mais distanciados. Estas notas, demonstram que são povos trabalhadores, acolhedores, conviviais e migratórios. O povo umbundu, dada a sua capacidade relacional e sapiencial, tem-se destacado como grande assimilador das outras culturas e não como assimilado. Temos exemplos vivos, observando atentamente as movimentações que se têm verificado ao longo da história, a sua aproximação ao colono português, por exemplo, mais do que uma subjugação, foi uma grande mola impulsora na linha de aprender a “ser”, cultivando a mente pela ciência. Hoje em toda Angola, isto é, nas 18 Províncias, encontramos um número considerável de indivíduos pertencentes a este grande grupo étnico linguístico. A sua entrega ao trabalho e massificação, tem merecido da parte dos outros povos, atitudes de recusa e exclusão quase que social. Se a história do passado deste povo não fosse marcada por registos escravagistas, poderíamos dizer, sem receio de errar, que este já constituiu um manancial de guias dos portugueses para se atingir o interior de Angola<sup>408</sup>. É um povo que explícita e implicitamente, participou nas descobertas das zonas mais recônditas do país. É um povo que gosta de viver bem, pacífico e alegre. Facilmente, aceitou o Evangelho. Assim como acontece com os outros povos africanos, o povo umbundu não foge à regra, para além de abraçar o cristianismo, ainda continua preso nas tradições pagãs (recurso à feitiçaria e práticas de bruxaria para as senhoras). Isto, constitui um desafio pastoral nos tempos que correm.

---

<sup>407</sup> Cfr. Douglas WHEELER e René PÉLISSIER, *História de Angola*, P.34.

<sup>408</sup> Cfr. *Ibidem*.

**b) POVO NYANEKA:** os *Ovanyaneka* são um povo ou grupo etnolinguístico formado por 10 subgrupos. Começam na Província de Benguela (Chongoroi), a maioria está centrada na província da Huíla e vão até Cunene (Chulo). A caracterização que fazemos arrisca-se a ser generalista, mas não menosprezamos os aspetos singulares de cada subgrupo, sobretudo, os que se encontram nas zonas limítrofes (são mais abertos). No geral, os Ovanyaneka-Nkhumbi, são fechados em si, ao ponto de resistirem à influências do exterior ou, simplesmente, dos povos vizinhos<sup>409</sup>. Este fechar-se culturalmente, pode ser positivo na medida que se procura preservar a cultura dos contágios externos. Mas também pode ser negativo. Um povo que se fecha em si mesmo, não evolui e condena-se, ou melhor, arrisca-se a morrer ou desaparecer. Este povo é caracterizado pela pastorícia, pela alegria, nos convívios dança, expressando a gratidão pelo momento vivido. Tem as suas festas tradicionais, lindas e que a pouco e pouco se vão inculturando. Estamos a falar especificamente do Efuko/Efiko, festa da puberdade feminina. No contato com o Evangelho, vemos que as Missões mais antigas da Igreja nasceram nesta zona. E o povo vinha à Igreja, com todo afeto e entusiasmo. Mas com o tempo, esta prática foi desaparecendo e vemos um povo cada vez mais afastado da Igreja. Aquela aproximação ao cristianismo, está aquém do esperado. É mais um desafio para os pastores da Igreja. Era bom que se fizesse um estudo sério para se apurar o porquê destes afastamentos e o regresso ao tradicional ou práticas pagãs. As vocações tanto masculinas como femininas não progridem; claro, há exceções. Precisamos de apurar a ação missionária ontem e hoje para projetarmos aquilo que constitui o “ser da Igreja” (em missão). O método rígido da missionação antiga; a ausência de missionários nas aldeias, teriam contribuído para a pouca praxis cristã, registada hoje. Em 2003, passando duas noites na aldeia de Hamutenha, Comuna do Jau (um sacerdote, o padre Leonardo Gaspar, na altura diretor do Seminário Menor diocesano; dois estagiários do curso Superior de Teologia: Matias Tchimuco e

---

<sup>409</sup> Cfr. Douglas WHEELER e René PÉLISSIER, *História de Angola*, P.35.

Manuel Kalengue, hoje ambos sacerdotes e 50 fiéis da missão de N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> das Vitórias – Jau), fomos acolhidos pelo soba da aldeia. A calada da noite transformou-se festiva, porque a aldeia tinha recebido os missionários. Não havia condições de acomodação. Mas adaptamo-nos às reais condições do povo. Estendemos esteiras, panos no chão para descansar, o povo acendeu a fogueira e não cessava de cantar, expressando a sua alegria e gratidão. Esta curta passagem de “Evangelização”, chamou-me a atenção e fez-me lembrar os primeiros missionários europeus que por cá (nossas terras) passaram. Mais do que recuar no tempo e no espaço, precisamos de direcionar a nossa ação pastoral para o povo e sobretudo para o mais abandonado. O que faremos de bom para a pastoral, será entrar na cultura do povo, estar com ele, sentir as suas alegrias e as tristezas ou fracassos, ser o “Alter Christus”, nos nossos tempos. (Re) construindo os sonhos destes povos, várias vezes adiados: abraçar a cruz de Cristo e segui-Lo. O Soba, homem do bem e acolhedor, insistentemente, dizia-nos: «o nosso povo quer ter neste lugar uma Igreja e padres para nos ensinar a doutrina e não só, não queremos outra Igreja aqui, senão a católica». É um convite estimulador, mas desafiante. Pois, as mesmas palavras tinham sido já proferidas pelo Soba da outra aldeia, onde evangelizamos anteriormente: Ntemo – Jau. Olhando pelo número de missionários, que tende a reduzir, surgem inquietações e interrogações. É preciso que as dioceses mudem os esquemas, planos e métodos pastorais, para que a ninguém falte a Palavra encarnada e ninguém se sinta excluído. Através de “campanhas sistemáticas” de Evangelização, mantendo a presença frequente de Igreja aí onde é chamada.

- c) **POVO NGANGUELA:** como acontecia com outros povos de África, o primeiro contacto sempre ficou marcado pela presença de comerciantes portugueses. Deu-se este contato na aldeia de

Katoko, considerada centro dos Ovanganguela<sup>410</sup>. Este povo está entre os Ovimbundu e os Quioco-lunda. É um povo considerado etnocentrista, como indica o nome<sup>411</sup>. Muitas vezes acusado de exclusivista e menosprezado por outros grupos étnico-linguísticos. Com a expansão não massiva, para outras regiões, já se pode ver uma certa abertura aos outros povos. A relação destes grupos sociais, ainda é feita na base de acusações e desconfianças. O pouco conhecimento que se tem deste povo, tem contribuído negativamente para a expansão do Evangelho. Trazendo à tona questões mais tribais, que pastorais. O padre Lourenço, citando o Mons. Keiling, afirma que os Ovanganguela teriam provido do Alto Zambeze, afixando-se no Kutchi e nas margens dos rios Kubango e Kutatu<sup>412</sup>.

**d) POVO OVAMBO (KWANHAMA):** quanto a este outro grande grupo étnico-linguístico e cultural, vamos apresentar algumas diferenciações: **Ovambo** – vem de **ompho**, que quer dizer - avestruz ou simplesmente, terra dos avestruzes; e **ovambo** que deriva de otchihambo, uma saca que servia para os nativos levar a comida. Os estudos feitos por etnólogos demonstram que eles fazem coincidir a tradução de Kwanhama por “onhama” que quer dizer “carne”<sup>413</sup>. Os ovakwanhama, são assim conhecidos como amantes da carne, exímios caçadores, homens e mulheres de estatura elevada. Povo inteligente, mas preso na sua cultura e tradições. Curiosamente, a tudo isto, destacam-se várias lendas sobre a origem deste grupo. Entre elas, mostramos a que se refere ao seu sobado. Mons. Keiling, afirmou que os sobas kwanhamas, teriam vindo de Quilengues (Província da Huíla). Foram movidos pela abundância da caça, que a região oferecia. E nesta mesma passagem, o padre Lourenço, recorre ao grande etnólogo, padre

---

<sup>410</sup> Cfr. Serafim LOURENÇO, *A Missão Espiritana no Sudoeste de Angola*, P. 99.

<sup>411</sup> Cfr. Douglas WHEELER e René PÉLISSIER, *História de Angola, História de Angola*, P.35.

<sup>412</sup> Cfr. Serafim LOURENÇO, *A Missão Espiritana no Sudoeste de Angola*, P. 100.

<sup>413</sup> Cfr. *Idem*, P. 71.

Carlos Estermann: «seja qual for a origem dos kwanhamas e dos ambós em geral é certo que pertencem ao grupo mais recente de invasores bantu, mostrando uma mistura com sangue hamítico. A invasão ter-se-á dado há quatrocentos ou quinhentos anos. Pode ter coincido com a invasão dos Humbes»<sup>414</sup>. Habita na região árida do Cunene e uma parte na República vizinha da Namíbia.

**e) POVO HERERO (MUCUBAIS OU OVANKHUALE):** é um povo migratório, dentro do seu próprio território. Está situado no sudoeste de Angola, fazendo fronteira com os outros povos, tais como Mwilas (Huíla); Mutylengues; no Dombe grande faz contacto com os Ovimbundu e descendo para Cunene, com os kwanhamas ou simplesmente, os Ovambo (Ambós); é um povo muito fechado em si. E como afirmam os historiadores, Douglas e Pélissier, os Hereros, são uma minoria, estimam-se 20 mil pessoas e habitam nas terras ou planícies áridas do Namibe<sup>415</sup>. Este povo, é grande criador de gado. Para eles o gado não só tem valor para a base da sustentação, como também tem valor cultural. Noutras culturas e povos de Angola, existe um chefe (soba), que orienta a tribo ou a comunidade humana. Mas, nos Hereros, não acontece o mesmo. Emerge uma pergunta: como se organizam socialmente? Vivendo e convivendo com eles, compreende-se que não possuem uma estrutura organizacional, rigorosamente falando. Em termos sociológicos, pode-se aproximá-los a uma sociedade “anarquicamente organizada”, em que se desconhecem os objetivos do grupo, mas que todos participam, como afirma Maria Norberta Falcão, citando, Cohen, March e Olsen<sup>416</sup>. Uma parte deste grupo, encontra-se na Namíbia. Hoje, olhando para tudo aquilo que nos reservou a memória histórica da evangelização de Angola, não podemos ignorar nem perder de vista, as terras desérticas de Moçâmedes (atualmente Namibe), que 1785, foram escaladas pelo

---

<sup>414</sup> Serafim LOURENÇO, *A Missão Espiritana no Sudoeste de Angola*, P 71.

<sup>415</sup> Cfr. Douglas WHEELER e René PÉLISSIER, *História de Angola*, P.35.

<sup>416</sup> Cfr. Maria Norberta FALCÃO, *Parcerias e Poderes na Organização escolar*, P. 37.

português, Gregório José Mendes, sargento-mor; especificamente, na serra da Leba – Kapangombe ou Bumbo. Cinco anos depois, Kapangombe<sup>417</sup>, começa a receber alguns habitantes, vindos de Moçâmedes. Entre eles, havia uma mistura cultural, portugueses e brasileiros, que se destacavam na produção do café, algodão e cana-de-açúcar. Como afirma o Padre Lourenço: estes fixavam-se nos vales, ao longo dos ribeiros, expulsando os nativos, os kuvalas, para as zonas inacessíveis da serra<sup>418</sup>. Um pouco de história desta pequena terra. “A comuna do Kapangombe, circunscrição do então distrito de Moçâmedes, foi fundada no dia 10 de Março de 1857, por portaria nº 8/83 da então colónia militar agrícola de Kapangombe. Na povoação do Kapangombe existe um forte destacamento militar construído em 1861, com um calabouço para os indígenas que eram capturados pelas forças coloniais e colocados no referido labirinto onde muitos acabavam por morrer. Segundo rezam os livros que a reportagem do Jornal de Angola consultou, um antigo Rei do Bié esteve preso no calabouço de Kapangombe antes de ser deportado para Cabo Verde. O nome Kapangombe surge pouco depois de os portugueses se terem instalado no local. Conta a história que quando os autóctones iam fazer as compras, os comerciantes chamavam-nos e diziam: **primeiro o boi** e só depois às compras. **"Ka upe ongombe"**, que traduzido significa "vai buscar o boi", e assim surgiu a designação de Kapangombe. Segundo explicações do também historiador Daniel Sapi, na altura Kapangombe tinha poucos habitantes. Hoje, existem 1.550 casas, das quais 50 de construção definitiva<sup>419</sup>. Face às dificuldades vividas no deserto e por ser um povo nómada, também se torna um desafio evangelizar os Mucubais, ou Ova-kuvale. Mas nada é impossível. Os nossos antepassados, missionários, não tiveram êxitos na propagação da fé católica no seio deste grupo étnico linguístico. Por tudo o que pesquisamos, ficamos com a ideia de que não havia uma ação pastoral programada. Existe uma paróquia

---

<sup>417</sup> Kapangombe, na língua nativa quer dizer, lugar de pasto dos bois.

<sup>418</sup> Cfr. Serafim LOURENÇO, *A Missão Espiritana no Sudoeste de Angola*, P. 55.

<sup>419</sup> Este artigo foi recolhido no Jornal de Angola - online, de 27 de Junho de 2011, P. 2; dia da consulta: 27/10/2014; 12:53H.

na região de Kapangombe, mas esta, servia de ponte para se atingir a zona dos mwuilas (Huíla) e kwanhamas (Cunene). O padre Duparquet, que em meados de Outubro de 1866, partia de Lisboa, chega a Moçâmedes no mês de Dezembro, do mesmo ano, escala para Kapangombe, na companhia de um seminarista gabonês, que se chamava Crétin<sup>420</sup>. Postos em Kapangombe, às sombras da serra da Leba, constroem uma escola, para educar os filhos dos fazendeiros, portugueses e brasileiros, que mais tarde viria a acolher os africanos aí residentes e vizinhos. Juntamente aos Ova-kuvale, temos um outro povo africano nesta região, não Bantu, que chegara antes da invasão bantu. Constituem-se em três pequenos grupos: Kuissis, Cuandos e Kwepes, conhecidos também por kwanyoka ou kuroca. Sentem-se orgulhosos por serem os primeiros habitantes do deserto. Muitas vezes e de forma pejorativa, são chamados pelos bantu, “Vátuas”, que, quer dizer, errantes<sup>421</sup>. O etnólogo padre Carlos Estermann, em poucas palavras descreve este povo africano: «é tradição oral admitida por estes povos que os seus antepassados foram os primeiros habitantes da região que tiveram mais tarde com os Ova-kuvale, invasores, a que não puderam resistir. Creio que ainda hoje todos os Kuissis adultos sabem o nome do chefe conquistador, o temível Katoki, que foi como que o Átila da sua terra»<sup>422</sup>. «Tal como a grande maioria dos povos africanos, os mucubais também praticam como tradição fortemente enraizada a circuncisão dos jovens. A cerimónia da circuncisão realiza-se com regularidade e constitui um evento de grande significado, por simbolizar a festa da iniciação dos jovens mucubais, uma espécie de passagem dos jovens para o estatuto de mancebos. Os mucubais são um ramo da grande etnia herero que se espalhou pelo Sul de Angola.

---

<sup>420</sup> Cfr. Serafim LOURENÇO, *A Missão Espiritana no Sudoeste de Angola*, P. 55.

<sup>421</sup> Cfr. *Idem*, P. 57.

<sup>422</sup> *Ibidem*.



O sociólogo Gilberto Madeira afirmou numa palestra sobre “**cultura, hábitos e costumes dos povos Ovakule**“, que uma das prioridades do governo angolano é incentivar os povos de diversas etnias de forma a manter os seus laços tradicionais em prol da preservação da própria origem étnica dos povos localizados na província do Namibe, concretamente na comuna do Yona. O especialista disse que os referidos povos, são grupos étnicos que até hoje continuam a preservar a sua cultura tradicional, resistindo à integração, à semelhança de outros grupos como os **Hereros, Muimbas, Nguedelengo, Mumuila e Muhimba**. Este estudioso fez saber ainda que “não são os fatores da globalização nem das seitas religiosas que podem mudar o comportamento cultural destes povos, pois o governo tem envidado esforço para que os mesmos continuem com as suas tradições, hábitos e costumes. É uma tarefa difícil, se não mesmo impossível, mudar os hábitos e costumes destes povos. Já registámos Igrejas a tentarem evangelizar estes povos, mas até agora as suas tentativas não deram resultados, visto serem povos com hábitos muito fortes e enraizados”<sup>423</sup>». Portanto, culturalmente os Ova-kuvale estão muito próximos dos Ova-mwila, têm relações diretas. É frequente ver uns a subirem (mucubais) e outros, a descerem (mwilas) a serra da leba para tratar de questões relacionadas com o gado.

---

<sup>423</sup> Cfr. [http://www.welcometoangola.co.ao/\\_os\\_mucubais](http://www.welcometoangola.co.ao/_os_mucubais) (23/10/2014: as 18:13H).

f) **KOISAN:** por último, temos os koisan, é um grupo à parte dos já citados, povos africanos não Bantu. Têm a sua origem nos bosquímanos e hotentotes. São homens e mulheres do bosque; recusam o contacto com outros povos. São da mesma forma que, os outros, nómadas. Fazem parte dos antigos caçadores e recolectores de Angola. É um pequeno grupo, espalhado pelo sul do país (estimam-se de 2.000 a 6.000). Caracterizados como homens e mulheres de pele castanha, as vezes, são tidos como marginais, quer em termos raciais, quer culturais. Fisicamente, assemelham-se ao grupo mongol. É um povo em via de extinção, por não se adaptar ao sistema moderno, nem sequer sofrer influências do povo bantu ou europeu<sup>424</sup>.

Feita a apresentação dos grupos étnico-linguísticos do sudoeste angolano, abrem-se-nos alguns desafios pastorais, sobretudo, a ausência da “Palavra de Deus” entre os **Ovakule, Kuissis, Kwepes e koisan**. Estes pequenos grupos constituem uma preocupação pastoral tendo em conta a sua situação. Não têm residências fixas a exemplos de outros povos já estudados. Encontram-se muito apegados às suas tradições e o contacto com os outros grupos é quase nulo. Na tentativa de manter vivo os seus valores culturais e tradicionais, correm o risco de extinção. Não é fácil lidar com eles, face às suas caracterizações já mencionadas anteriormente. São povos nómadas, enraizados nas suas culturas, não permitem influências externas. São inconstantes, isto é, podem aparecer hoje para uma reunião e amanhã ou num outro dia combinado, simplesmente, não aparecerem porque já mudaram de casa ou aldeia. Para evangelizar qualquer povo que seja, é necessário conhecê-lo, adaptando-se à sua maneira de vida. A conversão dum povo pressupõe duas atitudes de quem evangeliza:

❖ **A partir do interior:** o missionário de hoje, ao entrar em contacto com o povo, deve “pedir licença”, dar-se a conhecer, conhecer o povo que vai evangelizar (respeitar a sua cultura, seus usos e costumes) e somente na última etapa, depois de ter feito o estudo “exploratório” do meio, apresenta a Palavra de

---

<sup>424</sup> Cfr. Douglas WHEELER e René PÉLISSIER, *História de Angola*, P.36.

Deus, como nova maneira de viver. Coisa que na “Evangelificação” anterior não se fez;

- ❖ **O interior que evangeliza o exterior:** a segunda dimensão ou atitude evangelizadora, está intrinsecamente ligada à primeira. Isto é, da convivência com o povo, nasce o conhecimento amplo, o diálogo que familiariza, a amizade que humaniza e cristianiza e a proposta que exige seguimento. Seguir Jesus, porque já não se trata de “Um estranho”. É “Alguém” que entrou na minha vida e passa a fazer parte da minha “família” (humana, dentro da minha cultura). Portanto, devo segui-Lo. Nasce o compromisso.

É necessário criar métodos exequíveis para manter presente a Igreja de Cristo, guiada pelo Espírito Santo, no seio dos povos africanos, onde ocorre a ação pastoral da Igreja. Em África, tradicionalmente, não existe o “ateu”, todos acreditam na existência de um Deus, como autor de tudo. Embora de forma não esclarecida em determinados casos. Na religião tradicional africana, Deus assume vários nomes, consoante a língua, usos e costumes de cada povo. Portanto, aquele ou aquela que evangeliza deve ter a plena consciência de que ao evangelizar também se deixa evangelizar. A evangelização tem uma dupla dimensão: dar e receber.

### **3.1.2. BARREIRAS NA NOVA EVANGELIZAÇÃO: A QUESTÃO TRIBAL E REGIONAL**

O título em si, é já um indicativo sobre a problemática que tentaremos abordar. Começamos por colocar algumas questões de partida: o tribalismo e o regionalismo são uma “realidade” ou um “falso” problema? Se existem, como erradicá-los? Com que meios? Nesta abordagem, parto pela seguinte porta de leitura: ninguém nasce fora da família, grupo social ou tribal. O próprio Filho de Deus, nasceu numa família humana, numa tribo, num povo. Assim, durante séculos foi anunciado pelos profetas e no Novo Testamento, temos a confirmação: virá da tribo de seu pai David (cfr. Mt. 1,18-24); O fazer parte dum clã, símbolo que identifica e distingue uma tribo das outras, ou ser desta ou daquela tribo, não é coisa doutro mundo. O mesmo que dizer, não seria humano, se o contrário acontecesse.

As questões tribais são muito complexas. E devem ser bem estudadas por pessoas esclarecidas, conhecendo-as profundamente, para não precipitar as conclusões. Com poucos receios, compararia os conflitos tribais no geral, à discriminação racial ou ainda, aos conflitos religiosos. Embora, nestes dois últimos casos, se use muita “diplomacia” ou se fale suavemente, condenando e absolvendo simultaneamente. A única diferença poderá consistir no seguinte: os conflitos tribais anulam a existência do “outro”, geram guerras, derramamento de sangue e violências, etc.

#### A) ABANDONO DAS ALDEIAS

**Regista-se uma insegurança total e povo ao sair da aldeia quase perde tudo, menos a esperança de um dia voltar a sorrir! (Figura 3).**



Para maior compreensão dos perigos que esta realidade pode causar, vamos apresentar um artigo encontrado na revista **“Mundo e Missão”** que narra o testemunho dum padre que viveu em África: **Pe. António C. Nunes missionário de Assis SP, trabalhou bem 19 anos na Costa de Marfim e agora está prestando um serviço para o Pime em Florianópolis.** Neste artigo, nos relata os últimos acontecimentos naquele país africano. O tempo bom a África foi quando os povos da África viviam em **“perfeita harmonia”** entre si mesmos, com a natureza e as suas

divindades. Ainda apegados e obedientes à tradição dos seus antepassados, tudo ao seu redor transmitia paz e tranquilidade. Havia pequenos conflitos entre os reinos aí constituídos. E, assim através do sistema de transmissão oral da tradição dos antepassados, as gerações foram se sucedendo e perpetuando estas heranças do passado. O povo africano tem consciência do seu passado e sabe que o que deu certo no passado, vale também para o presente e com certeza norteará igualmente o futuro. Entretanto os tempos mudaram e com a influência dos povos brancos colonizadores, a África foi perdendo a sua coloração cultural original. E hoje o continente africano está sofrendo as consequências deste "período negro" da sua história. E o povo, traz cravado no seu coração os estigmas da divisão, do ódio e da exclusão social e até religioso<sup>425</sup>.

## B) COSTA DO MARFIM - O PARAÍSO DESTRUÍDO

Em nível de povoamento, a Costa do Marfim é um mosaico de 61 tribos, quase todas imigradas dos países limítrofes (Burkina Faso, Mali, Ghana, Guiné-Conakri ...), que viviam em perfeita harmonia até um passado recente. A estas tribos, deve-se acrescentar ainda mais um quarto da população total, vinda de outras regiões da África, principalmente da linha do Sahel. Eles são considerados estrangeiros, pelo fato de não possuírem a nacionalidade marfiniana. Esta **unidade nacional** foi instaurada devido ao carisma do então presidente da república Félix Houphouët Boigny, venerado como o "velho sábio", que soube, no seu tempo, integrar todas estas tribos entre si e responsabilizá-las pelo desenvolvimento do país.

A Costa do Marfim, situada no sul do Sahara, era até pouco tempo um **ponto de referência** para os outros países da África. A sua **estabilidade econômica, política e social** era o modelo que os seus vizinhos queriam alcançar e já tentavam imitá-la. Quando lá cheguei em 1983, com o meu olhar de estrangeiro curioso, nada pude perceber em relação ao tribalismo. Até mesmo em relação a mim, que por ser branco, era o protótipo do colonizador francês, nada de anormal pude constatar. Vale a pena lembrar que a Costa do Marfim tornou-se independente da França em 1960.

---

<sup>425</sup> Cfr. [www.pime.org.br/mundoemissao/atualidadesafricamal.htm](http://www.pime.org.br/mundoemissao/atualidadesafricamal.htm) (28/10/2014: 21:22H).

Com a morte do seu primeiro presidente - o velho sábio - em 1993 e com o agravamento da crise econômica, logo começam a aparecer os primeiros vestígios do tribalismo, e as mais variadas intrigas entre autóctones e alógenos: **com os pescadores do sul, com os criadores de gado do norte, com os plantadores de cacau do oeste, com os comerciantes do centro, e com os “bandidos” da capital.** O desfecho destas intrigas, foi com o golpe de estado militar em fins de 1999, que trouxe ao poder um general reformado, que no ano seguinte organizou novas eleições e entregou o poder aos civis. Quando o povo já respirava novamente um certo clima de estabilidade política, no dia 19 de setembro de 2002, um grupo de 800 rebeldes tomaram a cidade de Bouaké, a segunda maior cidade do país, também chamada a capital do centro. Desde então instaurou-se uma guerra civil sem fim.

### C) AS CAUSAS DA GUERRA

(Figura 4).

Há uns anos atrás, o então presidente da república Sr. Henri Konan Bedié (sucessor do velho sábio), começou a introduzir no vocabulário local o neologismo "**marfinidade**", que em outras palavras, é um conceito nacionalista exacerbado, e logo o mosaico de tribos foi perdendo o seu brilho original e deu lugar ao conflito tribal. Para comprometer ainda mais a unidade nacional, a assembleia legislativa aprovou o novo código eleitoral (depois de fazer um plebiscito condicionado), onde se lê que "para cidadão ser candidato à presidência da república, ele deve ser filho(a) de pai e mãe marfiniano"<sup>426</sup>.



<sup>426</sup> Cfr. [www.pime.org.br/mundoemissao/atualidadesafricamal.htm](http://www.pime.org.br/mundoemissao/atualidadesafricamal.htm) (28/10/2014: 21:22H).

Com esta nova lei eleitoral, foram excluídos muitos candidatos, entre eles o Senhor Alassane Dramane Outtara que, segundo alegaram, é filho de pai marfiniano e mãe burkinabé. Com a sua exclusão, houve todo um movimento de protestos contra o governo. Entre outros argumentos, foi incluído também o aspeto religioso, pelo fato que o Sr.



(Figura 5). No alto, o presidente Laurent Gbabo, eleito em 2000; e acima, Alassane Quattara (à esquerda) e o general Robert

Alassane é muçulmano. Ele muito insistiu, mas não conseguiu reverter este quadro negativo em relação à sua candidatura. E agora é acusado de ser o idealizador deste golpe de estado, tendo como apoio as tribos do norte e do centro, os países limítrofes ao norte, a Líbia e a Arábia Saudita<sup>427</sup>.

Hoje o país está dividido em duas partes, sendo sul e o centro-leste (cristianizado) com o governo legítimo, e o norte e o centro-oeste (islamizado) com os rebeldes. Houve nestes dias, em Paris, uma tentativa de acordo de paz, onde as duas partes assinaram um documento oficial, comprometendo-se a respeitar o cessar-fogo. Porém, este acordo não foi aceito pelos militantes do partido dos rebeldes e nem tampouco pelos militares fiéis ao governo constitucional, que se sentiram lesados na forma como o acordo de paz tinha sido assinado. Principalmente na cláusula que determinava que os ministérios da defesa e do interior doravante seriam atribuídos aos rebeldes.

#### D) TRIBALISMO E CRISTIANISMO

De fato, o maior de todos os problemas na África é o tribalismo; basta recordar a guerra tribal genocida no Ruanda e no Burundi, alguns anos atrás e outras guerras, que mesmo tendo uma conotação política, na verdade, são tribais. Com o advento da democracia na África nos anos 80, o primeiro presidente da república marfiniana - o velho sábio -, profetizava que **"cada tribo deve fundar o seu partido político"**. Então, logo no primeiro ano de abertura democrática na **Costa do Marfim foram inscritos mais de 40 partidos políticos**. «Esta aliança entre os membros da mesma tribo, e, às vezes, com outras tribos vizinhas, é um

<sup>427</sup> cfr. [www.pime.org.br/mundoemissao/atualidadesafricamal.htm](http://www.pime.org.br/mundoemissao/atualidadesafricamal.htm) (28/10/2014: 21:22H).

ponto forte para a sobrevivência das mesmas. É normal chamarem os membros da mesma tribo ou das outras aliadas de irmão ou irmã, não tendo nada relacionado com os laços de sangue. Todavia, os membros das outras tribos, mesmo que sejam marfinianas e residentes no mesmo território nacional são tratados de estrangeiros. Quando eu fazia uma exortação (homilia, catequese, formação), ao nosso pequeno rebanho de cristãos, sempre elogiava a unidade existente entre os membros da mesma tribo e a aliança com as outras tribos aliadas. Porém, apresentava a novidade que caracteriza a fé cristã, isto é em nome de Jesus, o Filho de Deus, que se fez homem e veio habitar a nossa terra; para aproximar novamente o céu da terra\*, todos são irmãos e irmãs. Onde, todas as barreiras de cor, língua, nação e tribo são abolidas. E, assim todos os que se "revestem do homem novo formam a grande família de Deus"»<sup>428</sup>.

Este exemplo, dum país africano, Costa do Marfim, é só um sinal demonstrativo duma árvore frondosa plantada numa floresta sapiencial densa de África. Pois, não resume a África e os seus problemas. A Igreja, tem verificado e acompanhado com muita apreensão os últimos acontecimentos deste continente. Já correm duas décadas, desde que o mundo assistiu o genocídio de Ruanda e Burundi (1994), os conflitos entre Hutus e Tutsis, uma maioria e uma minoria, que lutam para se firmarem. Há outros exemplos que devem fazer parar a Igreja e refletir. O caso do Médio Oriente, o conflito entre Sunitas e Xiitas, os Curdos, a minoria Copta no Egipto, muçulmanos e cristãos. Qualquer estudo que não se interesse em conhecer profundamente estas culturas, arrisca-se a ser "mais um discurso vazio". O caso particular do sudoeste angolano, onde se desenvolve a nossa ação pastoral e pesquisa, não foge à regra geral. Ainda não temos conflitos violentos. Esta é uma constatação, mas é preciso prevenir, pois os conflitos são ainda latentes e muitas vezes alimentados por gente culta, infelizmente. Ainda pior se for por sacerdotes, freiras, catequistas.

O tribalismo é uma realidade tão antiga na história dos povos, afetou a Europa num passado recente, metade do séc. XX, e criou divisões, provocando nalguns casos, derramamento de sangue, basta citar a situação vivida nos Balcãs, nos países que se queriam livres da ex-União Soviética; na Ásia e na América,

---

<sup>428</sup> [www.pime.org.br/mundoemissao/atualidadesafricamal.htm](http://www.pime.org.br/mundoemissao/atualidadesafricamal.htm) (28/10/2014: 21:22H).

também, houve registos deste mal<sup>429</sup>. Por ironia da história, a África hoje, não só herdou o Cristianismo e a cultura dos colonizadores, Islamismo e o seu radicalismo, que desemboca no fundamentalismo político-religioso e cultural, recebe como herança os problemas vividos e transportados por outros povos. Fazendo jus ao dito popular: “dividir para reinar”. Foi a partir daí que as tribos ou os povos africanos sofreram a grande transformação. A triste memória do conflito étnico do Ruanda (1994), a guerra civil do Burundi, África do Sul, Zimbabwe, Quênia, Libéria, Uganda, Somália, Etiópia, Eritreia, os dois Congos (belga e francês)<sup>430</sup>;

Há um dado a reter e sobretudo, quando falamos da “tribo que, quando mal interpretada, gera guerra, discriminação. Em África, há certos oportunismos ou aproveitamentos políticos das tribos. Quer dizer que se usa excessivamente, determinadas tribos ou grupos étnico – linguísticos para fins políticos, geradores de sangue, a luta entre irmãos, alimentada por um falso problema. Por exemplo, quando um partido político, literalmente, beneficia com as suas políticas de desenvolvimento uma tribo ou cinco, deixando para fora outras tantas, minoritárias ou maioritárias, num universo de vinte tribos, claramente, está-se a cavar um fosso cultural. Notar-se-á uma discriminação, não só social, mas, tribal ou racial. E isto, tem estado na base dos conflitos africanos. Robert Guest, cita o historiador Basil Davidson, que, de forma clara, expõe no seu livro “**África e a maldição do estado - nação**” o seguinte pensamento: os novos estados africanos, tornaram-se “transplantes e estranhos” baseados nos modelos de seus colonizadores e não nas velhas instituições do seu passado.

A importação de modelos, infelizmente, até de ideias, chega a não convencer a maioria de seus povos, tornando-se incapazes, ineficientes, à exceção; beneficiam uma minoria que se adaptou a tais modelos ocidentais, excluindo a maioria. É isto, no dizer do autor, que gera conflitos.<sup>431</sup> Para Davidson, a maioria ou os excluídos procuram ter ou encontrar um mecanismo de defesa ou autodefesa. E esta defesa é que o autor vai chamar de “Tribalismo”, que passa a ser a ligação de pessoas ou redes familiares, com interesses locais<sup>432</sup>. Em parte, estou de acordo com Davidson, mas faço um acréscimo, em jeito de alerta para um “aproveitar-se” de situações sem uma fundamentação lógica. O que vou

---

<sup>429</sup> Cfr. Robert GUEST, *África, Continente Acorrentado*, P. 131.

<sup>430</sup> Cfr. *Ibidem*.

<sup>431</sup> *Ibidem*.

<sup>432</sup> Cfr. *Ibidem*.

cognominar por “cegueira” tribal. A rejeição e anulação do “outro”.

A guerra fratricida que assolou Angola e os seus filhos, após a independência, foi sempre entendida, embora de forma velada, como “guerra tribal” entre os **Ovimbundu e os Kimbundu**. E podemos ter outros exemplos da África, na República Centro Africana, Mali, Nigéria, Sudão do Norte e do Sul, na Guiné-bissau, etc. Como consequência, verificamos a extrema pobreza, isto é, material, espiritual e a mais grosseira, no dizer de Laurenti Magesa, “**pobreza antropológica**”, que vai consistir no modo próprio de viver e do existir<sup>433</sup>. O atraso total. A África no contexto das nações mundiais, (a) parece como uma “bolha de sabão”; uma África enfraquecida pelas lutas internas, sem rumo certo, nem parece ter energias para desenhar na história o seu existir. A Igreja que nasce da ação libertadora de Cristo, é intimada pelo mandato de seu Senhor, a sair da “instalação” e ir à “periferia” para libertar o angolano, citando o Santo Padre Francisco.

Ninguém nasceu **umbundu, nyaneka, kwanhama, kuvale ou koisan**, por exemplo. Antes de mais, nascemos como pessoas, únicas e assumidas pelos grupos clânicos, já existentes e com o desenvolvimento psicossomático ganhamos consciência e sentido de pertença a esta, ou àquela raça humana, que deve ser protegida e desenvolvida. Isto sem apagar ou ensombrar aqueles que fazem parte de outras culturas ou tribos.

Como sacerdote, já ouvi testemunhos de pessoas que dizem terem sido excluídas ou sofrido por não serem daquela terra. A expressão: “O’wetu”, equivalente a: é “nosso” do grupo; “otyilongo tyetu” ofeka yetu (nossa terra); logicamente, quem não é do grupo, ou da referida terra, sente-se mal. Agora resta saber se estas expressões são ditas com certa malícia ou não. Acredito que, o modo como são ditas e interpretadas é que pode gerar conflito. Na Igreja, observamos uma partilha linguística, sobretudo na liturgia. A música a ser cantada nas diversas línguas. Mas também já ouvimos discursos duros que dizem: “aqui só se deve cantar na língua local” e os outros povos que ali rezam, mas que são doutras regiões, automaticamente, são excluídos, como que de estrangeiros se tratasse.

Temos sinais visíveis e ocultos do tribalismo que aos poucos começam a entrar nas Igrejas locais. Olhemos a rejeição dos bispos em determinadas dioceses.

---

<sup>433</sup> Laurenti MAGESA, «O combate africano por uma autodefinição», in *Teologia Africana no Século XXI, Algumas figuras*, P. 245.

Uns por serem brancos e outros, mesmo sendo negros, porque não serem da mesma região ou tribo. Em Benguela, tivemos o caso de D. Lino Óscar Fernandes Braga, foi ostralizado numa primeira fase. E esta rejeição vinha ou estava encabeçada por uma Congregação religiosa masculina, que queria influenciar a diocese toda para dizer: não queremos este bispo (talvez por ser branco). Apesar da rejeição, D. Óscar hoje é visto como “o pai da diocese”. Venceu com o trabalho e amor dedicados aos filhos da terra. As acusações que pesam entre os do interior e da cidade. Sobressai a expressão dura e grave: os “Kamuhanha”, os da Hanha. São conflitos que desafiam a Igreja, sinal da unidade e integrador.

Temos o caso recente da diocese de Menongue. Esta diocese faz parte da província eclesiástica de Lubango. É habitada pelo povo Nganguela e tem como vizinhos os Ovimbundu e os Nyaneka. Normalmente, não é o povo em geral que não quer o bispo ou qualquer dirigente. Neste caso particular, foi uma minoria anónima que não queria o atual bispo, **D. Mário Lukunde**, natural de Benguela. Os “nativos” que não se sabe quem são, fizeram-lhe uma carta dura e sem assinatura. Na mesma, como veremos, não só colocam o nome do Bispo, como também, incluem os missionários de origem umbundu, que ali trabalham. É preciso aprofundar o caso, desde que haja abertura e colaboração do mesmo povo. À partida, tratando-se duma carta anónima, qualquer investigação pode aclarar e ser esclarecedora do que até aqui era oculto, quando feita inteligentemente. Ou tira-se partido dum só lado, sem dar a possibilidade ao outro lado. E a pesquisa fracassa, porque feita, ingenuamente. Voltando à carta, encontramos graves acusações. Para uma melhor análise textualmente, cito:

(19.07.11)  
26.01.07

## O MERCENÁRIO DA DIOCESE DE MENONGUE

«Sobre os rios de Babilónia nos sentámos a chorar com saudades de Sião. Nos salgueiros das margens dependuramos nossas harpas». Saudades do nosso querido pai, Dom José de Queirós Alves.

«Esperávamos da Paz nada vemos de bom, numa era de restauração surgiu angústia». Como podemos acreditar em alguém que se diz ser Pastor, mas é um autêntico Mercenário (Malogrado Mário Lukunde). Frisamos isto visto que o dito mercenário já se encontra na Diocese à mais de um ano, porém, a pobre Diocese nunca deu algum passo para frente, até o que deixou o nosso querido pai está sendo transportado para as hortas de bananeiras (Benguela), por este tipo que veio com título de missionário que passa a vida dormir, andar com as irmãs Consoladoras, Cleptómano, Lestes, Avarento, Monarca, Privatizador de todos os bens da Diocese.

Entretanto, lamentamos imenso as atitudes de alguém que se diz ser Pastor que não educa nem ensina, mas despreza os fiéis e os seus governantes, a exemplo das palavras obscenas que proferiu no seu discurso homilético que dizia: “As cobras passam de casa à casa visitando-se”, isto compactua com as ideias do Malogrado Dom Viti que dizia: “Casa de capim não é casa, Ngangela não é pessoa”. O Defunto Pe. Kambungo que usa a capa de missionário a final é um bruxo que desenterra as pessoas mortas no cemitério da Missão Católica de Menongue para fazer a sua superstição dizia: “vale apenas poupar uma cobra do que deixar passar o Ngangela”. Na mesma travessa, o Mercenário noutra dia acrescentou: “Senhor Governador será que é cultura deste povo banhar nu ao rio?” Até este ponto revela a miopia deste Senhor, porque é normal que as pessoas estejam nuas enquanto tomam banho ao rio, isto não só acontece cá, mas também é mais notório no Litoral onde o míope Pastor saiu, será que nunca foi à Praia? E nunca escutou alguém a lhe contar isto? Se ele também o fazia com as Irmãs Consoladoras. Que mostre o contrário, hipócrita, impiedoso, feiticeiro do Dombe-Grande fica a dançar nos cemitérios com a sua concubina Consoladora (Irmã Cristina), cuidado nós sabemos tudo que o senhor fez e faz; contudo, nós estamos cansados de ouvir as suas falácias de homilia rota, sem conteúdo teológico.

434

<sup>434</sup> A referida carta é anónima - criou um mau estar entre os visados e também para o povo inocente da realidade que estava a acontecer. Pode ter sido feita por um “punhado” de gente, mas que mancha o bom nome que qualquer povo merece ou deve merecer. Ela não será a primeira na história de lutas tribais, mas que haja cuidado ao lidar com estes fenómenos vergonhosos e tristes.

A tudo isto acresce-se a questão complexa na Arquidiocese do Lubango, incluindo as duas Dioceses que fazem parte da província eclesiástica: Ondjiva e Namibe. Vive-se um clima de desconfianças mútuas, algumas com ou sem razões de existir. Para tornar compreensível o nosso texto, quero (re) situar, o seguinte: esta região é habitada pelos povos já referidos nos pontos anteriores (Ovimbundu, Ovanyaneka, Ovambo, Herero, Koisan). O conflito tribal tem sido entre os Ovimbundu e os Ovanyaneka, (no Lubango e no Namibe) e descendo, encontramos os Ovakwanhama ou Ovambo, no Cunene. Os mucubais ou simplesmente, ovankhuvale, não entram neste jogo conflitual, atendendo à sua caracterização, já observada anteriormente.

Depois destas constatações e pesquisas efetuadas, emerge uma questão: o que estará na base do tribalismo? Por tudo que lemos e observarmos, o tribalismo parte duma realidade e dum falso problema, concomitantemente. **Realidade:** alimentada por um medo do outro, por ciúmes, atinentes ao desenvolvimento sociocultural; invasão e delimitação fronteiriça. **Falso problema:** ninguém se assume como tribalista e os que acusam nalguns casos, não descrevem com verdade as ocorrências. Ficando por apontar, **quem, como e onde** ocorreu tal situação. Uma questão tão séria, deveria merecer mais atenção e aprofundamento. Não tenhamos medo de dizer as coisas, mesmo que a verdade provoque ficções nas feridas aparentemente saradas. A verdade cura para sempre e aproxima os povos. É preciso que os povos africanos tenham coragem de reler a sua história antes da influência e contacto com os europeus. A nossa história é clara e exalta os valores da boa convivência e não só. O tribalismo não é só africano. O duro golpe da escravatura é um veneno que até hoje, deixou sinais visíveis, os filhos e filhas de África nunca mais se sentaram à mesma mesa para partilhar e definir os seus destinos. A esperança não está morta. O Evangelho anunciado nas nossas culturas transforma, liberta e salva. A fé em Cristo, proclamada pela Igreja, será o sacramento da unidade, da comunhão, da partilha e do acolhimento. Quando escutamos relatos de exclusão, como Igreja, batizados devemos sentir, sem adivinhar, que algo está em falta: Cristo, anunciado e tornado vida na própria cultura africana.

É um desafio para a Igreja em Angola, congregar os fiéis na mesma barca sem discriminar por causa da proveniência ou raça (tribo). A tudo isto, eu proponha e com urgência, um “ecumenismo cultural”. Onde se (re) conheça, (re) valorize

aquelas tipicidades e especificidades de cada cultura, para se construir uma única cultura, a do amor, que se vai basear na aceitação e no acolhimento do outro. O padre Muanamosi Matumona, apelidou o tribalismo como uma “praga”, que se desenvolveu em três momentos:

a) **Era pré-colonial:** aqui o tribalismo é visto como uma forma de organização social, reagrupamento das famílias;

b) **Colonial:** na era colonial, o tribalismo aparece como uma reivindicação étnica, mas com sentido ambíguo. Sublinhou-se a etnia para o controle administrativo, como religioso; foi através das etnias angolanas que se marcou resistência à colonização<sup>435</sup>;

c) **Pós-colonial:** abandono do objetivo real da tribo para fins políticos. Houve uma certa manipulação étnica<sup>436</sup>. A dimensão étnica, já enfraquecida e deturpada pela colonização, entra num esvaziamento cultural. O que se pode apreender desta realidade, é que a etnia passou a ser um instrumento dos que gerem o poder político, gerando problemas sempre adiados, por acharem normal e como se pode esperar, as consequências são drásticas e destruidoras da própria identidade cultural do povo.

Portanto, nesta zona do sudoeste angolano, o conflito está encoberto por uma cortina de ferro, que com o tempo se vai oxidando. À medida que se retira um pedaço do cortinado, de forma sorrateira, o fumo da exclusão sai, ofensiva ou inofensivamente. As tribos em África nunca deveriam ser lugar de grandes batalhas, a perda da identidade dum povo é a morte cultural do mesmo. A Igreja mãe e mestra, com a experiência secular que granjeou, suponho ser o elemento fundamental para salvar o homem e a mulher africanos, entrincheirados na capa tribal. Os missionários africanos de hoje, observando atentamente e com muita preocupação, devem ser os pioneiros da reconciliação entre as culturas; serem audazes e capazes de pôr fim a nuvem do desespero em que o povo se encontra. Neste texto, insisto nos missionários africanos, porque muitas vezes, são eles que fomentam tais divisões excluindo aqueles que não fazem parte da sua tribo.

---

<sup>435</sup> Cfr. Muanamosi MATUMONA, *Filosofia africana, na linha do tempo*, P.113.

<sup>436</sup> Cfr. *Idem*, P. 114.

É triste ouvir e assistir a estes acontecimentos degradantes da raça humana - como afirmou o teólogo africano, Lufuluabo, ao relacionar a arte musical ocidental com a música africana. Ele procura aquilo que mais pode tocar a alma africana. Lufuluabo, não menospreza de modo nenhum a música ocidental, mas evoca aquilo que toca a sensibilidade africana. E o que toca, vem da própria África. Tal como acontece com os ocidentais. Parafraseando-o diria: «depois de terem colocado os pés nas culturas europeias e de aí se terem sentido à vontade, os “negros cultos” devem voltar-se para os valores do seu solo pátrio»<sup>437</sup>. Infelizmente, os intelectuais africanos e governantes políticos conviveram com os outros povos, mormente na Europa e na América. Mas, não conseguem mudar o quadro sombrio de seus respectivos países. O mesmo acontece com a Igreja, muitos quadros, desde bispos, sacerdotes, religiosos e religiosas: tiveram a sua formação ou um grau académico na Europa. Mas, quando regressam à África, a ponte de conhecimentos adquirida quebra, remetendo pura e simplesmente, ao embrolho da “cortina de ferro”, que não deixa ver, nem sequer aproxima os irmãos! Pergunto-me: o que andamos a fazer para libertar o nosso povo? Se puséssemos em prática as ricas experiências que tivemos no contacto com outros povos, hoje a África seria o “paraíso” anunciado ao povo hebreu.

Face a tudo isto, ainda temos esperança para dizer: África, chegou a tua hora, levanta-te dos escombros do tribalismo e regionalismo, males que afetam e envenenam os fiéis. Diante de gestos tribais aguçados, como Igreja família de Deus, somos convidados e desafiados a ter coragem, estudando caso por caso, superá-lo sem violência e recuperar os fatores identitários das nossas etnias. As tribos, bem interpretadas, são fatores de coesão de qualquer estado. Mas este trabalho deve ser promovido a partir da estrutura hierárquica (Bispos): é necessário abordar as questões tribais com a frieza e sapiência possíveis. Deste modo, em cada diocese, onde estes males são visíveis, devia criar-se uma comissão cultural integradora, que fizesse um estudo apurado, ver as razões que estão na génese do tribalismo e do regionalismo no sudoeste angolano. É importante criar condições (programa único, mas com várias portas onde os grupos étnicos se revejam) que favoreçam as tribos que habitam neste mosaico cultural; esta programação, deverá posteriormente ser assumida pelas paróquias. Sistemáticamente promovam-se ações de intercâmbio

---

<sup>437</sup> François-Marie Lufuluabo MIZEKA, «Perspetiva metodológica», in *Teologia Africana, no século XXI*, P. 49.

cultural, sem deixar de fora ninguém. É um trabalho árduo, exige sacrifícios, entrega, incompreensões, lágrimas, mas no fim traz paz interior do dever cumprido.

O fato de não abordar esta questão de que enferma a África na Arquidiocese do Huambo e na Diocese do Kuito-Bié, não significa que estão imunes desta triste realidade. Os povos que não fazem parte do grupo étnico-linguístico (Umbundu), devem também sentir ou passar pela mesma situação de rejeição, embora de forma velada. Eu próprio, apesar de ser da tribo umbundu, já senti e ouvi expressões regionalistas, como esta: “este que vem da Huíla, ou, ainda: este não é daqui”. Estudando as culturas e povos, vemos que o problema não está nas palavras ou expressões, mas no modo como são ditas e no contexto, que nos leva a uma carga forte da palavra. Em África, no geral, usa-se muito a ação performativa da palavra. A palavra nunca é vazia de sentido ou conteúdo, é sempre um acontecimento. Daí, o africano falar pouco e interpretar tudo que lhe aparece. A questão do tribalismo não é só do sudoeste angolano, mas de Angola, em geral. Os discursos de governantes políticos, dos Bispos e sacerdotes, sobre a unidade nacional, deveriam ser aprofundados e enraizados nas culturas destes povos irmãos. Hoje, urge falar da “Unidade Cultural”, se me permitirem, da “Unidade Tribal”. Este pode ser o ponto de partida para a salvação de África, sem discriminar ninguém.

### **3.1.3. NOVOS DESAFIOS PASTORAIS**

Ao desenvolvermos a nossa pesquisa, cruzaremos com vários termos tais como: feitiço (Feitiçaria); bruxaria; adivinhação – prática ligada à ganância; onganga e tchiliangu<sup>438</sup>. Vamos agora abordar uma das piores barreiras da evangelização em África, especificamente em Angola. Procurar perceber o que é o feitiço e qual é a sua razão de ser. Falar do feitiço como discurso, à primeira vista parece fácil, mas a realidade em si é complexa, por ser abstrata. Um pouco de história para mostrar o interesse que a África tem tido em estudar e compreender este fenómeno “estranho” e ligado às culturas ao mesmo tempo. A Tanzânia, num dos seus ministérios, criou uma secção no sentido de estudar o sortilégio e a prática da feitiçaria (1978). A feitiçaria é considerada hoje uma prática arcaica, mas que deve merecer a atenção

---

<sup>438</sup> Onganga=feiteiro; Tchiliangu = Bruxo ou Bruxa; Tchimbanda: curandeiro ou médico;

dos cientistas, jornalistas e políticos<sup>439</sup>. A estes esforços esmerados, deveria acrescer também o esforço dos líderes religiosos ou da Igreja. Neste caso, é bom salientar as suas causas. Os estudiosos russos, Gromiko e Kobichanov, apontam algumas causas que motivaram seu estudo:

- ❖ **Fé no sortilégio:** a forte influência que isto tem sobre o pensamento e comportamento do povo. O que vemos nos nossos, é que não só recorre a esta prática gente do campo com pouca formação ou sem formação mas também, gente culta<sup>440</sup>. É isto que chama atenção a qualquer investigador social e também religioso, no caso, o estudo da ação pastoral da Igreja. Em Angola já ouvimos, durante o exercício do ministério sacerdotal, pessoas que a nós se dirigem porque sentem a consciência pesada por terem recorrido a um feiticeiro ou a uma bruxa, para pedir um “bem”, que pode ser: ter dinheiro, “subir na vida”, ou ter um cargo vistoso, estar social e profissionalmente bem posicionado; libertar-se duma doença que parece incurável. Mais do que causas, são inúmeras razões que levam o povo a tais práticas.
- ❖ **Mundo misterioso:** é assim chamado por ser penetrável e impenetrável ao mesmo tempo. As pessoas já consultadas dizem algo a respeito, mas nunca em detalhes. Há dito popular que diz: se quiseres saber sobre o feitiço, torna-te feiticeiro. O feitiço na concepção africana só se compreende a partir de dentro. Nesta pesquisa, cito um historiador inglês (Terence Ranger) que dizia: a problemática da feitiçaria e dos movimentos anti bruxaria, largamente continua a constituir o mais misterioso e intransponível dos diversos problemas das religiões africanas<sup>441</sup>.

É bom não confundir o feiticeiro ou **feiticeira com a simples magia**. O feitiço e sua prática são obras do mal. Assim, foi considerado ao longo dos tempos. Segundo Gromiko e Kobichanov, a bruxaria tem duas vertentes ou dimensões: a do bem - proteção contra qualquer mal, súplicas quando há escassez de chuva; e a do mal que é contra a vida e o desenvolvimento humano. Esta normalmente é designada por feitiçaria<sup>442</sup>. Neste caso a magia entra no âmbito da bruxaria, como

---

<sup>439</sup> Cfr. GROMIKO e KOBICHANOV, *As religiões de África, Tradicionais e sincréticas*, P. 72.

<sup>440</sup> Cfr. *Ibidem*.

<sup>441</sup> Cfr. *Ibidem*.

<sup>442</sup> Cfr. *Idem*, P.73

conjunto de rituais, manipulações. Portanto, usa-se para a diversão. Não é fácil, senão mesmo impossível delimitar espaços ou fronteiras, dada a sua complexidade.

Em África encontramos **curandeiros, adivinhos, sacerdotes e sacerdotizas**. Estes não entram na categoria de Feiticeiros ou bruxos. Estão ao serviço da comunidade. No dia-a-dia, os adivinhos vão perdendo espaço, pois as suas práticas são vistas pelo povo como “autênticas mentiras”, semeadores de desconfianças, conflitos familiares e são pouco credíveis. São os psicólogos tradicionais que lidam com a natureza, manipulando a mente da “clientela”. Estas práticas já existiam antes da colonização. Mas começam a ser mais intensas no decorrer do período colonial. Era para se defender da invasão europeia. Segundo o etnólogo Tokarev, «a base social que originou a fé no malefício (feitiçaria), foi a inimizade entre as tribos e as condições de vida dos grupos sociais isolados»<sup>443</sup>.

A bruxaria e seus derivantes constituem a grande preocupação para a Igreja em Angola. E são uma barreira no processo da evangelização. Durante alguns anos certos missionários, se calhar com zelo em demasia ou com ingenuidade procuram abafar, silenciar, este fenómeno. Dizendo claramente nas suas pregações que o feitiço não existe. Estas e outras afirmações, ferem o povo que vive e sente na pele tais situações. Não é muito prudente afirmar ou negar. O sensato seria suspender o juízo para depois estudá-lo cuidadosamente no convívio com o povo. O padre camaronês M.P. Hebga, conhecedor da cultura tradicional africana, afirma: «não se pode ficar surdo aos gritos daqueles que realmente sofrem, ainda que a sua análise permaneça prudente»<sup>444</sup>.

A pastoral da saúde em ligação com a pastoral da cultura (setor muito diversificado, devido à sua especificidade), deveriam abordar esta temática. Parto do princípio de que os que frequentemente recorrem à bruxaria e seus derivantes, na sua maioria, são pessoas doentes, física ou psiquicamente. São pessoas intranquilas que precisam dum amparo. E este, pode ser material ou espiritual. Diz o adagio popular que, para o doente, todo o remédio serve!

Acreditar na feitiçaria ou na bruxaria (ter fé), em si, é já um sofrimento. Este acreditar, é não ver mais nada senão esta realidade. O sofrimento aqui em África, deve remeter-nos ao povo hebreu, que para sua formação - história e para o modo

---

<sup>443</sup> GROMIKO e KOBICHANOV, *As religiões de África, Tradicionais e sincréticas*, P. 85.

<sup>444</sup> M. P. HEBGA, «O sofrimento, um apelo à responsabilidade», in *Teologia Africana, no século XXI*, P.89.

como encontrava soluções para os seus sofrimentos ou problemas. A experiência da dor fê-lo criar deuses, arranjou outros mecanismos que respondessem aos seus apelos (um certo imediatismo). Deus interveio na sua história como um Pai, um pedagogo, que ao ver o filho, ou, a filha, desviar-se da pauta comportamental, não o reprime agressiva ou violentamente, mas fá-lo compreender o fracasso obtido. Deus ajuda o povo a caminhar e progressivamente sair das falsas soluções e expetativas para torná-lo responsável e livre<sup>445</sup>.

O fenómeno da feitiçaria e da bruxaria tem merecido maior atenção nos últimos anos, atendendo às proporções que vem tomando. A cultura africana tem sido visceralmente destruída pelo “novo” vírus. Os mais velhos, “Grandes bibliotecas ambulantes da África”, são postos na rua pelos filhos ou familiares mais próximos, porque acusados de feiticeiros ou bruxos. Sem apoios vão parar no beiral – vulgo, lar da terceira idade - para quem tiver sorte; de contrário, são abandonados à sua sorte, sobrevivendo desumanamente das migalhas que apanham no lixo e da mão estendida em cada amanhecer. É quase frequente ouvirmos e vermos, através da televisão pública (TPA, canal 1 e privada, TPA 2, TV Zimbo), nas rádios e jornais, denúncias feitas pelos vizinhos ou familiares. Esta realidade que a passos galopantes progride tornando-se desafio para qualquer ação pastoral, mas também pode ser um novo terreno que se abre para evangelizar. É necessário que haja estudiosos, promovidos pela própria Igreja, para estudarem este fenómeno tão falado superficialmente.

A Conferência episcopal de Angola e São Tomé (CEAST), tem dedicado maior atenção a esta realidade que, afetando a cultura dos angolanos, afeta e de que maneira, a própria ação da Igreja. Face a tudo isto, vou fazer algum percurso nos documentos da mesma Conferência. O padre Dr. André Lukamba, convidado para falar sobre “**Fé e Cultura face aos desafios da feitiçaria**”, afirmou claramente acerca dos males que a feitiçaria provoca no desenvolvimento humano e eclesial. E considera o feitiço, como um grande obstáculo da Evangelização em Angola<sup>446</sup>.

Hoje a problemática da bruxaria e seus derivantes tem capitalizado interesses dos missionários, leigos, governantes, homens e mulheres de ciência, autoridades tradicionais (sobas e sekulos), e organismos sociais, tais como as

---

<sup>445</sup> Cfr. M. P. HEBGA, «O sofrimento, um apelo à responsabilidade», in *Teologia Africana, no século XXI*, P.89.

<sup>446</sup> Cfr. *Conferência Episcopal de [Angola e São Tomé]*, 17 de Novembro de 2005, P. 2.

ONGs. Continua o Dr. Lukamba: «hoje sentimos a dificuldade de entender e dar tratamento ao fenómeno da feitiçaria. Todavia, a nossa época mostra-se muito sensível à ideia de uma interação entre o “físico” e o “espiritual”. Fala-se de doenças psicossomáticas, de curas obtidas com o poder da mente<sup>447</sup>.

Ver o mundo africano pura e simplesmente sob o ângulo da feitiçaria, estaríamos a correr o risco de cair na distração, esquecendo-se da missão primordial da Igreja (evangelização). Isto, deve levar-nos a fazer uma releitura do Evangelho anunciado que não é vivido de forma intensa nas nossas comunidades. No decorrer dos tempos alguns curiosos dominados pela física, ou outra ciência humana e até pelo desconhecimento total das culturas africanas, tentaram interpretar a bruxaria à luz da ciência. É claro, os resultados não foram encorajadores. A evangelização de África passa pelo conhecimento dos seus povos e suas culturas, num diálogo – permanente, franco e numa abertura total do avaliador e do evangelizado.

O conferencista não traz “algo novo”, simplesmente recorda que “aquele ou aquela” pessoa que mergulha cegamente nestas práticas ainda não aderiu a Deus e a seu Filho Jesus Cristo, na força do Espírito Santo. Há uma frase crucial nos pronunciamentos do Dr. André Lukamba, quanto à feitiçaria: **“quem acredita no feitiço, não atingiu o desenvolvimento cultural desejável. Falta-lhe um dado importante: desenvolvimento intelectual**<sup>448</sup>. Independentemente do alcance fraseológico considero que esta expressão pode conduzir a uma reflexão séria que, por sua vez, irá desembocar numa divergência interpretativa. Na realidade, os que acorrem a estas práticas não são só os incultos, sem nível de escolaridade. Hoje é comum ouvir também intelectuais, dirigentes políticos e até religiosos (o que é, acho mais grave) - a recorrerem a banhos tradicionais (procurar proteção para manter o cargo ou para subir; ir às adivinhas..., enfim, será que a fé em Cristo, não nos protege?). Onde é que estará o problema? Ao fazermos um estudo, sem preconceitos, dos povos mundiais, veremos que todas as culturas têm uma crença na feitiçaria. O feitiço não é africano, como certos discursos o queiram fazer parecer. Vejamos as culturas greco-romanas, os povos primitivos de África, da Ásia e da América.

---

<sup>447</sup> Conferência Episcopal de [Angola e São Tomé], 17 de Novembro de 2005.P. 2.

<sup>448</sup> Cfr. *Ibidem*.

O mais interessante nesta tarefa da Igreja seria reunir os estudiosos (teólogos, filósofos, antropólogos, etnólogos, sociólogos, psicólogos, até educadores e outros homens ou mulheres da ciência, sem excluir os “velhos” conhecedores das tradições africanas), aproximando-os à “sociedade feiticista” para dialogar, compreender o fenómeno e extirpar dele o lado desumano. O querer fazer tábua rasa ou não admitir a existência do feitiço, seria pecar contra as lágrimas do povo, dos fiéis que não dormem sossegadamente na cidade ou na aldeia. Perturbados pelos “vigilantes noturnos” que se transformam em gatos ou em outros animais, símbolos do mal. Reconhecer a sua existência, não significa, fazer fé no feitiço. Como estudiosos, importa-nos encontrar mecanismos para salvar o povo em geral e, em particular o povo sobre o qual o nosso estudo versa.

O feitiço ou a crença nele é mais forte, onde a pobreza nas suas dimensões desfigurantes também é forte. Longe da ciência e de um humanismo próspero, plenifica-se a miséria que, por derivação, cria a sociedade do desconforto estagnada no vale da superstição. Neste ponto, estaria de acordo com o Dr. André Lukamba, quando afirmava que era necessário dar tudo ao povo (escola, saúde, proporcionar uma vida digna aos cidadãos), troca de informações através das novas tecnologias<sup>449</sup>. Cruzamento de saberes e valores culturais e tradicionais. Um autêntico desenvolvimento humano. Nesta ordem de ideias, se a bruxaria, feitiçaria e outras formas obscuras a elas ligadas, forem vistas sob a perspectiva do mal, então, seria quase impossível erradicá-lo. Tal como acontece com o mal. Que, antagonicamente, caminha ao lado do bem. Só na eternidade seria possível viver sem este dualismo social. O que apresentamos até aqui, serve para aprofundar, compreender e minimizar a realidade.

Vamos procurar, apresentar esta sociedade tão ambígua e secreta. Na cultura umbundu, por exemplo, a palavra “umbanda” que alguns traduzem por feitiço e outros por cura, deriva de: **okuvandula osi, okufëla ihemba, okuvandula olowi, okuvanda, mbanda**. Etc..., (que quer dizer: amachucar, esmagar, destruir, rachar em fragmentos, terreno próximo dum rio, onde se pode cultivar no tempo seco, por conter um lençol de água<sup>450</sup>).

---

<sup>449</sup> Cfr. André LUKAMBA, «Feitiço», in *Conferência Episcopal de [Angola e São Tomé]*, de 17 de Novembro de 2005, P. 7.

<sup>450</sup> Cfr. Francisco KATCHILINGUITCHIMWE, «Umbanda», in *Conferência Episcopal de [Angola e São Tomé]*, de 23 Março de 2003, P. 3.

Segundo o investigador, Padre Francisco Katchilinguitchimwe, o umbanda é uma proteção contra tudo aquilo que prejudica ou ameaça a saúde, os bens materiais individuais ou comunitários. Estes males ou ameaças podem vir do próprio meio ambiente, tais como: moscas, mosquitos e também, provocados pelo próprio ser humano. Quando a Europa invadiu a África, no período colonial, deu-se grande passo para os africanos encontrarem mecanismos de defesa, recorrendo à práticas obscuras para contrapor a realidade presente. Neste estudo, vemos que o “Tchimbanda – médico”, ajuda o povo usando determinadas raízes, cascas de árvore, folhas de certas árvores, pedaços de plantas, fazendo uma composição para poder afugentar, curar, e também, prevenir os males. Espécie de um laboratório botânico. O Tchimbanda aparece como aquele que salva o povo da dor e é procurado por muita gente, para lhe agradecer; é considerado como o “pai” da aldeia, conselheiro, é mediador entre Deus e os homens. Antes da cura, ele reza e a oração pode ser esta: **a graça que está em mim e a do doente convirjam, para que ele encontre a cura desejada**<sup>451</sup>!

(QUADRO 11)

Nº	TIPOS DE UMBANDA	DETENTORES	SUJEITOS	MÉDICO	AJUDANTE	OBSERVAÇÃO
1	Wombala (sobado)	Responsáveis do sobado (Aldeia do soba)	Invasores da cultura	Tchimbanda	Kalongole	Nestas 5 formas do “Umbanda” e cura e veneno, há sempre uma dupla função. Uma positiva e uma carga negativa ou maléfica. Esta última, deve ser banida nas culturas
2	W'epata	Tios Ondjende <sup>*452</sup>				
3	W'ohokwa-hokwa	Sumbelo	Este feitiço só mata àqueles que roubam coisas alheias			
4	W'elumbu <sup>*453</sup>	Apuli ombela (os que pedem chuva)	A aldeia toda			

<sup>451</sup> Cfr. Francisco KATCHILINGUITCHIMWE, «Umbanda», in *Conferência Episcopal de [Angola e São Tomé]* de 23 Março de 2003, P.3.

<sup>452</sup> \* Esta forma de umbanda é ambígua, conforme frisamos anteriormente, no umbanda w'epata (proteção da família) existe uma maldade, embora não do ponto de vista cultural. O tio (irmão) da mãe, tem grandes poderes sobre o sobrinho. Ele por sua vez, sacrifica a vida dum sobrinho para trabalhar com o seu espírito, na proteção dos seus bens (bens familiares) e oferece bens materiais aos pais desta criança. Hoje esta forma já não faz parte dos usos e costumes dos povos africanos, tendo em conta a sua injustiça e desumanidade.

<sup>453</sup> \* Este tipo de feitiço é usado por gananciosos que fazem certas composições meteorológicas. Prendem a chuva e não cai. Pedem algo de valor, só depois de bem pagos, formam-se as nuvens e cai neste mesmo dia.

5	W'imbo / w'elongiso	Serve para proteger a aldeia, mata os que se apropriam do que é alheio e também, os da mesma família para a continuidade (morre alguém para perpetuar a família) <sup>454</sup>		africanas, pois, no mundo em que vivemos, está provado que não desenvolvem a sociedade, até porque é contra a vida!
---	---------------------	---	--	---

O outro elemento a destacar é o “**Owanga**”, **equivalente a feitiço**. Etimologicamente, é uma espécie de furúnculo situado entre os dois fêmures. É penoso para o doente dá muita dor. Face à região onde se situa, o doente não mostra a ninguém, senão a pessoas muito íntimas a ele. É uma força oculta, sustentada fundamentalmente pelo ódio, vingança. Os efeitos são maléficis, dores, luto para as famílias. É utilizado para prejudicar aqueles que têm sucessos na vida<sup>455</sup>. No entanto, traduzir-se-ia por “**inveja extrema**”. O referido sucesso, pode ser individual, como coletivo (a prosperidade dos filhos dum determinado casal, estar bem sucedido nos estudos, negócios, ter riquezas, harmonia familiar, bem-estar, etc.). De forma dura, esta prática é contra o progresso. E é doentia, sem fundamentação lógica.

---

<sup>454</sup> Cfr. Francisco KATCHILINGUITCHIMWE, «Umbanda», in *Conferência Episcopal de [Angola e São Tomé]*, de 23 Março de 2003, P. 4.

<sup>455</sup> Cfr. *Ibidem*.

## Agora apresentamos o owanga (feitiço maléfico) e subtipos de owanga:

(QUADRO 12)

Nº	Owanga (feitiço)	Detentor	Ajudante / Discípulo	Sujeitos	Observação
1	Isolo-vatchila <sup>456</sup> (provocadores de desgraças)	Onganga	Kalumba	Envenenam os campos; currais, habitações (usam todo o tipo de maldade: dançam, urinam, defecam, batem, cospem na boca das pessoas, enquanto estas dormem)	São procurados, às vezes mortos quando acusados. São perigosos. É uma sociedade secreta. Ninguém conhece onde moram e o que fazem. Não explicam sem que seja iniciado. Desconhece-se o material que usam para prejudicar os outros. Quando são apanhados apresentam material falso, não entregam tudo. Até os que se convertem para o cristianismo, há sempre receio de ter deixado algo por entregar
2	Omanu /Onha (Inveja)			Só servem para fazer o mal, estão espalhados por todos os lados	Suas características: orgulhosos; gabarolas; arrogantes. Não são ricos, mas prometem dar riqueza aos outros, enganando. O fim da sua vida sempre trágica <sup>457</sup>
3	Otala (mina tradicional - mortífera)	Otala vem de okukutala: “vamos ver onde você vai com todo sucesso na aldeia”			
4	Otchilungula	Este tipo de mal ataca sobretudo, os incautos, desconhecedores ou desrespeitadores da tradição; que se apresentam luxuosamente numa aldeia pobre; vaidosos. Os sintomas são como que tem epilepsia		O onganga (Feiticeiro) vive semeando conflitos entre os amigos íntimos, os pais, a família mais próxima; têm a tática de separar os amigos, confunde-os. Sonhar com um amigo a fazer-te mal. Este por sua vez, procura tirar satisfações... enquanto lutam, o feiticeiro deleita-se.	
5	Otchimbele	Este tipo de feitiço atua naqueles que têm bens e não partilham. Contraem uma doença até que terminem os bens que possuíam. Se encontrar que os trate, então têm vida salva			
6	Otchimba	Este tipo de feitiço atua sobre os que exibem excessivamente os seus bens. Envia-lhes um flagelo; “fogo noturno” que queima todo o copro; relâmpago mortal; animal feroz que vem a noite e devora os animais domésticos que tiver			

<sup>456</sup> Cfr. Francisco KATCHILINGUITCHIMWE, «Umbanda», in *Conferência Episcopal de [Angola e São Tomé]*, de 23 de Março de 2003, P. 4.

<sup>457</sup> Cfr. *Ibidem*.

7	Nganga Tchitayi		Consiste em sonhar com um vivo. Este faz-se acompanhar de uma faca e apresenta-se sem roupa. Este tipo de sonho revela perseguição ou início de uma doença
8	Okulyangula	Tchilyangu	Provocador de desgraças, dores terríveis no corpo e acidentes
			O tchilyangu é humilde, zeloso, saúda a toda a gente, aperta a mão a todos; quer saber tudo sobre a vida dos outros; procura segurar tudo. Mas esta, é uma bondade mascarada. Quando entre numa casa ao sair, tudo o pegou cai e estraga. Os animais que perguntou ou elogiou começam a ficar doentes. Ele também não que progresso de alguém; se for cristão procura desempenhar uma função na Igreja; ter a chave da Igreja. E se um dia o pároco entender substituir-se do cargo, então prepare-se quem o vai substituir <sup>458</sup> .

São estas variadas formas de feitiço, que desafiam a ação pastoral da Igreja. Merecem maior atenção e um estudo aprofundado. Assim dizem os anciãos de África que, o feitiço sendo um “bem”, nunca devia sair da família. Hoje vemos uma certa ridicularização do fenómeno. O feitiço está no “mercado”, tornou-se “brinquedo” das crianças. Ao passo que no passado era arma secreta dos “Mais Velhos”. Que depois de iniciados, exerciam a sua “arte” obscura. É preciso travar esta vulgarização. E desarmar a mente feiticista dos cristãos do nosso tempo. Proporcionar-lhes uma vida digna, que aponta para Cristo, o médico das almas. Depois deste estudo, podemos dizer que nada está esgotado, pelo contrário, mais portas se abrem e visões para encarar esta realidade tão complexa quanto desafiante. Uma sociedade desenvolvida e que se constrói à volta de um cristianismo humanizado (porque Cristo encarnou na “nossa” humanidade), pode desencorajar às recorrências a bruxaria e seus derivantes. A Igreja tem estado a trabalhar arduamente para desmistificar, compreender e libertar o povo da mentalidade feiticista.

<sup>458</sup> Cfr. Francisco KATCHILINGUITCHIMWE, «Umbanda», in *Conferência Episcopal de [Angola e São Tomé]*, de 23 de Março de 2003, P. 4.

### 3.2. UMA PASTORAL SETORIAL

Como já nos referimos nos capítulos que precederam este, a Igreja africana ainda é jovem e tem enfrentado neste caminhar grandes desafios pastorais. Mas ela, está confiante e consciente da sua missão e no seu grande protagonista: o Espírito Santo. Quando falamos da pastoral sectorial, é bom não confundir com a pastoral de conjunto. Esta última é a mais abrangente, ultrapassa as fronteiras das paróquias. As duas práticas ou ações da Igreja estão interligadas, a ponto de dificultar ou marcar limites. Qualquer ação eclesial não se pode confinar dentro “dos cantos” ou limites paroquiais. Mas para que a nossa pastoral seja bem sucedida, deve partir da interligação dos sectores que fazem a matriz ontológica da paróquia.

Começamos por analisar a paróquia na sua configuração como continuidade da Diocese que, por sua vez, é a imagem da Igreja universal. A paróquia neste nosso estudo aparece como uma floresta densa, (des) conhecida. Uma realidade que sempre surpreende. É necessário seguir e orientar este dinamismo paroquial, dando atenção até às pequenas iniciativas dos fiéis leigos. Para uma análise global, a paróquia é esta “família” com muitas cores. O importante é saber funcionar com elas e fazê-las funcionar.

Vamos partir da XVIII semana de Teologia, organizada pelo Instituto Superior de Pastoral da Universidade Pontifícia (Salamanca), que tinha como lema: **“às voltas com a paróquia”**. É um tema sugestivo e que faz refletir. É nesta diversidade, as vezes densa, onde Deus, continua a passar, comunicando o seu desígnio de amor ao seu povo. Um rosto de Igreja que deve espelhar “comunhão” e transparência no seu agir<sup>459</sup>. Os fiéis desde os tempos memoráveis (Idade Média), procuram identificar-se com uma estrutura, uma organização que pelo seu carisma, enquadra e acolhe os indivíduos ou os membros da comunidade.

Olhando pela história, vemos que a volta dos mosteiros cresciam comunidades, bairros, pessoas que queriam aproximar-se à vida cristã, não só pelo Batismo, mas também pela prática de vida e viam nos mosteiros como o “lugar” de encontro, aproximação, abandonando desta feita a vida hostil da cidade. Ao longo

---

<sup>459</sup> Cfr. Georgino ROCHA, *A Paróquia e unidades pastorais*, P.11.

da história da Igreja, os fiéis sentiam a necessidade de ter como referência “o seu pároco”, confessar-se a ele, comungar uma vez por ano (estamos no Concílio de Latrão 1205)<sup>460</sup>. São exemplos que ilustram a emergência da paróquia. A partir de Trento, com a “Contra Reforma”, a paróquia começa a ganhar novo espaço, desprendida das garras dos príncipes, reis e governadores ou, simplesmente, do poder temporal. Passa a ser orientada pelos sacerdotes, sob o controlo do seu bispo<sup>461</sup>. Desta forma, a paróquia, sendo este espaço de fé, de convívio e partilha, deve estar em estreita relação com pároco e com os fiéis a ele confiados. Uma paróquia supõe uma população, o pároco, Igreja, um espaço territorial bem delimitado. O ser da paróquia não deve construir-se no isolamento, mas sim, na unidade e na vizinhança de seus residentes. Numa única palavra, a paróquia é a porção do povo de Deus<sup>462</sup>.

Na pastoral sectorial, temos que ter em conta a espontaneidade e criatividade dos fiéis, expressa nos grupos e movimentos apostólicos, onde estão enquadrados. O pároco é o grande impulsionador (elo de ligação entre vários grupos), da unidade, comunhão na diversidade que os grupos oferecem e configurá-los ao “Rosto” de Cristo. Afirma o padre Georgino que é preciso vencer as distâncias, superar os possíveis riscos, incentivar a comunhão, diversificando serviços, fazendo da paróquia o espaço “a casa comum” de todos<sup>463</sup>. Compreender a diversidade dos grupos existentes na paróquia e criando outros, consoante as necessidades locais, constitui a grande riqueza da ação evangelizadora da Igreja. E é a partir destes serviços organizados, fundamentados na espiritualidade de comunhão (NMI43), que se constróem pontes para alargar a missão eclesial que explícita ou implicitamente, supõe uma pastoral de Conjunto. A nossa ação pastoral nas mais diversificadas configurações da Igreja como povo de Deus, atende um cruzar de influências, do ser e estar da sociedade em que o mesmo povo está inserido<sup>464</sup>. Nesta pastoral, destacamos o sentimento de associativismo que os leigos desenvolvem, excluindo todo o tipo de divisão.

Durante muito tempo e ainda hoje, assistimos a pessoas a abandonarem suas casas, dirigindo-se à Igreja para celebrar os sacramentos, que alimentam a

---

<sup>460</sup> Cfr. Gilles ROUTHIER, «A paróquia como lugar de enquadramento dos féis», in *A Nova Paróquia*, P. 22.

<sup>461</sup> Cfr. *Ibidem*.

<sup>462</sup> Cfr. Georgino ROCHA, *A Paróquia e unidades pastorais*, P.13.

<sup>463</sup> Cfr. *Idem*, P.15.

<sup>464</sup> Cfr. *Idem*, P.21.

vida cristã. Mas é urgente na pastoral sectorial ver a “Igreja local”, rosto da Diocese no meio do seu povo. É a hora da Igreja ir ao encontro das pessoas, nas suas variadas situações, abrindo novas portas e horizontes de esperança para a nossa humanidade. E esta caminhada começa desde a conceção materna de cada pessoa (defendendo a vida), nascimento (Batismo = vida em Cristo), seu percurso histórico tracejado pelos triunfos e derrotas, alegrias e tristezas, esperanças e desesperos proporcionados pela incerteza do tempo, e até a morte desta ou daquela pessoa: a Igreja está convocada para testemunhar, dando conforto e esperança na vida eterna. No entanto, sem a pastoral sectorial, não se compreenderá a ação conjunta da própria Igreja. É uma das formas mais conseguidas das paróquias, configurar as suas atividades nesta multiplicidade de dons, sem excluir uns, nem outros, mas sim, integrar-se na ação da Igreja diocesana e universal<sup>465</sup>.

Segundo os documentos da Igreja, a comunhão eclesial vem expressa, concretamente, na ação visível da paróquia. Sendo ela a última localização da Igreja no mundo. A paróquia está presente no meio das casas de seus filhos e filhas<sup>466</sup>. E não se deve entender a comunhão como uma fusão dos grupos paroquiais num só. Os impulsionadores da pastoral dos sectores: deviam preparar, formar o povo de que a comunhão consistirá em ver a cada grupo, convicto na sua fé, como grande família de Deus-Pai, redimida pela Páscoa redentora de Cristo e plenificada pela ação do Espírito Santo.

Alphonse concebe a paróquia como uma “célula básica” na vida da Igreja presente numa diocese. Neste sentido, a diocese não será só o somatório das diversas paróquias, apesar de serem parte desta realidade diocesana. São parte territorial da mesma. Todavia, é preciso ter uma visão mais abrangente da diocese. Ver a diocese somente nas paróquias, é ter uma visão redutora. Existem outros aspetos eclesiais que necessariamente contribuem para a visibilidade social do fato cristão, tais como: a dimensão temporal da Igreja, os seus vários serviços, os centros sociais, a saúde, os santuários que ligam geralmente o social ao espiritual, as associações, os movimentos de apostolado, que são também ocasião para a expressão da fé do povo<sup>467</sup>. A partir desta linguagem biológica, pode compreender-se a vitalidade paroquial. E cada experiência paroquial (grupos), diocesana

---

<sup>465</sup> Cfr. Georgino ROCHA, *A Paróquia e unidades pastorais*, P. 24.

<sup>466</sup> Cfr. JOÃO PAULO II, *Exortação Apostólica Pós-Sinodal, Christifideles Laici*, Nº 26.

<sup>467</sup> Alphonse BORRAS, «A paróquia uma determinada comunidade de féis», in *A Nova Paróquia*, P. 93.

(paróquias e não só), deve capacitar os agentes de pastoral a uma visão holística, integradora e partilhadora das realidades particulares e assumi-las universalmente. A pastoral dos “setores” lança-nos, conduz à pastoral de conjunto, apesar da sua complexidade, porque envolve muita gente numa ação participativa: não pode criar medo aos párocos, líderes comunitários, catequistas; é preciso sair das fronteiras paroquiais, para partilhar as experiências bem conseguidas com outras paróquias, depois para o arceprelado e até podem influenciar positivamente a própria diocese. Mas isto vai exigir trabalho abnegado, lágrimas, canseiras, incompreensões, mas o fim, será gratificante.

### **3.3. SURGIMENTO DO MOVIMENTO “UAMA” (UNIÃO DAS ASSOCIAÇÕES E MOVIMENTOS DE APOSTOLADO)**

Este tema “União Apostólica dos Movimentos de Apostolado” é fruto da compreensão que se tem da Igreja guiada pela ação do Espírito Santo. A “UAMA” é uma associação que engloba todos os movimentos e grupos de Apostolado existentes nas paróquias, rostos da Igreja angolana (ou da Igreja em Angola). Existe uma coordenação nacional, orientada pela conferência episcopal e tem ligação direta com as comissões diocesanas. É uma denominação nova e tem suscitado algumas objeções da parte de certos cristãos pouco ou mesmo nada informados sobre o funcionamento desta união. Algumas pessoas pensam que é um grupo como os que já existem na paróquia, mas não. É preciso definir a sua ação nas paróquias para se evitar certos antagonismos.

A “UAMA” devia ser encarada como uma representatividade da ação pastoral da Igreja. Uma Igreja que realiza, dinamiza a ação redentora de Cristo e que conta com a participação de “todos”. Se Cristo é “dom” da unidade por que é que não se vive esta unidade entre os membros de Cristo? Este movimento (UAMA), aparece neste estudo como elo integrador entre vários grupos ou movimentos de apostolado. Para além da Legião de Maria, movimento forte na Igreja e que durante o período de guerra através da fé e oração dos seus membros manteve a Igreja em situações mais difíceis da história da Igreja angolana, existem outros movimentos de apostolado, associações, Ligas Juvenis missionárias, oficinas de oração (espécie de

uma escola de oração); a “**Promaica**” (promoção da mulher católica angolana) - um movimento recente e muito ativo na sua ação pastoral, tem por objetivo velar, evangelizar a mulher angolana, dando formação básica e elementar para manter saudável seu lar (desde a cozinha, higiene e saúde, costura e alfabetização); o **Renovamento Carismático Católico**, etc. Todos estes e outros grupos eclesiais, mesmo sem serem mencionados aqui, merecem um acompanhamento/assistência e maior atenção da parte dos párocos para não parecerem “seitas” dentro da Igreja católica.

É por meio destes grupos de apostolado que, de forma intensa os cristãos vivem/exprimem a sua fé em Cristo Jesus, através duma espiritualidade, inspirada pela vida e obras de seus padroeiros. Tem-se apelado fortemente que os cristãos empenhados na sua fé não vivam só das missas (cristãos “misseiros” ou “domingueiros”), mas também se inscrevam nos grupos e movimentos que a Igreja tem. Estas associações/grupos eclesiais, para além da dimensão espiritual que lhes é característica, também desenvolvem uma ação social importante e que o “mundo” ou a sociedade reconhece e admira. A sua ação vai para além do território paroquial. Desde a saúde à dimensão sócio caritativa; e ultimamente estão preocupados também pelo meio ambiente. Vivemos num mundo onde se tonifica a destruição do meio ambiente, por meio da poluição, destruição indiscriminada das florestas, enfim, face a isto, o cristão não deve mostrar-se indiferente ou alhear-se dos problemas planetários. Urge a necessidade de se fazer uma teologia ecológica, fazendo com que o “paraíso” prometido, comece “nesta terra” que Deus, autor de tudo, com amor criou e com o mesmo amor ofereceu ao ser humano para habitar e cuidar.

### **3.4. ESTATÍSTICA DO CLERO LOCAL**

Vamos procurar ser precisos na apresentação da estatística dos missionários que prestam serviços às dioceses em estudo. Aqui os “missionários” não quer significar só aqueles e aquelas que pertencem às ordens religiosas ou congregações, conforme se sustentou nos tempos passados, também o clero diocesano que tem estado a crescer e tomar a dianteira da evangelização. Este

estudo compreende a estatística de 2009. No entanto, começamos pela **Arquidiocese do Huambo (extensão: 29.500 km<sup>2</sup>; População: 2. 150.000):**

(QUADRO 13)

Bispo	D. José de Queirós Alves (natural do Porto)	Paróquias	Missões	Centros Pastorais	Obras da diocese		
Sacerdotes diocesanos	80	17	26	13	Centros missionários		15
Religiosos	16				Seminários Maiores de Cristo Rei	Teologia e Filosofia	2
					Seminário Propedêutico e Menor	S. João Evangelista e de N <sup>a</sup> Sr <sup>a</sup> das Marcês <sup>468</sup>	2
Religiosas	178 <sup>469</sup>				Institutos de Formação	Instituto de Ciências Religiosas (Icra); Centro Pré-Universitário Católico e Escola de Catequistas	3
Congregações masculinas	6					Casas de saúde, centros sociais e orfanatos <sup>470</sup>	26
Congregações Femininas	13 <sup>471</sup>						
<b>Católicos</b>							1.700.000

<sup>468</sup> Cfr. ANUÁRIO CATÓLICO DE ANGOLA E SÃO TOMÉ, PP. 112-113.

<sup>469</sup> Cfr. *Idem*, P. 107.

<sup>470</sup> Cfr. *Idem*, PP. 128-130.

<sup>471</sup> Cfr. *Idem*, PP. 121-123.

**Diocese de Kwito-Bié: (extensão - 71.000 km<sup>2</sup>; População: 1.119.000)**

(QUADRO 14)

<b>BISPO</b>	D. José Nambi	Sacerdotes diocesanos	25	Religiosos	3	Religiosas	26
Paróquias	10	Missões	16 <sup>472</sup>				
Seminários – Menor e Propedêutico	2						

Obs: A diocese do Lwena antigamente pertencia ou era sufragânea da Arquidiocese do Huambo. Com a criação das Arquidioceses de Malanje e Lundas, foi anexada às Lundas.

**Diocese de Benguela (extensão: 49.920 km<sup>2</sup>; População: 2. 376.000; católicos: 1.855.000:**

(QUADRO 15)

<b>BISPO</b>	D. Eugénio Dal Corso Natural Verona (Itália)	Sacerdotes diocesanos	157	Religiosos	57	Religiosas	350
Paróquias	35	Missões	11 <sup>473</sup>				
Seminários	3 (Propedêutico, Filosofia e Teologia) <sup>474</sup>	Obras Sociais	13	Centros de formação/ Escolas	7		

<sup>472</sup> Cfr. ANUÁRIO CATÓLICO DE ANGOLA E SÃO TOMÉ P. 137.

<sup>473</sup> Cfr. *Idem*, P. 37.

<sup>474</sup> Cfr. *Idem*, P.42.

Passamos para a Segunda e última província eclesiástica deste nosso estudo.

**Arquidiocese de Lubango (Extensão:140.380 km<sup>2</sup>; População: 3.210.311; católicos: 2.574. 837):**

(QUADRO 16)

Bispo	D.Gabriel Mbilingi	Sacerdotes Diocesanos	80	Religiosos	30	Religiosas	263 <sup>475</sup>
Sacerdotes diocesanos Fidei Donum	4						
Seminários	2 Propedêutico e Filosofia	Casas de formação	3	Escolas	40		

**Diocese de Menongue (extensão: 20.0929 km<sup>2</sup>; População: 774.000; católicos:60.000):**

(QUADRO 17)

BISPO	D.Mário Lukunde	Sacerdotes Diocesanos	23	Religiosos	4	Religiosas	27
Paróquias	8	Missões	4				
Seminários	2 Menor e Propedêutico <sup>476</sup>						

<sup>475</sup> Cfr. ANUÁRIO CATÓLICO DE ANGOLA E SÃO TOMÉ, P. 183.

<sup>476</sup> Cfr. *Idem*, PP.247.250.

**Diocese de Ondjiva (extensão: 83.900 km<sup>2</sup>; População:840.000; católicos:553.750**

(QUADRO 18)

BISPO	D. Pio Hipunyati	Sacerdotes Diocesanos	28	Religiosos	8	Religiosas	49
Paróquias	5	Missões	6				
Seminários	2 <b>Menor e Propedêutico</b> <sup>477</sup>						
Obras Sociais <sup>478</sup>	8	São todos centros de saúde					

Obs. Nesta estatística falta a diocese de Namibe, criada a 20 de Março de 2009 pelo Papa Bento XVI (Papa emérito); O Papa fez a revelação no encontro que manteve com os bispos da Conferência Episcopal de Angola e São Tomé (CEAST), no âmbito da sua visita pastoral a Angola. O papa Bento XVI nomeou como primeiro bispo o padre Mateus Feliciano Tomás, pároco da Sé catedral do Huambo, doutorado em Teologia Moral, que também desempenhava as funções de chanceler e de professor no Seminário Maior de Cristo Rei no Huambo. D. Mateus Feliciano Tomás veio a falecer um ano depois, num trágico acidente de viação. O atual bispo é o D. **Dionísio Hisilenapo**; conta com a colaboração de nove Sacerdotes diocesanos; uma congregação masculina; e quatro Congregações femininas ainda conta com a: colaboração dois sacerdotes “fidei donum” da diocese de Benguela. Namibe eclesialmente, pertencida à Arquidiocese de Lubango. É uma cidade e município de Angola, capital da província com o mesmo nome. Tem 8.916 km<sup>2</sup> e cerca de 162 mil habitantes. Foi fundada em 1840 e, até 1985, era denominada Moçâmedes. É o terceiro maior porto de Angola, depois de Luanda e Lobito. E também tem o terminal do caminho-de-ferro do Namibe<sup>479</sup>.

### 3.5. RELAÇÃO DO MINISTRO ORDENADO COM OS LEIGOS E COM O MUNDO

Partimos do Diretório para o ministro Ordenado que encara a vida do presbítero na perspetiva eclesiológica: “na” e “diante” da Igreja. É uma vida que não se vive no isolamento, no egoísmo, mas sim, na companhia e partilha com os demais membros da comunidade cristã. O ser sacerdotal não se compreende fora da comunhão/partilha eclesial. Cristo Jesus está no centro da salvação anunciada e desse grande mistério deriva o mistério da Igreja partilhado na comunidade crente<sup>480</sup>. O sacerdócio é a extensão e continuidade do ministério sacerdotal de Cristo na sua Igreja e exerce a sua ação missionária no meio do seu povo e em

<sup>477</sup> Cfr. ANUÁRIO CATÓLICO DE ANGOLA E SÃO TOMÉ, PP.269.273.

<sup>478</sup> Cfr. *Idem*, PP. 269.273.280.

<sup>479</sup> Cfr. <http://www.agencia.ecclesia.pt/cgi-bin/noticia.pt> (20 /04/2014: 15:45H).

<sup>480</sup> Cfr. DIRETÓRIO PARA O MINISTÉRIO E A VIDA DOS PRESBÍTEROS, Nº13.

favor dos seus irmãos. Esta abordagem/reflexão no desenrolar do ministério sacerdotal nunca deve descurar dos dois decretos conciliares que tratam do fundamental dos clérigos. Em primeira mão temos o decreto que essencialmente refere ou fala sobre a formação sacerdotal - *Optatam Totius* (OT). A formação dos sacerdotes tem capital importância para responder aos desafios dos tempos que correm. E por último, temos a *Presbiterorum Ordinis* (PO), que aborda fundamentalmente o ministério e a vida dos sacerdotes<sup>481</sup>.

O padre Morujão nesta reflexão fala sobre a origem daquele que exerce o ministério sacerdotal. O sacerdotal nasce do “povo de Deus”; do comum sacerdócio dos fiéis, onde os batizados são chamados a participar no único sacerdócio de Cristo Jesus, cada um a seu modo. Pelo santo batismo o sacerdote ou simplesmente o ministro ordenado também é “fiel leigo”, porque faz parte do povo de Deus<sup>482</sup>. Deste modo, facilmente se compreenderia a sua relação cordial com os leigos, seus irmãos e com o mundo que clama pelo bom exercício do seu munus sacerdotal. A ordenação sacerdotal não o retira radicalmente do “povo crente”, pelo contrário, torna-o mais ativo, participativo, guia da comunidade e une-o essencialmente a Cristo, Cabeça da Igreja.

O Decreto conciliar *Presbiterorum Ordinis*, fala da relação do sacerdote com os outros. Primeiro com o bispo e no seu único sacerdócio e ministério de Cristo. Esta união de sua consagração requer comunhão hierárquica com a ordem episcopal. Os candidatos ao sacerdócio, depois da elevação ao grau sacerdotal, são introduzidos numa nova ordem de vida, numa íntima fraternidade sacramental. Isto é, proporcionando-lhes um ambiente favorável, sadio para o bom exercício do seu ministério. E por fim, o Novo Testamento descreve que os sacerdotes, por intermédio do sacramento da Ordem, devem exercer o seu ministério no meio do povo, entre os seus irmãos e para o povo, para o qual foram ordenados e a eles confiados. Há aqui uma dimensão de paternidade e também de mestre, que abre novos atalhos para o povo de Deus. Juntamente com os fiéis leigos, são considerados discípulos de Cristo, o Divino Mestre e o são realmente<sup>483</sup>.

---

<sup>481</sup> Cfr. Manuel MORUJÃO, «Sacerdotes como Cristo quer e a Igreja precisa para o mundo atual», in *Vaticano II, 50 anos, 50 Olhares*, P. 155.

<sup>482</sup> Cfr. *Ibidem*.

<sup>483</sup> Cfr. CONCÍLIO VATICANO II - PO N.ºs 7,8,9;

Cfr. C. Taddei FERRETTI, «análise de *Presbiterorum Ordinis* 9», in *Os leigos depois do concílio*, PP. 156.157.

Analisando esta convivência ministerial, em alguns casos assistimos a uma relação marcada pela tensão, descontentamento, desconforto que pode desembocar na negação do “outro”. Em determinadas situações e contextos a unidade desejada não passa de uma simples retórica. Portanto, onde não se vivencia gestos de irmandade partilhada testemunhal, não haverá com certeza comunhão, partilha das boas experiências. E isto tem afetado a Igreja africana. É necessário criar um espírito renovado e conciliador. A Igreja não pode ser concebida como se fosse um “ghetto” um círculo fechado em si, mas sim uma comunidade viva que proclama Cristo vivo.

O sacramento da Ordem habilita o presbítero a não só participar do ministério de Cristo, mas também a ser o “servo e esposo da Igreja”. Esta Igreja, guiada por Cristo na ação Espírito Santo, é compartilhada por outros membros do “Corpus Christi”, a assembleia do povo de Deus, configurada a Cristo seu “Insigne Mestre” e desenhada como comunidade cheia de vida e participativa, como descreve o Concílio Vaticano II, apelando aos fiéis para uma participação consciente, ativa e frutuosa<sup>484</sup>. No seio da Igreja, os sacerdotes em estreita ligação ao seu bispo, formam o presbitério e a sua ação sacerdotal não é feita no isolamento de si, deve abrir-se e partilhar a alegria da ressurreição do Filho de Deus. O seu ministério é sempre em atenção aos seus irmãos fiéis leigos e não só. Esta deve ser uma relação cordial que o sacerdote deve construir e manter com o mundo. Uma relação equilibrada com dimensões proféticas. Porque ele não é só sacerdote por estar no meio do povo (crente), mas também lhe-é acrescido o nome e missão de estar no meio do mundo, libertando-o das suas angústias. Conforme já foi abordado no primeiro capítulo sobre os leigos na vida da Igreja, aprez-nos dizer que a relação sacerdotal com os leigos deve ser articulada num espírito de participação na missão redentora de Cristo Jesus.

No desempenho das nossas funções ministeriais muitas vezes somos tentados pelo “poder” (que se traduz em domínio sobre irmãos). É necessário que numa comunidade haja quem mande. Talvez o termo “mandar” não se configure muito com as práticas de Jesus, por transparecer uma carga negativa: “sede de mandar”. Hoje a linguagem começa a mudar e passa-se a usar o termo “orientar” no lugar de mandar. A minha preocupação não está na palavra. Porque só mudar, pode

---

<sup>484</sup> Cfr. DIRETÓRIO PARA O MINISTÉRIO E A VIDA DOS PRESBÍTEROS, Nº14; CONCÍLIO VATICANO II – *Sacrosanctum Concilium*, Nº 11.

dizer pouco, sendo que o conteúdo do “dito” mandar continua o mesmo e nada feito. É necessário (re) trabalhar o “conteúdo” do mandar, passando a “orientação ministerial”. O povo ainda acredita que na pessoa do sacerdote está a “Igreja”, está a força de Deus que atua no mundo. Não é uma Igreja distante do povo, mas aquela da qual o mesmo povo faz parte. Neste sentido, a relação do sacerdote com os leigos e com o mundo deve construir-se na transparência e delimitações possíveis que não sirvam de barreiras, pelo contrário, deve haver um “contágio do ser sacerdotal”, promover a harmonia, aproximação e serviço de equipa. Fazendo com que o ministério sacerdotal não só cativa, transforme corações, mas transforme também o mundo onde deambulam estas almas.

O Diretório para o Clero afirma que para o sacerdote ser fiel à sua missão deve “permanecer em Jesus”, tendo presente a Igreja que louva, rezando<sup>485</sup>. Nesta dinâmica relacional, ou se quisermos chamar, tríade relacional, teríamos: Sacerdote – leigo – mundo, onde se proclamam não só convergências, mas também tricotomias que podem em determinados momentos ser marcadas por ações antagónicas.

Ao falarmos desta tríplice relação atinente ao ministério sacerdotal, nunca devemos prescindir do dado “remissão” dos pecados cometidos nesta dimensão. Laurenti Magesa, ao refletir sobre o espírito jubilar do ano 2000, comentava que era bom para os cristãos católicos, procurar ações que os levassem ao arrependimento (incluindo ministros ordenados), aproximando-se a Deus, praticando obras de caridade e misericórdia<sup>486</sup>. Na reflexão que Magesa faz sobre o leigo no contexto africano, descobre que existem certas preocupações que ele chama de anomalias que relegam o leigo para um segundo plano. Neste sentido o leigo deixou de ser o ator no/do processo complexo da evangelização. É preciso dinamizar uma pastoral mais abrangente, contando com os esforços de filhos e filhas de Deus. Criar espaços em que os leigos não vivam à “sombra” dos clérigos; que sejam eles mesmos a tomarem iniciativas do pensar e ser de Igreja, tendo Cristo no centro do agir e animados pela graça santificante do Espírito; criar fóruns próprios onde os leigos possam exprimir-se e sentir-se como Igreja banhada no sangue no “Cordeiro”.

---

<sup>485</sup> Cfr. DIRETÓRIO PARA O MINISTÉRIO E A VIDA DOS PRESBITEROS, Nº52.

<sup>486</sup> Cfr. Laurenti MAGESA, «os leigos na Igreja», in *Teologia Africana no século XXI*, P. 259.

Segundo este mesmo autor, onde não há partilha, não há comunidade verdadeira. Ele (Magesa), entende a partilha como algo sério, abertura radical no seio próprio da Igreja, onde cada fiel é chamado a compartilhar as experiências de fé em Cristo Jesus como membro e nunca como “telespetador ou radio ouvinte”. Como exemplo, temos a experiência de oração, em que cada um exprime a sua fé em particular e depois em comunhão com os irmãos da mesma fé<sup>487</sup>.

Em África estas boas experiências de oração devem ser estimuladas na linha de continuidade; a oração feita em família doméstica que depois se estende para a pequena comunidade. Estas e outras, são experiências restauradoras da nossa fé e ao mesmo tempo evangelizadoras. Portanto, as tensões que têm surgido na convivência dos ministérios, longe de constituírem obstáculos, devemos trabalhar arduamente em comum e para a mesma direção, para a realização da obra que nos foi legada por Cristo. É necessário combater as máscaras da caminhada, criando um espírito de entreajuda, de colaboração vivida na simplicidade e cordialidade entre bispos unidos ao seu presbitério; presbitério unido aos seus bispos; o clero unido aos fiéis leigos e os fiéis aos seus padres<sup>488</sup>. Na missão evangelizadora da Igreja nunca devemos prescindir do dado que somos uma “Igreja particular” com suas especificidades, alegrias e tristezas, mas unida à Igreja Universal presidida por Pedro, na Pessoa do Santo Padre, Bispo de Roma.

### **3.6. MINISTÉRIOS LAICAIS À LUZ DO CONCÍLIO VATICANO II**

O Concílio Vaticano II, partindo duma experiência milenária, soube delinear diretrizes para lidar com a questão urgente no seio da Igreja: o papel do “fiel leigo”. Expurgando toda a carga negativa que vinha desde tempos memoráveis da história da Igreja. Assim diz-nos a história que a relação entre os clérigos e leigos muitas vezes foi marcada por tensões, antagonismos. Eu prefiro usar o termo dicotomia usado na linguagem sociológica, que por sua vez provoca desenvolvimento, espírito crítico, no lugar de antagonismo, termo que transparece intrigas mal curadas, feridas semi abertas do passado. O Concílio Vaticano II, vê o leigo como membro do povo

---

<sup>487</sup> Cfr. Laurenti MAGESA, «os leigos na Igreja», in *Teologia Africana no século XXI*, P. P.260.

<sup>488</sup> Cfr. José LUZIA, *Uma Igreja de todos e de Alguém*, PP. 126.127.

de Deus que, pelo sacramento do batismo recebe a tríplice missão/função: profética, real e sacerdotal<sup>489</sup>.

José Luzia, ao fazer um desenho histórico do Concílio Vaticano II, afirmou: «a hierarquia católica, nas primeiras décadas do século XX, continuava prisioneira de uma mentalidade que a levava a olhar o mundo com receio e desconfiança»<sup>490</sup>. O fiel leigo sempre foi associado ao *mundo (um olhar depreciativo)*, daí o clima de desconfiança, estando ele metido em ambientes sócio culturais e também políticos. A título de exemplo citamos alguns documentos promulgados pela Igreja, que de certo modo, feriram a sensibilidade de muitos filhos e filhas da Igreja: *Syllabus, Index*, nas condenações de Pio X. A par desta evolução histórica que eclodia no seio da Igreja, o autor tem como referencial as figuras de: Teilhard de Chardin, Yves Congar e M.- Chenu e tantos outros pensadores considerados precursores do Concílio, embora com matizes às vezes diferentes.

A própria escola teológica de Tubinga, onde se pode destacar J.-A Möhler, que já nesta fase embrionária procurava avançar com novas categorias teológicas no âmbito da eclesiologia<sup>491</sup>. Foi preciso que soprasse o “novo” vento na Igreja e desta a partir do seu interior, onde se operaram grandes mudanças. Sobretudo a abertura ao mundo. Queremos frisar nesta abordagem a magnitude em termos renovadores do Papa João XXIII, que mesmo parecendo sem energias para imprimir no seio da Igreja e no mundo um espírito inovador e reformador, surpreende a tudo e todos, quando pensa e “materializa” convocar um concílio. Até a gente mais próxima a ele foi apanhada de surpresa (os membros da Cúria romana). Certamente este espírito “renovador” da Igreja fez com que o mundo a partir do Concílio Vaticano II fosse visto com outros “olhares” da parte da Igreja. A título de exemplo temos a *Declaração Dignitatis Humanae*, que se debruça sobre a liberdade religiosa<sup>492</sup>. Foi uma grande revira - volta da parte da Igreja, mas faltou a divulgação e estudo de muitos dos documentos conciliares e pô-los em prática. Pois, fazendo um estudo anacrónico, passados cinquenta anos desde que o Concílio Vaticano II se tornou num acontecimento mundial, vemos que alguns destes documentos não saíram das “gavetas” e, se saíram, não alcançaram o que se almejava. Não houve estudos suficientes à volta desta riquíssima orientação da Igreja. E aqueles que

---

<sup>489</sup> Cfr. Bernard SESBOÜÉ, *!No tengáis miedo!, Los ministérios en la Iglesia hoy*, P. 121.

<sup>490</sup> José LUZIA, *Uma Igreja de todos e de Alguém*, P.29.

<sup>491</sup> Cfr. *Idem*, P.30.

<sup>492</sup> Cfr. José LUZIA, *Uma Igreja de todos e de Alguém*, PP.30.31.

saíram das “gavetas” ficaram aquém do “espírito renovador”, “transformador”, ou senão mesmo “reformador”.

Na Constituição dogmática que aborda a questão da Igreja, lemos a preocupação do Concílio sobre a grei do Senhor. A salvação do povo, não só como indivíduo, mas como comunidade, coletividade. Este espírito renovador já vinha desde a Sagrada Escritura, principalmente no Novo Testamento. O Próprio Senhor, Cristo Jesus, imprimiu na sociedade de Seu tempo um “espírito” renovador e dinamizador (At. 10,35; 1 Cor. 11,25; 1 Ped. 1,23, Jo, 3,5-6 e 1 Ped. 2, 9-10)<sup>493</sup>. Este “povo” continua o mesmo, ontem, hoje e para sempre, o povo desejado e amado por Deus Pai. O que vai variando é o modo, a ação que pastoralmente se empreenderá de geração em geração para aproximar este “povo crente” e não só, a Deus, seu último fim.

#### **A) Escola de Ministérios nas Dioceses de Benguela e Lubango**

Depois de termos estudado no segundo capítulo desta tese, as etapas ou fases da evangelização em Angola, podemos afirmar que os ministérios laicais vêm desde os tempos mais remotos da jovem Igreja. Tempos memoráveis da “descida do Espírito Santo” à nossa terra, com os primeiros missionários. Os missionários, para facilitar a sua vida e missão, quiseram fazer-se rodear de pequenos grupos de crentes que, para além de serem tradutores ou “facilitadores” (linguagem usual em âmbitos das ONGs) da comunicação, também procuravam criar um ambiente pacífico entre os missionários e os encontrados.

Neste trabalho, em gesto de homenagem, fazemos referências vivas a estes casais que abandonavam as suas terras, os seus bens e familiares para se juntarem e fazerem parte deste “pequeno grupo de apóstolos”, seguindo os missionários nas missões ora fundadas ou ainda para fundar. É neste sentido que se compreende a vinda de certos cristãos de Ondjiva para as terras da Huíla; os cristãos que saíram da região de Caconda e acompanharam o “seu padre” para fundar a missão do Cuando, no Huambo e tantos outros exemplos de homens e mulheres que saíram

---

<sup>493</sup> CONCÍLIO VATICANO II – *Lumen Gentium* Nº 9.

das aldeias para formarem os “bairros da missão”, isto aconteceu em toda Angola. Desde cedo o apostolado laical fez-se sentir no coração destes cristãos.

Nas três fases da evangelização em Angola, não havia uma intenção clara ou objetiva de criar escolas de ministérios. Aliás, esta ideia é muito recente, faz parte da segunda evangelização. Foi nesta altura que a Igreja angolana sentiu a necessidade de fundar escolas de “catequistas” e “evangelistas”<sup>494</sup> na diocese de Benguela (catequistas formados especificamente para liderar as comunidades).

Na Arquidiocese de Lubango temos a escola de formação de líderes das comunidades. Instituição fundada em 1966. O Senhor D. Altino decidiu abalançar-se à obra de uma escola de catequistas que seria instalada na Missão da Huila, dado precisamente que o internato sonhado pelo Pe Lourenço se encontrava devoluto em boa parte. Os objetivos fundamentais da escola são: **formação humana, religiosa e formação social de liderança**. Primeiro tem-se em vista a educação moral, cívica e académica; a segunda fase visava a formação religiosa na linha da fé e na terceira a formação dos valores tendentes à vida comunitária. A escola estará aberta e promoverá todo tipo de formação - cooperação com outras instituições e organismos votados ao mesmo fim; no caso existentes na Arquidiocese do Huambo e Diocese de Benguela e Kuito- Bié. A Escola funcionou entre 1966 e 1975. Seguidamente foi Fechada dadas às incertezas e inseguranças de então. D. Nogueira foi o último Bispo a entregar os diplomas aos catequistas. A escola reabriu em 1997 em moldes mais aperfeiçoados.

Em 2013 a Arquidiocese de Lubango abriu uma **Escola de Ministérios**, sonho realizado do Arcebispo emérito D. Zacarias Kamwenho. Uma das dificuldades com que se debatem nestas escolas, tem a ver com a parte financeira que ainda vejo muito frágil e tem sido o “calcanhar de Aquiles” da Igreja africana. Para manter estas escolas é necessário criar programas de sustentabilidade, a curto, médio e longo prazos. As escolas estão localizadas na sede das dioceses e isto dificulta congregar gente do interior. E a sua presença ali acarreta alguns custos, sobretudo, porque são pais de famílias. E surgem determinadas questões que a meu ver são desafiantes: enquanto o homem (o marido) ou a mulher (esposa) vai à

---

<sup>494</sup> Evangelistas: era designação dada a determinados catequistas, líderes de comunidades. Com uma formação específica. Isto funcionou na década 80. O termo começou a cair em desuso em meados dos anos 90. Prevalecendo o de catequista.

formação, quem cuida do seu lar? Sabemos que esta maioria vem do campo. Será que temos uma Igreja capaz de subsidiar estas famílias? E se temos tido algum número considerável para estas formações, não será porque estas pessoas estão desempregadas? Estas e outras interrogações fazem-nos refletir e procurar reestruturar as mesmas escolas, dando-lhes novos rostos, planos exequíveis para realização desta tamanha tarefa.

Este tipo de trabalho, por razões metodológicas e financeiras, não deveria circunscrever-se na sede das dioceses. Era necessário estender o tipo de formação nos arciprestados, definindo os níveis de formação dos candidatos e estabelecendo metas. Se a formação for de três anos, os dois primeiros deviam ser ministrados nos arciprestados, conforme esta proposta. E isto reduzia os encargos. Porque os formadores iam duas vezes por mês, passando pelos arciprestados. Vou agora apresentar uma programação a título de exemplo.

1. **Coordenação das atividades** (Secretariado Arquidiocesano da Pastoral, Conselhos económicos e secretariados de catequese paroquiais).

2. **Reuniões de preparação:** estipular um tempo de preparação, duas ou três reuniões (Convocar e traçar estratégias de formação);

3. Distribuição das convocatórias às comunidades/ capelas;

4. Ter objetivos gerais e específicos bem claros;

5. Distribuição dos horários da formação;

6. Custos da formação: cada comunidade participará com o valor de 35.000 Kwanzas ou 50.000 Kwanzas. Este valor será utilizado para aquisição do material do uso corrente, alimentação e subsidiar os formadores (pago trimestralmente, fazendo sempre a atenção àquelas comunidades que menos podem).

7. **Definição do Local:** é importante definir o lugar onde vai decorrer a formação.

(QUADRO 19)

Duração da Formação	Encontros por mês	Participantes	Idades	Seleção dos Temas	Formadores	Estruturas de Apoio
3 Anos	2	Arciprestado	16-60	Equipa técnica	7	Salão Paroquial
Observação	O último ano de formação, já com o número reduzido, deverá ser feito na sede da Diocese. Esta formação será dinamizada pelo Secretariado de pastoral e catequese					

## B) A Missão do fiel leigo

O Concílio Vaticano II, reservou no IV capítulo da *Lumen Gentium* uma temática especificamente para os leigos. Nele reforça a missão do fiel leigo na Igreja e no mundo. Os leigos sabendo claramente da sua missão na Igreja e no mundo desempenham um papel de grande relevância. Todos somos chamados à santidade e a um ofício, embora cada a seu modo. O fiel leigo pelo Batismo, torna presente a Igreja lá onde se encontra e é chamado a ser o sal da terra<sup>495</sup>.

A Sagrada Escritura descreve determinados serviços que alguns homens e mulheres realizavam na comunidade. Tudo parte dos dons, carismas que lhes são concedidos pelo Senhor. Eles passam a ser, deste modo, testemunhas e instrumentos vivos da própria missão constitutiva de Igreja (Cfr. Ef.4, 7; Fil. 4, 3 e Rom. 16,3). Hoje vemos leigos nas Igrejas africanas (ou em África) a dirigirem o coro, ministros extraordinários da Comunhão, acólitos, a participarem na hierarquia da Igreja com dimensões espirituais, no caso, temos o diaconato permanente, não frequente em Angola. Mas já se faz sentir nas outras paragens de África, sobretudo, nos países *dominados (com influência anglicana e protestante)*.

Os leigos em geral são como que os braços, ramos desta “frondosa” árvore (Igreja) que está empenhada na/pela salvação de todos os homens e mulheres e em todos os tempos e lugares (de geração em geração). E esta missão só será concretizada tendo um laicado ativo e consciente da sua missão no mundo. Não tenhamos medo de promover formações para os leigos. As experiências que temos por estas terras de Angola, têm mostrado que a nossa pastoral conduzida pela força

<sup>495</sup> Cfr CONCÍLIO VATICANO II – *Lumen Gentium*, Nº 33,§3

do Espírito Santo, tem sido “*facilitada*” com a integração de todos os agentes de pastoral.

O padre José Luzia, partindo da experiência que teve da “Igreja irmã” em Moçambique, fala da reestruturação dos ministérios dentro da Igreja, dando espaço aos leigos para que participem de viva voz na ação missionária da Igreja<sup>496</sup>. Quanto ao papel do fiel leigo na Igreja e no mundo, poderíamos afirmar que este nasce da sua própria vocação batismal. A Igreja na linguagem conciliar é um mistério, sacramento e ministério. Esta trilogia inclusiva e implicante, faz-nos pensar numa Igreja ministerial. Sem visualizar ou tonificar os aspetos hierárquicos, somos uma “Igreja de irmãos”. A hierarquia dentro da Igreja, mais do que uma barreira, deve ser compreendida como promotora da unidade, da comunhão e integração. Os leigos nos seus “espaços” de convívio exercem de modo variado o seu apostolado que é largamente multiforme, tanto em prol da Igreja como em favor do mundo<sup>497</sup>.

A terminar esta abordagem, quereria insistir, senão mesmo, persistir na ideia de que se realmente a Igreja quiser contar com os leigos empenhados em todos os níveis, então eles compreenderão que não são só ouvintes, assistentes e nem sequer “suplentes” na ação missionária da Igreja. A minha preocupação e focalização neste/deste trabalho, é não ver no fiel leigo como um “apaga fogo” (bombeiro). Devemos partir do seguinte pressuposto: a Igreja não só se deve preocupar em criar escola de ministérios, porque ao longo dos anos, vai notando a ausência de sacerdotes ou ministros ordenados. O espírito do Vaticano II, não é de suplência, mas sim de articulação de forças para a mesma direção: evangelização do homem e da mulher do nosso tempo. E esta grande obra da evangelização deve contar com as forças vivas dos batizados.

---

<sup>496</sup> Cfr. José LUZIA, *Uma Igreja de todos e de Alguém*, pp. 69-70.

<sup>497</sup> Cfr. CONCÍLIO VATICANO II – *Apostolicam Actuositatem*, Nº 9.

## CAPÍTULO IV: PERSPETIVAS PARA UMA NOVA EVANGELIZAÇÃO

A terminar o nosso estudo, queremos fazer constar neste último capítulo uma abordagem que assenta nas perspetivas do enfoque “Nova Evangelização”. É um capítulo síntese que vai procurar cruzar as abordagens já feitas e abrindo novos horizontes no ser e fazer da Igreja.

### 4.1. O QUE MUDA COM/NA NOVA EVANGELIZAÇÃO?

Talvez não seja fácil delimitar este campo, sendo que vivemos num mundo onde se registam grandes transformações em todos os níveis e sentidos. Mas estamos esperançados de que a abordagem que se faz a este nível procura não alhear-se aos “sinais dos tempos”. Qualquer evangelização sempre deve ser compreendida como “algo novo” (a novidade é Cristo e a Sua Mensagem, a maneira como O apresentamos e O anunciamos), tendo em conta o contexto e circunstâncias diferentes onde ela ocorre.

Ao fazermos análise prospetiva vemos que o quadro é outro. A população evangelizadora e evangelizada também são diferentes (os evangelizadores e evangelizados de há 100 anos atrás, não são os mesmos de hoje). Um dos aspetos a ter em conta é que nos dois “polos” (um que evangeliza e outro que é evangelizado) há sempre elementos “Novos”: onde aquele ou aquela que evangeliza, também é evangelizado ou evangelizada pelo contexto. O Substancial continua o mesmo, muda a interpretação, a compreensão e o modo como o anunciamos. Há uma frase basilar que pode orientar a nossa reflexão: **«Restituir ao Evangelho a sua força vital, libertá-lo dos revestimentos que o desfiguram e o tornam irreconhecível, eliminar banalizações e subentendimentos que fazem**

**dele um prato meloso e intragável:** são estes os primeiros objetivos de uma “Nova Evangelização”<sup>498</sup>.

Na Nova Evangelização a constante deve ser a transformação profunda, que passa por uma conversão diária (um processo). A evangelização assenta na Palavra proclamada, ouvida e vivida comunitariamente, em cada momento e geração, possibilitando também uma realização pessoal<sup>499</sup>. Uma das coisas que temos de prestar atenção na Nova Evangelização é: não é o uso de novos códigos linguísticos, novo vocabulário, que vai fazer com que o Evangelho atinja o homem e a mulher do nosso tempo. É preciso irmos de novo às fontes, bebendo das águas cristalinas, repensando o conteúdo da fé e atualizá-lo.

Atualizar não significa inventar novo conteúdo. Ele mantém-se intacto, mas é necessário apresentá-lo com profundidade e simplicidade, com palavras e gestos. Pois, Cristo não só falou como também ensinou a fazer. Deveríamos até, para equacionar determinados processos implicados diretamente com a “Nova Evangelização”, fazer o uso da ciência linguística para “adaptar” e “adequar” a nossa linguagem (missionária) à linguagem que o mundo a evangelizar fala (para não propormos algo estranho e fora do comum das pessoas). Como afirma Giuseppe Savagnone, o problema não deve estar no passado, mas sim, no presente. É importante estudarmos o mundo em que vivemos, as suas preocupações e aspirações. O que ele chamaria por mundo contemporâneo.

Há uma deslocação do percurso da missionação. O êxodo não só material, mas também espiritual. O autor sugere algumas pistas: o missionário do “novo tempo”, tem que ter capacidade de sair do seu próprio mundo circunferencial, com poucos contactos e ligações e entrar no desconhecido, construindo pontes com outros homens e mulheres. Questionar de “novo” os esquemas mentais do mesmo, as próprias certezas humanas (a sua própria fé). Este processo fará com que o evangelho se espalhe livremente na única língua que é irrenunciável, a língua do Espírito<sup>500</sup>.

---

<sup>498</sup> Giuseppe SAVAGNOGNE, *Evangelizar na Pós— modernidade*, P.6.

<sup>499</sup> Cfr. Manuel CLEMENTE, *O tempo pede uma Nova Evangelização*, P. 7.

<sup>500</sup> Cfr. Giuseppe SAVAGNOGNE, *Evangelizar na Pós— modernidade*, P.7.

D. Manuel Clemente - atualmente Cardeal Patriarca de Lisboa, ao falar da necessidade da Nova Evangelização, em contexto europeu, e sobretudo, em Portugal, aponta 5 fases do processo complexo da evangelização.

- ❖ **A primeira fase:** pertence aos santos mártires – apóstolos, testemunhas da novidade evangélica<sup>501</sup>.
- ❖ **A segunda fase:** situa-se no V século que, marca a decadência da estrutura imperial – retomar tudo com uma nova proposição da fé (as bases da primeira evangelização tinham sido lançadas<sup>502</sup>.
- ❖ **A terceira fase:** remete-nos ao século XII – marcado pelo aumento populacional (crescimento demográfico); competição comercial, (animação); capitalização e reurbanização (uma nova ordem de urbanização) e tantos outros fatores (impulso dado pelos novos evangelizadores, principalmente os discípulos S. Francisco de Assis ou Domingos de Gusmão; as ordens Mendicantes, e outros)<sup>503</sup>.
- ❖ **Quarta Fase:** estamos perante o conturbado e histórico século XVI. Fazendo uma curta análise a este período, chega-se à conclusão de que é preciso “evangelizar de novo”. Basta olhar para as profundas mudanças que se operaram na sociedade e não só. Desequilíbrios registados entre a cidade e o campo; desenvolvimento mercantil; expansão marítima; uma rutura entre a razão e fé, cisões religiosas (entre católicos, protestantes, anglicanos, etc...); a vida monástica exigia reforma, as dioceses e paróquias pediam pastores “preparados”, “dedicados” e “presentes”. Neste período ainda destacamos a força que o Concílio de Trento teve entre 1545-1563 (reformas na catequese e na formação que se deve dar aos pastores)<sup>504</sup>.
- ❖ **Quinta fase:** a última fase é a atual – que clama por uma Nova Evangelização. Que vai consistir no “ **Ardor**” nos “**Métodos**” e nas “**expressões**” exigidas pelo tempo atual<sup>505</sup>.

---

<sup>501</sup> Cfr. Manuel CLEMENTE, *O tempo pede uma Nova Evangelização*, P. 13.

<sup>502</sup> Cfr. *Idem*, P. 14.

<sup>503</sup> Cfr. *Idem*, PP. 17-18.

<sup>504</sup> Cfr. *Idem*, P. 20.

<sup>505</sup> Cfr. *Idem*, P. 23.

Neste trabalho apresentaremos sistematicamente alguns vetores da Nova Evangelização, tais como:

### **a) Novos evangelizadores**

Vamos agora dedicar-nos aos novos evangelizadores. Estes sim, estão diante duma metamorfose vertiginosa das sociedades. Se antes os olhares e ações da Igreja estavam presos nas perseguições, guerras, sistemas políticos com pouca simpatia e abertura para os cristãos, depois da conhecida guerra dos 16 anos ocorrida em Angola e a outra que se seguiu, somos convidados a marcar novos passos. A Sagrada Escritura ajuda-nos a compreender os desafios que encontramos na ação missionária da Igreja: todo aquele/aquela que invocar o nome do Senhor será salvo. E continua com uma série de questionamentos e reflexões: «como poderão invocar aquele em quem não acreditam? Como poderão acreditar se não ouvirem falar d’Ele? E como poderão ouvir, se não houver quem O anuncie? Como poderão anunciar se ninguém foi enviado? “como são belos os pés daqueles que anunciam boas notícias!» (cfr. Rom. 10, 13-15)<sup>506</sup>.

Esta é uma das caracterizações do nosso mundo, o também chamado “mundo novo”. Em muitos casos, a velocidade que leva a mensagem anunciada é quase a mesma que a da incredulidade. Estamos perante um “Mundo” com duas forças contrárias (o que acredita, o que não acredita e ainda pode surgir uma fase intermédia: o mundo que não sabe se acredita ou não). O Senhor Jesus continua a chamar novos “atores” para esta árdua missão. Temos dificuldades, as vocações começam a ser escassas, ampliam os vários campos de ação (reabertura das missões, ora fechadas na fase da guerra). O Senhor a todos chama para que a sua Mensagem chegue a todos. O novo evangelizador nasce do Batismo, criando nele um cristão adulto, responsável. Esta atitude exigirá uma consciência própria de crente, ser “o portador” da Boa Nova de Cristo para os irmãos<sup>507</sup>. Segundo Fisichella, o primeiro portador do evangelho ou melhor, o primeiro evangelizador é o bispo, na qualidade de sucessor dos Apóstolos. O Bispo é chamado como o ícone

---

<sup>506</sup> Rino FISICHELLA, *A Nova Evangelização, um desafio para sair da indiferença*, P. 115.

<sup>507</sup> Cfr. *Idem*, PP. 115-116.

“vidente de um anúncio corajoso e forte”<sup>508</sup>. Em Atos 4, 20, lemos a intenção de S. Pedro, que convida a comunidade crente a não se calar, dando testemunho do que ouviu e viu. Testemunho de Cristo, o ressuscitado. Mas o Bispo não vive estes momentos só (sozinho). A sua missão é partilhada e participada pelos sacerdotes que formam o presbitério, união colocada ao serviço do povo. O Papa emérito Bento XVI, em Chipre (Junho de 2010), na sua homilia, usou palavras fortes para designar a missão dos sacerdotes: «a Igreja adquiriu uma consciência renovada da necessidade de ter **bons sacerdotes, santos e bem preparados**»<sup>509</sup>.

Estas expressões são fundamentais na implementação da Nova Evangelização. Por último temos aquelas pessoas, homens e mulheres que se consagraram a Deus por amor ao reino. São chamadas a um novo estilo de vida que se encaminha para a santidade. Elas fazem a experiência de vida a exemplo das primeiras comunidades descritas no livro dos Atos dos Apóstolos (Act. 4, 32-33s). E os fiéis leigos que nas suas paróquias vivem/fazem a experiência do Ressuscitado nas associações e movimentos apostólicos<sup>510</sup>. Hoje sistematicamente, toda a Igreja é chamada a evangelizar. Há um convite alegre e inclusivo que cito: «tornar-se evangelizador vendo os outros a evangelizar»<sup>511</sup>. Nesta frase lemos o impulso missionário dado pelo Espírito Santo, grande animador da missão. Evangelizar exige de homens e mulheres coragem, entusiasmo (fé), força para vencer os obstáculos, alegria e reflexão para avaliar o trabalho realizado. Ter capacidade de ouvir, ver e avançar, inflamando o coração do “grande amor” evangelizador.

Como afirmou Pinson, que ninguém olhe e parta para evangelizar os outros fugindo dos problemas pessoais, de ordem psicológica ou afetiva. Pois a autêntica evangelização compromete-nos na totalidade<sup>512</sup>.

---

<sup>508</sup> Cfr. Rino FISICHELLA, *A Nova Evangelização, um desafio para sair da indiferença*, P. 115 – 116.

<sup>509</sup> *Idem*, P. 118.

<sup>510</sup> Cfr. *Idem*, PP. 128.131.

<sup>511</sup> Ivon PINSON, *Evangelizar, guia prático e espiritual*, P. 36.

<sup>512</sup> Cfr. *Idem*, P.37.

## b) Destinatários da Nova Evangelização

A ação da Igreja na Nova Evangelização dirige-se aos “novos” filhos e filhas da Igreja; aos amigos dos novos filhos, os colegas de emprego ou simplesmente de serviço, as pessoas com quem trocamos os olhares na rua, nas viagens (transportes públicos ou privados, como é costume em África), as pessoas que encontramos no campo, nas escolas onde boa parte dos missionários, no caso, em Angola, exerce a sua ação pastoral, na saúde – o doente, a forma como o acolhemos e lidamos com a sua doença, o consolo, a esperança que lhe devolvemos, dando-lhe mais razões para acreditar e aderir a Cristo Jesus. E Giuseppe Savognone, afirma que cada um de nós é também destinatário da nova evangelização (como evangelizar, se quem devia evangelizar, não está evangelizado, e se não tiver a quem evangelizar?). Ora, a Nova Evangelização passa também pela abertura aos irmãos e irmãs desanimados e desanimadas nesta peregrinação, rumo à glória celestial. Face às grandes transformações do mundo em que vivemos, é urgente reelaborarmos os pensamentos, as ideias, discursos e gestos que pareciam adequados para a transmissão da fé. Hoje quem não acredita já não vive distante de nós, está na própria “nossa” casa, na vizinhança (é uma pessoa identificada).

É preciso termos esta consciência de libertadores, anunciadores e denunciadores de injustiças e outros pecados ou males da sociedade<sup>513</sup>. A nova evangelização no Centro-Sul de Angola, implica conhecer a quem vamos anunciar o Evangelho, firmeza, entrega, desprendimento, confiança em “Quem” nos chama e um olhar atento à evolução dos tempos (e Quem nos chama é o próprio Jesus, numa dimensão trinitária). Sem forçar ninguém como aconteceu no passado (evangelização em África), podemos afirmar que todo o ser humano tem direito de receber, acolher a Boa Nova (Rom. 5, 12-19). O cuidado que os novos evangelizadores devem ter hoje, é não se perder na massa (cristandade dos “números”, baseada nas estatísticas, nos batismos realizados; as circunstâncias atuais exigem não heróis da “quantidade”, mas sim, da “qualidade”). Isto é, contentar-se com grandes pregações ou sermões, ter um público geograficamente localizado, um grupo homogêneo, identificado (numa Igreja, capela, etc...). Mas sim, é preciso

---

<sup>513</sup> Cfr. Giuseppe SAVAGNOGNE, *Evangelizar na Pós — modernidade*, P.7.

também personalizar a ação missionária da Igreja que evangeliza, ir ao encontro do coração atribulado, desesperado, dando-lhe a alegria e sentido de viver<sup>514</sup>. Pois o que anunciamos não se mede pelo peso, volume, mas pela simplicidade, qualidade e testemunho de vida. O Papa Francisco, tem insistido nas suas alocuções que a Igreja deve sair dos escritórios, dos gabinetes e ir ao encontro de quem aguarda por uma palavra de consolo, de ânimo, de esperança e dando-lhe força para caminhar.

### c) “Palcos” da Nova Evangelização

Já desde os tempos remotos, os apóstolos sentiram a necessidade de encontrar uma casa, um lugar para anunciarem o Ressuscitado, proclamando a sua fé. Com o tempo a “nova organização” se foi estruturando, a ponto de chegar a erguer Igrejas, criando espaços próprios de oração e acolhimento. O que queremos aqui abordar não são os lugares ou espaços físicos da Nova Evangelização (públicos e privados). O evangelizador da nova evangelização, atua em todos os lugares e momentos, não está confinado num espaço geofísico. A sua atividade missionária não tem fronteiras, destina-se a cristãos e não cristãos. Nesta pesquisa observamos três ideais a ter em conta:

- ❖ **Evangelizar em toda a parte** (sentido amplo e diversificado da missão);
- ❖ **Ter em conta a natureza dos lugares e adaptar-se a ela** (cada palco da evangelização tem a sua especificidade que, nunca deve ser ignorada pelo novo evangelizador);
- ❖ E por último, **o novo evangelizador deve respeitar as leis e costumes locais** (conhecer não basta...é preciso familiarizar-se, ser com o povo)<sup>515</sup>. E a ação pastoral da Igreja no Centro-Sul de Angola, passa hoje, pelo conhecimento profundo da realidade do povo que evangelizamos. Aproximar o seu “modus vivendi” ao Evangelho.

Como já vimos nesta abordagem, são vários os lugares onde a Igreja realiza a sua ação pastoral. O Pontifício Conselho para a promoção da Nova Evangelização, destaca quatro palcos - lugares. Isto não quer dizer que sejam os únicos. Atendendo às mudanças rápidas nas quais está envolvida a nossa

---

<sup>514</sup> Cfr. Ivon PINSON, *Evangelizar, guia prático e espiritual*, P. 77.

<sup>515</sup> Cfr. *Idem*, P.72.

sociedade, urge sublinhar os seguintes palcos, (alguns já foram frisados no primeiro capítulo deste trabalho):

### ❖ A Liturgia

Este vocábulo ao longo da história, foi tendo diversos significados e aplicações. Para o nosso estudo a palavra Liturgia traduzida, vem significar, prestar culto de adoração e louvor a Deus. É o louvor do povo ao seu Deus. Serviço feito ao povo, ação da Igreja em prol do bem comum. Neste caso, a salvação de todos<sup>516</sup>. Destarte, a melhor “catequese” na/para a vida de Igreja é a liturgia bem celebrada. Este é um convite para que os sacerdotes e os féis prepararem bem as celebrações litúrgicas, centrando-se na “Pessoa” celebrante (Cristo).

É pela Liturgia que se opera o sacrifício eucarístico, fruto da nossa redenção e justificação, doação, amor único do Pai pelo Filho na força inspiradora do Espírito Santo<sup>517</sup>. O Concílio Vaticano II, dedicou especial atenção ao estudo da Liturgia, dando-lhe uma dimensão teológica e não se concentrou nos aspetos ritualísticos de que vinha rotulada ao longo dos tempos, mas, nos conteúdos de fé. Neste sentido a *Constituição Sacrosanctum Concilium* e como todos documentos do Concílio, têm uma dimensão prática (pastoral), mas como suporte estão interligados com os aspetos teóricos que os caracterizam e justificam<sup>518</sup>. O que na vida da Igreja une a nova evangelização à liturgia, é que ela (liturgia) torna presente no mundo o ser mediadora da revelação de Jesus Cristo. Não se pode compreender a Igreja sem a dimensão litúrgica, pois, tudo o que a comunidade prega e anuncia, torna-o presente e vivo através da oração litúrgica<sup>519</sup>. A liturgia é a “célula vital” da comunidade crente. Nisto importa referir: «a **lex credendi e a lex orandi**, formam um todo único em que se torna difícil até distinguir o fim de uma e o início da outra»<sup>520</sup>. A liturgia na perspetiva da nova evangelização, é um “novo” “lugar” vital para que o anúncio do kérigma tenha pleno significado e realização. A própria liturgia em si permite-nos descortinar e viver os momentos tão diversificados, mas que, são parte duma mesma realidade: o mistério celebrado.

---

<sup>516</sup> Cfr. Matias AUGÉ, *Liturgia, história, celebração, teologia, espiritualidade*, P. 11.

<sup>517</sup> Cfr. CONCÍLIO VATICANO II – *Sacrosanctum Concilium*, Nº 2.

<sup>518</sup> Cfr. Matias AUGÉ, *Liturgia, história, celebração, teologia, espiritualidade*, P. 53.

<sup>519</sup> Cfr. Rino FISICHELLA, *A Nova Evangelização, um desafio para sair da indiferença*, P. 77.

<sup>520</sup> *Ibidem*.

A partir da celebração dos sacramentos, a Igreja apresenta ao mundo a figura de Cristo. Por exemplo, quando celebramos o Batismo ou um funeral, somos transportados e interpelados por uma comunicação tão intensa que doutra forma não seria possível fazer passar a mensagem da salvação. Nestes momentos celebrativos não estarão só presentes os cristãos praticantes, também cruzamos os olhares com “nova gente”, “novo público” (uns até indiferentes à própria religião ou Igreja e outros, à procura duma genuína espiritualidade)<sup>521</sup>.

As palavras e gestos que o sacerdote usar serão uma oportunidade para as pessoas pararem e refletir sobre o mistério da vida. É importante, fazer antes uma boa preparação da celebração litúrgica, pois é também um convite para a conversão e transformação radicais. As comissões de liturgia que sejam compostas por pessoas “bem” preparadas nesta área do saber, rever a música ou o canto que em muitas circunstâncias e contextos tem sofrido influências da Igreja evangélica ou protestante, sobretudo nos óbitos, onde começa a ser hábito o uso de gravadores no lugar das pessoas (não tem havido uma seleção cuidada das músicas).

#### ❖ **A Caridade**

A pastoral sócio caritativa é um campo vasto e mais frágil da nossa Igreja (angolana). Historicamente podemos aventar hipóteses desta fragilidade: a África depois da “invasão” europeia passou a viver momentos de dependência e na Igreja criou-se um sentido de paternalismo que automaticamente retira a autonomia do indivíduo, tornando-o uma “eterna” criança, sem capacidade de decidir por si.

O padre numa missão, para além das funções que são inerentes ao seu ministério, era considerado como médico (oftalmologista, dentista, etc...), professor e membro do governo: neste último particular, pela sua ligação em muitos casos com poder colonial. Depois da independência, ainda vemos uma Igreja presa ao seu passado. A “libertação religiosa” é um processo, uma caminhada longa.

A Cáritas internacional em colaboração com o Programa alimentar mundial (PAM) ajudou Angola no período difícil da guerra. E estas ajudas foram-se escasseando e as prioridades passaram para outros países e povos. Foi preciso reverter o quadro, dando corpo à Caritas nacional e outros

---

<sup>521</sup> Cfr. Rino FISICHELLA, *A Nova Evangelização, um desafio para sair da indiferença*, P. 78.

organismos a ela unidos. Por tudo que observei enquanto sacerdote, fiquei sensibilizado por diversas iniciativas dos fiéis para ajudar os mais desfavorecidos. Para tal precisamos de melhorar em todos os aspetos, tendo como prioridade a formação do pessoal, criando nos bairros, aldeias um certo empreendedorismo com vista a um desenvolvimento sustentável, através de pequenos projetos.

Na África genuína (que hoje quase só se vê como um ideal), não havia pedintes - mendigos, nem os “sem-abrigo”. Mas estes valores sagrados para o africano foram destruídos e vão sendo ignorados, relegados para o esquecimento pelas gerações mais jovens. Ninguém morria à fome, porque o pouco chegava para todos. Em pleno século XXI, precedido por outros brilhantes (séc. XIX e XX) marcados pelo desenvolvimento da ciência e da tecnologia, onde os direitos humanos são cada vez mais divulgados, em que se multiplicaram os recursos que garantiriam uma vida digna a todos, cruzamos com uma nova mentalidade: individualista, não partilhável nem partilhada (egoísmo total), indiferente, fechada em pequenos blocos (novos ricos), criando fortemente divisões e desigualdades sociais. Como afirma o sociólogo Boaventura de Sousa Santos, estamos perante uma globalização das pobreza<sup>522</sup>. Como Igreja somos desafiados pelo discurso e vida programáticos de Jesus, de anunciar a Boa Nova aos pobres (Lc. 4, 18s). Não se trata só de pobres em espírito, mas também dos pobres materiais, sem recursos mínimos para sobreviverem.

É importante mobilizar e sensibilizar as pessoas a olharem para os mais frágeis da sociedade: desde o órfão à viúva, do velho à criança, um olhar com atenção e preocupação para a maioria desempregada e abandonada no campo. Animados pelo Espírito Santo, homens e mulheres descobriram uma nova forma de tornar presente o reino de Deus, inspirando-se nas palavras de Jesus quando antecipadamente era ungido por Maria, irmã de Marta e Lázaro, amigo de Jesus: no meio de vós, haverá sempre pobres; ao passo que Eu não estarei sempre convosco: referia-se da sua passagem deste mundo para o Pai (Jo. 12, 8). A caridade está no centro do anúncio que Jesus fez: o amor e a atenção ao outro<sup>523</sup>.

---

<sup>522</sup> Cfr. Boaventura de Sousa SANTOS, *Globalização, Fatalidade ou Utopia?* P. 45.

<sup>523</sup> Cfr. Rino FISICHELLA, *A Nova Evangelização, um desafio para sair da indiferença*, P. 79.

A caridade em África está vinculada, essencialmente no acolhimento do outro ou da outra, dando-lhe de comer e hospitalidade, como se diz na língua africana umbundu: “**kukapite ombamba**”, que quer dizer - não passe acolá, venha sentar-se e partilhemos o que a vida nos proporciona. É imprescindível olhar para a caridade não como mero discurso, mas como uma vida de Igreja, um programa que se realiza na doação aos irmãos. Vários exemplos encontramos na Sagrada Escritura que expressam a preocupação que Cristo teve com os pobres, os prisioneiros, as viúvas, os órfãos, enfim, os mais frágeis (cfr. Mt.25,40) – sempre que “fizerdes ou deixardes de fazer”, são expressões paradigmáticas que nos encorajam para uma boa ação pastoral<sup>524</sup>.

#### ❖ O Ecumenismo

Ao falarmos do ecumenismo cristão nas variadas culturas africanas e para melhor compreensão do grande mistério uno e trino de Deus, fazemos uma analogia aos “rios” geograficamente localizados e distribuídos pelo vasto território nacional. Na lógica africana o cristianismo aparece como a nascente dum rio. Durante o seu curso vai-se ramificando e dando origem a “outros rios” no fim, tudo termina num “outro grande rio” que, por sua vez desagua no mar, que chamamos kalunga, que quer dizer: profundidade, imensidão, abismo, insondável, infinidade, incomensurável (Deus), usando as mesmas categorias da filosofia grega. O Concílio ecuménico Vaticano II, refletiu e teve como preocupação a restauração da unidade entre as “ramificações” deste grande “Rio”<sup>525</sup>.

O padre Santos Neves, que a exemplo de outros missionários europeus, exerceu também a sua atividade missionária nas “nossas terras” (Angola), faz aqui uma reflexão a volta do ecumenismo cristão e levanta outros pormenores que na altura se deviam ter em conta. A teologia pós conciliar pode ser considerada a da “re-unidade”, ou ainda como passaremos a designar os outros cristãos: “hereges-cismáticos” ou de “irmãos separados”? Com esta linguagem, vemos que nada tinha mudado e como consequência lógica: devem “regressar” e “converter-se” ao imobilismo ontológico-psicológico da nossa perfeição de “católicos apostólicos romanos”

---

<sup>524</sup> Cfr. Rino FISICHELLA, *A Nova Evangelização, um desafio para sair da indiferença*, P. 80.

<sup>525</sup> Cfr. CONCÍLIO VATICANO II – *Unitatis redintegratio*, N.º1.

de “cristãos ortodoxos”, de “cristãos reformados evangélicos”<sup>526</sup>. Estes discursos levam-nos a compreender a mentalidade que se tinha antes, durante e nos primeiros anos do Concílio. Ainda hoje encontramos uma enorme dificuldade em lidar com o ecumenismo cristão. Desse convívio nasce um “novo” discurso ou nasce o “retorno”?

O Concílio fala da unidade entre os cristãos. Em que sentido? Quem será capaz de ceder? E em quê? Em Angola (nas dioceses) quando chega a “semana de oração pela unidade dos cristãos”, vejo padres e pastores, juntamente com os seus fiéis rezando juntos, passando por Igrejas pré-definidas pela Comissão preparatória destas orações. Há uma forte participação dos cristãos (a celebração é feita entre cânticos e pregações), muita gente entusiasmada. Mas fazendo uma análise crítica, poderíamos levantar outras questões, como por ex: tanto os que organizam e os que participam, falam da mesma linguagem, entendem o que fazem? Ou fazem-no só porque assim a Conferência episcopal orienta? Corremos o risco de não ter respostas que nos ajudem a organizar uma pastoral multifacética ou multiforme.

Quanto ao ecumenismo que se tem expandido nas nossas Igrejas e nas “outras”, penso que precisamos apurar, estudar e aprofundar o caso (ecumenismo em si), partindo da linguagem que se usa e da formulação teológico-bíblica. Um dos problemas que o ecumenismo levanta no nosso estudo é sobretudo, o pensar da Igreja nos seus documentos e pronunciamentos; na introdução do *Decreto Unitatis Redintegratio*, lemos a seguinte expressão: «Cristo Senhor fundou uma só e única Igreja»<sup>527</sup>. Esta afirmação ainda nos pode remeter a outra afirmação que dizia: só na Igreja Católica é que há salvação. São afirmações que não congregam e criam novas roturas. Cristo não está dividido, mas os que acreditam n’Ele vivem separados, divididos e nalguns casos vivem em pequenas e profundas tensões. O Concílio reconhece que todos aqueles que acreditam, invocam o nome de Deus Uno e Trino e confessam a Cristo como Senhor. Cada um (a) no seu lugar (Igreja), louva o seu Senhor. Todos estes cristãos reunidos em assembleias muito diversificadas e diferentes, aspiram a uma única Igreja em

---

<sup>526</sup> Cfr. Santos NEVES, *Ecumenismo em Angola*, P. 43.

<sup>527</sup> CONCÍLIO VATICANO II – *Unitatis Redintegratio*, Nº1.

comunhão celestial<sup>528</sup>. Cristo, na véspera da sua morte redentora rogou ao Pai, implorou pela unidade de todos, dizendo: «para que todos sejam um, como tu, Pai, em mim e eu em ti; para que sejam um em nós, a fim de que o mundo creia que tu me enviaste» (Jo. 17, 21ss)<sup>529</sup>.

Como vemos, a unidade foi sempre concebida como dom de Deus e a divisão dos cristãos entre si pode ser vista como um contra-testemunho e escândalo para o mundo (devia acreditar em Cristo Jesus unido ao Pai na graça do Espírito Santo). Unir os cristãos no nosso tempo, numa única Igreja, posso considerar ainda um ideal, um desejo, é da vontade Deus. Mas a realidade distancia-se cada vez mais. É preciso “fazer mais”, ter programas e ações concretas e que não vencedores nem vencidos. Que se evite o proselitismo religioso, explorar aspetos positivos das “partes” para constituir “Uma só parte”. Isto sem nos remetermos a um pessimismo fracassado nem a um otimismo ingénuo.

A unidade é um dom do Espírito Santo. Seria oportuno no nosso hoje, a Igreja (mãe) despertar para Sínodos ecuménicos, convocando os estudiosos para um diálogo aberto e franco. Portanto, o Pontifício Conselho para a Nova Evangelização, quanto a esta temática, conclui: «é preciso que, tal como seguimos as inspirações do Espírito Santo pelos caminhos da Nova Evangelização, não nos fechemos à sua ação que converte os nossos corações. É urgente superar as divisões do passado, para viver com responsabilidade a missão de ser sinal visível e concreto da unidade de todos os batizados»<sup>530</sup>. Esta frase é já um sinal de abertura para o diálogo. Que se não se podia dizer há 40 anos atrás.

### ❖ Migração

Um dos palcos da Nova Evangelização é a Imigração. Não vou entrar em pormenores quanto a este tema, por ter sido já abordado no primeiro capítulo deste trabalho. Aqui vamos apresentar um testemunho recolhido no jornal “*Diário de Notícias*” que reflete a preocupação e a problemática situação da emigração no mundo. Este testemunho ocorreu no **Santuário de Nossa Senhora de Fátima**: “nem sempre acolhemos bem os imigrantes, somos acolhedores mas ainda não somos o que devíamos ser.” Estas foram as palavras sintetizadoras e cheias de conteúdo, vindas duma peregrina por devoção. Ela que todos os meses se desloca de Pombal

---

<sup>528</sup> Cfr. CONCÍLIO VATICANO II – *Unitatis Redintegratio*, Nº1.

<sup>529</sup> Cfr. *Idem*, Nº2.

<sup>530</sup> Rino FISICHELLA, *A Nova Evangelização, um desafio para sair da indiferença*, P.86.

ao Santuário de Fátima, (Maria Verdasca, 67 anos). Fervorosa crente do culto mariano, a peregrina lamenta alguns comportamentos que segregam os imigrantes. Ora, foi da ideia de valorizar o fenómeno das migrações que constou a mensagem do arcebispo de Lubango (Angola), que presidiu à missa e fez a homilia que encerrou a peregrinação internacional dedicada ao imigrante e refugiado. E neste trabalho faço referência ao mesmo jornal que cita a homilia do Arcebispo emérito de Lubango, D. Zacarias Kamwenho, que pediu atenção aos fenómenos que provocam as migrações. Até porque, a emigração, imigração não é um facto rotineiro muitas vezes convertido em pesadelo para os homens e mulheres do nosso tempo, mas é uma oportunidade para quem busca trabalho e quer melhorar a sua vida num país que não é o seu, como o é para o país que acolhe o imigrante ou o refugiado".

Na referida peregrinação D. Zacarias Kamwenho, exortou - recordando o recente ***Congresso de Pastoral para os Migrantes*** que decorreu no Quénia - "aos dirigentes políticos e aos agentes económicos (...) maior atenção para o bem comum" para que a "justiça social não seja letra morta". Para o presidente da Comissão Episcopal das Migrações, urge estar atento "aos fenómenos que provocam as migrações, como as alterações climáticas, a pobreza, a intolerância política". A maior consequência "é a dificuldade da dupla pertença", problema sem "apoio nas comunidades e até nas instituições sociais"<sup>531</sup>.

Associado a tudo isto, temos também a questão da emigração, fator interno. Assiste-se hoje à desertificação das aldeias, os jovens e novos casais partem, abandonam as escolas e aldeias à procura de melhores condições de vida. No passado ouvíamos os "mais velhos" a falarem de trabalhos por contrato que faziam em terras estrangeiras ou nacionais e sempre distante das suas famílias. Isto despertou a muitos que voltando, tinham a vida melhorada, conseguiam comprar bois e outros instrumentos para trabalhar a terra. Hoje acontece quase a mesma coisa: os jovens partem para lugares incertos, principalmente para Luanda, onde se submetem a vários riscos (drogas, prostituição, são explorados e ninguém os defende, sofrem roubos, são mortos e acusados disto ou daquilo, etc.). É neste sentido que a Igreja não devia alhear-se da situação destes jovens das nossas missões. Os pastores deviam valorizar a multiculturalidade provocada pelo processo complexo da Imigração e da emigração.

A Nova Evangelização desperta na consciência dos novos evangelizadores a abundância e diversidades culturais. Somos uma Igreja heterogénea (que não

---

<sup>531</sup> Cfr. *www. Fátima: Imigrações, Diário de Notícias*, 2008 (30/10/2014: 23:30H).

significa dispersão, mas sim «re» encontro de culturas de diferentes grupos humanos. Esta reflexão teológica, ultimamente tem sido desenvolvida na Alemanha, debates que colocam no centro das atenções a “teologia pós colonial”. Segundo os autores desta teologia uma “nova demografia requer uma nova forma de pensar”<sup>532</sup>. E Angola em geral não foge à regra deste fenómeno das grandes mobilidades humanas, é preciso repensar a nossa ação pastoral face a tudo isto. Para responder de forma positiva a esta nova realidade, primeiro, as comissões diocesanas de “Justiça e Paz e Migrações” devem ser mais interventivas, identificando os maiores focos de concentrações de “imigrantes e emigrantes”, desde as empresas até ao mercado paralelo. Criar espaços para reunir, acolher os vendedores ambulantes (o vulgo zungueiro ou zungueira); criar uma “cartilha” onde podem estar consignadas todas as diretrizes para maior organização da sua atividade (nestas comissões deviam ser incorporadas também pessoas formadas em direito, psicólogos, sociólogos e pastoralistas).

O que se pode observar hoje neste âmbito, faz-nos pensar e não deve ser acolhido ou tomado de alma leve como tem sido até aqui. Existem vários fatores que concorrem para a imigração, que não deve ser só restringido ao económico (procura de melhores condições de vida). Desde as guerras (fatores políticos, tribais, regionais, raciais), fatores de índole natural (catástrofes, cataclismos naturais) e até à perseguição religiosa. Todos estes fatores violentos ou não, têm marcado decisivamente para a dispersão dos povos para regiões onde encontram guarida<sup>533</sup>.

❖ **A Comunicação:** os meios de comunicação social são órgãos importantes para o anúncio do Kerigma. Mas começam a entrar na agenda da Igreja a partir do Concílio Vaticano II, que veio dar outro sentido à vida eclesial e à sociedade no geral. De 1967 – 2014, encontramos 48 mensagens que abordam diversos temas ligados aos meios de comunicação social. Este período, compreende o quadro histórico marcado por 4 Papas: **Paulo VI - Cardeal Montini** (nascido em Lombardia 1897), sucedeu ao Santo João XXIII que morreu em 1963, no decorrer do Concílio Vaticano II. No tocante a estes meios afirmou: a Igreja ao evangelizar a humanidade, deve pregar a mensagem da salvação, servindo-se dos Media<sup>534</sup>. No

---

<sup>532</sup> Cfr. Michael NAUSNER, «La inmigración y la teoría poscolonial», in *Revista internacional de Teologia, Concilium*, Nº 350, P. 276.

<sup>533</sup> Cfr. BENTO XVI, *Porta da fé*, Nº 56.

<sup>534</sup> Cfr. Américo AGUIAR, *Um padre na Aldeia Global*, PP. 35.38.

seu papado dirigiu à Igreja e ao mundo 12 mensagens (1967- 1978: dia mundial das Comunicações);

- **Papa João Paulo I (nasceu em Veneza, 1912-1978):** Curto papado - foram apenas 33 dias de Pontificado. Consciente da sua missão quando discursou para os profissionais dos Média, que faziam cobertura do Conclave da sua eleição, disse: «Chegar por meio da Comunicação a uma comunhão mais verdadeira e satisfatória»<sup>535</sup>.

- **Papa João Paulo II - Karol Wojtila** nasceu em Wadowice, Cracóvia – Polónia (1920-2005), Orientou a Igreja entre 1978-2005. Nos tempos modernos a comunicação aparece como um dos areópagos onde se deve anunciar o Evangelho do Reino<sup>536</sup>. Dirigiu ao mundo e à Igreja 27 mensagens sobre o dia mundial das Comunicações<sup>537</sup>. Fala da importância do uso do computador e do satélite para estimular a tarefa evangelizadora<sup>538</sup>.

- **Papa Bento XVI – Joseph Ratzinger**, nasceu em Marktl am Inn Passau – Alemanha (1927), governou a Igreja entre 2005-2013<sup>539</sup>. Escreveu 8 mensagens para o dia mundial dos Média. Desafiou aos versados nas novas tecnologias a serem evangelizadores do “continente digital”<sup>540</sup>.

- **Papa Francisco (2013) - Jorge Mario Bergoglio** nasceu em Buenos Aires – Argentina (1936), num gesto comunicativo, fala da “internet” como dom de Deus<sup>541</sup>. Jesus Cristo, é o Comunicador de sempre. Na sua comunicação havia sempre um dado novo: o dar a vida, as curas realizadas e apontando caminhos que conduzam ao Pai. Neste sentido o Papa Emérito Bento XVI, ao criar o **Pontifício Conselho para a Nova Evangelização**, incumbiu determinada responsabilidade ao grupo ou membros que fazem parte do mesmo, dizendo: é preciso «estudar e favorecer explicitamente a utilização das formas modernas de comunicação, como instrumentos da Nova Evangelização»<sup>542</sup>.

---

<sup>535</sup> Américo AGUIAR, *Um padre na Aldeia Global*, P. 39.

<sup>536</sup> Cfr. *Idem*, PP. 40.41.

<sup>537</sup> Cfr. *Idem*, PP. 43.44.

<sup>538</sup> Cfr. *Idem*, P. 45.

<sup>539</sup> Cfr. *Idem*, P. 49.

<sup>540</sup> Cfr. *Idem*, P. 51.

<sup>541</sup> Cfr. *Idem*, P. 57.

<sup>542</sup> Rino FISICHELLA, *A Nova Evangelização, um desafio para sair da indiferença*, P.88.

A evolução da técnica e da ciência no mundo de hoje é uma realidade indesmentível. E a Igreja é chamada a descobrir nestes meios de comunicação social a forma mais efetiva de anunciar o Evangelho, aproximá-lo às crianças, adolescentes, jovens e adultos. Nesta (re) descoberta, faz-se a experiência do “Deus dos Media”. Infelizmente a comunicação em África, ainda não é muito fluente. E o Estado angolano, sabendo da força e do poder que estes meios exercem no seio das comunidades, usa uma política feroz, da não autorização da Emissora radiofónica por toda extensão nacional (Rádio ecclesia). Tem havido esforços para que tal aconteça. Mas a “páscoa” (alegria do povo) continua adiada naquela zona do globo! Isto não impede que o Evangelho seja anunciado. Através da internet e outros meios a Palavra de Deus pode chegar a todos facilmente. É trabalho que requer esforço e entrega dos todos os agentes de pastoral, desde os bispos, sacerdotes, diáconos, religiosos ou religiosas, catequistas e todos os batizados.

Partindo do contexto africano onde este tema está focado, continuamos a observar e com alguma preocupação a ausência de um gabinete de imagem e comunicação em cada diocese, algo ainda distante da nossa realidade. Evangelizar hoje é ir lá onde as pessoas estão. O importante é descobrir e saber conviver com a pluralidade do nosso tempo. Esta não é a única forma de anunciar a Boa Nova, e os estudos feitos demonstram os riscos que estes meios podem acarretar. São várias vozes que se juntam à Igreja sobre os perigos que os meios de comunicação social, ou simplesmente, os media, podem provocar. Os sociólogos e psicólogos, nas suas investigações, alertam sobre os possíveis perigos “latentes” dentro deste pequeno grande mundo da internet, que sem uma análise crítica dos usuários se difunde. Muitas vezes apresenta-se de forma problemática, sobretudo o influxo que este tem sobre a população, interferindo nos comportamentos individuais e coletivos<sup>543</sup>. Entretanto, na comunicação está também presente a Liturgia, o modo como se celebra produz um efeito a ter em conta. Desde que se instituiu o dia mundial das comunicações, lemos nos discursos papais a preocupação da Igreja em valorizar e fazer do bom uso dos mesmos meios.

---

<sup>543</sup> Cfr. Rino FISICHELLA, *A Nova Evangelização, um desafio para sair da indiferença*, P.89.

## 4.2. CENTRALIDADE DA NOVA EVANGELIZAÇÃO

No processo de evangelização existem certos aspetos ou dados que nunca devem ser descurados. A Pessoa de Cristo e a sua Mensagem, anunciadas. Desta forma, a evangelização não é só um produto humano, nem sequer o adicionar de suposições, ou pontos de vista (opinião pessoal), como se tratasse de uma realização pessoal na intenção de querer “salvar” o mundo. O Dr. João Duque, na sua reflexão vai mais além, afirmando que também não é do ponto de vista da coletividade, utilizando métodos, estratégias em termos organizacionais, como se de uma gestão empresarial se tratasse. A evangelização é fruto do Espírito Santo com a colaboração ativa e efetiva do ser humano<sup>544</sup>. Nas circunstâncias que ocorre a evangelização a ação humana surge como “serviço”, “instrumento” da realização da ação do Espírito Santo que habita em nossos corações.

Evangelizar hoje se não trata simplesmente de um anúncio propagado nos quatro ventos ou cantos do mundo, transmissão de um conteúdo, mensagem ou uma qualquer informação. A evangelização tem uma dimensão pragmática do acontecimento pascal. O objetivo da evangelização é a mudança radical, transformação – conversão do coração humano, demonstrado nas atitudes ou virtudes teologais de fé, esperança e da caridade. Uma fé feita vida e assumida, mesmo nos momentos mais sombrios da vida do crente, lhe vale a esperança que o ajuda a superar os obstáculos da caminhada. É nesse conjugar de esforços que aquele que acredita e vive a sua fé na esperança, é capaz de aceitar e acolher o dom de Deus. Uma vez acolhido esse dom, fazendo dele o projeto de vida, o cristão será chamado a ser ele mesmo uma doação ao seu irmão ou irmã. É ali que consiste a alegria da doação incondicional condensada “naquele” “agapê” humano que, intimamente está incorporado, participando no supremo “agapê” divino<sup>545</sup>. Há uma dinâmica relacional do amor do ser humano entre si e do amor de Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo.

---

<sup>544</sup> Cfr. João DUQUE, «Evangelização», in *Bíblica, Desafios da Nova Evangelização*, P. 97.

<sup>545</sup> Cfr. *Idem*, P. 98.

No âmbito da Nova Evangelização existem dois vetores centrais que, sem eles, tornar-se-ia vazia e sem sentido o esforço que a Igreja angolana tem vindo a empreender no decurso da sua história. Estas duas dimensões devem ser apresentadas e abordadas de forma clara e sistemática: o conteúdo da Nova Evangelização e o Método a utilizar. Quanto ao conteúdo não devemos correr o risco da “estragança da modernidade” secularizante do mundo global. Não se “reinventará” nada na Nova Evangelização. O texto aos hebreus é claro e ajuda-nos a compreender a dinâmica do processo evangelizador, quando afirma: “Jesus Cristo é o mesmo, ontem e hoje, e será sempre o mesmo. Não vos deixeis levar por nenhum tipo de doutrinas estranhas” (Heb. 13, 8-9). São expressões bíblicas que iluminam a nossa reflexão.

Na Nova Evangelização para os novos tempos não se espera anunciar outra “coisa”, senão o “mesmo Cristo”. Não se trata de modificações ou de alterações alietórias, Cristo continua o mesmo para todos os tempos e gerações<sup>546</sup>. Na Nova Evangelização o objeto central continua o mesmo: “O anúncio do reino de Deus”. Somos a Igreja pós Pascal que leva ao mundo a “Boa Notícia” do Evangelho que assenta em Cristo Jesus<sup>547</sup>. Desde o momento que ganhamos a fé nada mudou, mudaram os contextos, as circunstâncias, os que anunciam a Boa Nova e os que a acolhem; o conteúdo mantém-se intacto. O autor desta epístola procura mostrar a coesão que deve reinar na comunidade de fé. Faz aqui um apelo de unidade aos “líderes”, aqueles que “dirigem”, “orientam” e transmitem a palavra e pelo exemplo, a fé. Imitar os que transmitiram a fé (cfr. Heb. 13, 7). É curioso que neste trecho bíblico, o autor não usa os termos equivalentes como: bispo ou sacerdotes, simplesmente, faz uso do termo “dirigentes” ou “chefe”<sup>548</sup>, com o sentido de “guia”. Jesus quando fala ou se refere a “eles”, no que concerne ao Reino, diz afirmativamente em “serviço”. O dirigente deve ser o menor de todos, servindo aos demais (cfr. Lc.22, 26). O ser “chefe” na Igreja deve ser compreendido como serviço aos irmãos, em grande contraste com o mundo. Onde o chefe “manda” e “pouco faz”. Este espírito negativo se entra na Igreja e nos seus membros, fica truncada a mensagem evangélica. Jesus Cristo, não pediu aos discípulos cargos de chefia ou coisa semelhante, mas sim, serviço.

---

<sup>546</sup> Cfr. Rino FISICHELLA, *A Nova Evangelização, um desafio para sair da indiferença*, P. 59.

<sup>547</sup> Cfr. Raniero CANTALAMESSA, *Horizontes para uma Nova Evangelização*, PP. 52.53.

<sup>548</sup> Cfr. *Idem*, P.60.

O nosso mundo hoje é marcado pelas lutas e tendências de poder. As pessoas mal começam a trabalhar já aspiram cargos de chefia, “a sede do poder”, e tudo a isto associado. O Pontifício Conselho para a Nova Evangelização, afirma que no contexto em que vivemos, é imperativo “reafirmar o primado de um verdadeiro serviço que a comunidade crente é chamada a desenvolver”. Esta expressão é catalisadora da dimensão evangélica que parte e termina no serviço, na doação constante, na firmeza da fé proclamada e que se realiza na esperança jubilosa do Ressuscitado, Jesus Cristo, o Senhor<sup>549</sup>. O anunciado pelos profetas no Antigo Testamento, no Novo, hoje e para sempre, anuncia o Reino de Deus e já chegou, está no meio de nós. Faz apelo do Reino que está para vir. Em Jesus está presente o Reino anunciado. O Reino presente em Cristo é um convite aberto para o ser humano, para abandonar o reino das trevas, do sofrimento, do mal e da morte eterna para abraçar e seguir o serviço de outro Rei, o enviado do Pai – Aquele que foi anunciado por Isaias que liberta da cegueira, o oprimido, anunciar a Boa Nova aos pobres (cfr. Is. 29, 18, 19s; Lc. 4, 18), libertar a humanidade do poder do “mal”<sup>550</sup>.

Se no passado o mundo tinha dificuldades em compreender quem é Jesus, hoje com o avanço da ciência e da técnica, esperava-se ser mais fácil, mas o mundo vê-se surpreendido pela tamanha incredulidade e afastamento das pessoas da Igreja. Uma fuga humana comparada a um “barco” à deriva, naufragando no mar da injustiça, indiferença, negação de si mesmo e do Criador. O próprio João Batista, teve dúvida a respeito de Jesus, envia emissários para ver se era Ele (Jesus) ou deviam esperar por um “outro” e Jesus responde com palavras e atitudes: “Ide contar a João o que vedes e ouvis: os cegos Vêem, os coxos andam, os leprosos ficam limpos, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e os pobres são evangelizados” (cfr. Mt. 11, 2-5; Lc. 7, 18-23)<sup>551</sup>. Toda realidade vista e contada demonstra a presença do Messias e do seu Reino no meio da humanidade.

Em Angola, para além de vivermos num multiculturalismo étnico-linguístico vivemos também num pluralismo religioso. As Igrejas evangélicas e as “seitas” (provenientes, em parte da Europa, da América, sobretudo, do Brasil e da própria África – com fins económicos), crescem como cogumelos numa densa floresta. O

---

<sup>549</sup> Cfr. Rino FISICHELLA, *A Nova Evangelização, um desafio para sair da indiferença*, P.60.

<sup>550</sup> Cfr. Mário SOUSA, «Jesus, Evangelizador», in *Bíblica, Desafios da Nova Evangelização*, Nº 21, P. 72.

<sup>551</sup> Cfr. *Idem*, P. 73.

pior ainda está para acontecer com o avanço do Islamismo para a África Austral (considerada zona estratégica, tendo em conta os seus recursos naturais, minerais e não só). Verifica-se uma proliferação de doutrinas, “teologias” e espiritualidades (algumas desprovidas da verdade cristã). O “novo” evangelizador tem que saber lidar e conviver pacificamente com esta diversidade, purificando os discursos, centrando-os na Pessoa de Cristo Jesus.

O Novo Testamento está cheio de exemplos, onde se alertam para as falsas doutrinas e falsos profetas (Cfr. Ef. 4,14); doutrinas e preceitos humanos que são passageiros (Cfr. Col.2, 22); na tentativa de satisfazer as aspirações meramente humanas, surgem até doutrinas diabólicas, prometendo “fundos e mundos” – “curas e riquezas” (1 Tm 4,1). Também chamou-se atenção sobre aqueles que pregam o “outro” evangelho - que não seja o de Cristo (Gal.1, 7; 2Ped. 2,1; 2 Jo. 2,7)<sup>552</sup>. Ao centralizarmos a mensagem da Nova Evangelização na Pessoa de Cristo e no seu anúncio (Reino de Deus), no tempo atual, em contextos muito diferenciados e diversificados, somos chamados à vigilância permanente e preparação (formação) humana, religiosa e intelectual.<sup>553</sup>

O segundo elemento a ter em conta na pastoral é o método. O método está fortemente ligado ao conteúdo, já abordado. Aqui dá-se maior ênfase à preparação, como afirmou S. Pedro, na comunidade nascente: “estar prontos para dar razões da nossa fé”. É um discurso apogético, face às perseguições que se viviam na altura (cfr. 1Ped. 3, 15). Hoje a Igreja vive outros momentos também difíceis. Desde os escândalos de dinheiro, de pedofilia, do homossexualismo e tantos outros, que abalaram a Igreja no geral (América e Europa) e no caso da Igreja africana a “vergonha” da crença na “feitiçaria”, na “bruxaria” e da má “governança” ou “gestão” dos bens “materiais” e “espirituais”. Tudo isto, faz-nos repensar de forma sistemática para poder (re) conquistar o povo para a Igreja (para Deus). Certamente, estes momentos cruciais pelos quais a Igreja angolana tem passado, remeter-nos-iam em comunhão com os cristãos dos primeiros séculos, que eram alertados para nunca se envergonhar por participar nos sofrimentos de Cristo, glorificando a Deus por ainda manterem o “nome” de “cristãos” (1 Ped. 4, 12-16). Neste sentido, ao falarmos do método, não significa desfazer totalmente das formas e fórmulas do passado, inventando novos atalhos. O que seria uma mera ilusão - querer construir uma

---

<sup>552</sup> Cfr. Rino FISICHELLA, *A Nova Evangelização, um desafio para sair da indiferença*, P. 62.

<sup>553</sup> Cfr. *Ibidem*.

religião pitoresca, cheia de pó, vazia de sentido, uma religião externa, farisaica. A tarefa que se propõe não é simples e não se contenta com simplismos teológicos. Exige da Igreja a fidelidade aos fundamentos da própria fé; construindo para o mundo contemporâneo algo “coerente” com ele. Que esteja à altura de ser recebido e compreendido pela pessoa humana que é diferente no tempo, no espaço e no pensar do passado. O Conselho criado para a Nova Evangelização, parafraseando São Pedro, afirmou: para que o cristão de hoje tenha esperança e dê razões da sua fé, faz sentido rebuscar as três expressões: «Este seja feito com **bons modos, respeito** e mantendo a **consciência limpa**» (1 Ped. 3, 16a)<sup>554</sup>. Evitando todo o tipo de orgulho, de protagonismos pessoais, vaidades, espírito de superioridade nos confrontos com outras doutrinas. Anunciar o Evangelho requer ter um espírito humilde, simplicidade, deixando para fora as extravagâncias. Isto é, partindo da própria linguagem, gestos, no vestir, situar-se no meio do povo e não distante dele, fazer-se um com ele na caminhada para Cristo.

Leonardo Boff, ao falar das comunidades de base no Brasil, fala de um povo pobre que se ergue ou se organiza partindo da fé. Pois a fé deve libertar os indivíduos em todos os sentidos<sup>555</sup>. A realidade latino-americana é similar em muitos casos com a de Angola. Povo humilde, sofredor, mas crente. E o missionário aparece como o “revolucionário” do bem porque a mensagem de fé que transmite revoluciona e cativa os corações desejosos da salvação operada por Cristo. Portanto, somos interpelados por olhares de quem nos interroga, respeitá-lo nas suas diferenças e somos convidados a ser coerentes com o que anunciamos, não só pela convicção com que apresentamos a doutrina cristã, mas pela vida, que neste trabalho, chamaria de “o outro evangelho”, não diferente do de Cristo, mas uma continuação, celebrar o evangelho pela vida<sup>556</sup>. Tudo isto joga com o estilo de vida a que os cristãos de hoje são chamados, dando forma e sentido à sua própria aceitação no mundo. Numa só palavra se pode dizer que hoje, numa atitude humilde e de fé se pode **evangelizar pela Palavra**: o centro do anúncio é o próprio Verbo (Jo. 1,14); quem anuncia a Boa Nova deve estar compenetrado com o amor de Cristo (Act.14,3); a audácia de falar (Filip.1,4); as boas relações entre os cristãos e não só, são outras formas da evangelização<sup>557</sup>; **evangelizar pelo gesto**: os gestos

---

<sup>554</sup> Rino FISICHELLA, *A Nova Evangelização, um desafio para sair da indiferença*, P. 64.

<sup>555</sup> Cfr. Leonardo BOFF, *E a Igreja se fez Povo*, P. 93.

<sup>556</sup> Cfr. Rino FISICHELLA, *A Nova Evangelização, um desafio para sair da indiferença*, P. 65.

<sup>557</sup> Cfr. Yvon PINSON, *Evangelizar, guia prático e espiritual*, P. 83.

dizem muito e são interpelativos. Olhemos para a boa ação do samaritano - compreender a fraqueza do outro (a). A humanidade também necessita de alguém que a levante cuide e cure. A esmola dada sem remorsos. Dar, dando-se ao outro. Os sacerdotes são convidados a dispor do seu poder de abençoar, um simples gesto comove os corações. O gesto da polidez e de cumprimento, usando a doçura e não a violência, abrir a porta em lugar de a fechar, aproximando os corações. Ter um olhar atencioso, um olhar que busca o que anda perdido pelo vazio, desespero<sup>558</sup>. Um olhar de coração a coração, cruzar rostos, prestar boa atenção ao que um rosto é capaz nos de dizer, esvaziando-se das possíveis máscaras (medo do outro)<sup>559</sup>. Por último também podemos evangelizar com as imagens bem cuidadas que estão nas nossas Igrejas, medalhas, livros, CD e outros instrumentos ou objetos religiosos. A própria música – os concertos as belas artes também evangelizam. As danças, extirpando-as daquele sentido folclórico, levando a alma à orar<sup>560</sup>.

#### 4.3. A QUESTÃO DO ÊXODO RURAL (OS JOVENS)

Começo esta temática com um dos números da **Carta da Comissão Pontifícia para a pastoral das Migrações e Turismo**: «as deslocções são, ao mesmo tempo, causa e efeito da era técnica e científica, que alguns definem pós – industrial»<sup>561</sup>. Esta forma insere-se entre as rápidas e profundas mudanças que progressivamente se espalham em todo o mundo<sup>562</sup>.

“Somos uma Igreja em “marcha”, que caminha para o amor de Deus”. Esta frase inspira-nos para abordar a questão da “desertificação”, termo usado impropriamente, mas de forma propositada, tendo em conta a sua carga semântica. Com a “desertificação”, queremos sublinhar o esvaziamento brutal que as nossas aldeias e missões têm verificado ou registado nestes últimos anos. Inicialmente, as pessoas abandonavam as aldeias para as cidades procurando segurança (período de guerra que se viveu – durante 27 anos). É como se fosse uma “deportação” a

---

<sup>558</sup> Cfr. Yvon PINSON, *Evangelizar, guia prático e espiritual*, PP. 85.86.

<sup>559</sup> Cfr. *Idem*, P. 87.

<sup>560</sup> Cfr. *Idem*, PP. 87.88.

<sup>561</sup> CARTA DA COMISSÃO PONTIFÍCIA DAS MIGRAÇÕES E TURISMO, Nº 2.

<sup>562</sup> Cfr. *Ibidem*.

exemplo do povo bíblico. Que foi forçado a abandonar a sua terra, os seus costumes e tradições para viver em terra estrangeira. O texto de Jeremias descreve a destruição e desolação do país inteiro, o povo ficará escravo do rei da Babilónia (Cfr. Jer. 25,11). A projeção e libertação do povo hebreu no Egipto, onde Deus diz: “Ouvi os clamores do meu povo, vou libertá-lo por meio de Moisés” (Cfr. Êx.3, 1ss).

Terminada a guerra algumas pessoas corajosas e desejosas de voltar à casa, assim o fizeram. Outras permaneceram nas cidades ou centros urbanos que lhes acolheu nos tempos mais conturbados da história de Angola, pois já tinham uma vida feita ali. Volvidos 12 anos de paz (desde 2002), vemos um “novo êxodo rural”, adolescentes, jovens (eles, casais jovens), deixam as aldeias para ir procurar “nova vida” nas cidades, particularmente em Luanda, expondo-se a todo o tipo de riscos. Existem grandes desequilíbrios no propalado “desenvolvimento” de Angola. O crescimento económico do país avança em muitos casos de forma injusta, tudo está centrado em Luanda, as maiores possibilidades de emprego e até de vida aparentemente “fácil” (vender água nas ruas, outros objetos), encontram-se rapidamente na capital do país. Tudo isto tem levado ou contribuído para uma concentração cada vez maior de milhares de angolanos e estrangeiros. Em poucas palavras, podemos afirmar que a má projeção do crescimento e desenvolvimento económicos, têm estado na base do “vai e vem” de Luanda. Os riscos são de esperar: jovens sem acompanhamentos (nem da parte do próprio Estado nem da Igreja), são entregues à sua sorte. Muitos acabam mal, mortos, espancados e outros engrenam pela via “fácil”, do roubo, prostituição. São explorados pelos seus patrões, sobretudo privados, trabalham sem contratos escritos, simplesmente verbais. Má remuneração e ninguém defende os seus direitos. Tudo isto demonstra a fraqueza ou a inexistência do estado social de Angola.

No entanto, cito a entrevista cedida pelo Ministro da agricultura (de Angola) Afonso Pedro Canga. Este governante, dizia na entrevista que o «investimento em geração de renda no meio rural é essencial para erradicar a fome em Angola. Além disso, para Canga, o Estado precisa investir tanto na agricultura familiar como também promover os investimentos do setor privado. “Porque sem empresários não há emprego”. Atualmente, cerca de um terço da população angolana vive na capital, Luanda. Este “inchaço” é consequência da guerra civil que assolou o país desde 1975 a 2002. Durante os conflitos, milhões de angolanos deixaram as zonas rurais – onde aconteceram grande parte dos combates – para buscar proteção na capital.

Em menos de 30 anos, a cidade de Luanda cresceu cinco vezes mais. Hoje, estima-se que a sua população esteja em torno dos 5 milhões de habitantes, e pelo menos outros cinco milhões vivem nas cidades próximas da província de Luanda.

Para combater este processo de esvaziamento do campo, o ministro de Agricultura angolano aposta na concessão de crédito agrícola. Segundo Canga, nos últimos anos o governo concedeu 350 milhões de dólares em crédito agrícola para 92 mil agricultores. Canga enfatiza que essa estratégia já trouxe resultados. Tanto é que Angola foi um dos 11 países africanos que já atingiram os Objetivos do Milênio para a fome. O país, que tem sua economia fortemente dependente das receitas do petróleo, também anunciou recentemente a doação de 10 milhões de dólares ao Fundo Fiduciário da Solidariedade Africana, criado para investir em projetos de erradicação da fome no continente e administrado pela Agência das Nações Unidas para Agricultura Alimentação (FAO).

O ministro falou com o Instituto Lula, durante o encontro de alto nível **“Novas abordagens unificadas para erradicar a fome na África até 2025”**, que foi realizado entre 30 de junho e 1º de julho, na Etiópia. Angola foi um dos quatro países africanos que apresentaram suas estratégias para combater a fome e a pobreza durante o encontro de alto nível. Os outros três foram Malawi, Etiópia e Níger»<sup>563</sup>. Lendo atentamente este texto, compreendo o esforço que se fez até aqui, mas não só por esta via que se deve combater o êxodo rural. É preciso criar condições, empregos no próprio meio (desde escolas, hospitais, indústrias, etc.). Esta medida poderia reter mais gente no meio rural e com poucos riscos e gastos. O que observamos é que nada está próximo das pessoas e isto dificulta o crescimento económico. É urgente descentralizar a economia e despolitizando-a, senão mesmo, despartidarizando-a. Que se faça uma atenção igual para todos e assim os jovens não serão forçados a abandonar suas casas e famílias para se expor ao risco.

---

<sup>563</sup> [www.institutolula.org/exodo-rural-e-um-dos-desafios-de-16/08/2013](http://www.institutolula.org/exodo-rural-e-um-dos-desafios-de-16/08/2013) (data da consulta: 30/10/2014 – 11:24H).

#### 4.4. CASAMENTO POR RAPTO

Citando Altuna, podemos afirmar que na concepção africana, o matrimónio é o centro do existir humano. Ele congrega/ convoca todos os membros da comunidade, entre eles temos: aqueles que **morreram** aos olhos deste mundo, mas repousam no Criador; **vivos** e ainda os que **hão - de nascer** (na antropologia africana observam-se estes três momentos)<sup>564</sup>. Em África há três formas de se realizar o casamento e todas com vínculo jurídico-tradicional. Ainda como ato público exige determinadas formalidades: alambamento, intermediários, testemunhas, contrato, cortejos, cerimónias e por fim, a festa<sup>565</sup>, onde todos são lembrados (defuntos, vivos e os que hão-de vir); para além destas exigências, destacam-se também as **qualidades morais e físicas**. Estas qualidades são constituídas pelos comportamentos exigidos pelos cônjuges e servem para dar estabilidade à ligação. Neste sentido, a escolha de cônjuge é relevante para a formação dos laços matrimoniais<sup>566</sup>.

Naturalmente os jovens depois de atingir a sua maturidade, separam-se dos pais para formarem o seu lar. Saem da vida “célibe” para serem os pais da nova família. Isto é, saem da tutela dos pais, passando para uma vida autenticamente autónoma<sup>567</sup>. O casamento natural supõe a união de sexos opostos e a escolha é feita livremente, nalguns casos. E este, visava o estreitamento das tribos humanas - sobretudo as vizinhas (o que na Europa seria o casamento da nobreza).

Fazendo referência ao código de Direito Canónico, pode considerar-se impedimento por “rpto” quando a mulher é violentamente arrebatada e retida para fins matrimoniais, e que cessa quando a mesma estiver colocada em lugar seguro, manifestando desta forma o seu consentimento. É um impedimento de direito eclesiástico sujeito a dispensa<sup>568</sup>. O casamento por rpto na concepção tradicional africana, pode ser entendido como uma reclamação, um repúdio à escolha que os pais ou familiares do jovem fazem e que ele (o jovem) simplesmente, se limita a

---

<sup>564</sup> Cfr. Ruiz de Asúa ALTUNA, *Cultura Tradicional Banto*, P. 303.

<sup>565</sup> Cfr. *Idem*, P. 314.

<sup>566</sup> Cfr. Laurent MPONGO, «casamento costumeiro», in *Teologia Africana no século XXI*, P.132.

<sup>567</sup> Cfr. Francisco VALENTE, *A problemática do matrimónio tribal*, P. 13.

<sup>568</sup> Cfr. CÓDIGO DE DIREITO CANÓNICO, - Cân. Nº 1089.

confiar na escolha dos pais<sup>569</sup>. Também, o rapto aparece como um desvio cultural e alimentado, como veremos, por forças externas aos cônjuges. Em primeiro lugar, temos o casamento tradicional que se realiza do seguinte modo: **no início dá-se o contacto entre as duas famílias** (a do rapaz e da menina). E este, pode ser precedido por uma visita do rapaz que pretende casar-se. Por exemplo, numa festa, conheceu a menina, dialoga com ela e depois as visitas se multiplicam, caso tenha gostado dela (quem se casa tem que ter meios económicos)<sup>570</sup>. Este passo é considerado como “ocupação” que equivale a “marcar presença”, “alguém que foi pretendida” e aponta para o segundo passo mais “sério” que vai consistir na **entrega de bens materiais** da parte do rapaz “os dotes” ou simplesmente o vulgo “alambamento”. O dote ou alambamento nas culturas africanas, e não só, porque acontece o mesmo no oriente, continua a ser algo imprescindível para a cedência da jovem pretendida em vista ao casamento<sup>571</sup>. O alambamento pode ser feito da seguinte forma: quantia de dinheiro, objetos valiosos na cultura, bebidas, animais<sup>572</sup>.

A família do noivo ao entregar estes bens valiosos, culturalmente, recebe por sua vez, “outro” bem ainda mais “valioso”: a noiva, não como objeto, mas como pessoa valorizada. Ora, tem havido uma certa desvirtualização cultural, neste segundo elemento. Há certo “aproveitamento - comercial” da parte dos familiares da menina, estipulam preços elevadíssimos, como que de venda se tratasse. No entanto, alambamento dá legitimidade ao casamento e é um simbolismo cultural que responsabiliza ambas as partes e, não é uma venda como fazem transparecer determinadas famílias em Angola. É um gesto de respeito e confiança pela pessoa que passa a fazer parte da nova família. No casamento tradicional africano, também existem impedimentos que o teólogo Vicente Mulago descreve as (culturas do Congo belga) dividindo estes impedimentos em três grupos:

- ❖ Constitui impedimento a consanguinidade em todos os graus de parentesco. Proíbe-se casar com qualquer que seja parente. E alerta para o conhecimento dos antepassados (a raiz genealógica).
- ❖ Entre o povo mongo no Congo belga, a afinidade é também um impedimento. No caso de morte da esposa, dispensa-se este impedimento e o viúvo pode casar-se com a irmã da falecida ou outro membro da sua família.

---

<sup>569</sup> Cfr. Francisco VALENTE, *A problemática do matrimónio tribal*, P. 14.

<sup>570</sup> Cfr. Vicent MULAGO, *Simbolismo religioso africano*, P. 94.

<sup>571</sup> Cfr. Francisco VALENTE, *A problemática do matrimónio tribal*, P. 67.

<sup>572</sup> Cfr. Ruiz de Asúa ALTUNA, *Cultura Tradicional Banto*, P. 327.

- ❖ Também é proibido o casamento entre os pigmoides (ou semipigmoides), mas isto só vale para os povos mongos<sup>573</sup>: também a idade pode entrar nestes impedimentos. Pode realizar-se para os jovens com idade compreendida entre 15-18 anos e nalguns casos, admitia-se mais ou menos entre os 20 anos de idade<sup>574</sup>.

Estes impedimentos não são comuns a toda a África, variam de povo para povo. Mas existem sempre aqueles pontos convergentes nas culturas humanas. Conforme veremos, os impedimentos se não estiverem na base dos raptos (descontentamento de quem é negado), podem dar azo a casamentos por raptos. Nas pesquisas efetuadas observamos que, antes do contacto com a cultura europeia, os africanos regiam-se pelo direito costumeiro, que o teólogo africano Laurent Mpongo, **define “como conjunto de princípios que sintetizam as regras que regiam a vida dos autóctones antes da chegada/evasão dos europeus”**<sup>575</sup>. Trata-se do direito não escrito. O casamento costumeiro era algo sério, pois marcava a aliança entre as respetivas famílias. Até então, ninguém ousava juntar-se a alguém por mero prazer ou “capricho”.

Quando se casa, não se casa com o Tchambasuku ou com a Tchopetu, mas com a família dela e dele! No caso, isto já com a influência de outras culturas, quando a menina se encontrar grávida, convoca-se a família do rapaz - o tio do rapaz “irmão da mãe ou primo da mãe”, prepara uma delegação, chefiada por ele mesmo e vai ao encontro da família da menina para negociar o caso. Esta delegação parte já consciente de que deve trazer consigo a rapariga e o rapaz diante da tamanha responsabilidade é coagido ou melhor, aconselhado pela família a aceitar a menina (advertem-no: não nos faça passar pela vergonha). A palavra do “Mais Velho” merece aceitação e o devido seguimento (**vomela yukulu mutunda eyo lyavola, pônlêpo, kamutundi onduka yavola**) - da boca do “Mais Velho” pode sair um dente podre e nunca uma palavra podre! - Não aceitar a menina depois de grávida, pode significar maldição e não encontrar mais uma mulher digna! Só em casos extremos, é que o caso sai do âmbito familiar e passa pelo “sekulu” = ancião e se este não conseguir dar solução, passa para o **ñgala Soma** que vulgarmente chamam por rei (Autoridade tradicional máxima) que depois de ouvir os queixosos,

---

<sup>573</sup> Cfr. Vicent MULAGO, *Simbolismo religioso africano*, P. 95.

<sup>574</sup> Cfr. *Idem*, P. 96.

<sup>575</sup> Laurent MPONGO, «Casamento costumeiro», in *Teologia Africana no século XXI*, P. 131.

chama as partes envolvidas no conflito e na qualidade de autoridade, evoca a lei “costumeira” para dirimir o conflito cultural. E neste sentido o jovem que passou por estas instâncias todas judiciais, tradicionalmente reconhecidas, é condenado a pagar uma pesada multa para indenizar a família da menina (valor a pagar: bens materiais, gado bovino e outros com Valor, etc...).

A pastoral da Igreja nos últimos anos, nestas regiões em estudo, e não só, tem sido desafiada, principalmente nas camadas mais jovens. É frequente observarmos atitudes de certos jovens que partem para as cidades ou zonas urbanas. Ao voltarem para a aldeia já influenciados pela vida urbana, começam a manifestar comportamentos não muito comuns aos habituais (da aldeia). Um dos problemas que as famílias enfrentam é quando surge o rapto dum menina pelo namorado. Em muitos casos, eles combinam e passam a viver juntos sem a família saber. A menina fica fechada no quarto do rapaz durante um tempo. Não é fácil resolver este problema tem gerado conflitos, desentendimentos e para aqueles que forem mais audazes na “negociação” do caso, conseguem ficar com a menina e passar por um acordo entre ambas as partes. Daí toma-se uma decisão que os legaliza. Noutros casos a família da menina sente-se ofendida pelo sucedido e corta relações com a do rapaz, no caso de morte a família do raptor é responsabilizada. Aprofundando o estudo sobre as famílias rurais, onde esta realidade é mais frequente, chego a conclusão de que o que motiva muitas vezes o casamento por rapto é a rejeição dum das famílias ou quando os pais pensam que ainda é muito cedo para os filhos casarem-se ou por falta de condições materiais para a realização do casamento. Esta é uma forma de os filhos procurarem a sua autonomia e mostrarem que já são adultos. É um desafio não só cultural como também pastoral. Porque alguns depois terminam na Igreja (casamento sacramental), - o que entra em choque com o direito sacramental eclesial. Que proíbe qualquer tipo de coação. Ainda que manifestem a vontade de realizar o matrimónio, a Igreja aconselha que se separem por um tempo para que haja uma vontade individual e deliberada.

Um outro desafio ligado ao primeiro é quando surge uma gravidez não “desejada”, e às vezes a família da menina ou do rapaz não está de acordo com o namoro de ambos. Quanto à gravidez não assumida, vou aqui apresentar uma pequena abordagem sobre o assunto em causa: As culturas tradicionais africanas em linhas gerais, têm pontos em comum; Na cultura tradicional Umbundu, por exemplo, para resolver este dado que parece conflituoso, partimos do seguinte

pressuposto: “tradicionalmente ninguém se junta a um (a) desconhecido (a)”. Com isto queremos dizer que antes de pretender uma menina, entra em/ na “cena” a família do rapaz que “vai bater” às portas da família da menina pretendida e apresenta o seu pedido. Neste contexto, as famílias são guiadas pelas boas relações que têm entre si e sobretudo, com aquela que é encontrada. Por exemplo: gente boa, trabalhadora; educada; que não é propensa a atos de bruxaria ou feitiçaria; nem a doenças perigosas ou hereditárias - morte prematura de bebés, etc..!

A gravidez era quase que impossível acontecer (na cultura tradicional), porque os jovens podiam passar a noite juntos na mesma casa, mas sem a relação sexual. A virgindade da menina era a exaltação e honra da sua família. E a conseqüente perda, seria a vergonha e desonra da mesma família. Na noite do casamento, a primeira noite de núpcias, a noiva era testada pela tia do rapaz ou do noivo. Ela (a tia) preparava a cama e procurava estender nela um “lençol novo e branco” para a “noite de núpcias”. No dia seguinte ela vem fazer a cama intencionalmente para ver se encontra “umas gotinhas de sangue”. Se as encontrar, essa mulher (noiva) será respeitada porque veio virgem, de contrário, terá o desprezo total. As famílias procuram educar suas filhas a preservar a virgindade, pois é um valor cultural. Mas nisto, encontro também uma injustiça cultural, por se exigir só duma parte (a menina) e o rapaz vê-se livre desta realidade. O evangelho no diálogo as culturas mundiais ou humanas procura identificar e purificar aqueles valores que “positivamente” fazem evoluir as culturas humanas e ajudar a eliminar os contra valores que desvirtuam e desumanizam as sociedades africanas.

#### **4.5. RELANÇAR A PASTORAL DE PROXIMIDADE - PASTORAL INCLUSIVA (DE CONJUNTO)**

Vou retomar a frase (citada no primeiro capítulo deste trabalho) utilizada por F. Boulard, no ***Primeiro Congresso Internacional na área de Pastoral***. Que entendia a pastoral de conjunto como ***«um esforço paciente para pormos em marcha livremente, voltados para o mundo que devemos salvar, todos os filhos da Igreja com todas as suas instituições e recursos, sob a autoridade do***

***bispo, que tem a missão de os coordenar e dirigir, para assim poder exercer com plenitude o seu múnus pastoral***<sup>576</sup>. A pastoral de conjunto ao longo da história tem assumido e trilhado vários caminhos. Ela está inserida no “ser” e “fazer” da Igreja como “comunhão” e “partilha” das ações de Cristo. O longo percurso da pastoral de conjunto insere-se no âmbito paroquial sendo o “lugar primário” da pastoral em si e na paróquia que se abre ou que vai para além das suas fronteiras geográficas<sup>577</sup>. Como afirmou Francisco Javier Calvo, que «a paróquia não pode realizar, só por si, a sua tarefa, que consiste em formar o homem cristão e dar-lhe uma pátria espiritual numa comunidade cristã»<sup>578</sup>.

Ao fazermos um estudo e observando o que anda à volta das nossas paróquias, somos convidados a destruir as “estruturas” de “aço” que nos limitam e empobrecem. Somos uma Igreja e não uma “fração”. Uma Igreja que caminha, e nesse caminhar ganha “novos” rostos, sem perder o “Rosto” identitário (Cristo). Abrir as “portas” da “paróquia” não deve significar “fazer” o que os outros “fazem” acriticamente, sem espírito de criatividade. Mas se for boa ação, porque não partilhá-la com outras paróquias do mesmo “Arciprestado” e depois passar esta experiência à Diocese? É necessário quebrar a atitude de tipo “empresarial”, que gera arrivismo, competitividade, ciúmes e outros males que afetam a ação pastoral da Igreja. Na pastoral de conjunto impera a convergência, diferente de “uniformismo religioso” do tipo “conformista” que em muitos casos exclui a capacidade reflexiva dos indivíduos.

Godin, citado por Calvo, para esta árdua tarefa da missão da Igreja que não se realiza no isolamento nem em repetições que criam “vertigens” aos fiéis, propõe/avança com cinco (5) metas:

- ❖ **Despertar apostólico do laicado;**
- ❖ O mundo e os tempos atuais, exigem uma **Igreja que se adapta aos “novos tempos”;**
- ❖ A pastoral desenvolve a **sua ação ao lado das ciências sociológicas e também as do âmbito da Psicologia;**
- ❖ Impulso para determinadas metas missionárias (**impulso pastoral**) que não estão estagnadas no conservantismo e preservação (pastoral de manutenção),

---

<sup>576</sup> C. FLORISTÁN, «Pastoral de Conjunto», in *Dicionário de Pastoral*, P. 405.

<sup>577</sup> Cfr. J. CALVO, *Pastoral de conjunto*, P. 13.

<sup>578</sup> *Ibidem*.

mas uma pastoral que vá ao encontro dos batizados e não batizados (pagãos) e ainda os irmãos e irmãs “desanimados na fé”. Numa só palavra, uma Igreja presente, ativa e atuante, capaz de dar resposta às inquietações do homem e da mulher do nosso tempo<sup>579</sup>. Na dinâmica missionária há que ter em conta três populações que constituem o espírito da Nova Evangelização: evangelizar os de “dentro”, os de “fora” e os pagãos ou simplesmente não batizados. No contexto angolano, os “novos” evangelizadores têm que “ter” aquela “tenacidade” inflamada pela fé do/no Ressuscitado que nos enche o coração com a Boa Nova do reino. Para o primeiro passo a dar na Nova Evangelização é potenciar a pastoral ordinária que se incide sobre aqueles/aquelas que vivem e convivem connosco no dia-a-dia (os que vão a missa dominical ou semanal). Esta pastoral ordinária, incorpora a catequese infantil. Uma Igreja próxima das pessoas. Trazer a Igreja de “volta”<sup>580</sup>. Como segundo passo, temos os de “fora”. Uns por opção (ou outro motivo) e outros estão na Igreja nominalmente. São os cristãos das estatísticas (a quantidade), mas que os seus “palcos” de atuação é no mundo pagão<sup>581</sup>; e por fim, Antonio Hortelano, apresenta determinadas áreas ou grupos onde ocorre a Nova Evangelização (no mundo pagão) e delimitou-as: **hinduístas, budistas, shintoístas e animistas**<sup>582</sup>. No contexto angolano e na região onde se incide a nossa pesquisa, os pagãos não se encontram nestes grupos citados. A nossa realidade é diferente. Precisamos ir ao encontro de homens mulheres presos na bruxaria e seus derivantes e que ainda não aderiram a Cristo e ao reino, procurar dialogar com os “políticos”, ateus e polígamos mergulhados nas doutrinas do marxismo leninista. No entanto, a Nova Evangelização deve fazer-se com grande esforço e amor ao irmão<sup>583</sup>. Isto implica ter outros conhecimentos para além dos de teologia, é bom ter em conta as disciplinas afins, tais como: a Sociologia, Psicologia, Antropologia, História, etc).

❖ E por último, uma forte **preocupação com o social** (dimensão sócio-caritativa). Olhando para o estado social de Angola, frágil ou mesmo inexistente, é importante ter uma Igreja que promova o ser humano nas suas variadas dimensões. Estes foram os grandes eixos e que no passado deram grandes êxitos na pastoral da Igreja ou especificamente na de conjunto. Hoje, mais do que nunca, é necessário

---

<sup>579</sup> Cfr. J. CALVO, *Pastoral de conjunto*, PP. 17-18.

<sup>580</sup> Cfr. Antonio HORTELANO, *Nueva Evangelizacion*, P. 31.

<sup>581</sup> Cfr. *Idem*, P. 32.

<sup>582</sup> Cfr. *Idem*, P. 33.

<sup>583</sup> Cfr. *Ibidem*.

dinamizá-los e adaptá-los à nossa realidade pastoral<sup>584</sup>. Sistemáticamente, a pastoral de Conjunto está condensada nos dois pontos que passo a enunciar: **Comunhão no presbitério e O padre ontem e hoje, sem esquecer os leigos.**

### **A) Comunhão no presbitério**

Um presbitério unido que, partilha as mesmas dores, alegrias e esperanças, representa o “rosto eclesial” do tipo de “Igreja - comunhão”, que Cristo quis ao convocar os discípulos e os apóstolos para andarem com Ele. Na missa crismal do dia 17 de Abril de 2014, na Sé Catedral de Braga, D. Jorge Ferreira da Costa Ortiga, Arcebispo Primaz, na sua homilia, fez uso da expressão que acho muito profunda e que ao mesmo tempo faz refletir: **“se os padres de Braga não têm o melhor bispo, eu (o Bispo) digo, que tenho os melhores padres do mundo”**. Esta frase tão elucidativa abre várias portas para a nossa reflexão. Pode demonstrar categoricamente, aquilo que se vive num determinado presbitério ou o que devia ser! É uma frase desafiante! Aliás, o Concílio Vaticano II, lembra à Igreja e de modo específico aos sacerdotes que o sacramento da ordem, une entre si os presbíteros numa íntima fraternidade sacramental. No exercício do seu ministério, unidos ao bispo, formam o presbitério<sup>585</sup>.

O **V Simpósio do clero de Portugal**, realizado em Fátima entre os dias 5 e 8 de 2006, dá-nos algumas luzes para esta abordagem tão importante na vida e para a vida da Igreja como “povo” de Deus. O presidente da Conferência Episcopal portuguesa de então, na sessão de abertura aponta determinados desafios da Igreja em nossos tempos. É uma realidade fora do contexto africano, mas observando as grandes e rápidas transformações do mundo ou das sociedades “ditas” modernas, aproxima-se verdadeiramente.

O mundo global aproxima-nos quando, ao mesmo tempo, afasta-nos. Em Angola, especificamente no Centro e sul, temos um “Mosaico” cultural rico e enriquecedor, um intercâmbio multicultural denso, mas quando mal aproveitado e com interesses menos claros, promove-se um multiculturalismo conflituoso e degenerativo ou então, um “multiculturalismo rácico”. O homem e a mulher dos

---

<sup>584</sup> Cfr. J. CALVO, *Pastoral de conjunto*, PP. 17-18.

<sup>585</sup> CONCÍLIO VATICANO II – *Presbyterorum Ordinis*, Nº 8.

nossos tempos fechados no seu “eu”, tornam-se incapazes de conviver na “harmonia enriquecedora”<sup>586</sup>.

No mesmo “*V Simpósio*”, D. Fisichella relembra a origem dos presbíteros e do seu ministério unido - ou enraizado ao de Cristo, como testemunhas e dispensadores de uma vida diferente da terrena. Ao servirem os homens e as mulheres, seus irmãos, não devem alhear-se dos seus problemas e meio ambiente. Serão “bons” pastores das “suas” ovelhas, se viverem, manifestando na vida do dia-a-dia a “Comunhão fraterna”<sup>587</sup>. O sacerdote depois da ordenação insere-se numa “nova” família (o presbitério em comunhão com o Bispo). A nossa realidade como Igreja sacerdotal, vista sem lupa, às vezes vivencia momentos de tensões profundas. Onde as relações humanas são uma constante “retórica”, a ponto se esfriarem e dando azo à formação de pequenas “frações”, que eu como estudioso chamaria de pequenas “seitas” no presbitério. São estas atitudes que devem ser eliminadas para construirmos um presbitério saudável e testemunhal, capaz de ajudar, compreender e amar o colega no ministério.

Em Angola a forma como vivemos o Cristianismo ou a fé cristã, não está muito longe da que se vive na Europa, por razões históricas sobejamente conhecidas (os missionários antigos para além de anunciar o Evangelho, procuraram introduzir nas culturas africanas a sua cultura de origem “europeia”<sup>588</sup>. E isto, tem dificultado “encarnar” o Evangelho nas “nossas” culturas). Alguns críticos africanos eufemizando a realidade, dizem mesmo que, o “casaco” de S. Pedro ficou na Europa e em África veio o “casaco de D. Henrique III”. (Des) polemizando o discurso, podemos verificar que, essencialmente no que tange ao conteúdo da fé cristã, vindo “diretamente de Jerusalém” ou fazendo a “triangulação - **Jerusalém - Europa -África**”, pouco importa. O importante é manter firme e intacta a fé proclamada, que uma vez assumida, torna-se num anúncio transformador e vivificante. Portanto, a pastoral de conjunto não deve ser compreendida como a “foice” para “ceifar” “iniciativas particulares” ou “destruir” criatividade pastorais. É antes de mais, o “esforço comum” partilhável nas comunidades para a expansão do reino de Deus. Nisto, é fundamental contar com as habilidades de cada agente de

<sup>586</sup> Cfr. Jorge Ferreira da Costa ORTIGA, «Multiculturalismo conflituoso», in *Presbitério em Comunhão ao Serviço da Comunhão Eclesial*, P. 7.

<sup>587</sup> Cfr. RINO FISICHELLA, «O sacerdote no coração de uma profunda mudança», in *Presbitério em Comunhão ao Serviço da Comunhão Eclesial*, P. 23.

<sup>588</sup> Cfr. Gerardo NAMOLO, *Breve historial sobre o rosto evangélico da Igreja Local – Lubango (1955-2012)*, P. 125.

pastoral, premiá-las com um reconhecimento (estímulo); somos parte desta “Igreja” moldada e animada pelo Espírito Santo e que pela sua gênese e natureza não exclui ninguém. A nossa ação pastoral configurada no modelo eclesiológico de comunhão, saído do Vaticano II, deixa margens claras de que o ser cristão não se basta a si próprio, quer dizer encarcerado na “febre” da “autossuficiência”, separado da Igreja. O que fazemos por incumbência evangélica, de forma diversa, pertence à Igreja “particular” ou local, que é, concomitantemente o rosto de Igreja Universal<sup>589</sup>. Os estudos feitos nesta abordagem alargam-nos os horizontes, ver a fraternidade e a comunhão presbiteral como dom do próprio Deus. A formação nos seminários ajuda e preparam-nos para “viver” e “conviver” com o “irmão” da caminhada. Também nesta irmandade sacerdotal não se deve descurar a dimensão hospitaleira do Evangelho que caracteriza as culturas africanas. No exercício do ministério sacerdotal, o que fazemos diz respeito à vida de cada cristão, de cada comunidade e da Igreja no seu conjunto<sup>590</sup>.

Na sequência desta temática, encontramos determinados comportamentos e atitudes pouco animadoras ou encorajadoras (falta de comunhão, surgimento de ghettos para “combater” os colegas no ministério; um dos males que destrói a comunhão presbiteral é a falta de caridade para com o “irmão” – por exemplo, dizer mal do colega em âmbitos e lugares impróprios, na hasta pública). Neste sentido, Enzo Bianchi, afirmou e com certa razão, que o presbítero é um «servo da comunhão eclesial»<sup>591</sup>. Nas dioceses em estudo e não só, para termos a comunhão presbiteral, não será preciso “aguardar por milagres”, basta que cada um interiorize e tome consciência da sua missão evangelizadora no mundo e na Igreja. Termino esta parte com esta frase lapidar: “o mundo tem vários especialistas, em diversas áreas do saber, mas carece de Especialistas da Comunhão”. Um presbitério “Unido” - uma Igreja - “alegre” porque recebeu o dom da salvação, operada por Deus em Cristo Jesus, na graça do Espírito Santo. A comunhão presbiteral enquanto vida, nutre-se da ligação – comunhão perfeita de Deus Pai, Filho e Espírito. E o sacerdote enquanto encarnação identitária crística (de Cristo, “pastor” do “rebanho”) que o Senhor Jesus lhe confiou com a imposição das mãos. Portanto, a missão da Igreja delegada a ele (sacerdote) passa a ser primordial na construção de comunidades

---

<sup>589</sup> Cfr. Enzo BIANCHI, «O presbítero como comunhão», in *Presbitério em Comunhão ao Serviço da Comunhão Eclesial*, P. 67.

<sup>590</sup> Cfr. *Ibidem*.

<sup>591</sup> *Idem*, P. 69.

que salvas no “madeiro da cruz”, assumem a perfeição do reino anunciado que os distancia do mundo da perversidade. Essa comunidade de vida, constrói-se a partir da ação comunal trinitária (*communio*)<sup>592</sup>.

## **B) O padre ontem e hoje**

Nesta temática não procuro fazer uma teologia à volta do padre, mas sim, uma apreciação crítica sobre o “padre” e seu “ministério”. O que o mundo pensa, espera de um sacerdote. Nos tempos não muito longínquos o “senso comum” via no padre como o “homem” de Deus e próximo do povo ou simplesmente, o “amigo” do povo. Talvez hoje esta ideia não fuja muito da de “ontem”. O padre que andava de batina (não importa a cor da batina) nas aldeias, bairros, visitando os doentes, consolando os tristes, dando-lhes esperança de vida, continua hoje com a mesma missão, embora em contextos e circunstâncias diferentes. Houve no decorrer da história uma mudança colossal.

As sociedades transformaram-se de forma galopante. Nas nossas sociedades africanas, aos poucos, se vai registando o mesmo, o importante é, não perder nesta “corrida social” a identidade sacerdotal e dando a vida como Jesus procurou mudar o quadro das pessoas que viviam no seu tempo ou melhor, dar outro sentido à vida. O Papa Francisco numa entrevista que concedeu ao padre Antonio Spadaro, cita uma frase de seu antecessor Bento XVI: que «retratou o mundo de hoje como sujeito a rápidas mudanças»<sup>593</sup>. Estas mudanças vertiginosas e profundas têm um impacto forte na vida e na fé do povo.

A imagem que se tinha do padre “ontem” foi caindo ou mudando de “cor”. Partindo duma constatação, o povo em Angola em geral e do Centro-Sul que está focado neste estudo, ainda olha para o padre como “aquele” que traz a paz, a esperança que, através das orações e das celebrações eucarísticas, é capaz de transformar a sociedade. Traz algo de “Novo” (Cristo), que mudou não só espiritual, mas também o social, chocando muitas vezes com determinadas políticas desumanas e desumanizantes dos governos temporais. É exatamente ao lado dos

---

<sup>592</sup> Cfr. João DUQUE, «*Communio sanctorum*», in *Presbitério em Comunhão ao Serviço da Comunhão Eclesial*, P. 59.

<sup>593</sup> PAPA FRANCISCO, *Sonho com uma Igreja Mãe e Pastora*, P.35.

débeis e também dos poderosos do mundo que o sacerdote é chamado a exercer a sua missão. Eu chamaria a isto de “diálogo” do sacerdócio ministerial com o “mundo”. Neste sentido, é relevante dizer que os presbíteros apesar se serem tirados do meio do povo para servir o mesmo povo - seus irmãos, nas coisas que se referem a Deus<sup>594</sup>, têm uma especificidade própria<sup>595</sup>. Unidos à ordem episcopal, os presbíteros participam da autoridade que Cristo funda, santifica e governa o seu corpo, isto é, a Igreja. Apesar do carácter próprio que contém o sacramento da ordem, supõe a trilogia sacramental da Igreja Católica: **Batismo, Confirmação e Eucaristia**<sup>596</sup>.

Os teólogos africanos, especificamente, Mulago, ao falar do sacerdócio parte duma linha não “sacramental”, mas do poder que o sacerdote tem na sua comunidade. Tem essencialmente como referência nos seus estudos o povo Bantu e afirma que «o fato de haver dado a vida ou um meio vital a alguém, torna o doador vitalmente superior na relação com o beneficiário»<sup>597</sup>. Nesta lógica, o padre surge como o “pai” de família, partindo dos pressupostos antropológicos africanos, numa linha de comunicabilidade e continuidade vital. Ao fazer o uso dos termos “pai” ou “família” ligados ao serviço sacerdotal, a interpretação deve ser feita fora dos contextos Bantu ou “bantófonos”.

A Igreja apresenta-nos o presbítero ou o padre como representante de Cristo, o Pastor. O sacramento da ordem configura o candidato a Cristo, enquanto Cabeça e Pastor, recebe o poder espiritual<sup>598</sup>. Após a ordenação sacerdotal, é colocado à frente duma comunidade paroquial – numa família e comunica nela os meios vitais sobrenaturais e liga esta nova família ao bispo e por este, à Igreja Universal, representada pelo Papa símbolo e dom da unidade eclesial. O autor faz aqui uma analogia de poderes entre o Bispo e o chefe do clã que é símbolo de unidade das famílias e o bispo chefe de família (Igreja), os dois formam unidade da mesma família. As diferenças são notórias, mas não são tidas em conta. Por ex: o chefe dum clã, o seu poder é mais abrangente, convive com a diversidade em termos de credo religioso e não só. Ao passo que, o bispo o seu poder espiritual

---

<sup>594</sup> CONCÍLIO VATICANO II – *Presbyterorum Ordinis*, Nº3.

<sup>595</sup> Cfr. Jacques BUR, *A Espiritualidade sacerdotal*, P. 42.

<sup>596</sup> Cfr. CONCÍLIO VATICANO II – *Presbyterorum Ordinis*, Nº 2.3; e Jacques BUR, *A Espiritualidade sacerdotal*, P. 42.

<sup>597</sup> Vicent MULAGO, «O sacerdócio», in *Teologia Africana no século XXI*, P.20.

<sup>598</sup> Cfr. JOÃO PAULO II, - *Pastores Dabo Vobis*, 21§1; Jacques BUR, *A Espiritualidade sacerdotal*, P. 43; e Vicent MULAGO, «O sacerdócio», in *Teologia Africana no século XXI*, P.20.

dirige-se a um determinado grupo de fiéis. Mas este grupo de fiéis, está sob alçada do poder clânico e socialmente, é aceite até por não católicos. Portanto a velocidade do “comboio social” que Angola tem registado, desde o “advento” da paz, que marcou o calar das armas - semeadoras de luto e da miséria, o povo vai clamando novos tempos, uma justiça social na (re) distribuição dos recursos que o país possui (e também por uma Nova Evangelização).

O tempo exige um sacerdócio profético e ao lado do mesmo povo, por um tipo de sacerdote presente e disponível, que ajuda o povo a carregar com fé, amor e esperança as dores da cruz da vida quotidiana (virtudes teologais). Que se inspira no texto do “Bom Pastor” - Jesus (cfr. Jo. 10, 1-10s). Os documentos conciliares no que toca ao exercício ministerial dos sacerdotes, advertem que eles estão para a edificação das comunidades cristãs e nunca devem servir uma ideologia político-partidária, ou qualquer facção humana; são anunciadores do Evangelho do “Reino que não é deste mundo” (liturgia da paixão); são pastores da Igreja e trabalham para o incremento espiritual do corpo místico<sup>599</sup>.

#### **4.6. ROSTOS DA INCULTURAÇÃO**

Ao falarmos de rostos da inculturação, queremos encontrar atalhos verdejantes que nos conduzam a uma Igreja com o “rostos” africano. Uma identidade que se constrói e se projeta a partir do próprio africano. Tem havido divergências na interpretação do “ser” e do “querer” africanos. Não se trata de criar cisões ou ruturas com a Igreja de Roma, presidida pelo Papa. Pelo contrário, compreender a Igreja em África a partir de África. Cada povo tem a sua própria especificidade e manifesta a sua fé de forma diferente. Procurar um “uniformismo” da catolicidade, sem admitir as diferenças culturais, é estar de per si condenado ao fracasso. O Dr. João Duque ao falar da “evangelização e da permuta real-simbólica” apela para uma reflexão séria sobre a vivência do Evangelho no mundo contemporâneo: fala da “adaptação” cultural. Ele não está de acordo com aqueles ou aquelas pessoas que olhem para a dimensão evangélica com «uma atitude teológica e pastoral que se limite a pensar que basta compreender os mecanismos de funcionamento do sistema que é cada

---

<sup>599</sup> Cfr. CONCÍLIO VATICANO II – *Presbyterorum Ordinis*, N<sup>o</sup> 6 – 7; e Jacques BUR, *A Espiritualidade sacerdotal*, P. 174.

cultura, ou dos seus subsistemas, para depois desenvolver estratégias de lançamento ou publicitação do Evangelho no interior desses sistemas, com a finalidade de aumentar as audiências e as correspondentes aderências»<sup>600</sup>.

No âmbito da inculturação um dos desafios que a teologia e a pastoral devem enfrentar e assumir é: a Igreja deve assumir-se como “companheira” do ser humano e das suas culturas. Mas uma companheira atenta e preocupada com a mais autêntica humanidade do homem e da mulher da sua cultura nas variadas dimensões – esta preocupação surge como imperativo evangélico. Temos consciência de que não se trata dum trabalho fácil, exige esforço, entrega, dor e lágrimas, a exemplo da intervenção dos profetas – é importante fazer-se uma leitura do ser humano, nosso contemporâneo e da sua cultura que é dinâmica. Procurar nela os elementos positivos e negativos e apresentar o Evangelho como “alternativa” a muitos dos seus “becos” sem saída. Que a proposta do Evangelho não caia num mero idealismo, vazio e até opaco à sensibilidade humana – traga formas culturais novas e adequadas<sup>601</sup>.

Os africanos desde os tempos memoráveis da sua constituição como povos politicamente organizados em “reinos”, sempre acreditaram em Deus como o criador de tudo quanto existe. O Espírito de Deus como aquele que dá vida aos “antepassados” homens e mulheres do “Bem”. Neste sentido, o antepassado em África é visto como o “intercessor”, o “protetor” e sempre “presente”, porque não morre. Daí que o cristianismo foi aceite rapidamente nas culturas africanas, pois nelas já existia a dimensão da “vida” que não “acaba” ou simplesmente, vida eterna. Nesta lógica, o antepassado que não é adorado (porque não é **Tate, Tata Huku, Suku, Kalunga...** = Deus), mas sim venerado, nunca morreu, está vivo não só na mente, mas na vida dos “seus” e é recordado nas suas celebrações (festas cristãs ou não). A morte de um ancião ou anciã, homem ou mulher do “Bem”, foi sempre encarada como um “regresso” (watyuka oku atundile = voltou donde vinha). Isto no cristianismo nos liga ao relato da criação. O ser humano criado a partir do pó da terra (cfr. Gn. 1, 26ss). John Baur, na sua obra sobre o Cristianismo em África, tem um título muito sugestivo e que ao mesmo tempo faz pensar: «Da dependência

---

<sup>600</sup> João DUQUE, «Evangelificação e permuta real-simbólica», in *Theologica*, P. 26.

<sup>601</sup> *Idem*, PP. 26.27.

missionária à identidade africana»<sup>602</sup>. Este autor faz uma divisão deste tempo em duas fazes:

a) **Primeira fase desde 1960 – 1974:** este período é marcado pelas independências políticas (momentos de euforias e predominância missionária). Como se esperava, com a independência política, gerou-se também a consciência de independência religiosa. E esta, por sua vez, fez com que houvesse uma atitude de frieza e reserva da parte das elites em relação às autoridades e às leis da Igreja. Uma “Nova Era”, havia se instalado entre o povo, e a adesão à Igreja era maior sobretudo, nas Igrejas independentes africanas. Tudo o que é “novo” cria expectativas, isto aconteceu nesta fase. Uma das preocupações que se tinha era: africanização dos postos – chaves (dar autonomia aos nativos); adaptação da própria liturgia; criação de projetos em cooperação com os novos governos. Inspirados no Vaticano II, procuraram dar abertura ao ecumenismo, sobretudo, entre os católicos e protestantes<sup>603</sup>. Em Angola aconteceu exatamente o contrário, a cooperação com os novos governos não se verificou de forma aberta, tendo em conta a política marxista-leninista adotada no pós independência. Houve mesmo proibição de religião e moral nas escolas públicas e privadas; nacionalização da emissora católica (Rádio ecclesia, que até hoje só se ouve em Luanda); missionários mortos e outros presos (sacerdotes, religiosos, religiosas e catequistas); as Igrejas e capelas transformados à força em estabelecimentos de ensino; ocupação ilegal de todos os seminários que estavam destinados para a formação dos futuros sacerdotes. Exceto o de Cristo-Rei no Huambo.<sup>604</sup> Em toda África no geral, o pessoal missionário (bispos, sacerdotes e freiras), as finanças e a própria ação evangelizadora estavam em mãos estrangeiras. Com o tempo isto veio criar um mal-estar na Igreja. O mal-estar reinante no seio católico e protestante, gerou uma **Declaração de moratória**, em que as Igrejas africanas se reuniram em Lusaca e esta preocupação foi manifesta no IV Sínodo Romano dos bispos, ambos realizados em 1974<sup>605</sup>.

b) **Segunda fase: 1975 – 1990:** este período é assinalado pela preocupação de trabalhar para a identidade do cristianismo africano. Esta identidade da Igreja africana torna-a apta para a comunhão de Igrejas que constituem o rosto

---

<sup>602</sup> John BAUR, *2000 Anos de Cristianismo em África*, P. 477.

<sup>603</sup> Cfr. *Ibidem*.

<sup>604</sup> Cfr. Eduardo André MUACA, *Breve História da Evangelização de Angola*, P.135.

<sup>605</sup> Cfr. John BAUR, *2000 Anos de Cristianismo em África*, P. 477.

da Igreja universal<sup>606</sup>. Foi a partir desta fase que se começou a pensar e refletir fortemente na “Teologia africana”, “ritos litúrgicos africanos”. Desta tentativa de independência da Igreja africana que se consubstancia na construção de Igrejas no meio da aldeia, e nas pequenas comunidades cristãs<sup>607</sup>. Longe das dimensões/configurações barrocas existentes nas estruturas europeias e não só, edificaram-se Igrejas que se adaptavam à vida social do povo, com meios ou recursos próprios e mínimos.

Ao falarmos dos rostos da inculturação na Igreja africana, vem-nos à memória as palavras do Bispo Fulton Sheen: **«a próxima melodia de Deus será tocada nas teclas negras»**<sup>608</sup>. Muitos autores africanos, falam da urgência da inculturação da fé cristã como prioridade para podermos repensar e reformular a nossa pastoral de conjunto, como forma racional teológico-pastoral, efetiva e afetiva dos crentes da África austral e não só<sup>609</sup>. Para que isto não caia numa simples retórica e vazia de sentido, podemos afirmar que, esta “urgência” passa por uma Igreja que é convidada a receber e a ser reconciliadora com as culturas africanas, aproximá-las a Cristo. A Igreja no nosso contexto e não só, recebe dos usos e costumes das genuínas tradições culturais dos povos africanos que sendo filhos e filhas, fazem parte dela; aproveitar da sabedoria cultural e história de cada povo; tirar aquilo que, realmente, possa contribuir positivamente, para confessar consciente, frutuosa e ativamente o esplendor da glória do Pai, como Criador de tudo quanto existe<sup>610</sup>. O culto e as celebrações litúrgicas foram como que a mola impulsionadora da propagação e reflexão da inculturação da fé cristã. Mas não nos esqueçamos do binómio cultural: a cultura deve ser vista e estudada nos seus aspetos: materiais e espirituais (Cultura material e espiritual).

Geralmente encontramos algumas dificuldades “naqueles” africanos e africanas que antes do Evangelho tenham sido iniciados (as) na cultura tradicional africana. Neste “choque”, encontro, diálogo entre o Cristianismo e as culturas tradicionais africanas, é importante, no mundo de hoje estudar e recuperar os aspetos positivos que caracterizam a cultura africana. No dizer de F. Eboussi Boulaga, «a conversão dos africanos ao cristianismo supõe uma passagem que nem

---

<sup>606</sup> Cfr. John BAUR, *2000 Anos de Cristianismo em África*, P. 478.

<sup>607</sup> Cfr. *Ibidem*.

<sup>608</sup> *Ibidem*.

<sup>609</sup> Cfr. Gerardo NAMOLO, *Breve historial sobre o rosto evangélico da Igreja Local – Lubango (1955-2012)*, P. 126.

<sup>610</sup> Cfr. *Ibidem*.

sempre é bem vivida, sobretudo por parte de quem teve o tempo e a ocasião para se iniciar na prática tradicional»<sup>611</sup>.

Para além da alegria que está consubstanciada no sentido profundo do sagrado ou religioso<sup>612</sup> que sempre caracterizou os povos africanos, Sanon, citado por Boulaga, entende que um dos rostos da cultura a despertar no nosso mundo é o da “hospitalidade”, sendo esta a chave fundamental para a compreensão da conversão cultural. Há cinco séculos atrás, a cultura africana acolheu e hospedou uma outra cultura (europeia e cristã). No início, procurou dialogar e integrar na sua própria cultura aqueles valores trazidos da Europa, sobretudo, o Evangelho e aprender com os “outros” povos. Neste âmbito, o cristão africano fez uma grande passagem (entrega de si mesmo) dos “seus” valores culturais tradicionais para os valores da “nova” religião (cristã)<sup>613</sup>. O mesmo autor vê na hospitalidade a síntese de todos os outros valores vividos e proclamados nas culturas africanas. A Nova evangelização hoje em África deve assentar-se no complexo processo da “Inculturação” do “Evangelho”. E isto, mobiliza, desafiando os esforços empreendidos na conversão pastoral e cultural que está subjacente no projeto eclesial que compreende evangelizar as culturas africanas no mundo contemporâneo<sup>614</sup>.

Evangelizar as culturas africanas como substrato ôntico da Nova Evangelização em Angola, significa assumir o passado histórico da evangelização anterior (nas fases abordadas no segundo capítulo deste trabalho) que em determinados momentos não dialogou, não assumiu e não acolheu as culturas africanas, iluminando-as para uma mundialização cultural e evangélica. No entanto, na Nova Evangelização é preciso que o novo evangelizador seja capaz de “encarnar” nessas culturas, apontar caminhos de “libertação” para Cristo.

Por conseguinte, nesta incursão teológico-pastoral é bom compreender o que queremos, quando falamos da inculturação, como adverte, o teólogo africano Efoé-Julien Pénoukou: a teologia da inculturação «não é um regresso às tradições, nem um ressentimento racista, mas antes uma exigência da fé em Cristo, uma

---

<sup>611</sup> F. Eboussi BOULAGA, «Pedagogia da inculturação através da iniciação», in *Teologia Africana no século XXI*, P. 91.

<sup>612</sup> EA, Nº 42.

<sup>613</sup> Cfr. F. Eboussi BOULAGA, «Pedagogia da inculturação através da iniciação», in *Teologia Africana no século XXI*, P. 94.

<sup>614</sup> Cfr. *Idem*, P. 95.

conversão das culturas africanas a Cristo, e uma via de fé concreta e atual»<sup>615</sup>. Isto é, uma estagnação, é preciso iluminar o que as culturas humanas têm de positivo e integrá-los ao Evangelho. Evangelizar a humanidade inteira é a tarefa primordial, é o que faz a essência da Igreja, que recebeu o “mandato” de seu Senhor: ide anunciar a todo o mundo a “Boa Nova” a toda a criatura, sem exceção (Cfr. Mc. 16, 15)<sup>616</sup>. O anúncio do Evangelho, pressupõe ir ao encontro de um homem e de uma mulher “mergulhados” como o “peixe na água” na sua “cultura”, sua “casa”, lugar das alegrias, triunfos, esperanças e fracassos. Portanto, merece conhecimento, respeito e acolhimento para que a “Boa Nova” do “Ressuscitado” e do seu “Reino”, entranhe as culturas humanas. O teólogo africano Adoukonou, no tocante à inculturação, diz-nos que para **“inculturar em profundidade é preciso conhecer em profundidade as culturas africanas e a mensagem evangélica a transmitir”**<sup>617</sup>. Isto traduz-se na língua popular bantu – Umbundu: **wakulihã okwölã kwolondjila, yu walale vemi lyuti = conhece o rressonar, roncar dos pássaros aquela pessoa que já passou a noite debaixo duma árvore.**

Os estudiosos (pastoralistas) africanos são hoje desafiados e chamados a (re) descobrir aquilo que seja obstáculo à “encarnação” dos valores do Evangelho, como aqueles que promovem as nossas culturas humanas em África<sup>618</sup>. Assim como o verdadeiro protagonista da missão evangelizadora da Igreja é o Espírito Santo, o mesmo acontece com a dinamização da inculturação. Fechar-se ou alhear-se a este binómio, Evangelho – Inculturação, seria o mesmo que, fechar-se aos dons do Espírito Santo. Neste sentido o Papa Emérito Bento XVI, na sua exortação apostólica **Africae Munus**, afirma que é O Espírito Santo que «preside de modo fecundo ao diálogo entre a Palavra de Deus, que se revelou em Cristo, e as solicitações mais profundas que brotam da multiplicidade das pessoas e das culturas»<sup>619</sup>. No processo da inculturação, está-se diante da diversidade cultural enriquecedora; é um autêntico “Pentecostes” que continua a inspirar o povo que vive a fé em Cristo Jesus, “dentro” das suas “culturas”.

---

<sup>615</sup> Efoé-Julien PÉNOUKOU, «Teologia da cultura», in *Teologia Africana no século XXI*, P.115.

<sup>616</sup> EA, Nº 55.

<sup>617</sup> Cfr. Berthélemy ADOUKONOU, «Teologia da inculturação», in *Teologia Africana no século XXI*, P. 140.

<sup>618</sup> Cfr. BENTO XVI, *Exortação Apostólica, Africae Munus*, Nº 36.

<sup>619</sup> *Idem*, Nº 37.

#### 4.7. VIVÊNCIA DA PALAVRA DE DEUS

Com este tema queremos terminar o nosso estudo que foi perpassando em diversas linhas do saber pastoral. Não é nossa intenção fazer uma teologia bíblica, olhando para o título. O que queremos com este tema é dizer que, em toda ação pastoral, a “Palavra” de Deus nunca deve estar excluída. Ela está antes, durante e depois. Queremos dedicar a esta última parte a importância que a Palavra de Deus tem nas nossas comunidades. «O sagrado Concílio, ouvindo religiosamente a Palavra de Deus proclamando-a com confiança, faz suas as palavras de S. João: «anunciamo-vos a vida eterna, que estava junto do Pai e nos apareceu: anunciamo-vos o que vimos e ouvimos, para que também vós vivais em comunhão conosco, e a nossa comunhão seja com o Pai e com o seu Filho Jesus Cristo" (1 Jo. 1, 2-3)»<sup>620</sup>. Ao falarmos da Palavra de Deus não queremos desligarmo-nos da sagrada Tradição, que está intimamente ligada à Sagrada Escritura. Pois ambas derivam da mesma fonte de inspiração: a fonte divina.

A sagrada Tradição encarrega-se de “transmitir” de forma integral a Palavra de Deus aos sucessores dos Apóstolos, de modo que eles, pela ação do Espírito de verdade a “conservem”, a “exponham” e a “difundam” nas suas pregações<sup>621</sup>. Isto implicará para as nossas comunidades ouvir atentamente a palavra lida e proclamada, meditá-la e fazer dela o nosso “Vade mecum”<sup>622</sup>.

Jesus nas passagens bíblicas citadas em Mateus e Lucas, lemos a preocupação que teve em procurar libertar os pobres e os oprimidos (cfr. Lc. 4, 16-21, 7, 22, e Mt. 10, 7- 8). Estes textos fazem referência ao profeta Isaías (cfr. Is. 61, 1- 2):

«Nesse dia, os **surdos ouvirão** as palavras do livro,  
e, livres da obscuridade e das trevas, os olhos dos **cegos verão**.  
Os oprimidos voltarão a alegrar-se no Senhor,

---

<sup>620</sup> CONCÍLIO VATICANO II – *Constituição Dogmática Dei Verbum*, Nº 1.

<sup>621</sup> Cfr. *Idem*, Nº 9.

<sup>622</sup> Do latim: vade = vem/vai; mecum = comigo.

E os **pobres exultarão** no santo de Israel»<sup>623</sup>.

Neste particular, considerado programa de Jesus, observamos que as palavras que soam, estão mais tonificadas nos **pobres e oprimidos**. Em África a nossa ação pastoral vai ao encontro dessas palavras para restaurar o homem e mulher angolanos frutos da história menos coroada, que lhes foi imposta no passado. Procurar através da vivência da Palavra de Deus dar “vida” à maioria do povo explorado e humilhado, condenado às piores misérias da humanidade. É preciso libertar o povo das mãos dos “novos” opressores - que depois das independências açambarcaram das mãos do povo o poder e com ele esmagam-no. Em Jesus os pobres são evangelizados e chamados à conversão. A humanidade tal como ontem, aguarda pela salvação. E a salvação identificou-se com os pobres, os humildes e perseguidos<sup>624</sup>.

À luz da Nova Evangelização e a exemplo de são Paulo, apóstolo dos gentios, quando se dirigia à comunidade de Filipos, coloca o pregador da Boa Nova, a pôr-se no plano do “auditório” que prega. O anunciador do kerygma é chamado a conhecer e viver as necessidades quotidianas do povo<sup>625</sup>. Isto quer dizer que deve haver uma certa empatia entre quem “anuncia” e “aquele” que recebe o “anúncio salvífico”. Tanto assim, que ele ou ela não prega para si, nem tão pouco “só” para os outros. Prega, anuncia o que vive. Deve procurar situar-se no mesmo plano e falar numa linguagem compreensível. Hoje, não se anuncia o “desconhecido”, mas sim “*Aquele*” que há mais de 2 mil anos se manifestou na família de Nazaré, que morto pelo ódio da nossa humanidade corruptível, Deus o salvou, ressuscitando-O dos mortos. Ele próprio dá o grande testemunho e anuncia o reino de “justiça” e de “paz”. Numa dimensão soteriológica e pneumatológica, continua vivo e presente na sua Igreja, através da Palavra ensinada, apregoada, assumida e feita vida; e também por meio dos sacramentos que a Igreja em colaboração com a graça divina dispõe e distribui no mundo.

Um dos dados a reter neste trabalho é acerca da homilia. Como afirma Hortelano, a homilia ocupa um lugar de destaque na vida da Igreja, senão mesmo, fundamental na vida dos fiéis. Ela vem a ser um “meio” vital, extraordinário para se chegar ao “povo de Deus”. A homilia deve “trazer” Deus para o povo e elevar o povo

---

<sup>623</sup> Albert NOLAN, *Jesus antes do Cristianismo*, P. 81.

<sup>624</sup> Cfr. LIBERTATIS CONSCIENTIA, Nº 50.

<sup>625</sup> Cfr. Antonio HORTELANO, *Nueva Evangelizacion*, P. 115.

para Deus. A homilia é também uma oração<sup>626</sup>, aprofunda e aproxima a relação da criatura com o Criador. Ela não se esgota nas palavras sábias do pregador; sendo experiência de vida, busca o sentido real da Eucaristia, o mistério do amor que se doa sem preço! Dada a importância que a palavra de Deus tem na vida dos fiéis, e a homilia sendo esta experiência vinda da meditação, cumpre o dever de prepará-la de forma eficaz. Desde a reflexão teológica, espiritual e contemplativa, o pregador deve convocar para si “outros” autores, “outras” ciências humanas que o auxiliem a decodificar os textos bíblicos (literatura, Antropologias, sociologia, Psicologia, etc,..). Deste modo, a homilia é a aplicação da Palavra de Deus numa determinada situação da vida do povo. Não se trata de fazer uma repetição ou reprodução das leituras escutadas, é antes de mais, iluminar com elas o que se passa no mundo, o contexto concreto do povo a quem se dirige. Através da Palavra de Deus, ajudar a comunidade, o povo, a pôr-se em marcha para Cristo, animados pela fé e pela palavra. E este entusiasmo de caminhar com o Ressuscitado, leva-os até às últimas consequências, dando razões da sua fé a quem as pedir (Cfr. 1Ped. 3,15)<sup>627</sup>.

Os estudos bíblicos que se têm realizado nas nossas dioceses (paróquias), sob orientação da Comissão bíblica da Conferência Episcopal de Angola e S. Tomé e Príncipe (CEAST), demonstram a preocupação que os bispos têm a este respeito. Fazendo reflexão não só pessoal, mas que passa por uma constatação, diríamos que ainda não é suficiente o que se faz. Estamos no “bom” caminho. A palavra de Deus para encarnar e se enraizar nos nossos corações e culturas, deve ser “estudada”, acolhida e assumida na vida diária. Por si mesma, ela é eficaz, mas precisa ser compreendida. Em Angola, vivemos num “multicolor” de religiões, os fiéis são assaltados constantemente pela proliferação das seitas que prometem “fundos” e “mundos”, mais do que um carácter salvífico, apresentam-se como “salvação” económica com pendor exploratório e ganancioso (curandeiros milagreiros).

Em 1985, na região de Wisconsin (EUA) um grupo de especialistas reunido nesta cidade, definiu a “seita” como qualquer movimento totalitário, onde as pessoas estão sujeitas e dependentes das ideias do líder do grupo e das suas doutrinas. E a seita pode apresentar-se como uma entidade religiosa, associação cultural, centro científico ou grupo terapêutico. Os seus “obreiros” (membros ativos, espécie de ajudantes), como são comumente chamados, recebem uma formação, utilizam

---

<sup>626</sup> Cfr. Antonio HORTELANO, *Nueva Evangelizacion*, P. 26.

<sup>627</sup> Cfr. *Idem*, P. 27.

técnicas de controlo da mente e de persuasão coercitiva, com a finalidade de todos os restantes membros dependerem dessas dinâmicas. Um dos outros objetivos é fazer com que o individuo perca a sua estrutura e a sua individualidade intelectual (espécie de uma anestesia cerebral) para dar valor ideia da coletividade “arrastada” para este “lado” da história humana<sup>628</sup>.

Como alertava um ancião, na fase terminal da sua vida: “meus filhos tenham cuidado, o mundo de hoje é complexo, estamos numa era também da «prostituição» da palavra de Deus”, não se deixem enganar. E uma das formas de ajudar o povo de Deus sobre as “falsas” promessas, é organizar cursos bíblicos nas paróquias, missões, capelas e centros mais restritos nas comunidades, nas famílias, (nos bairros e no campo), com formadores competentes. Ajudar as pessoas para não procurarem soluções dos seus problemas na Bíblia, mas encontrar “caminhos” através da Bíblia. Curiosamente, neste estudo, observamos que durante o tempo da “primeira evangelização” boa parte da segunda, não houve uma visita papal em África!

Em Angola, por exemplo, só fomos brindados por uma visita papal em 1992 (S. João Paulo II) para marcar o **V século da evangelização**. E a segunda visita do Papa aconteceu em Março de 2009 – Papa Emérito Bento XVI. A história assinala os Quinhentos anos da presença do Evangelho na nossa terra, mas não relata da coroação de nenhum homem ou mulher para o santoral da Igreja universal. Várias questões podem ser levantadas: Será que os Quinhentos anos de Evangelização não produziram “santos” e “santas”? Angola viveu quase três décadas de guerra atroz, padres, freiras, catequistas e humildes fiéis, foram mortos durante este período. Mas não há uma recordação viva para eles.

A nível de África, sublinhamos e exaltamos o Concílio Vaticano II que abriu a Igreja ao mundo. Foi no decorrer da primeira década deste Concílio que pela “primeira vez” um Papa “pisa” o solo africano (o Papa Paulo VI, em 1969, Campala - Uganda). O Papa Paulo VI, nesta sua deslocação a África, fala de uma Igreja com “rosto” próprio africano: “Africanos, sede os vossos próprios missionários; pede-se uma Igreja missionária para si que exerça a missionação ou o seu apostolado indígena – um cristianismo com rosto africano”<sup>629</sup>. Esta expressão no dizer de

---

<sup>628</sup> Cfr. Atilano ALAIZ, *A Sedução das seitas*, P. 56.

<sup>629</sup> Cfr. PAULO VI, *Christifidelibus*, cols. 575- 576s.

Hebga, tem um duplo sentido, ambos profundos: em primeiro lugar afirma a universalidade da Igreja e do Evangelho e em segundo lugar, afirma a legitimidade plural que admite a possibilidade de um cristianismo africano. Isto é, ter uma linguagem própria, uma única fé em Cristo Jesus, mas que pode ser manifestada de forma múltipla, como conclusão lógica: com uma originalidade própria, de acordo com a língua falada por cada povo, o estilo e o temperamento, o gênio, a cultura da pessoa que professa esta mesma fé. Portanto, lança-se o convite a uma Igreja que deve ser adulta no seu “ser” e “fazer”: podeis ser e deveis ter um cristianismo africano<sup>630</sup>. Este não é um desejo “separatista”, nem de “rejeição”, mas sim, é uma aspiração e vontade de ser cristão em África, numa profunda comunhão e respeito pelos outros cristãos. Isto implicará o acolhimento, a compreensão, a vivência (testemunho) da palavra que se fez Homem. Tal como o povo hebreu deu tanta importância da “palavra”, em África, ela não é um simples “dizer”, é um “acontecimento vital”.

Na Exortação Apostólica Pós-sinodal “*Verbum Domini*”, o Papa emérito Bento XVI, reafirma o poder da palavra, que se insere na criação de tudo quanto existe. Tudo passou a existir a partir da palavra e só pela palavra. O povo está convocado a prestar serviço à mesma palavra que cria e recria, com a colaboração humana. A criação inteira está impregnada para a salvação, que independentemente das circunstâncias e contextos, se aproxima e se afasta do Criador. Reconhecer e acolher o dom de Deus impresso na nossa humanidade, é reconhecer e acolher o próprio Deus que nos gerou/nos fez do seu amor infinito, participantes da sua divindade, embora em pequena escala (criados à imagem e semelhança de Deus)<sup>631</sup>. Ainda apela-se ao cuidado que se deve ter nas celebrações litúrgicas, velar pela sonorização dentro das Igrejas, para “facilitar” a boa escuta e compreensão da palavra de Deus que deve ser proclamada de “viva” voz<sup>632</sup>.

O Verbo de Deus ao fazer-se carne comunicou-nos a vida, fazendo da humanidade que se corrompera uma nova criatura, chamada a viver no amor do Ressuscitado. Destarte, o “Verbo” divino não só nos envolve como destinatários da “nova aliança”, também como anunciadores do Reino de Deus pela Palavra<sup>633</sup>. Portanto, na vida da Igreja nada é feito fora da Palavra, por ela começa a ação

---

<sup>630</sup> Cfr. Meinrad Pierre HEBGA, «Interrogações e interpelações», in *Teologia Africana no século XXI*, P. 74.

<sup>631</sup> Cfr. BENTO XVI, Exortação Apostólica Pós-sinodal - *Verbum Domini*, Nº 9.

<sup>632</sup> Cfr. *Idem*, Nº 68.

<sup>633</sup> Cfr. *Idem*, Nº 91.

pastoral e nela tudo se encaminha. Kiko afirma realçando as palavras de S. Paulo, quando dizia que o Espírito de Cristo, “aquele” que prometera antes de voltar ao Pai, desce sobre o ser humano, e este por sua vez, nada mais lhe resta senão dar testemunho da existência de Deus que se manifesta por meio de seu Filho Unigénito e das suas obras, reveladoras da sublimidade santificante do amor infinito de Deus<sup>634</sup>. Isto é, uma vez compreendida a dimensão divina incorporada na nossa humanidade, urge a corresponsabilidade de anunciarmos pela palavra e pela vida (testemunho) o reino dos céus.

---

<sup>634</sup> Cfr. Kiko ARGÜELLO, *O Kerigma nas barracas com os pobres*, P. 31.

## CONCLUSÃO

Depois de termos percorrido as grandes linhas da teologia pastoral assentes no “ser” próprio de Igreja guiada pela ação do Espírito Santo, eis-nos agora a terminar o nosso trabalho de pesquisa que fundamentalmente baseou-se na “**Nova Evangelização no Centro – sul de Angola**”. Não se pode compreender a missão da Igreja excluindo a “Cruz”. «Um dos aspetos paradoxais da cruz, se não até o mais paradoxal, é que, enquanto evento, ela é o paradigma da solidão mais desesperada e, enquanto símbolo, ela une os contrários e torna-se imagem de reconciliação e da paz. A cruz perpassa o grito de Jesus: “Meu Deus, Meu Deus, porque Me abandonaste?” (Mt. 15,34)»<sup>635</sup>. Na mesma direção vai S. Paulo quando escreve para a comunidade de Éfeso: “vós que estáveis longe fostes trazidos para perto, graças ao sangue derramado por Cristo no madeiro da cruz” (cfr. Ef. 2, 13-14.16)<sup>636</sup>. A África antes do contacto com os europeus parecia estar fora da órbita da Evangelização e distanciada ou longe do Evangelho. O “Rosto ensanguentado” nutria uma torrente que percorrendo o santo “Lenho”, que parecia unir o céu e terra, simbolicamente transforma-se em pontos cardeais para atingir os quatro pontos da terra. E este “Sangue” correu até nós para nos anunciar o Reino que liberta e salva.

Este trabalho para além de ser uma homenagem aos missionários que para exercer o seu “munus pastoral” tiveram que enfrentar tudo serve também para abrir “novos” atalhos onde deve trilhar a Igreja africana. O nosso contexto é difícil, mas não impossível. Hoje a Igreja em Angola depois ter celebrado em 1991 o **Jubileu da evangelização**, tem a plena consciência de ser grata pelo passado e acolhedora dos “novos tempos”. No âmbito da missão, ela sente a responsabilidade a exemplo de Paulo “Apóstolo das gentes” – de ser uma Igreja servidora e missionária<sup>637</sup>. As grandes transformações que o mundo foi tendo até aos nossos dias conduziu-nos a “novas” expressões: “**novas lentes**” de leitura; “**novas**” formas de ser e de **adaptar-se**, tal como o enfatizou o **Conselho Pontifício da Cultura** - «a Igreja teve

---

<sup>635</sup> Domenico PEZZINI, *As feridas que curam*, P.29.

<sup>636</sup> Cfr. *Ibidem*.

<sup>637</sup> Cfr. Santiago GUIJARRO, *Servidores de Dios y esclavos vuestros*, P. 59.

que enfrentar um grave colapso na transmissão da sua fé às novas gerações»<sup>638</sup>. A expressão “Nova Evangelização”, como vimos no desenvolvimento deste trabalho, não vem de perto: já no tempo do santo João XXIII – a Igreja sonhava “novos tempos” e este foi o espírito do Concílio Vaticano II. Face a isto ainda são levantadas algumas questões: será que a “Nova Era” com os seus contextos desestruturou, desestabilizou a pastoral da Igreja? São reflexões que puxam respostas não imediatas.

Na abordagem sobre a “Nova Evangelização” damos-nos conta que houve um recuo; perda de fé daqueles fiéis que eram tidos como os “pilares” da consciência e da coesão social – isto é, no mundo ocidental; descobriram-se novos areópagos para o anúncio da Boa Nova<sup>639</sup>. Neste estudo vimos que a Nova Evangelização não está presa a um discurso, a um país ou região. Para os variados contextos africanos especificamente o angolano, a Nova Evangelização deve ser entendida no âmbito mais extensivo. É importante ao evangelizador não só conhecer o povo que vai evangelizar, mas também ter como recurso: a ciência linguística que ajudará a abordar os problemas e sugerir possíveis soluções para aprender a comunicar o próprio pensamento. Daí a importância do estudo das línguas que o povo fala<sup>640</sup>. Angola é um país que durante a sua formação como Estado foi convivendo com situações ímpares: **escravatura comercial; guerra colonial; Independência quase “fracassada” – porque depois veio a guerra fratricida e atroz; paz não negociada porque ganha pela força das armas** – tudo isto gerou “prepotência política”; enriquecimento fácil e ilícito dos “torcedores” (à moda brasileira) do poder político; aparente casamento da Igreja com os políticos – sabemos que o divórcio, nestes casos tem sido doloroso - recorda-nos o ***Diretório para o Ministério e a vida dos Presbíteros***: «como Jesus (Jo.6, 15ss), o presbítero “deve renunciar a empenhar-se em formas de política ativa, especialmente quando ela partidária, como quase sempre inevitavelmente acontece, para permanecer o homem de todos num plano de fraternidade espiritual»<sup>641</sup>.

A Conferência Episcopal de Angola e São Tomé (CEAST) reunida entre os dias 22 a 29 de Outubro de 2014, fez sair um comunicado de imprensa onde consta a sua preocupação com os sacerdotes que parecem mais ativistas políticos que

<sup>638</sup> CONSELHO PONTIFÍCIO DA CULTURA, *Jesus Cristo, portador da Água viva*, PP. 28.29.

<sup>639</sup> Cfr. *Idem*, P. 29.

<sup>640</sup> Cfr. A. LATREILLE, «Carateres internos», in *Didaskw, Ensinar*, P. 110.

<sup>641</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, Nº33§2.

pastores do “rebanho do Senhor”. No nº7 deste comunicado lê-se: «**tendo em conta que nos últimos tempos alguns dos nossos sacerdotes se têm envolvido publicamente em atividades estritamente político-partidárias, suscitando não poucas interrogações e perplexidades entre os fiéis e não só, os Bispos recordam o preceituado no Código de Direito Canónico que proíbe terminantemente os ministros consagrados de se imiscuírem em assuntos político-partidários quais ativistas políticos (cfr. Cân. 278 p. 2 e 285 p. 2) e apelam, por conseguinte, para que, com sábia prudência, se abstenham e se isentem de tais práticas. Outrossim, pedem para que os mesmos se assumam sempre como autênticos pastores, guias espirituais e elos de comunhão e convergência**»<sup>642</sup>. Olhando para estes fatores todos, precisamos duma Igreja mais interventiva e ao lado do povo. É preciso usar da caridade e sapiência cristãs para chamar e corrigir os irmãos (sacerdotes) que se encontram em tais condições.

O Papa emérito Bento XVI na *Exortação Apostólica Africae Munus*, recorda aos fiéis de África que a verdadeira paz e justiça brotam da reconciliação do ser humano consigo mesmo, entre os irmãos e com Deus<sup>643</sup>. Os contextos pelos quais tem passado o povo angolano até ao momento, demonstram que a reconciliação nacional tem sido mais um discurso há mais do que um programa de todos. É urgente para a Igreja católica em Angola explorar a dimensão da reconciliação que passa pelo reconhecimento e acolhimento do outro ou da outra – cultivar a partir da “Igreja doméstica” o dom da unidade. Procurar extirpar do hábito quotidiano do povo e dos missionários nativos atitudes exacerbadas de tribalismo e regionalismo. Usando a ciência médica podemos afirmar que o tribalismo e os seus derivantes, começam a ser uma “epidemia” que suavemente vai dizimando - cegamente a sociedade angolana. Apela-se para uma intervenção pronta da Igreja, evitando os remedeios que até aqui têm sido feitos. Os males desta “epidemia” já são visíveis no relacionamento de gente diferente (que não são da mesma tribo ou região): se os médicos das almas atrasarem-se um pouco mais, então, a doença tornar-se-á incurável. O pior é se, os “médicos das almas” de forma irrefletida deixarem-se contaminar e por um “fanatismo cultural” forem mentores destas cisões culturais.

Neste trabalho procuramos tocar aquelas questões sensíveis da pastoral que requerem habilidades e um espírito de oração com a finalidade de “restaurar” a

---

<sup>642</sup> CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE [ANGOLA E SÃO TOMÉ], Luanda, 29 de Outubro de 2014, P. 2.

<sup>643</sup> Cfr. BENTO XVI, *Africae Munus*, Nº 99.

unidade do clero e dos fiéis em particular. Promover a unidade sacerdotal e eclesial não bastam os discursos que depois caem numa retórica “estéril”. Um presbitério unido é um dom para a comunidade ou para a Igreja local encabeçada pelo seu pastor (Bispo diocesano); mantendo a identidade sacerdotal querida por vontade divina, porque fruto da ação sacramental do Espírito Santo, participando da ação salvífica de Cristo e orientada plenamente para o serviço aos irmãos<sup>644</sup>. E uma vez conseguida esta comunhão eclesial, teremos uma Igreja adulta na fé, capaz de evangelizar e evangelizar-se a si própria; uma Igreja presente e, animada pelo fogo do Pentecostes; a unidade ou comunhão na pastoral pode ser semente para as vocações sacerdotais e religiosas.

A ausência de vocações para a vida sacerdotal e consagrada não é só devida aos costumes tradicionais locais ou então, falta de atrativos. Numa análise mais acurada vemos que os sistemas de recrutamentos para os “seminários” – são aqueles importados das Igrejas da cristandade. E os mesmos são incapazes de criar uma atenção mais personalizada nas comunidades africanas. Para responder à crise vocacional que vai instalar-se na Igreja local - é urgente reestaurar as equipas de animação vocacional a partir das paróquias e capelas, isto é, ter uma coordenação ativa e eficaz<sup>645</sup>. Se a pastoral vocacional for uma missão de todos (os cristãos católicos), então teremos uma Igreja promissora. Sendo o Espírito Santo animador da missão cada fiel deve considerar-se promotor vocacional. E esta pode ser a chave da eficácia na pastoral vocacional<sup>646</sup>.

Um dos problemas que a pastoral tem enfrentado nas últimas décadas, principalmente na Arquidiocese de Lubango e suas sufragâneas é o da Inculturação: os ritos de iniciação tradicional feminina. Quanto aos ritos de iniciação masculina não se coloca o problema – São feitos fora da Igreja. D. Anselme Sanon – bispo de Bobo-Dioulasso (Burkina Faso), o título do seu artigo é inspirador: **«Evangelizar a iniciação tradicional e enraizar a iniciação cristã»**<sup>647</sup>. Partimos do princípio de que qualquer iniciação tradicional em si não é algo negativo. O negativo poderá consistir na maneira como esta ou aquela iniciação é feita: por exemplo as mutilações genitais que pesam sobre as meninas – na África oriental e noutras

---

<sup>644</sup> Cfr. O PRESBITÉRIO, PASTOR E GUIA DA COMUNHÃO PAROQUIAL, Nº5.

<sup>645</sup> Cfr. Jean Marc ELA, *El grito del hombre africano*, P. 15.

<sup>646</sup> Cfr. Mario Oscar LLANOS, *Pastoral Vocacional na Nova Evangelização*, P.44.

<sup>647</sup> Anselme Titianma SANON, «Evangelizar a iniciação tradicional e enraizar a iniciação cristã», in *Teologia Africana no século XXI, algumas figuras*, P. 98.

paragens do continente africano. Em Angola não acontece o mesmo. O Batismo recebido ajuda-nos a excluir da nossa vida, aquelas práticas culturais antigas - e prepara-nos para o acolhimento e seguimento do Evangelho.

A terminar esta abordagem perspetivamos uma Igreja Unida, Reconciliada e alegre porque recebeu o dom da salvação. Mas várias preocupações e sugestões ao mesmo tempo emergem:

1. Angola já celebrou os Quinhentos **anos de Evangelização** e durante este período e o subsequente, viveu momentos dramáticos e catastróficos, principalmente naquelas regiões onde a guerra fez o povo “dançar” ao som dos canhões. Estes momentos ainda não geraram nem homens e mulheres Beatificados/Beatificadas, nem tão pouco santos/santas para a Igreja! Temos relatos de sacerdotes, freiras, catequistas e crentes exemplares, mortos em embuscadas; raptados e mortos. Ainda temos na memória coletiva aqueles que morreram a caminho do serviço missionário. O sangue destes “mártires” devia ser dignificado e servir de alicerce para esta Igreja jovem.
2. Proponho à CEAST, que se institua uma data nacional para que se lembre e celebre-se uma missa em favor destas almas. Pode fazer-se um inquérito a cada Arquidiocese e Dioceses respetivamente, elaborando uma lista que deve estar nas sacristias das nossas comunidades; em cada Arquidiocese e Diocese, se escolhesse um cemitério simbólico – para neste dia nacional oferecermos uma “flor ao túmulo dos mártires da fé”.
3. Para isto temos o exemplo que vem do Índico – a Igreja moçambicana que também viveu durante um determinado período situações similares às de Angola. O padre Antunes cita a **Diocese de Guiúá**. Esta Diocese, serviria de modelo para o nosso estudo: é necessário constituir uma comissão de estudo para trabalhar junto às pessoas que sobreviveram à brutalidade da guerra e

outras testemunhas<sup>648</sup>. No caso angolano as pessoas que viveram estes momentos duros e tristes ainda estão presentes e têm memórias frescas para nos oferecerem dados importantes que de certo modo servirão para honrarmos “os nossos mártires”.

4. Criar estratégias para ajudar, acolher os emigrantes e imigrantes que à procura de melhores condições de vida “instalaram-se” no nosso país ou em diversas localidades; que sejam tratados humanamente sem nos esquecermos das regras culturais e tradições africanas: **hospitalidade e convivência pacífica**. Quanto aos imigrantes é preciso encontrar uma via pastoral aceitável e ajustada aos novos tempos; descobrir os novos palcos da Evangelização: trabalhar com os vendedores ambulantes; uma pastoral dirigida à mulher “Zungueira”; enfim, descobrir os pontos mais sensíveis da humanidade em tempos modernos.
5. Portanto, procuremos cultivar as nossas culturas tradicionais elevando-as a Cristo; valorizando-as, deixando para fora tudo aquilo que é inumano. Devemos empenharmo-nos na descoberta de novos valores culturais, dialogar e aproximando-os aos valores cristãos ou evangélicos. Os agentes de pastoral devem promover nas suas comunidades um “ecumenismo” cultural: neste ecumenismo todas as culturas tradicionais africanas presentes no Centro – Sul de Angola e não só, devem ser apresentadas sem tabus e ao mesmo pé de igualdade num diálogo permanente, franco e aberto.
6. Uma pastoral a ter em conta é a dos jovens – a força motriz de qualquer sociedade. Os jovens organizados em grupos nas redes sociais (Internet) e nas paróquias. Afirma o Cónego José Paulo Abreu: «a única autoridade que muitos jovens reconhecem é exactamente a dos amigos, ou dos que entre eles sobressaem como líderes ou como ídolos»<sup>649</sup>. Para evangelizarmos os jovens é necessário estar “próximo” deles, conhecendo-os e fazer-se amigo ou amiga deles. Uma convivência simples e humanizante pode edificar as mentes e evangelizar.
7. Por último queremos sublinhar a **pastoral social** – que ocupa um lugar de destaque no processo da Evangelização dos povos. Vivemos num mundo que se fecha cada vez mais; onde o sentido do outro perde-se em discursos

---

<sup>648</sup> Cfr. Diamantino Guapo ANTUNES, *Véu de morte numa noite de luar*, pp. 46.47.

<sup>649</sup> José Paulo ABREU, «Uma pastoral de Grupo», in *Theologica*, p.46.

humanitários ou na simples retórica. Mas apesar de tudo, ainda vemos a generosidade de algumas pessoas. O Cónego José Paulo Abreu, aponta algumas atitudes fundamentais no âmbito da pastoral social:

- ❖ «**A gratuidade absoluta:** que nasce da vontade e não da obrigação;
- ❖ **O sentido do outro:** o que leva a ser solidário com todos os que sofrem situações difíceis e de carência profunda e não podem sair delas pelos seus próprios meios;
- ❖ **A preocupação pela ajuda:** oferecendo aos outros os esforços, os conhecimentos, o engenho, a criatividade, mas sobretudo a humanidade, a compreensão, a amizade e o afecto;
- ❖ **A constância e a generosidade:** o que leva a ser movido não pelo momento de entusiasmo, mas para alcançar os objetivos programados ainda que à custa de cada um, e coesão do grupo»<sup>650</sup>.

Os pontos mencionados ajudam-nos para não anularmos, nem substituir aquele ou aquela sobre quem recai a nossa ajuda. É preciso despertar na consciência do povo a dimensão social do Evangelho, combatendo deste modo, a mentalidade de “mendicidade” ou simplesmente a pobreza escravizante.

---

<sup>650</sup> José Paulo ABREU, «Uma pastoral de Grupo», in *Theologica*, P.46.

## BIBLIOGRAFIA

### A. MAGISTÉRIO DA IGREJA, DOCUMENTOS PONTIFÍCIOS E OUTROS

1. CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, 11<sup>a</sup> Ed., Editora Apostolado de Oração, Braga, 1992.
2. BENEDICTI PP. XVI, *Verbum Domini*, Vol.CII, 5 de Novembris 2010, in AAS 690.
3. \_\_\_\_\_, *Africae Munus*, Vol. CIV, 31 Decembris 2012, in AAs, 239.
4. \_\_\_\_\_, *Carta Apostólica - A Nova Evangelização para a Transmissão da Fé Cristã*, Editora Difusora Bíblica (DB), Lisboa, 2012.
5. \_\_\_\_\_, *O Compromisso da África - Exortação Apostólica Pós-Sinodal*, 2<sup>a</sup>Ed., Editora Paulinas, Luanda, 2011.
6. CARTA DA COMISSÃO PONTIFÍCIA PARA A PASTORAL DAS MIGRAÇÕES E TURISMO, Editorail Apostolado da Oração, Braga, 1978.
7. CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, LIBERDADE CRISTÃ E LIBERTAÇÃO, Editora, Apostolado da Oração (A.O.), 3<sup>a</sup> Ed., Braga, 1987.
8. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO – DIRETÓRIO PARA O MINISTÉRIO E A VIDA DOS PRESBÍTEROS, Editora Paulus, Lisboa, 2013.
9. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, Editora Rei dos Livros, Viseu, 1994.
10. DIDAQUÉ, O CATECISMO DOS PRIMEIROS CRISTÃOS, Editora Paulus, Lisboa, 2013
11. JOÃO PAULO II, *Exortação Apostólica Pastores Dabo Vobis*, Editorial Apostolado da Oração, Braga, 1992.
12. \_\_\_\_\_, *Exortação Apostólica Pós – Sinodal: Christifideles Laici*, Editora Apostolado de Oração (A.O), 3<sup>a</sup> Ed., Braga, 1990.
13. \_\_\_\_\_, *Exortação Apostólica Pós-Sinodal - Ecclesia In Africa*, Editora Oficinas Gráficas São José – CEAST, Luanda, 1995.
14. \_\_\_\_\_, *Carta Encíclica - Redemptoris Missio*, Editora Apostolado de Oração (A.O), Braga, 1991.

15. \_\_\_\_\_, *Exortação Apostólica - Catechesi Tradendae*, Editora Apostolado de Oração (A.O), 6ªEd, Braga, 1993.
16. \_\_\_\_\_, *Carta Encíclica Slavorum Apostoli*, Editorial Apostolado de Oração, Braga, 1985,
17. PAULO VI, *Exortação Apostólica - Evangelii Nuntiandi*, 8ª Ed., Apostolado de Oração (A.O), Braga, 2008.
18. \_\_\_\_\_, *Christifidelibus*, in AAS, Nº 9. Vol. LXI, 30/09/1969.

## **B. CONFERÊNCIAS EPISCOPAIS**

1. ANUÁRIO CATÓLICO DE [ANGOLA E SÃO TOMÉ], Editora CEAST, Vol. I, 2009.
2. CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE [ANGOLA E SÃO TOMÉ], Luanda, 29 de Outubro de 2014.
3. \_\_\_\_\_, Documentos da CEAST - 2005.
4. CONFERÊNCIA EPISCOPAL [PORTUGUESA], *Presbitério em Comunhão ao Serviço da Comunhão Eclesial*, Editora Paulinas, Fátima, 2007.
5. \_\_\_\_\_, Editora Secretariado nacional para a educação cristã, Portugal, 1988.
6. GONÇALVES Manuel S., *A Igreja em Angola entre a paz e a guerra, documentos episcopais – (1974-1998)*, Editora CEAST, Luanda, 1998.
7. O PRESBITÉRO, PASTOR E GUIA DA COMUNHÃO PAROQUIAL, Editorial Apostolado da Oração, Braga, 2002.
8. V SIMPÓSIO DO CLERO DE PORTUGAL, PRESBITÉRIO EM COMUNHÃO AO SERVIÇO ECLESIAL, Editora Conferência Episcopal, Fátima, 2006.

## **C. LIVROS E ARTIGOS**

1. AGUIAR Américo, *Um padre na Aldeia Global*, Editora Paulinas, Portugal, 2014.
2. ALAIZ Atilano, *A Sedução das seitas*, Editorial Apostolado de Oração (A.O), Braga, 1998.

3. ALDAZÁBAL José, *Ministérios ao serviço da comunidade celebrante*, Editora, Paulinas, Barcelona, 2011.
4. ALTUNA Ruiz de Asúa, *Cultura Tradicional Banto*, Editora Secretariado Arquidiocesano de Pastoral, Luanda, 1985.
5. ANTUNES Diamantino Guapo, *Véu de morte numa noite de luar*, Editora Consolata, Porto, 2012.
6. ARGÜELLO Kiko, *O Kerigma nas barracas com os pobres*, Editora a esfera dos livros, Madrid, 2013.
7. ASCENSO Adelino (Dir), *Igreja e Missão*, Editora Sociedade Missionária da Boa Nova, nº 218, Portugal, 2011.
8. AUGÉ Matias, *Liturgia, história, celebração, teologia e espiritualidade*, Editora Paulinas, Portugal, 2005.
9. BALDESSIN Anísio, *Como organizar a Pastoral da Saúde*, Editora Loyola, São Paulo, 2007.
10. BAUR John, *2000 Anos de Cristianismo em África, Uma história da Igreja Africana*, Editora Paulinas, Lisboa 2002.
11. BIANCHI Enzo e MANICARDI Lunciano, *Ao lado do Doente*, Editora Paulinas, Portugal, 2012.
12. BOFF Leonardo, *E a Igreja se fez Povo*, Editora Vozes, 3ª ed., Petrópolis, 1991.
13. BOROBIO Dionisio, *Los ministerios en la comunidad*, Editora, Biblioteca Litúrgica, Nº 10, Barcelona, 1999.
14. BORRAS Alphonse e ROUTHIER Gilles, *A Nova Paróquia*, Editora Gráfica de Coimbra 2, Coimbra, 2010.
15. BUJO Bénézet e MUYA Juvénal Ilunga, *Teologia Africana no século XXI*, Editora Paulinas, Vol. I, Portugal, 2008.
16. \_\_\_\_\_, *Teologia Africana no século XXI*, Vol. 2, Editora Paulinas, Portugal, 2012.
17. \_\_\_\_\_, *Teologia Africana no século XXI*, Vol. 3, Editora Paulinas, Portugal, 2014.
18. BUR Jacques, *A Espiritualidade sacerdotal*, Editora Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1997.
19. CABRAL Salvador, *A Missão Nas Teias da Pide*, Oficinas de S. José, Braga, 2005.

20. \_\_\_\_\_, *Revolução para o terceiro mundo Angola*, Editora Oficina de São José, Braga, 1999.
21. CALVO J., *Pastoral de conjunto*, Editora Gráfica Santelmo, Lisboa, 1966.
22. CANTALAMESSA Raniero, *Horizontes para uma Nova Evangelização*, Editora Paulus, Lisboa, 2013.
23. CLEMENTE Manuel, *O tempo pede uma Nova Evangelização*, Editora Paulinas, Portugal, 2013.
24. CORREIA Francisco A. C., *O Método Missionário dos Jesuítas em Moçambique 1881- 1910*, Editora Livraria Apostolado da Imprensa (A.I), Braga, 1992.
25. COSTA, Cândido Ferreira da, *Cem anos dos Missionários do Espírito Santo em Angola (1866-1966)*, Editora Congregação do Espírito Santo, Nova Lisboa, 1970.
26. COUTO Mia, *Pensatempos*, Editora Caminho, Lisboa, 2005.
27. DIAS Manuel Rito (Dir.), *Bíblica, Desafios da Nova Evangelização*, Editora Difusora Bíblica, Nº 21, Fátima, 2012.
28. DUQUE João Manuel Correia Rogrigues, et al, *Theologica*, Editora Universidade Católica Portuguesa, II Série, Vol. XXXVI, Fasc. 1, Braga, 2001.
29. ELA Jean.Marc, *El grito del hombre africano*, Editora Verbo Divino, Navarra, 1998.
30. \_\_\_\_\_, *Restituir a História às sociedades africanas*, Edições Pedagogo, Mangualde, 2013.
31. FALCÃO Manuel Franco, *Enciclopédia Católica Popular*, Editora Paulinas, 2ª Ed., Beja, 2006.
32. \_\_\_\_\_, *O Leigo, Identidade e missão*, Editora Paulinas, Beja, 2005.
33. FIGUEIREDO Leonor, *Luanda 1974/1975, o Movimento estudantil*, Sinapis Editores, Óbidos, 2012.
34. FISICHELLA Rino, *A Nova Evangelização, um desafio para sair da indiferença*, Editora Paulus, Lisboa, 2012.
35. FLORISTÁN Cassiano (Cord.), *Dicionário de Pastoral*, Editora Perpétuo Socorro, Porto, 1990.
36. FRANCISCO Papa, *Sonho com uma Igreja Mãe e Pastora*, Editora Paulus, Braga, 2013.

37. FREIXO Manuel J.V., *Metodologia Científica, Fundamentos e Métodos e Técnicas*, Editora Instituto Piaget, 3ª Ed., Lisboa, 2011.
38. FRIES Heinrich (Orient.) *Dicionário de Teologia*, Editora Loyola, São Paulo, 1970.
39. GABRIEL Manuel Nunes, *Breve História da Evangelização de Angola*, Editora CEAST, 2ªEd., Luanda, 2001.
40. \_\_\_\_\_, *Os Jesuítas, na Primeira Evangelização de Angola*, Editora Secretariado nacional das comemorações dos 5 séculos, Portugal, 1993.
41. \_\_\_\_\_, *Padrões da fé, As Igrejas Antigas de Angola*, Editora Arquidiocese de Luanda, 1981.
42. \_\_\_\_\_, *Caconda, Berço da Evangelização no Planalto Central de Angola*, Editora Secretariado nacional das comemorações dos 5 séculos, Portugal, 1991.
43. GODINHO Mirian e RUAS Henrique Barrilaro (Trad.), *Christos, Enciclopédia do Cristianismo*, Editora Verbo, Lisboa, 2004.
44. GROMIKO e KOBICHANOV, *As religiões de África, Tradicionais e sincréticas*, Edições Progresso, Moscovo, 1987.
45. GUEST Robert, *África, Continente Acorrentado*, Editora Civilização, Porto, 2004.
46. GUIJARRO Santiago, *Servidores de Dios Y Esclavos vuestros*, Ediciones Síguime, Salamanca, 2011.
47. HAKER Hille – SUSIN Carlos e METOGO Éloi Messi (Edis.), “*Revista internacional de Teologia, Concílium*”, Editorial Verbo Divino, nº 350, Navarra, 2013.
48. HORTELANO Antonio, *Nueva Evangelizacion*, Editorial Covarrubias, Madrid, 1991.
49. LANZA, Sergio, *Convertir Giona, Pastorale come progetto*, Edizioni OCD, 2ª Ed., Roma, 2008.
50. LARCHET Jean-Claude, *A teologia da doença*, Edições São Paulo, Lisboa, 1994.
51. LEITE António Pinto, *O amor como critério de gestão*, Editora Princípia Lda, 2ª Ed., Portugal, 2012.
52. LLANOS Mario Oscar, *Pastoral Vocacional na Nova Evangelização*, Editora Paulinas, Porto, 2014.

53. LOPES Fernando Félix, *Santo António, tempo – pensamento - Ação*, Editora Franciscana, Braga, 1995.
54. LOURENÇO Serafim, *A Missão Espiritana no Sudoeste de Angola*, gráfica Povoense, LDA, Lisboa, 2003.
55. LUKAMBA André, Et al, *V Centenário da Evangelização de Angola*, Editora Ceretec, Huambo, 2012.
56. \_\_\_\_\_, *Didaskw: Ensinar*, Vol. I, Editora CERETEC, Huambo, 2013.
57. LUZIA José, *Uma Igreja de todos e de Alguém*, Editora Paulinas, Portugal, 2011.
58. MAGALHÃES Vasco Pinto (Dir.) *Apostolado dos Leigos*”, Editora Apostolado de Oração (A.O.), 6ª Ed., Braga, 1987.
59. MATUMONA Muanamosi, *Filosofia africana, na linha do tempo*, Editora Esfera do Caos, Lisboa, 2011.
60. MILITELLO Cetina (Coord.) *Os leigos depois do concílio*, Editora Paulinas, Portugal, 2012.
61. MUACA Eduardo André, *Breve História da Evangelização de Angola 1491-1991*, Editora Secretariado Nacional das Comemorações dos 5 Séculos, Vol. 2, Luanda, 1991.
62. \_\_\_\_\_, *Breve História da Evangelização de Angola*, 2ª Ed., Editora CEAST, Luanda, 2001.
63. MULAGO Vicent, *Simbolismo religioso africano*, Editora BAC, Madrid, 1979.
64. MULAMBA Paulino, *O Itinerário da Inculturação no Pensamento Teológico Africano*, Editora UCP, Lisboa, 2007.
65. NAMOLO Gerardo, *Breve Historial sobre o Rosto Evangélico da Igreja Local – Lubango (1955-2012)*, Editora Paulinas, Portugal, 2012.
66. NEVES Santos, *Ecumenismo em Angola*, Editora Instituto Superior Católico, Nova Lisboa, 1968.
67. NEVES Tony, *Angola, Justiça e Paz nas intervenções da Igreja Católica-1989 2002*, Editora Texto, Portugal, 2012.
68. NOLAN Albert, *Jesus antes do Cristianismo*, Editora Paulinas, Portugal, 2010.
69. NUNES José, *Pequenas Comunidades Cristãs, o ondjango e a inculturação em África/Angola*, Editora Universidade Católica Portuguesa (UCP), Porto, 1991.

70. OLIVEIRA João de, *Pobres e doentes, nossos irmãos*, Editora Pax, Lda, Braga, 1975-1985?).
71. PARREIRA Adriano, *Dicionário de Etnologia Angolana*, Porto Editora, 2013, Porto.
72. PAULO Emmanuel Kuvialeka, *Teologia da Inculturação*, Editora Paulus, Lisboa, 2013.
73. PEZZINI Domenico, *As feridas que curam*, Editora Paulinas, Lisboa, 1997.
74. PINSON Ivon, *Evangelizar, guia prático e espiritual*, Editora Diário do Minho, Coleção Nova et Vetera Nº 5, Braga, 2010.
75. Robert GUEST, *África, Continente Acorrentado*, Editora Civilização, Porto, 2004.
76. ROCHA Georgino, *A Paróquia e unidades pastorais*, Gráfica de Coimbra 2, Coimbra, 2008.
77. ROCHA António da, *Jesus Cristo, Portador da água Viva*, 2ª Ed., Editora Paulinas, Lisboa, 2003.
78. SANTOS Boaventura de Sousa, *Globalização: Fatalidade ou Utopia?* Edições Afrontamento, Porto, 2001.
79. SAVAGNOGNE Giuseppe, *Evangelizar na Pós— modernidade*, Edições salesianas, Porto, 2005.
80. SESBOÛÉ Bernard, *! No tengáis miedo! Los ministérios en la Iglesia hoy*, 2ª Ed., Editora Sal Terrae, Santander, 1998.
81. VALENTE Francisco, *A problemática do matrimónio tribal*, Editora Instituto de Investigação Científica Tropical e Congregação do Espírito Santo, Lisboa, 1985;
82. WHEELER Douglas e PÉLISSIER René, *História de Angola*, Editora Tinta-da-China Lda, Lisboa, 2011.
83. ZANON Darlei (Org.), *Vaticano II, 50 anos, 50 olhares*, Editora Paulus, Lisboa, 2012.

## D. WEBGRAFIA

1. [http://pt.wikipedia.org/wiki/Henrique\\_I\\_de\\_Portugal](http://pt.wikipedia.org/wiki/Henrique_I_de_Portugal).
2. <http://www.agencia.ecclesia.pt/cgi-bin/noticia.pt>.
3. [http://www.welcometoangola.co.ao/\\_os\\_mucubais](http://www.welcometoangola.co.ao/_os_mucubais).
4. [https://www.google.pt/?gws\\_rd=ssl#q=mapa+etnico+d+e+angola](https://www.google.pt/?gws_rd=ssl#q=mapa+etnico+d+e+angola).
5. www. Fátima: Imigrações, Diário de Notícias”, 2008.
6. www. institutolula.org/**exodo-rural**-e-um-dos-desafios.
7. www. pt. wikipedia. org/wiki/Línguas\_de\_Angola.
8. www.pime.org.br/mundoemissao/atualidadesafricamal .htm.